

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

JANETE DA ROCHA MACHADO

**“O VERANEIO DE ANTIGAMENTE: IPANEMA, TRISTEZA E  
OS CONTORNOS DE UM TEMPO PASSADO NA ZONA SUL DE  
PORTO ALEGRE (1900 – 1960)”**

Porto Alegre

2014

JANETE DA ROCHA MACHADO

**“O VERANEIO DE ANTIGAMENTE: IPANEMA, TRISTEZA E  
OS CONTORNOS DE UM TEMPO PASSADO NA ZONA SUL DE  
PORTO ALEGRE (1900 – 1960)”**

Dissertação apresentada à banca examinadora  
do Programa de Pós-Graduação em História,  
como requisito parcial para a obtenção do grau  
de Mestre em História pela Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Musa Fay

PORTO ALEGRE

2014

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M149e Machado, Janete da Rocha  
O veraneio de antigamente : Ipanema, Tristeza e os contornos de um tempo passado na Zona Sul de Porto Alegre (1900 – 1960) / Janete da Rocha Machado. – Porto Alegre, 2014.  
194 f.

Diss. (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Musa Fay.

1. História. 2. Porto Alegre (RS) – História – Século XX.  
3. Urbanização – Porto Alegre (RS). I. Fay, Claudia Musa Fay.  
II. Título.

CDD 981.651

JANETE DA ROCHA MACHADO

**“O VERANEIO DE ANTIGAMENTE: IPANEMA, TRISTEZA E  
OS CONTORNOS DE UM TEMPO PASSADO NA ZONA SUL DE  
PORTO ALEGRE (1900 – 1960)”**

Dissertação apresentada à banca examinadora  
do Programa de Pós-Graduação em História,  
como requisito parcial para a obtenção do grau  
de Mestre em História pela Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada com louvor em 27 de março de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

Professora Dra. Claudia Musa Fay – PUCRS (Orientadora)

Professora Dra. Helga Landgraf Piccolo - UFRGS

Professor Dr. René Ernani Gertz - PUCRS

*“Antigamente, nesta Porto Alegre que sonha e sofre, os balneários eram as banheiras. Só os indígenas, na sua inocente nudez, tomavam banho nas praias do Guaíba. Mas na segunda metade do século XIX começaram a funcionar em Porto Alegre as praias marginais do Guaíba. Moças e senhoras menos assustadas acorriam a elas, monasticamente vestidas. Mandavam armar umas barraquinhas pela areia ou nos matos próximos á praia, e, ali dentro, começavam a despir-se. Quatro, cinco, seis saias. E delas saíam cobertas até o tornozelo, o pescoço e os pulsos. A descoberto, somente a cabeça, as mãos e os pés. E, assim, entravam na água, nas praias do Caminho Novo, na de Belas e mais tarde, na Pedra Redonda”.*

Walter Spalding (1967).

## AGRADECIMENTOS

A realização desse estudo não seria possível sem o apoio e participação de algumas pessoas, entre elas:

À minha família, em especial, meu marido Sergio, que esteve sempre presente nas minhas atividades acadêmicas, incentivando-me e compreendendo os nossos desencontros. À minha mãe, Vera Regina, pelo apoio e ajuda incondicional em todas as horas. Aos meus filhos, Arthur e Pedro, por entenderem minhas ausências nas horas de lazer e nos momentos destinados às tarefas da escola. E à professora de Língua Portuguesa e tia Catarina Tolotti pela correção deste trabalho;

À professora Dra. Claudia Musa Fay, a qual com seu conhecimento, sua orientação e acompanhamento, possibilitou-me alcançar os resultados desse trabalho, desde quando ainda era um projeto na graduação desta universidade.

Ao CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa de auxílio. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em especial à professora Dra. Núncia S. Constantino e Dr. René Gertz, cujos conhecimentos a respeito de imigração e colonização no Brasil ajudaram no desenvolvimento de minha pesquisa. Também à professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dra. Helga Landgraf Piccolo, pelo profundo conhecimento sobre o bairro Tristeza e sobre os alemães na Zona Sul de Porto Alegre.

Aos meus colegas de pós-graduação, principalmente a Paula Joelsons, Gabriela Ucoski, Carmem Ribeiro e Leonardo Conedera, agradeço pelo companheirismo, pelas trocas, pelo aprendizado, enfim, por tudo que partilhamos;

A artista plástica Rita Bromberg Brugger pelas bonitas ilustrações sobre a Zona Sul.

E, finalmente, aqueles que gentilmente disponibilizaram seu tempo, possibilitando o resgate das memórias dos bairros analisados, quer pelas entrevistas, quer pelos depoimentos, bem como o empréstimo de documentos sem os quais não seria possível recuperar os contornos de um tempo passado da zona sul de Porto Alegre.

A todos esses, que nos momentos difíceis da pesquisa me incentivaram e ajudaram na superação dos obstáculos, possibilitando à conclusão desse trabalho, expresso o meu profundo reconhecimento. Muito obrigada!

## RESUMO

A proposta desta dissertação é analisar a formação e o desenvolvimento de parte da Zona Sul de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do sul, a partir do uso da região para o lazer e veraneio na primeira metade do século XX. Considerando as águas do Lago Guaíba como espaços de recreação e de descanso, o aproveitamento do local, à beira rio, desencadeou e sedimentou relações sociais e culturais que culminaram com o progresso de toda a região. A orla do Guaíba, durante muito tempo, foi o local preferido pelos porto-alegrenses que não podiam se deslocar até o litoral, e isso ocasionou um desenvolvimento econômico, motivado pela vinda de grupos que visavam ao lazer. Nesse sentido, será abordada a forma como essas famílias, muitas delas de origem alemã, se apropriaram do local, vivendo e convivendo entre si, transformando a região em uma estação de repouso, de verão e de sociabilidades à beira rio. Centrada em documentos, tais como jornais, revistas, diários, mapas, projetos arquitetônicos, fotografias e depoimentos orais, a pesquisa possibilitou também a produção de novos e instigantes questionamentos, bem como de outras visões. Assim, abordando questões urbanísticas e culturais, esse trabalho pretendeu não só uma análise do veraneio vivido em Porto Alegre no início do século passado, como também um estudo sobre o processo de urbanização dos bairros margeados pelo lago, entre eles o Ipanema e a Tristeza.

**Palavras-chave:** Zona Sul de Porto Alegre. Veraneio nas águas do Guaíba. Urbanização e desenvolvimento.

## ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to analyze the formation and development of part of the south of Porto Alegre, capital of Rio Grande do Sul, from the use of the area for leisure and vacation in the first half of the twentieth century. Considering the waters of Lake Guaíba as spaces for recreation and rest, the use of the site, along the river, and cemented unleashed social and cultural relations that culminated with the progress of the entire region. The edge of Guaíba, for a long time, was the preferred site for Porto Alegre could not move to the coast, and this led economic development, motivated by the coming of groups aimed at leisure. In this sense, will be addressed how these families, many of them of German origin, appropriated the local living and living together, transforming the region into a season of rest, summer and sociability to the riverside. Centered on documents, such as newspapers, magazines, journals, maps, architectural plans, photographs and oral testimonies, the survey also enabled the production of new and provocative questions, as well as other sights. Thus, addressing urban issues and cultural, this work aims not only an analysis of the summer living in Porto Alegre at the beginning of the last century, as well as a study on the process of urbanization of the neighborhoods bordered by the lake, including Ipanema and Tristeza.

**Keywords:** South of the Porto Alegre city. Summer in the waters of the Guaíba. Urbanization and development.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa das sesmarias que deram origem a cidade de Porto Alegre.....	32
Figura 2 - Mapa Zona Sul de Porto Alegre/1833 – parte III .....	35
Figura 3 – Praia da Tristeza/1900.....	37
Figura 4 – Praias do Guaíba .....	39
Figura 5 - Mapa da Zona Balneária de Porto Alegre.....	40
Figura 6 - Juca Batista .....	41
Figura 7 - Família de Juca Batista .....	43
Figura 8 - Residência do Comendador no bairro Menino Deus/1900.....	44
Figura 9 - Família do Comendador Castro na chácara em Ipanema/1927 .....	46
Figura 10 - Casarão do Comendador Castro .....	46
Figura 11 - Os filhos de Martin Bromberg e a nora Dorothy Booth/1900 .....	55
Figura 12 - Armazéns na beira do Guaíba.....	56
Figura 13 - Lojas Bromberg na Rua da Praia. Enchente de 1941 .....	58
Figura 14 - Os Booth e Bromberg na praia particular de Frederico G. Bier/1920 .....	60
Figura 15 - Trapiche de Charles Edward Booth na Pedra Redonda/1900.....	61
Figura 16 - Comandante Booth na Travessa da Pedra Redonda/1900 .....	62
Figura 17 - Casa de veraneio de Waldemar Bromberg/1906 .....	63
Figura 18 - Waldemar, Dorothy e Martim Bromberg na varanda da vivenda/1911 .....	63
Figura 19 - As famílias Booth e Bromberg na chácara da Pedra Redonda/1910.....	64
Figura 20 - Dorothy na charrete, sua filha Helga e a ex-escrava Ambrosina/1906.....	65
Figura 21 - Residência oficial de Waldemar Bromberg na Av. Mostardeiro.....	66
Figura 22 - Os Dreher em dia de praia na Pedra Redonda/1940.....	68
Figura 23 - Um mergulho nas águas do Guaíba. Pedra Redonda/1940.....	68
Figura 24 - Os primórdios da Chácara de Bernardo Dreher/1920.....	69
Figura 25 - Palacete dos Dreher/2013. No detalhe o ano da construção: 1923 .....	73
Figura 26 - Trabalhadores da Chácara de Bernardo Dreher.....	76
Figura 27 - Martha Dreher em passeio pela chácara/1930 .....	77
Figura 28 - Clotilde (de preto) e Lya (sentada à direita) na praia da chácara/1920 .....	78
Figura 29 - Lya (sentada à esquerda) na praia da chácara/1930.....	79
Figura 30 - Lya (sentada à direita) e suas alunas na chácara da Vila Clotilde/1930 .....	80
Figura 31 - A residência da bailarina Lya Bastian Meyer/2013 .....	80
Figura 32 - Frederico Linck e família (Nina sentada à esquerda) na Pedra Redonda/1900 .....	86
Figura 33 - Helga e José Fernando na Pedra Redonda/1940.....	87
Figura 34 - Helga e o chalé erguido em 1927. Pedra Redonda/2013 .....	90
Figura 35 - Momentos do balneário da Tristeza/1920 - A chegada do trem e a praça.....	98
Figura 36 - Anúncio divulgando o novo balneário/1938.....	103
Figura 37 - Mapa do loteamento da Vila Conceição/1938.....	106
Figura 38 - Helga Piccolo na Prainha da Conceição/1940 .....	108
Figura 39 – Entrada da Vila Conceição/1920.....	108
Figura 40 - Convite do Clube Jocotó.....	111
Figura 41 - Carnaval na Tristeza/1929 .....	114
Figura 42 - Diretoria do Clube Veranista Jocotó/1931.....	114
Figura 43 - Hotel da Praia da Família Lazarini/1905 .....	119
Figura 44 - Famílias na Colônia de Férias do Banrisul/1940 .....	119
Figura 45 - Família de veranistas da Pedra Redonda .....	122
Figura 46 - Trapiche da Pedra Redonda/1920 .....	124

Figura 47 – As pedras redondas que deram origem ao nome do balneário/1920.....	125
Figura 48 - Veranistas da Pedra Redonda em trajes de banho/1930 .....	126
Figura 49 - Divulgação do Balneário e da Festa de Gaspar Fuster/1930 .....	128
Figura 50 - Década de 1930 na Pedra Redonda.....	129
Figura 51 - Joahnn e Família na Chácara Pabst - Pedra Redonda/1900.....	131
Figura 52 - Garçons do Restaurante Familiar Pabst/1926 (Lothário sem gravata) .....	133
Figura 53 - A Morada da Felicidade - Chácara da família Silveira/1958.....	135
Figura 54 - Chácara de Oscar Bastian Meyer no Morro do Sabiá/2013.....	141
Figura 55 - Clotilde e Oscar/1900 .....	141
Figura 56 - Vista aérea do loteamento do Balneário Ipanema/1931 .....	144
Figura 57 - Caixa d'água na praça central/Ipanema .....	145
Figura 58 - Ilustração da Capela Nossa Senhora Aparecida/1937 .....	148
Figura 59 - Déa Coufal e seu filho Marcelo na Orla de Ipanema/1930.....	149
Figura 60 - Odila Gay da Fonseca .....	151
Figura 61 - Anúncios divulgando o Balneário Ipanema/1930.....	152
Figura 62 - Casa de Coufal em construção/Ipanema/1931 .....	153
Figura 63 - Praia de Ipanema/1953.....	154
Figura 64 - Crianças na praia/1954.....	155
Figura 65 - Maria de Lourdes (centro) e amigas na Praia de Ipanema/1953.....	156
Figura 66 - Garotas de Ipanema/1960 .....	157
Figura 67 - Praia de Ipanema em dia de verão/1960 .....	157

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 OS PRIMÓRDIOS DA ZONA SUL: DA SESMARIA DE DIONÍSIO RODRIGUES MENDES ÀS CHÁCARAS DE ANTIGOS ESTANCIEIROS .....</b>	<b>28</b>
1.1 DIONÍSIO RODRIGUES MENDES E A SESMARIA DE SÃO GONÇALO.....	28
1.2 JOSÉ DA SILVA GUIMARÃES TRISTEZA.....	35
1.3 O PASSO DO CAPIVARA: A GRANDE FAZENDA DE JUCA BATISTA .....	40
<b>1.3.1 A Chácara do Comendador .....</b>	<b>43</b>
<b>2 O VERANEIO DOS ALEMÃES: AS PRIMEIRAS CHÁCARAS.....</b>	<b>48</b>
2.1 IMIGRAÇÃO ALEMÃ: AS ORIGENS DA ELITE E DA INDÚSTRIA GAÚCHA.....	48
2.2 A FAMÍLIA BROMBERG: DA ALEMANHA PARA A ZONA SUL DE PORTO ALEGRE .....	51
<b>2.2.1 O veraneio dos Bromberg .....</b>	<b>58</b>
2.3 COLONOS ALEMÃES NA ZONA SUL: O EMPREENDEDORISMO DOS DREHER ..	67
<b>2.3.1 A Chácara dos Dreher e os Jardins da Dona Isabel .....</b>	<b>72</b>
2.4 VILA CLOTILDE: A CHÁCARA DA BAILARINA LYA BASTIAN MEYER .....	77
<b>2.4.1 Passos de uma pioneira .....</b>	<b>81</b>
2.5 CHALÉS DE VERÃO E O CONDOMÍNIO FAMILIAR DA VILA NINA .....	85
<b>3 A TRISTEZA E O VERANEIO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....</b>	<b>92</b>
3.1 O TRENZINHO DA TRISTEZA.....	94
3.2 ASSUNÇÃO E CONCEIÇÃO: AS VILAS BALNEÁRIAS.....	100
<b>3.2.1 Vila Assunção: o balneário aristocrático.....</b>	<b>101</b>
<b>3.2.2 Vila Conceição e o veraneio de Helga Piccolo Landgraf.....</b>	<b>104</b>
3.3 OS HOTÉIS E OS CLUBES DE VERÃO DA TRISTEZA .....	109
<b>3.3.1 O Clube Veranista Jocotó .....</b>	<b>111</b>
<b>3.3.2 O hotel da praia .....</b>	<b>116</b>
<b>4 PEDRA REDONDA: LUGAR DE LAZER, DE REQUINTE E DE DESCANSO ....</b>	<b>121</b>
4.1 A FOTOTECA SIOMA BREITMAN E AS IMAGENS DE VERÃO.....	121
4.2 O BALNEÁRIO DO SR. FUSTER: A FESTA DOS JORNALISTAS .....	127
4.3 OS PABST: RESTAURANTE FAMILIAR À BEIRA RIO.....	129
4.4 A MORADA DA FELICIDADE: REMINISCÊNCIAS DO MORRO DO SABIÁ .....	133
4.5 MORRO DO SABIÁ: O MOVIMENTO APROXIMA-SE DE IPANEMA .....	139
<b>5 IPANEMA: IMAGINÁRIO LIGADO À CIDADE MARAVILHOSA.....</b>	<b>143</b>
5.1 SOCIEDADE DE TERRENOS BALNEÁRIO IPANEMA LTDA.....	143
5.2 IPANEMA: BAIRRO COM JEITO DE CIDADE DO INTERIOR .....	146
5.3 APOGEU: IPANEMA DESPONTA NO CENÁRIO PORTO-ALEGRENSE .....	153
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>160</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>164</b>

ANEXO A - A Chácara do Comendador Castro .....	174
ANEXO B - Da Inglaterra para a Zona Sul de Porto Alegre .....	175
ANEXO C - A Família Bromberg e o Lazer na Zona Sul .....	176
ANEXO D - Os Jardins da Dona Isabel .....	177
ANEXO E - Carta de Martha Dreher .....	178
ANEXO F - Lya Bastian Meyer .....	182
ANEXO G - Entrevista com Helga Bins Luce .....	183
ANEXO H - Trilhos até a Tristeza .....	184
ANEXO I - Verões de Outros Carnavais .....	185
ANEXO J - Entrevista com Helga Landgraf Piccolo .....	186
ANEXO K - A Casa da Mário Totta .....	187
ANEXO L - O Veraneio na Pedra Redonda ZH 26/02/2010 .....	188
ANEXO M - A Festa dos Jornalistas .....	189
ANEXO N - Outros Verões na Pedra Redonda .....	190
ANEXO O - Morro do Sabiá História e Requite .....	191
ANEXO P - Os Primórdios de Ipanema .....	192
ANEXO Q - Um Balneário com História .....	193
ANEXO R - Entrevista com Fernando Gay da Fonseca .....	194
ANEXO S - A História da Capela de Ipanema .....	195
ANEXO T - A Origem de Ipanema .....	196
ANEXO U - A Cidade Recupera o Antigo Brilho .....	197
ANEXO V - Comentários dos Leitores da ZH ZONA SUL .....	198

## INTRODUÇÃO

Modernos condomínios, localização privilegiada e uma das regiões mais valorizadas da cidade, assim, é caracterizada, atualmente, a Zona Sul de Porto Alegre. Delimitada geograficamente por morros e arroios, a região engloba os seguintes bairros: Vila Assunção, Tristeza, Camaquã, Nonoai, Teresópolis, Vila Nova, Cavallhada, Sétimo Céu, Jardim Isabel, Vila Conceição, Pedra Redonda, Ipanema, Espírito Santo, Guarujá, Serraria e Hípica. Com uma orla que encanta o visitante e o morador, os bairros Ipanema e Tristeza, analisados nesta pesquisa, ainda apresentam, nos fins de tarde, o mais bonito pôr-do-sol da cidade.

Contudo, pouco se conhece sobre a história da região que, no passado, foi zona de veraneio daqueles que não podiam se deslocar até o litoral. Durante muito tempo, foi o local escolhido para o descanso e o lazer, pois eram as praias da Tristeza e Ipanema, as preferidas pela população. E isso ocasionou um desenvolvimento econômico motivado pela vinda de pessoas, muitas delas oriundas de imigrantes alemães.

A questão é que em um determinado momento a burguesia urbana porto-alegrense, onde avultavam os alemães, vai querer um lugar de veraneio. O mar (Torres) era muito longe. A Tristeza tinha até hotéis, que eram de propriedade dos alemães, todos empresários de origem germânica: donos de hotéis, restaurantes, armazéns e até de transporte coletivo<sup>1</sup>.

Eram grupos que buscavam o descanso e o lazer à beira do Guaíba e, para isso, mantinham chácaras e confortáveis residências para uso familiar. Conforme carta deixada por Martha Elisabeth Dreher, comprova-se o hábito de adquirir terras na região:

Como aconteceu com muitos porto-alegrenses que não resistiram aos atrativos da hoje denominada Zona Sul, adquirindo sítios ou chácaras nos arredores da Tristeza e Pedra Redonda, também nós, meu marido e eu, acabamos comprando uma área de terras situada defronte à chácara Meyer, pertencente aos descendentes da família de Oscar Bastian Meyer na Pedra Redonda<sup>2</sup>.

Essa aquisição ocorreu nos anos de 1920. O forte calor da cidade nos meses de janeiro e fevereiro empurrava a população para a Zona Sul, alterando assim a rotina.

---

<sup>1</sup> PICCOLO, Helga Landgraf. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 14 jan. 2013.

<sup>2</sup> DREHER, Martha Elisabeth. **Carta escrita em 1970**. [Acervo da Família Dreher adquirido em 2012].

Fato semelhante aconteceu com a família Silveira, proprietária de terras na encosta do Morro do Sabiá, uma área verde ainda hoje bastante preservada, possuindo belos exemplos de Mata Atlântica. Na década de 1950, desejoso de uma casa para aproveitar os fins de semana, Silveira adquiriu uma chácara de veraneio de Francisco Brochado da Rocha. Era uma linda propriedade arborizada à beira rio, perfeita para o descanso e o lazer da família e dos amigos. *“Sendo o atrativo maior, as águas limpas do Guaíba, muitos amigos vinham com a intenção de aproveitar o rio. O Guaíba era balneável e nas suas águas meus filhos mais velhos aprenderam a nadar, recebendo aulas de uma professora de nataçãõ<sup>3</sup>”*.

A existência de um trem municipal e de um trapiche na beira da praia, onde atracavam os vapores, facilitava a chegada dos grupos. *“Muitas famílias de Porto Alegre vinham fazer o seu veraneio aqui, na Tristeza e na Pedra Redonda. Elas faziam isto: a mulher e os filhos ficavam toda a semana, e o marido trabalhava na cidade e vinha em um trenzinho que tinha aqui<sup>4</sup>”*. O “Trenzinho” de que fala a depoente pertencia a Estrada de Ferro do Riacho, porque seu final de linha se situava, inicialmente, à beira do Arroio Dilúvio. Era uma linha de trem que percorria, desde o centro de Porto Alegre até a Zona Sul, cerca de quatorze quilômetros. Alguns historiadores, entre eles Sergio da Costa Franco, são unânimes em afirmar que foi devido ao trem que alguns bairros da Zona Sul progrediram.

Carinhosamente conhecido como o ‘Trenzinho da Tristeza’, o trem trafegava lentamente, passando por diversos bairros da capital, entre eles, o Menino Deus, o Cristal, a Assunção, A Tristeza, a Vila Conceição e a Pedra Redonda. Faltou pouco para ele chegar até o Balneário Ipanema<sup>5</sup>.

As denominadas vilas balneárias, entre elas, Assunção, Conceição e Pedra Redonda — que integravam o bairro Tristeza —, foram as primeiras a atrair o porto-alegrense na primeira metade do século passado. Além disso, por ser o acesso à praia mais restrito, pois as residências possuíam praia particular, o local abrigava clubes náuticos aonde as pessoas também chegavam por barcos. As finas moradias da Pedra Redonda possuíam também ancoradouros próprios, guarda-barcos e equipamentos para a prática de esportes no rio. *“Meu*

<sup>3</sup> SILVEIRA, José Schmitt. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 08 jan. 2013.

<sup>4</sup> LUCE, Helga Bins. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

<sup>5</sup> MACHADO, Janete da Rocha. História da Via Férrea na Zona Sul de Porto Alegre. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 1, p. 5, jun. 2010.

*avô, Waldemar Bromberg, praticava vela e remo no Guaíba, por isso ele era assim bronzado. E nós, a terceira geração, também aproveitamos muito o rio*<sup>6</sup>.

Tempos mais tarde, e como consequência do crescimento da Tristeza e arredores, seria a vez de Ipanema, a praia vizinha, despontar no cenário do verão. A atração maior ficava por conta das límpidas águas do Guaíba e da grande enseada aberta ao público que favorecia a chegada dos banhistas. Quem conta é o professor, historiador e morador do bairro Ipanema desde 1940, Harry Rodrigues Bellomo:

*“Eram tão limpas que se podia ver os peixinhos. As pessoas tomavam banho com sabonete. Grupos de esportistas praticavam natação no Guaíba pois, nesse tempo, as águas do rio ainda eram boas, livres dos despejos cloacais, e o Arroio Capivara ainda não poluía a nossa praia”*<sup>7</sup>.

Maria de Lourdes Mastroberti, frequentadora assídua do Balneário Ipanema, aproveitava os domingos de calor e sol à beira do rio, fazendo piqueniques com as amigas. *“Com dia bonito, a gente ia para aproveitar a praia. E tinha aquelas famosas barraquinhas – entrava para dentro, tirava o vestido e colocava o maiô. Ficava o dia inteiro de maiô na praia”*<sup>8</sup>.

Com o advento das primeiras estradas asfaltadas, surgem os loteamentos, crescendo a procura por terrenos à beira do lago. O acesso direto por ônibus e a existência de praia pública, diferente da Pedra Redonda, permitiu que Ipanema fosse procurada por uma classe mais popular. Porém, a compra dos lotes na nova praia foi feita por grupos da classe média, entre eles, profissionais liberais e funcionários públicos, os quais compraram seus terrenos e construíram confortáveis chalés. *“Eram casas de madeira, próprias de verão, mais simples”*<sup>9</sup>.

Com um projeto urbanístico moderno, idealizado pelo engenheiro Oswaldo Coufal, surgiu nos anos 1930, uma praia no estilo de Copacabana, no Rio de Janeiro. O projeto previa ruas largas, calçadas e arborizadas, amplas avenidas e a promessa de se transformar na mais agradável estação de veraneio da população. Anúncios publicitários em jornais da época divulgavam a venda dos terrenos: *“Balneário Ipanema: terrenos na praia em prestações – sem*

<sup>6</sup> BROMBERG, Lilian Dorothy. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 20 mar. 2013.

<sup>7</sup> BELLOMO, Harry R. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 05 dez. 2008.

<sup>8</sup> MASTROBERTI, Maria de Lourdes. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 15 jan. 2010.

<sup>9</sup> FONSECA, Fernando Gay. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 20 dez. 2012.

juros – ruas calçadas e arborizadas e água canalizada. Auto-bonde à porta com magnífica praia de areia”<sup>10</sup>. O nome Ipanema foi uma homenagem do loteador à conhecida praia carioca, local em que Oswaldo Coufal costumava passar férias.

Assim, abordando questões urbanísticas e culturais, essa dissertação analisou a forma como ocorreu o desenvolvimento de parte da Zona Sul de Porto Alegre, a partir do veraneio na primeira metade do século XX. Esse trabalho permitiu também, por meio desse recorte, um estudo sobre o processo de urbanização de Ipanema e Tristeza, bairros margeados pelo lago<sup>11</sup>.

A pesquisa, igualmente, reportou à questão da socialização dos grupos, a partir do convívio entre moradores e veranistas, em um determinado período do ano. E isso foi criando espaços públicos e privados, destinados ao veraneio e ao descanso. Surge, nesse período, em Porto Alegre, a necessidade de lazer que Dumazedier<sup>12</sup> vai chamar de “a dinâmica produtiva do lazer”, ou seja, o progresso científico e técnico leva ao aumento do tempo livre, bem como as mudanças socioculturais conduzem a uma regressão dos controles institucionais e à emergência de um novo desafio social do indivíduo de dispor de si próprio. Dumazedier define o lazer como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade para repousar ou para divertir-se:

O lazer é primordialmente liberação do trabalho profissional que a empresa impõe. Para a criança, é liberação do trabalho imposto pela escola. O lazer é liberação das obrigações fundamentais primárias impostas pelos demais organismos básicos da sociedade: instituição familiar, instituição sócio-políticas, sócio espirituais<sup>13</sup>.

Para entender como procede a questão do lazer nas sociedades ocidentais, torna-se necessário compreender as formas pelas quais os homens viveram seus múltiplos tempos, em especial o tempo do trabalho e o do não-trabalho. O tempo do não-trabalho seria o tempo

<sup>10</sup> CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 29 out. 1931. p. 15.

<sup>11</sup> Guaíba: rio ou lago? Em 1820, quando Saint-Hilaire avistou o Guaíba, não teve dúvidas em anotar em seu diário que se tratava de um lago. Os moradores da época chamavam-no de Lago de Viamão, denominação existente desde o século XVIII. O Guaíba é um lago, pois: Os rios que nele desembocam formam um delta. Esse tipo de depósito sedimentar ocorre quando um volume de água confinado por canais encontra-se com um grande corpo de água; Cerca de 85% da água do Guaíba fica retida no reservatório por um grande período de tempo; O escoamento da água é bidimensional, formando áreas com velocidades diferenciadas, típico de um lago; Os depósitos sedimentares das margens possuem geometria e estrutura características de sistema lacustre; A vegetação da margem é de matas de restinga, identificadoras de cordões arenosos lacustres ou oceânicos (MENEGAT Rualdo. **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998, p. 37).

<sup>12</sup> DUMAZEDIER, Joffer. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 25.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 94.

livre, no qual o tempo do lazer estaria inserido. Assim, Dumazedier vai entender o lazer como um fenômeno que surge num período específico da história da humanidade. A partir, então, da Segunda Revolução Industrial (século XIX), com a automação dos processos produtivos, ocorre uma diminuição da carga horária de trabalho, ocasionando um tempo livre maior para os grupos desfrutarem do lazer e do descanso.

Essa liberação maior do trabalho, conforme Dumazedier está relacionada aos progressos técnicos ocorridos ao longo dos anos, pois “todos associaram o desenvolvimento do lazer ao progresso da cultura intelectual dos trabalhadores e ao aumento de sua participação nos negócios da cidade”<sup>14</sup>. Conforme o autor, o lazer não é ociosidade, pois ele não suprime o trabalho. Os momentos de descanso usufruídos pelo homem correspondem a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana ou do ano com as férias. Na análise de Dumazedier, o direito do lazer foi, historicamente, reivindicado pelos grupos ao longo dos tempos: “o direito à preguiça é o grito de um homem erguido contra a redução do trabalhador ao papel de produtor”<sup>15</sup>.

Desta forma, entende-se que o lazer empreendido pelos porto-alegrenses nas primeiras décadas do século vinte vai estar associado a permanências em lugares aprazíveis como as praias. E era isso que buscavam as famílias quando se dirigiam aos balneários do Guaíba: lazer à beira rio.

Conforme Joana Schossler,

a mudança de ares, a ida ao campo e as próprias viagens deram origem à vilegiatura, prática que consistia na ida até um local previamente determinado durante apazada temporada, que na Europa dividia-se entre estação mundana (inverno e primavera) e a vilegiatura (verão e parte do outono)<sup>16</sup>.

No Brasil, o advento da modernidade vai proporcionar uma mudança nos costumes da burguesia ascendente. Conforme Nicolau Sevcenko, os grupos buscam, a partir do início do século XX, uma estação de cura e recreio. Pensando na saúde, os novos hábitos acabam se

<sup>14</sup> DUMAZEDIER, Joffer. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 20.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>16</sup> SCHOSSLER, Joana. **As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010, p. 20.

tornando impulsionadores do turismo, fortalecido pelo governo. Nos anos 1930, Vargas instituiu o direito geral ao repouso anual. Assim, todos aqueles que tinham posses poderiam usufruir de um tempo maior de lazer. “A ideia era partir para algum lugar distante, onde se pudesse escapar do controle dos familiares, dos vizinhos, das hierarquias profissionais, dos papéis sociais e das reservas de conduta”<sup>17</sup>.

Em Porto Alegre, a ascensão social de algumas famílias, aliada às novas práticas de lazer, permitiu, ao longo da primeira metade do século XX, não só o uso de férias em lugares aprazíveis como a Zona Sul, como também o sonho de uma confortável casa de veraneio à beira rio – um espaço de sociabilidades. Os grupos buscavam recreação proporcionada pelo Guaíba e pela região, como andar a cavalo, caçar, pescar, velejar e tomar banhos no rio.

Os encontros de famílias também serviam para compor as relações sociais e de negócios na região. Alguns balneários funcionaram como espaços de elitização, pois seus ocupantes faziam parte de uma classe privilegiada da sociedade da época. Por conta dessa elite, ora residente, ora sazonal, o sucesso de algumas praias esteve associado sempre aos incrementos ocorridos no local.

A venda de terrenos à beira do lago, a construção de lindas vivendas, o embelezamento dos balneários, a administração de hotéis e restaurantes, bem como a melhoria nos meios de transportes se deu por grupos de empreendedores<sup>18</sup> sagazes que souberam ampliar suas fortunas durante os anos vindouros do veraneio. Sobrenomes como Bier, Daudt, Bercht, Mentz, Dreher, Bromberg, Bins, Ely, Niemeyer, entre outros, são lembrados, na Zona Sul, pelas suas magníficas chácaras de verão à beira do Guaíba.

---

<sup>17</sup> SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil. República:** da Belle Époque à Era do Rádio. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1998, v. 3. P. 563.

<sup>18</sup> O termo empreendedor é proveniente da palavra *entrepreneur*, que no século XII, na França, era utilizada para designar a pessoa que incentivava brigas. No século XVI, o termo passa a descrever uma pessoa que tomava a responsabilidade e dirigia uma ação militar. No século XVII, surgem as primeiras relações entre assumir riscos e empreendedorismo, onde empreendedores estabeleciam acordos com governos para a realização de algum serviço ou fornecimentos de produtos, arcando com o lucro ou prejuízo. Entretanto, foi no final do século XVII e início do século XVIII que o termo passou a ser utilizado para se referir àquele que criava e conduzia projetos e empreendimentos. Ainda no final do século XIX e início do século XX, empreendedores eram confundidos com administradores, pois eram identificados apenas pelo ponto de vista econômico. Foi somente no século XX que ao termo empreendedorismo foi associada a ideia de inovação. FAY, Claudia Musa. SCHEMES, Claudia. PRODANOV, Cleber. **Arriscar e inovar: uma geração de empreendedores gaúchos do século XX.** Revista História Econômica & História de Empresas. XIII. 1 (2010), 157-186.

Como meu marido, através de seus negócios, era muito bem relacionado, nossa chácara na Pedra Redonda, vivia cheia de gente. Entre os visitantes ilustres lembro o Dr. Getúlio Vargas e da Dona Darcy, o Dr. João Neves da Fontoura, o Daniel Krieger, o Osvaldo Vergara, entre outros<sup>19</sup>.

De outra forma, a pesquisa revelou também questões como o aproveitamento das águas do lago para banhos e para o descanso da população em temporadas de calor e férias, ocasionando um crescimento urbano dessa parte da cidade. Assim, é fato que o processo de formação e desenvolvimento de alguns bairros da Zona Sul da cidade esteve diretamente relacionado à procura dos balneários pelos porto-alegrenses. E esse deslocamento até as praias do Guaíba foi consequência, na época, não somente do crescimento da população e da procura por lazer, como também pela dificuldade que era viajar até o litoral gaúcho. As longas distâncias e a precariedade das estradas dificultavam o veraneio nas “praias de mar”. Para se chegar a Torres ou Tramandaí era preciso, pelo menos, um dia de viagem, atravessando lagoas, matos e enfrentando dificuldades diversas. E esses fatos se comprovam com os estudos de Schossler, a qual afirma: “somente em meados da década de 1930, com os investimentos públicos na urbanização e infraestrutura dos balneários que o acesso às praias de mar tornou-se mais acessível”<sup>20</sup>.

A partir da busca de novos fatos para compor a história do veraneio e da urbanização da Zona Sul da cidade, a pesquisa deparou-se com um conjunto de memórias construídas por moradores, resultado de vivências do passado e de lembranças reconfiguradas no presente. A história oral se constitui em fontes obtidas a partir da realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos do passado e do presente. Durante cerca de cinco anos, foram feitas entrevistas com famílias, outrora veranistas dos balneários analisados<sup>21</sup>. É importante que se diga também que a maioria dos depoentes são grupos com idades que variam entre 60 e 90 anos, porém todos em perfeitas condições intelectuais.

Para Ecléa Bosí, estudiosa da memória e das lembranças dos mais velhos, “há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de

<sup>19</sup> DREHER, Martha Elisabeth. **Carta deixada em 1970**. [Acervo da Família Dreher].

<sup>20</sup> SCHOSSLER, Joana. **As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010, p. 7.

<sup>21</sup> Todas as entrevistas gravadas estão disponíveis para consulta no LABORATÓRIO DE PESQUISAS EM HISTÓRIA ORAL DA PUC/RS (LAPHO). Disponível em: <<http://www.lapho.com.br/>>. Acesso em: 04 jan. 2014.

ser um propulsor da vida presente do seu grupo. Nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar”<sup>22</sup>. Para a autora, “os velhos são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”<sup>23</sup>. Eles são os guardiões do passado e a eles é dada a função social de lembrar e aconselhar, pois para esses grupos, a lembrança é a sobrevivência do passado, o qual se conserva no espírito de cada ser humano, aflorando a consciência na forma de imagens e de lembranças. Ecléa salienta ainda a importância da convivência dos velhos com os mais jovens e adultos num processo pleno de aculturação:

O reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente<sup>24</sup>.

Assim, a pesquisa avançou a partir dos dados obtidos com a história oral. Para Paul Thompson<sup>25</sup>, a importância de uma entrevista para a história é que ela é um testemunho e, como tal contém afirmações que podem ser avaliadas, podendo fornecer informações tão válidas quanto as que provêm de outra fonte. São testemunhos que, de certa forma, foram excluídos ou colocados no anonimato sem direito à memória. A oralidade na história do veraneio da Zona Sul serviu para construir a narrativa.

Segundo Jacques Le Goff, há especialistas na memória que o autor identifica como os “homens-memória”<sup>26</sup>. Para Le Goff, os homens-memória podiam ser os guardiões dos códices reais, historiadores da corte, tradicionalistas, chefes de família idosos ou sacerdotes, mas todos com um importantíssimo papel de manter a coesão do grupo, pois ele será o indivíduo que vai lembrar mais do que os outros.

E essa memória só foi possível a partir dos dados coletados e documentados pela pesquisadora ao longo dos anos em que o estudo se desenvolveu. Dessa forma, priorizou-se,

<sup>22</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade. Lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 63.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>24</sup> *Idem*, p. 74.

<sup>25</sup> THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

<sup>26</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 429.

ao longo do trabalho, a coleta e o registro dos depoimentos<sup>27</sup>, bem como de materiais, os quais acrescentaram fatos inéditos ao conhecimento sociocultural da cidade. O contato com acervos familiares, até então desconhecidos, trouxe à luz, fatos novos ao trabalho, os quais permitiram a análise de novas representações acerca do veraneio vivido naqueles tempos.

Após delimitar o tema histórico, “O veraneio de antigamente: Ipanema, Tristeza e os contornos de um tempo passado na Zona Sul de Porto Alegre”, procurou-se responder às seguintes questões específicas: como e em que momento surge a ideia de veraneiar nas águas do Guaíba? Quais as condições que levaram esses locais a se tornarem balneários conhecidos e procurados pela população? Quais eram os grupos interessados e por que escolheram a Zona Sul como local de lazer? E, por fim, como representantes de um segmento específico da sociedade, entre eles uma elite proveniente de imigrantes alemães, compreenderam e interpretaram por meio dos relatos orais a construção do veraneio?

Desta forma, partindo da convicção de que é explícita a relação da recuperação da memória da região e seu desenvolvimento turístico e econômico, é inegável a importância que se deve dar ao resgate da história do lugar. Assim, considerando a história, um dos elementos mais importantes neste processo, optou-se, nesse trabalho, por traçar um estudo com os seguintes objetivos: identificar os primórdios da região nos séculos XVIII e XIX, com a implantação do regime de sesmarias no estado e a transformação de uma dessas glebas em fazendas à beira do lago; analisar o processo de imigração alemã, inicialmente no bairro Tristeza e, posteriormente, nas regiões vizinhas, impulsionando o veraneio na região; indicar o surgimento e a ascensão de famílias burguesas nos bairros analisados e sua relação com a implantação dos primeiros loteamentos e jardins residenciais, culminando com o desenvolvimento urbanístico de Zona Sul; e, por fim, apontar de que forma os bairros analisados surgem como espaços de identidade urbana, de contato dos moradores com o rio e como lugar de lazer, de banho e de veraneio no século passado.

Há que se considerar, ainda, que outra forma de se recuperar e preservar a história de um local é por meio dos lugares de memória. É a construção da memória das famílias,

---

<sup>27</sup> Mais que os livros, filmes e programas de televisão mostram, há um forte interesse popular pelas memórias históricas. Esse interesse cada vez maior provavelmente é uma reação à aceleração das mudanças sociais e culturais que ameaçam as identidades, ao separar o que somos daquilo que fomos (BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 88).

consolidada, neste caso, por pessoas ilustres, que, de alguma forma, foram importantes na configuração da cidade. A história do veraneio na Zona Sul possui alguns desses exemplos em nomes de ruas, de instituições e até em nome de bairros. Conforme informa Gay da Fonseca: “*Hoje minha mãe é rua, é colégio, é instituto. No bairro Ipanema ela foi homenageada com seu nome para a escola estadual Odila Gay da Fonseca. Foi uma homenagem justa que o governo prestou a ela*”<sup>28</sup>. Para Maria Cristina Dreher Mansur, se justifica a homenagem a sua avó, pioneira na Pedra Redonda: “*O nome do bairro Jardim Isabel foi em homenagem a minha avó Martha Elisabeth, pois todos a conheciam por Dona Isabel*”<sup>29</sup>. Fonseca relembra também a homenagem feita a Déa Coufal, esposa do loteador do bairro: “*A Déa Coufal foi amiga da minha mãe. Elas percorriam isso tudo aqui fazendo um trabalho de assistência aos necessitados. O nome da rua é em homenagem a ela*”<sup>30</sup>. Observa-se nesse gesto uma forma de tentar preservar a memória histórica de um lugar e de um tempo perdido no passado. Conforme Pierre Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, e que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais, sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria<sup>31</sup>.

Além dessas memórias, a pesquisa está sedimentada em uma documentação textual e visual, as quais possibilitaram uma ampla reconstituição do período estudado. Informações foram coletadas em diferentes arquivos públicos, entre eles, o Arquivo Histórico de Porto Alegre Moyses Vellinho, cujo acervo contempla história, geografia e legislação sobre a cidade. O local reúne e preserva aproximadamente um milhão de documentos datados a partir do século XVIII, os quais registram a formação de Porto Alegre. São jornais, mapas, plantas e cartas que expõem a política das administrações municipais. Neste local, também foram colhidas informações contidas nos periódicos da Revista do Globo, a qual, por meio de reportagens e anúncios, trazia, em suas páginas, cenas dos balneários analisados. Matérias

<sup>28</sup> Fernando Gay da Fonseca lembrando as realizações de sua mãe, Odila, moradora do bairro Ipanema (FONSECA, Fernando Affonso Gay. **Retratos**. Canoas: Editora da ULBRA, 2003, p. 132-133).

<sup>29</sup> DREHER, Maria Cristina Mansur. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 10 set. 2012.

<sup>30</sup> FONSECA, Fernando Gay. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 20 dez. 2012.

<sup>31</sup> A história de um povo também pode ser contada através dos nomes das ruas das suas cidades. Os endereços que escrevemos em documentos, formulários, remetentes e destinatários de correspondência, retratam características de um território, sinalizam acontecimentos marcantes e, em muitos casos, são nomes de pessoas, cujas histórias de vida a grande maioria dos cidadãos desconhece. É, sobretudo, entendida como uma forma de homenagear *post mortem*, aqueles que se destacaram em vida (NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUCRS, 1993, p. 13).

ilustradas eram publicadas nesta revista elogiando as belezas da região e divulgando os elegantes “points” recém-criados na orla balneária da cidade.

Outro local utilizado foi o Museu Histórico Joaquim José Felizardo. O prédio abriga três importantes acervos sobre a história de Porto Alegre: o histórico, o fotográfico e o arqueológico. No acervo fotográfico e digitalizado da Fototeca Sioma Breitman foi possível recuperar imagens antigas e inéditas sobre os bairros analisados. As fotografias desse acervo permitiram, por meio de um “dar a ver a cidade”, um novo olhar sobre parte da história de Porto Alegre. São imagens que interagem, possibilitando uma análise mais completa acerca de hábitos de vilegiatura vividos às margens do Guaíba. A prática de banhos na Zona Sul possui registros fotográficos valiosos que remontam aos anos de 1900, na virada do século.

E, por fim, mas não menos importante, a busca por documentos escritos aconteceu também no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, cuja coleção se compõe de diferentes áreas da comunicação. O acervo pesquisado pertence às áreas da imprensa, as quais tratam da imprensa escrita e da publicidade. Nestes locais, foram analisadas várias reportagens de jornais dos anos 1930, entre eles periódicos do Correio do Povo. A venda de terrenos nos loteamentos recém-criados exigiu a divulgação nos jornais de grande circulação na época. Os anúncios, além de retratar as paisagens e os encantos da região, ofereciam vantagens no financiamento e a promessa de uma rápida valorização dos lotes. Assim, a diversificação das fontes por meio da documentação como jornais, revistas ilustradas, diários, depoimentos, mapas, fotografias, projetos urbanísticos e acervos particulares, entre outros, permitiu também a produção de novos questionamentos e de novas visões.

É pertinente informar que os estudos sobre a Zona Sul iniciaram em 2008 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Na ocasião, a temática sugerida pela professora do curso de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Dra. Claudia Musa Fay, atual orientadora dessa pesquisa, foram as histórias dos bairros de Porto Alegre. Com o objetivo principal de resgatar a cultura, a origem e, principalmente, a história da região, a pesquisa evoluiu, não só no meio acadêmico, mas também na comunidade e na imprensa.

Em 2014, os estudos sobre o veraneio no Guaíba completarão seis anos, o que já soma um acervo bastante significativo. São imagens, entrevistas e depoimentos por escrito,

os quais resultaram em uma considerável produção textual, com publicação mensal no Caderno Zona Sul e também no Blog do Jornal Zero Hora<sup>32</sup> e outras publicações isoladas em revistas de história e periódicos. Da mesma forma, a pesquisa viabilizou a construção de um blog na internet<sup>33</sup> com textos e ilustrações acerca da história dos bairros analisados. Um conjunto de informações ilustradas que estão servindo para compor, de forma inédita, a história do lugar. Pois, conforme Charles Monteiro, “fazer história significa produzir conhecimento, sem sacramentar certezas, diminuindo o campo das dúvidas”<sup>34</sup>.

Assim, com uma proposta de estudo que procurou problematizar o passado, a pesquisa partiu da primeira sesmaria doada ainda no século XVIII e se encerrou no final da década de 1950 com a configuração dos bairros pela lei 2022 de sete de dezembro de 1959<sup>35</sup>.

A historiadora Hilda Flores em seus estudos sobre a Zona Sul e o bairro Tristeza<sup>36</sup>, vai dividir o desenvolvimento da região em quatro momentos distintos. O primeiro se daria com a fase da sesmaria (século XVIII), o segundo momento seria o da colonização (século XIX), o terceiro, a fase balneária (1900 a 1930) e o último, o período de urbanização da região (1930 aos nossos dias). Assim, os dois últimos períodos, identificados pela historiadora Hilda, serão analisados nesta pesquisa, uma vez que se referem ao veraneio e à urbanização na região. Observa-se, naquele momento, identificado por Flores como da conurbação, uma mudança de cenário, indicando que a Zona Sul deixava para trás seu aspecto mais rural para ingressar numa era de crescimento. Na realidade, toda a paisagem citadina de Porto Alegre passava por uma significativa transformação, como por exemplo, a remodelação na orla do Guaíba.

Estruturada, a partir da delimitação temporal, a dissertação foi dividida da seguinte forma: o primeiro capítulo intitulado “Os primórdios da Zona Sul: da sesmaria às chácaras de antigos estancieiros” abordou as histórias do primeiro povoador da região, o sesmeiro Dionísio Rodrigues Mendes e de seus descendentes, entre eles André Bernardes Rangel e José

<sup>32</sup> **ZH Zona Sul**. Blog. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/>. Acesso em 10 jan.2013.

<sup>33</sup> JANETE & PORTO ALEGRE. **Blog**. Disponível em: <http://janeterm.wordpress.com/>. Acesso em: 20 abr. 2013.

<sup>34</sup> MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 9.

<sup>35</sup> Como vereador, Ary da Veiga Sanhudo apresentou à Câmara Municipal o primeiro projeto de lei que regulamentou os limites e os nomes dos bairros de Porto Alegre. Autor de “Porto Alegre, crônicas de minha cidade”, editado em dois volumes (1961 e 1975).

<sup>36</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: Elape, 1979.

Guimarães Tristeza. As terras de Dionísio estendiam-se desde o arroio da Cavalhada (atual bairro Cristal) até o do Salso (atual bairro Ponta Grossa), abrangendo toda a zona balneária sul de Porto Alegre. A sede da fazenda, também conhecida por São Gonçalo, ficava em Belém Velho, onde o sesmeiro vivia com sua família e agregados, desenvolvendo a lavoura e a criação de alguns animais. Foi Dionísio Rodrigues Mendes, portanto, o primeiro proprietário das terras as quais originariam, posteriormente, os bairros analisados.

O segundo capítulo desvendou a história das primeiras chácaras e das finas residências de veraneio, algumas delas de propriedade de alemães, resultado da divisão das fazendas dos antigos estancieiros – herdeiros de Dionísio. A Zona Sul de Porto Alegre configurou-se, no início do século XX, em poucos vilarejos e algumas chácaras situadas à beira do lago. É desse período o surgimento das primeiras famílias burguesas na região. Descendentes de imigrantes alemães, elas aproveitaram o local não só para o lazer e o descanso, como também para os negócios - oportunidades que floresciam apoiadas no desenvolvimento da economia da colônia alemã. Sandra J. Pesavento vai afirmar que eram grupos vinculados ao circuito de acumulação de capital comercial, o qual resultou na formação dos primeiros complexos industriais do Estado. “Esta liderança empresarial, com origens sociais marcadas pela influência imigrante e pela presença do capital mercantil, constituiu-se basicamente de grupos familiares, entrelaçados entre si por casamentos; a partir da primeira década do século XX”<sup>37</sup>.

É pertinente citar que entre essas famílias burguesas que veraneavam na Zona Sul, a pesquisa identificou e analisou alguns grupos. Os Bromberg foram empreendedores do ramo industrial, cujas firmas se tornaram indústrias de ponta no estado. A Bromberg S/A ficou conhecida como uma das maiores distribuidoras de maquinário alemão na América do Sul. Outra família de empreendedores analisada foram os Dreher. Pioneira também no ramo de importação e exportação de produtos alimentícios, esta foi igualmente precursora na navegação fluvial, cujas embarcações faziam, regularmente, as linhas Porto Alegre-Palmares e Porto Alegre-Tapes. Alguns vapores mais conhecidos (Montenegro, Camaquã, Gustavo e Palmares) pertenciam à “Navegação Dreher & Cia”. Os Dreher possuíam ainda um grande armazém de Secos & Molhados no centro de Porto Alegre. O estabelecimento possuía trapiche próprio na beira do Guaíba para a chegada dos navios e das mercadorias.

---

<sup>37</sup> PESAVENTO, Sandra J. **A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 20.

Também compõem esse grupo de boa situação financeira, a família Meyer, cuja residência situada na chácara, ainda hoje é referência arquitetônica no Morro do Sabiá. A “Vila Clotilde” - homenagem a três gerações de mulheres da família, entre elas a bailarina clássica Lya, foi erguida nos anos de 1920 por Oscar Bastian Meyer, um rico proprietário de imóveis e lojas no centro de Porto Alegre. Tempos mais tarde, outras famílias e outras residências de verão marcariam o cenário da Zona Sul. A Morada da Felicidade, de propriedade da família Schmitt, e a Vila Nina, residência de verão dos Luce e dos Bins, são exemplos de condomínios familiares confortáveis, à beira do Guaíba, os quais remetem aos áureos tempos de verão vividos na região e que foram analisados na presente pesquisa.

Com o título “A Tristeza e o veraneio na primeira metade do século XX”, o terceiro capítulo priorizou a história do lazer e do veraneio nas vilas balneárias do bairro Tristeza. A procura pelas praias da Conceição e Assunção e, principalmente, da Pedra Redonda, nos primeiros anos do século XX, intensificada por melhorias urbanísticas implantadas, possibilitou o desenvolvimento de bairros como Ipanema e Tristeza. Nesses locais, desenvolveu-se uma infraestrutura voltada ao turismo e ao lazer, com a construção de hotéis, restaurantes, clubes veranistas e a melhoria nos meios de transporte. A linha do trem, também conhecida por Estrada de Ferro do Riacho, a qual transportava os veranistas do centro até a Zona Sul foi a responsável pelo desenvolvimento da Tristeza e arredores. Da mesma forma, intensificou-se a utilização do lago por meio do transporte fluvial. Vapores como o Guaporé, o Bubi e o Santa Cruz traziam, pelo Guaíba, famílias ricas até a Pedra Redonda. A construção de trapiches pela Intendência Municipal facilitou a chegada desses grupos que vinham em busca de lazer e diversão à beira do Guaíba.

O quarto capítulo traz as histórias da Pedra Redonda identificada na pesquisa como lugar de lazer, de requinte e de descanso. Nas primeiras décadas do século XX, o local conhecido por “Praia Nova”, acolhia visitantes atraídos pelos belos cenários da Zona Sul. A partir da análise de algumas fotografias disponíveis no acervo da Fototeca Sioma Breitman do Museu Joaquim José Felizardo, foi possível identificar esses cenários típicos de praia. Os registros fotográficos são suportes materiais na construção do conhecimento, uma vez que se transformam em um rico acervo, recompondo, assim, parte da história de um lugar. A investigação buscou entender também como eram os costumes da época, tais como: a prática

de banho no lago Guaíba, o lazer das famílias porto-alegrenses e, principalmente, os períodos de férias de grupos que não podiam se deslocar até o litoral gaúcho.

Inspirado nas praias de Buenos Aires e Montevideú surgiu na região o Balneário do espanhol Gaspar Fuster. O espaço de orla explorado por Fuster atraía não só por conta dos aprazíveis cenários, como também pelas festas oferecidas pelo proprietário, as quais eram divulgadas nos jornais e revistas da época. A construção de restaurantes nos balneários também se insere nesse universo de investimentos de alguns empreendedores na Zona Sul. O estabelecimento da família Pabst foi pioneiro na Pedra Redonda. Ele situava-se no final de linha do trem e atraía o porto-alegrense em tempos de férias, calor e recreio.

As novas formas de usufruir o tempo livre, associadas ao conforto proporcionado pelos investimentos no local tornaram o balneário da Pedra Redonda um ponto de encontro e de entretenimento na região. Com direito a hotel, restaurante e cassino, a praia desenvolveu-se, tornando-se o “point” do verão de Porto Alegre. O requinte esteve sempre associado aos usos do local, pois era frequente a presença de uma burguesia ascendente, a qual utilizava o lago para tecer relações sociais e políticas. É desse período a procura por terrenos e mansões à beira do lago, desenvolvendo assim, além da economia local, um espaço de sociabilidades, os quais serviam para o prestígio e o poder dos grupos. A praia funcionava, desta forma, como um espaço de elitização, pois seus ocupantes faziam parte de uma classe privilegiada da sociedade porto-alegrense da época. Paulatinamente, a grande enseada foi se transformando em um espaço de identidade urbana e de contato dos moradores com o Guaíba.

Finalizando este estudo, o quinto capítulo identificou o empreendedorismo de Oswaldo Coufal e de seus sócios na criação do Balneário Ipanema – um loteamento planejado e consolidado nos anos 1930, após ampla divulgação. Utilizando-se de um suposto imaginário ligado à Cidade Maravilhosa no Rio de Janeiro, o loteador denominou as ruas e ao balneário com a mesma nomenclatura daqueles locais cariocas. Coufal tencionava transformar Ipanema em um ponto turístico da capital. O nome Ipanema foi uma homenagem à Copacabana, conhecida praia carioca, local em que costumava passar férias. Com um plano de urbanização que incluía a igreja, as praças e a orla, a remodelação ficou sob responsabilidade de Ubatuba de Faria, conhecido engenheiro e projetista da época. Seguindo todas as normas estéticas de um moderno urbanismo e baseado no conceito de “Cidade-Jardim”, o projeto do novo

balneário traçou ruas, praças e definiu lotes os quais obedeciam a um planejamento moderno e arrojado. O projeto priorizou a preservação das matas, entre elas os majestosos e centenários eucaliptos, os quais se mantiveram na região até meados dos anos 1980.

Assim, considerando-se todos esses aspectos, a história dos primórdios da Zona Sul de Porto Alegre, bem como de seu veraneio nas águas do Guaíba, remetem a um tempo que perfaz mais de duzentos anos, o que atesta uma história de longa duração<sup>38</sup>, a qual merece ser divulgada e, principalmente, preservada. Conforme Sérgio da Costa Franco, “uma cidade só existe, torna-se palpável, adquire densidade humana e espiritual, quando é capaz de resgatar de maneira permanente o seu passado. Sem passado não há história, sem história perde-se a identidade e o futuro”<sup>39</sup>. A história de uma cidade é um verdadeiro legado para as futuras gerações. Importante resgate não só para a comunidade local, como também para os historiadores e pesquisadores. Uma peça que se soma a outra, formando assim um mosaico que constitui a história de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

---

<sup>38</sup> Segundo Fernand Braudel, a história situa-se em três escalões, uma história dos acontecimentos que se insere no tempo curto (concepção positivista); a meia encosta, uma história conjuntural, que segue um ritmo mais lento, em profundidade, uma história estrutural de longa duração, que põe em causa os séculos (BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. Publicações Europa-América. F. Braudel: Os tempos da história, 1990, p. 131).

<sup>39</sup> FRANCO, Sergio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 5.

# 1 OS PRIMÓRDIOS DA ZONA SUL: DA SESMARIA DE DIONÍSIO RODRIGUES MENDES ÀS CHÁCARAS DE ANTIGOS ESTANCIEIROS

## 1.1 DIONÍSIO RODRIGUES MENDES E A SESMARIA DE SÃO GONÇALO

No início do século XIX, as terras onde hoje está a Zona Sul de Porto Alegre faziam parte de uma imensa zona rural da cidade. Originária da primeira sesmaria doada ainda no século XVIII, o local se configurou em grandes extensões de terras, em cujas fazendas se cultivavam arroz, milho, aipim e frutas, além da criação de gado leiteiro. Isso só era possível devido à irrigação pelos arroios Capivara, Cavallhada e Salso, os quais proporcionavam fertilidade à região e, portanto, condições favoráveis para a agricultura e pecuária. Eram os limites dessas terras produtivas e apresentavam águas límpidas e cristalinas, perfeitas para o uso. Assim como eram limpas também as águas do rio, o que motivou, tempos mais tarde, o uso da região para o lazer e o veraneio.

As praias de mar eram ainda de difícil acesso, pela precariedade de vias e meios de locomoção. Veranear em Torres nas primeiras décadas do século significava uma viagem de não menos de uma semana, em que toda a sorte de meios de condução eram empregados (...). As demais praias nem existiam. Por isso havia praticamente duas opções para veraneio das famílias porto-alegrenses: Canoas, com vastas chácaras de figueiras frondosas, acessível por ferrovia com desembarque na estação local, ou por rodovia precária; e a zona sul, mais próxima e onde amenas praias e o encanto da beleza natural cativavam o visitante<sup>40</sup>.

Francisco Riopardense de Macedo, em seus estudos sobre as origens de Porto Alegre, define o desenvolvimento da cidade a partir das áreas vocacionais e o surgimento dos bairros decorrente de uma ordem geográfica, influenciando diretamente na ocupação do solo porto-alegrense:

A linha de elevações, Morro do Osso, tem sido através destes dois séculos, a barreira que impede a urbanização para o lado sul, constituindo verdadeiro divisor dos três setores da população. O primário ocupando o lado meridional e os secundários e terciários estabelecendo-se no norte, com pequeno derrame pelas margens do Guaíba<sup>41</sup>.

Conforme Macedo, os acidentes geográficos, como os morros da Zona Sul, definiram a ocupação e o desenvolvimento econômico da região, ficando o setor primário, agricultura e

<sup>40</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 57.

<sup>41</sup> MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre, história e vida da cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 1973, p. 223.

pecuária, ao sul da cidade. Por isso, a demora no povoamento e no desenvolvimento desses bairros se comparados com os demais da cidade. Daí a origem da primeira atividade econômica nas terras onde hoje se situa a Zona Sul de Porto Alegre: o cultivo de alguns produtos agrícolas e a criação de gado.

Ao sul da linha de elevação Morro do Osso, pelo tipo de ocupação do sítio, nenhuma nucleação de importância ali surgiu e pela barreira topográfica (linha de elevações citada), aquela área foi aproveitada para pequena agricultura e pecuária de pouca importância<sup>42</sup>.

Durante muitos anos prevaleceu, na Zona Sul da cidade, uma economia voltada para as atividades primárias.

Tais lugares, pois, só começam a suplantar suas condições de isolamento em decorrência de suas atividades turísticas. Antes disso, no entanto, fundamentalmente se caracterizavam como fornecedores de produtos hortifrutigranjeiros e de animais de pequeno porte<sup>43</sup>.

Para Walter Spalding, o Rio Grande do Sul era o grande celeiro da América do Sul em gado bovino, e isso representava a maior riqueza da época, atraindo um grande número de tropeiros. “Esse gado bovino, introduzido pelos jesuítas, particularmente pelo padre Cristóvão de Mendoza Orellano, em 1634, era, na realidade orelhano, isto é, sem dono”<sup>44</sup>. Assim, ocupando as terras com tropas de gado e ranchos organizados, os grupos iam ficando e se estabelecendo em terras sob litígio das duas coroas. Na realidade, desde o Tratado de Tordesilhas em 1494, o território gaúcho estava sob domínio espanhol. Contudo, devido ao pouco interesse das coroas pela região, alguns desbravadores portugueses começaram a chegar e se estabelecer, pois era o caminho a ser percorrido para abastecer a Colônia de Sacramento, uma vila portuguesa.

No século XVIII, a Província de São Pedro, como era conhecido o Rio Grande do Sul, sofreu sua primeira divisão, originando as primeiras sesmarias. A grande abundância de gado, requerendo grande extensão de campo para criá-los justificava as concessões de terras aos primeiros sesmeiros. Portugal, pensando em ocupar a região, alvo de disputas entre lusos e castelhanos, resolveu conceder as terras a quem estivesse ocupando-as por um período

<sup>42</sup> MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre, história e vida da cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 1973, p. 223.

<sup>43</sup> FERNANDEZ, Érico Pinheiro. **Zona Sul de Porto Alegre: pensar hoje o que será ontem**. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). **Porto Alegre em destaque: história e cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 260.

<sup>44</sup> SPALDING, Walter. **Pequena história de Porto Alegre**. Porto Alegre: Sulina, 1967, p. 167.

superior a cinco anos e que possuísse casa, criação, plantação e que requeresse a carta de doação. Também deveriam dispor de mão-de-obra para o trabalho, como agregados, escravos ou índios.

O sistema de posse utilizado por Portugal em todas as suas colônias, incluindo o Brasil, consistia em dividir a terra em lotes e distribuí-los a particulares. Para Moacyr Flores, “a sesmaria era uma área de terra devoluta, com mais ou menos três léguas de comprimento por uma de largura, ou 18 km por 6 km de largura”<sup>45</sup>. No Rio Grande do Sul, o regime de glebas teve início no século XVIII e tinha por objetivo a política expansionista portuguesa, a qual pretendia estabelecer uma ligação terrestre permanente com a Colônia de Sacramento e ocupar as terras que por direito pertenciam à Espanha. Inicialmente, esses lotes de terras eram concedidos aos tropeiros que se deslocavam pelo estado em busca do gado selvagem. Mais tarde, elas foram oferecidas aos militares como uma forma de recompensa pelos serviços prestados à Coroa, e logo após eram dadas àqueles que possuíssem, além do interesse de ocupar a região, recursos suficientes para manter tal assentamento.

Conforme Guilhermino Cesar, “as sesmarias concedidas multiplicavam-se assombrosa e desordenadamente, a capitania foi retalhada em propriedades extensas”<sup>46</sup>. Nos campos de Viamão se instalaram os primeiros sesmeiros, e a vida começava a organizar-se em torno das estâncias, símbolo do gaúcho e do estado. Eram grandes concentrações de terras nas mãos de poucos formando uma aristocracia pastoril, a qual tinha por objetivo, o desenvolvimento da agricultura, da pecuária, a povoação e a defesa do território. Nos últimos decênios do século XVIII, e ainda no início do seguinte, a regra geral era o latifúndio, por força do qual se modelou o patriciado gaúcho, matriz dos chefes de clãs rurais. E será a partir desse patriciado existente no Estado que sairão os futuros dirigentes, homens de prestígio que terão projeção política no período da Revolução Farroupilha.

Na região que corresponde atualmente à cidade de Porto Alegre foram doadas três sesmarias: a Jerônimo de Ornellas, a Sebastião Francisco Chaves e a Dionísio Rodrigues Mendes. É importante que se diga que foi na Estância de Sant’Ana, de Jerônimo de Ornellas,

---

<sup>45</sup> FLORES, Moacyr. **Origem e fundação de Porto Alegre**. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). **Porto Alegre em destaque: história e cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 13.

<sup>46</sup> CESAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul: período colonial**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002, p. 207.

que começou, efetivamente, a capital dos gaúchos. Compreendendo os atuais bairros do Centro, Cidade Baixa, Bom Fim, Floresta, Navegantes, Independência e Moinhos de Vento, as terras de Jerônimo de Ornellas foi o local onde teve início o primeiro núcleo a partir de uma pequena povoação. A sesmaria de Sebastião Francisco Chaves ficava ao sul das terras de Jerônimo de Ornellas, limites com o Arroio Dilúvio. As terras desse sesmeiro abrangiam os atuais bairros Teresópolis, Santa Teresa, Cristal, Partenon, Azenha, Menino Deus, Santana, Medianeira, Glória e Praia de Belas (Figura 1). E por fim, a sesmaria que coube a Dionísio Rodrigues Mendes, foi a que mais lentamente se desenvolveu. Limítrofes com a sesmaria de Sebastião Chaves, as terras de Dionísio compreendiam os atuais bairros da Zona Sul da cidade, tema central dessa pesquisa.

Na primeira divisão territorial de Porto Alegre, foram feitas três fazendas. A de Dionísio Rodrigues Mendes tinha sede no Morro São Gonçalo, em Belém Velho. A fazenda estendia-se do arroio da Cavalhada até o arroio da Gabiroba ou do Salso, nas proximidades da Ponta Grossa, abrangendo a zona balneária sul de Porto Alegre. Em 1799, seu filho André Bernardes Rangel mandou medir a fazenda e, em 1801, conseguiu o título de sesmaria. O filho mais velho de Dionísio, Manoel Rodrigues Rangel, não teve descendência. André fixou residência em Ipanema, seus filhos e genros fixaram-se em toda sua fazenda, sem demarcarem limites de área. Sua esposa falecera em 1823 e André, em 1826. Seus filhos e genros entraram em luta judicial. As terras de André abrangiam os atuais bairros: Vila Assunção, Tristeza, Vila Conceição, Pedra Redonda, Ipanema, Cavalhada e parte da Vila Nova<sup>47</sup>.

Para Hilda Flores, Dionísio teria ocupado a região alguns anos após os outros sesmeiros. “Provavelmente veio à Belém (Velho), sede de sua fazenda, só no ano de 1735, ou após”<sup>48</sup>. É importante destacar que Dionísio também construiu charqueadas (exploração de carnes e couros) nos bairros Cristal e Vila Assunção, daí o nome do local de Ponta do Dionísio, na Assunção, porto de onde saíam as embarcações que navegavam no Guaíba. As charqueadas que ficavam nas terras desse sesmeiro, ajudaram a desenvolver a região. Sobre esse assunto, relata Archymedes Fortini ao retratar povoadores perpetuados pelo nome:

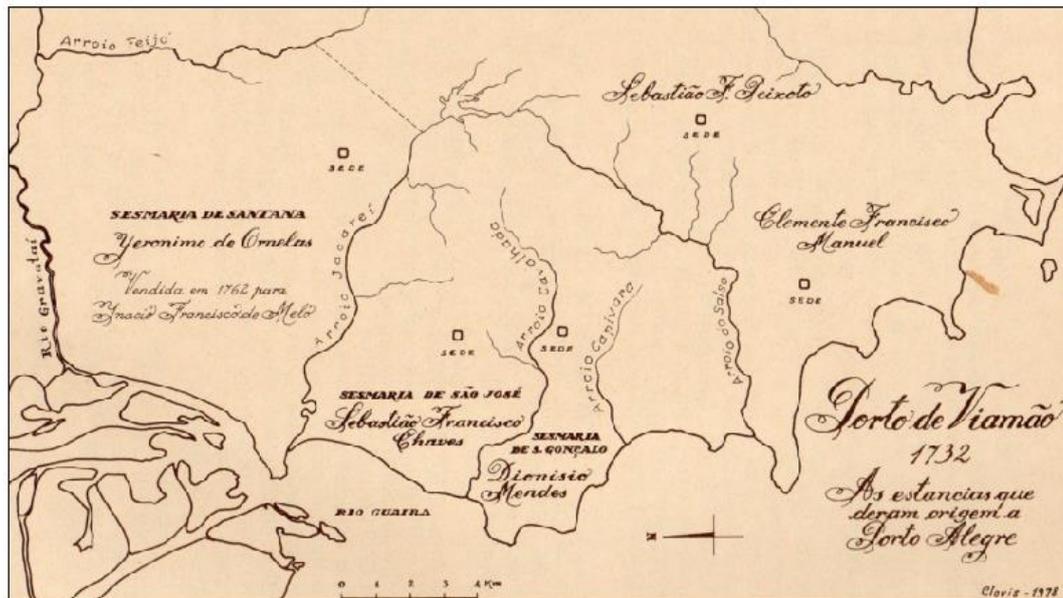
Os nomes de alguns deles vieram refletir-se na própria geografia local, como o de Dionísio Rodrigues Mendes, que foi um dos arrojados companheiros de empresa de João Magalhães, genro de Francisco Brito. Teve ele seu nome perpetuado na península que, no Guaíba, se chama, “Ponta do Dionísio” e é constituída pela extremidade mais distante de sua estância, em Belém Velho<sup>49</sup>.

<sup>47</sup> PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Editora do Autor, 1996, v. 2, p. 90.

<sup>48</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 15.

<sup>49</sup> FORTINI, Archymedes. **Porto Alegre através dos tempos**. Porto Alegre: Divisão de Cultura, 1962, p. 25.

Figura 1 - Mapa das sesmarias que deram origem a cidade de Porto Alegre



Fonte: OLIVEIRA, C. S. **Porto Alegre. A cidade e sua formação**. Metrópole, 1993, p. 35.

No final do século XVIII, quando Porto Alegre foi loteada e urbanizada, o local, hoje compreendendo a Vila Assunção, pertencia a um dos filhos de Dionísio, André Bernardes Rangel, que, no entanto, residia em Ipanema. A partir de 1830, a charqueada da Vila Assunção foi explorada por André. Os produtos dessa atividade eram enviados à cidade, partindo do porto da Ponta do Dionísio. Tempos mais tarde, André tentou legalizar as terras deixadas por seu pai, mas não obteve sucesso.

Nesse período residia em Ipanema, nas proximidades da AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil) Bernardino José Sanhudo, cujas terras se estendiam desde a Pedra Redonda até Ipanema. Também era morador nesse período, o Capitão Alexandre Bernardes. As terras deste compreendiam a região onde está a Avenida Cavallhada, finalizando nas proximidades do Arroio Capivara e fronteira às terras de Juca Batista. O local era conhecido por Lomba do Capitão Alexandre. Neste local havia uma olaria, cujos tijolos eram embarcados no rio Guaíba e transportados até o centro da cidade<sup>50</sup>.

Conforme Hilda Flores, não é fácil saber como se desenvolveram, exatamente, as fazendas daquela época, pois a documentação é escassa. Porém, é certo que as terras dos primeiros sesmeiros eram destinadas à criação, maneira eficiente para ocupar efetivamente o território do Rio Grande de São Pedro. E era isso que queria a coroa portuguesa, em função de sua política expansionista. “A estância de criar foi a célula-máter da vida social e política do

<sup>50</sup> LORENZATTO, Padre Antônio. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 12 abr. 2011. [Primeiro pároco do Santuário de Nossa Senhora Aparecida em Ipanema, de 01 de fevereiro de 1959 a 31 de dezembro de 1968].

Rio Grande do Sul”<sup>51</sup>. O estancieiro era uma espécie de senhor feudal nos campos da Capitania de São Pedro, onde a criação de gado significou uma das mais importantes fontes da economia do estado. O produto da atividade pecuária era destinado, principalmente às charqueadas que floresceram em diversos locais do Rio Grande do Sul. Esse é o caso da charqueada do Morro do Cristal, situada dentro da sesmaria de Dionísio Rodrigues Mendes.

Para Érico Pinheiro Fernandez, “o assentamento dos sesmeiros na região de Porto Alegre, assim como o trabalho daqueles que os sucederam, pode ser dividido em duas fases distintas: uma de ocupação e a outra de povoamento propriamente dito”<sup>52</sup>. Conforme esse autor, a primeira fase se caracterizou pelo desenvolvimento de atividades agropastoris, com tarefas essencialmente ligadas a terra. Nesse período, a região sul da cidade configurou-se por grandes vazios ou imensas estâncias de produção agropecuária como é o caso da fazenda de Dionísio Rodrigues Mendes. Com o propósito de ilustrar essa dicotomia ocupação/povoamento, Érico Pinheiro Fernandez, por meio da pesquisa no Arquivo Histórico do Estado, recupera informações sobre a grande fazenda de Dionísio:

Possui um campo, e sua fazenda que está estabelecido há 50 anos, por ser um dos primeiros povoadores de Viamão, cujo campo terá pouco mais ou menos duas léguas de extensão, e tem em sua companhia alguns filhos, e genros agregados, que todos vivem da lavoura e criação de animais. Possui 300 cabeças de gado, 6 bois, 12 cavalos, 100 éguas e 25 potros<sup>53</sup>.

A partir de informações do próprio sesmeiro, obtidas no recenseamento de 1785, a historiadora Hilda Flores tece a seguinte observação:

A casa senhorial, erguida com tijolos fabricados em olaria própria, paredes grossas com poucas aberturas, no estilo da arquitetura colonial açoriana; acomodações para os escravos, que todo o sesmeiro possuía para o serviço de lavoura e pastagem de animais, ranchos, currais, olarias. Além dos escravos de origem africana que os fazendeiros em geral possuíam, na de Dionísio havia também índias administradas, que se ocupavam com o serviço doméstico<sup>54</sup>.

<sup>51</sup> SPALDING, Walter. **Pequena história de Porto Alegre**. Porto Alegre: Sulina, 1967, p. 22.

<sup>52</sup> FERNANDEZ, Érico Pinheiro. **Zona Sul de Porto Alegre: pensar hoje o que será ontem**. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). **Porto Alegre em destaque: história e cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 252.

<sup>53</sup> Documento do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e Arquivo Histórico do Estado, citado por Rubem Neis no **Zero Hora**, Porto Alegre, 12 jun. 1989. p. 33. (FERNANDEZ, E. P. **Zona Sul de Porto Alegre: pensar hoje o que será ontem**. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). **Porto Alegre em destaque: história e cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 253).

<sup>54</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 16.

A sesmaria de Dionísio Rodrigues Mendes delimitava-se a oeste pela costa do Guaíba, a leste por Belém Velho, ao norte pelo Arroio do Salso e ao sul pelo Arroio Cavalhada – limites com a sesmaria de Sebastião Chaves. Eram terras que abrangiam grandes extensões, incluindo áreas de encostas de morros, Mata Atlântica, campos, arroios e a orla do Guaíba. Porém, desconhecendo o valor de tanta terra, Dionísio nunca formalizou a posse de suas propriedades, como era de hábito naqueles tempos. Por muitos anos, conservou as terras, sem venda e sem partilha oficial. Apenas um lote de sua vasta propriedade teve de ser desapropriada por determinação real, conforme explica Hilda Agnes Hubner Flores:

Apenas à época da formação do primeiro loteamento de Porto Alegre mandado proceder por determinação de José Marcelino de Figueiredo em 1772, Dionísio teve permutada por outra, uma área situada próximo ao arroio Cavalhada, no bairro do mesmo nome, para servir de Fazenda Real. Da guarda de bois e cavalos do serviço real da mesma vila que pelo seu uso ficaram denominando o Campo da Cavalhada<sup>55</sup>.

Com o passar dos anos, as terras de Dionísio foram ocupadas por herdeiros, todos explorando a lavoura e a criação de gado. E isso se estendeu até a data da morte do sesmeiro em 1791 e de sua esposa, Beatriz Barbosa Rangel em 1794. Assim, as terras deixadas por Dionísio perpetuaram-se em seus filhos, genros e netos, como é o caso de André Bernardes Rangel, filho de Dionísio e, de José da Silva Guimarães Tristeza, cuja esposa era neta do grande sesmeiro. As terras de André originaram os atuais bairros Ipanema, Pedra Redonda e Jardim Isabel, e as de José da Silva, os bairros Vila Conceição, Vila Assunção e Tristeza.

Em 1826 faleceram sogro e genro, ou seja, André Bernardes Rangel e José da Silva Guimarães Tristeza. Parte de suas terras, aquelas correspondentes ao centro do bairro Tristeza, foram compradas por Manoel José Sanhudo, tio dos menores órfãos, e que já possuía, por herança, uma gleba de terras ao sul das de Guimarães Tristeza. Com o falecimento de Sanhudo em 1854, as terras que englobam o centro do bairro Tristeza, passaram por herança aos filhos<sup>56</sup>.

O problema da falta de registro oficial das terras se agravou, gerando ações na Justiça, o que provocou a medição das propriedades. O fato legou à história um mapa que data de 1833 (Figura 2). Nele é possível identificar as poucas fazendas na região, entre elas as de André Bernardes Rangel e de José da Silva Guimarães Tristeza. “Em toda a área praieira

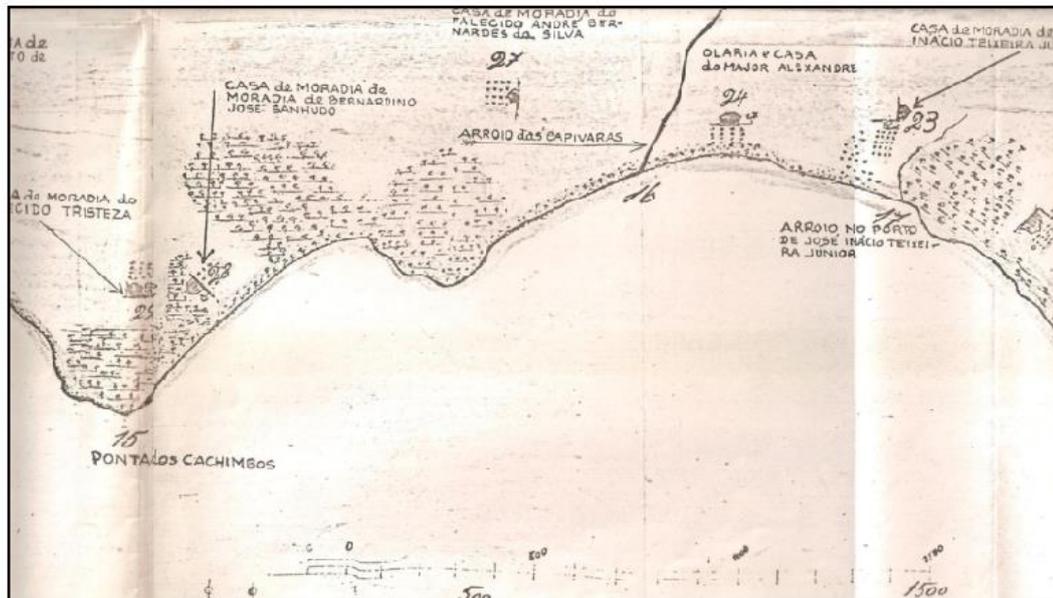
---

<sup>55</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>56</sup> Idem, p. 20.

havia em 1833 apenas 14 residências, ou seja, 14 pequenos núcleos humanos, contando, cada um com moradia dos filhos e descendentes de André Bernardes Rangel”<sup>57</sup>.

Figura 2 – Mapa da Zona Sul de Porto Alegre/1833 – parte III<sup>58</sup>



Fonte: Acervo da Família Dreher.

A seguir, a história dos primórdios do bairro Tristeza e do primeiro povoador que daria nome à região: José da Silva Guimarães Tristeza.

## 1.2 JOSÉ DA SILVA GUIMARÃES TRISTEZA

O bairro Tristeza, assim como os demais bairros analisados nesta pesquisa, pertence, atualmente, a denominada Região Geral de Planejamento Seis<sup>59</sup>. Esta macro-zona é caracterizada como uma região predominantemente residencial, estruturada com baixas densidades populacionais e integrada à paisagem natural. A zona apresenta como referências,

<sup>57</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 27.

<sup>58</sup> O mapa da Zona Balneária Sul de Porto Alegre compõem-se de sete partes iguais onde podem ser visualizados diferentes cenários deste a Ponta da Serraria até os limites norte da sesmaria no atual bairro Cristal. Faz parte do acervo particular da Família Dreher. No mapa III é possível identificar as duas enseadas (Ipanema e Pedra Redonda) que recortam o cenário da orla sul da cidade.

<sup>59</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Secretaria do Planejamento Municipal. **Regiões de Planejamento e Macrozonas com bairros vigentes**. Disponível em: <[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu\\_doc/regpla+macroz+bairros\\_vig.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/regpla+macroz+bairros_vig.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2013.

o Parque Natural do Morro do Osso e o Lago Guaíba, os quais definiram a região como “Cidade Jardim”<sup>60</sup>.

Entre os bairros praianos da Zona Sul, a Tristeza foi o primeiro que surgiu, ainda no século XIX. Era um arrabalde que abrangia uma área maior do que a atual, pois incluía os atuais bairros Vila Conceição, Vila Assunção e Pedra Redonda. Com a chegada dos primeiros colonos italianos e alemães à região, tem-se um desenvolvimento econômico, motivado principalmente pela agricultura e pelos serviços associados ao veraneio.

Em 1904, o viajante Vittorio Buccelli, responsável por relatar ao governo da Itália aspectos pitorescos e exóticos do Brasil, identifica alguns cenários da Zona Sul de Porto Alegre, entre eles os do bairro Tristeza. Na busca por estreitar os laços comerciais entre o Brasil e a Itália, intensificando assim a imigração, o viajante, por meio de uma literatura de viagem, recupera informações importantes do antigo arraial com suas casas típicas de veraneio à beira rio - um local de lazer e de descanso<sup>61</sup>. “Mais adiante, sempre à direita, destaca-se um grupo de casinhas alegres, numa praia encantadora e sorridente, que por uma estranha antítese chama-se Tristeza”<sup>62</sup>. Vittorio Buccelli define a Tristeza como um local de férias, para onde migram, todos os anos, muitas famílias porto-alegrenses. Assim, apesar do nome melancólico, a Tristeza passou a significar alegria e recreação, transformando-se na primeira estação de veraneio dos porto-alegrenses, local onde famílias mantinham suas chácaras e moradias de verão à beira rio (Figura 3).

O que efetivamente encantava, por uma série de lindas atrações, comodidade de locomoção e proximidade da cidade era Tristeza, arrabalde situado em grande parte à beira-rio com espesso arvoredo e suas casas típicas de moradores permanentes e outras residências de famílias da capital. O rio, deslizando sereno e dominador, decorava as casas residenciais cheias de vida<sup>63</sup>.

<sup>60</sup> O conceito de Cidade Jardim foi proposto no final do século XIX. O objetivo era unir os aspectos de cidade (empregos e infra-estrutura) com os do campo (natureza e o ar mais puro). Desta forma, a cidade atrairia a população a residir nestes locais mais campestres, como o bairro Tristeza.

<sup>61</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **Um viajante italiano e seu olhar sobre a Zona Sul de Porto Alegre na primeira metade do século XX**. Artigo elaborado para a disciplina "Sociedade, Urbanização e Imigração V" do Curso de Pós-Graduação da PUCRS, ministrada pela professora Dra. Núncia Constantino. Porto Alegre, I/2012.

<sup>62</sup> BUCCELLI, Vittorio. **Un viaggio a Rio Grande del Sud**. Milão: Officine Cromo – Tipografiche L. P. Pallestrini & C, 1906, p. 58.

<sup>63</sup> SANMARTIN, Olyntho. **Um ciclo de cultural social**. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 43.

Figura 3 - Praia da Tristeza/1900



Fonte: Museu Joaquim José Felizardo. Fotógrafo Lunara. Fototeca Sioma Breitman.

Entretanto, é importante ressaltar que antes do bairro Tristeza viver esse período de desenvolvimento relacionado às atividades de lazer, a região foi habitada por grupos descendentes do primeiro sesmeiro, já citado. Posteriormente, a região foi, gradativamente, sendo povoada por famílias oriundas de colonos italianos e alemães. Eram grupos que desenvolveram, especialmente, atividades agrícolas nas terras deixadas por Dionísio.

Esse lugar, como ponto de parada dos tropeiros que vinham de Itapuã, já era conhecido de longos tempos. Havia duas ou três casas à beira da estrada velha. Lá por 1875, à margem da praia, já contava de seis a oito casas, longe uma das outras. Entre os moradores, havia um cidadão chamado José da Silva Guimarães. Quando conversava sobre qualquer coisa, sempre dizia: - É uma tristeza!<sup>64</sup>

José da Silva Guimarães, mais conhecido por Juca Tristeza, fixou moradia na área onde hoje se encontra o bairro Vila Conceição. Instalou-se, com sua família em uma área que logo se consolidou em uma estância. No local, precisamente no alto do morro da Conceição, residiu durante muitos anos. O chacareiro era genro de André Bernardes Rangel, primogênito de Dionísio, e foi a partir desse parentesco que pode herdar e multiplicar as terras que iam desde a Ponta dos Cachimbos, fronteira com a Pedra Redonda até a Estrada da Cavalhada, englobando todo o atual bairro da Tristeza. A área em torno da chácara se caracterizou por campos, matos e pelas praias desertas do Guaíba.

<sup>64</sup> PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p. 9.

O que outrora se entendia por Tristeza era um arrabalde de maior extensão, pois incluía os bairros de Vila Conceição e Vila Assunção. O próprio povoador que deu nome ao bairro, José da Silva Guimarães Tristeza, tinha a sede de seu sítio na hodierna Vila Conceição, próximo à Rua Nossa Senhora Aparecida, segundo apurou em minucioso estudo o Monsenhor Ruben Neis<sup>65</sup>.

Hilda Flores analisa o surgimento do bairro Tristeza a partir dos estudos do padre Ruben Neis<sup>66</sup>:

André morava em Ipanema e José da Silva Guimarães Tristeza, seu genro, na Vila Conceição, onde construiu a sede das suas terras na parte quase mais elevada da colina, nas adjacências da atual Rua Nossa Senhora Aparecida, onde é hoje a residência de Mario Martinez. O progenitor deste, Antônio Monteiro Martinez aproveitou velhos alicerces existentes no terreno<sup>67</sup>.

Uma das versões mais aceitas a respeito da origem do nome “Tristeza” para o bairro, encontra-se nos estudos desse padre. Para ele, José da Silva Guimarães tornou-se conhecido pelo apelido de Juca Tristeza pelo fato de ter perdido os dois filhos mais velhos do sexo masculino, ainda pequenos. A partir de então, seguiu vivendo em melancolia. Quando nasceu o terceiro filho, em 1817, uma menina, ele registrou-a com o nome de Senhorinha Tristeza. A partir daí, todos ficaram conhecidos como a “Família de Tristeza”, a qual passou a usar o nome Tristeza em documentos oficiais, como registros de identidade. Para Flores “é lícito supor que a perda de seus dois primeiros filhos varões o deixou tristonho, fato que o espírito popular registrou, e que nem mesmo o nascimento de uma filha mulher pode curar”<sup>68</sup>.

Com o falecimento de José Guimarães Tristeza, em 1826, a fazenda passou a ser conhecida por “A Chácara do Finado Tristeza”, denominação que perdurou por várias gerações. As terras trocaram de dono logo após a morte de Tristeza, passando para Manoel José Sanhudo, seu cunhado. “As terras de Guimarães Tristeza passaram às mãos de seu cunhado e aos filhos deste, recebendo povoamento mais intensivo a partir do último quartel do século XIX”<sup>69</sup>. Os descendentes de Sanhudo prosseguiram no ramo pecuarista e agrícola na região. Na árvore genealógica de Manoel José Sanhudo, disponibilizada na Internet, consta como sendo filho de André Bernardes Rangel, porém o fato carece de comprovação.

<sup>65</sup> FRANCO, Sergio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 407.

<sup>66</sup> O Padre Celestino Ruben Neis nasceu na cidade de Bom Princípio em 1925. Foi ordenado sacerdote do Clero Regular em 1949. Como diretor do Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre empreendeu pesquisas nos registros civis (nascimentos, casamentos e óbitos) e testamentos. Como historiador e genealogista, ingressou no Instituto Histórico e Geográfico do RS em 1972 (MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 378).

<sup>67</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 26.

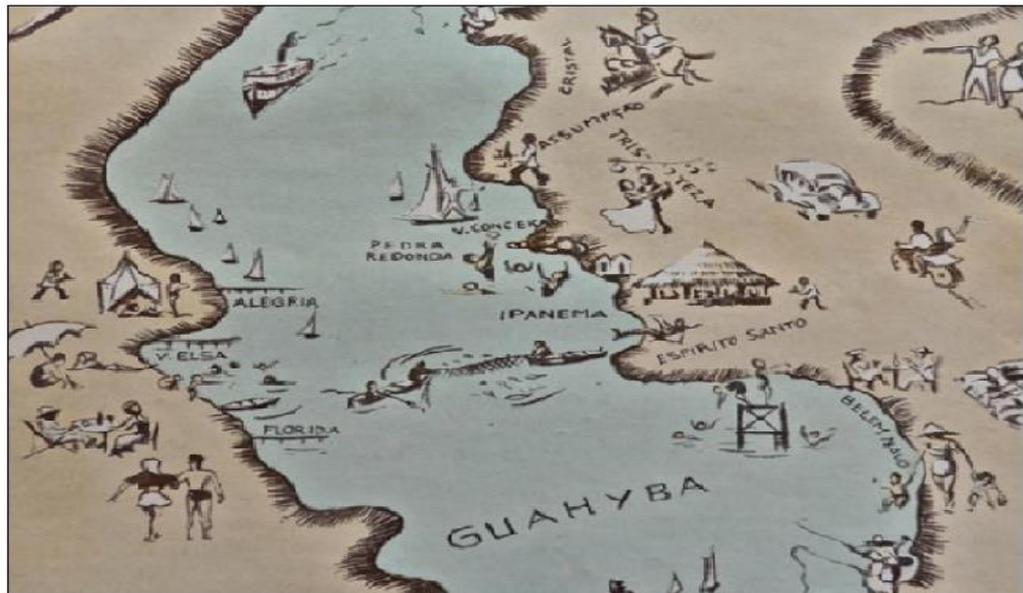
<sup>68</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 27.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 27.

Em 1876, Sanhudo vendeu a fazenda para Guilherme Ferreira de Abreu Filho. Eram terras que iam desde o Lago Guaíba até a Estrada da Cavalhada. Em 1895, o local foi transformado na residência dos padres palotinos, os quais vieram com o propósito de dar atendimento aos imigrantes italianos – os primeiros colonos da Tristeza. Os padres compraram a chácara e fixaram ali residência e capela. No ano de 1923, os palotinos venderam as terras para Antônio Monteiro Martinez, e foi ele que, em 1930, em homenagem a sua esposa, Zulmira Martins Martinez, devota de Nossa Senhora da Conceição, idealizou e criou o loteamento Vila Conceição. Os primeiros lotes foram vendidos a grupos de origem alemã, atraídos, principalmente, pela proximidade com o lago, viabilizando assim, a prática de esportes náuticos e os banhos no Guaíba. Desta forma, as terras que outrora se configuraram como de cultivo de hortifrutigranjeiros e criação de animais, transformaram-se em confortáveis propriedades para uso do lazer e descanso de famílias alemãs.

Na bonita ilustração de Martha Wagner Schidrowitz<sup>70</sup> (figura 4) observam-se alguns balneários do Guaíba e suas muitas possibilidades de diversão, como a pesca, a prática de esportes náuticos e os banhos nas águas limpas do lago.

Figura 4 – Praias do Guaíba

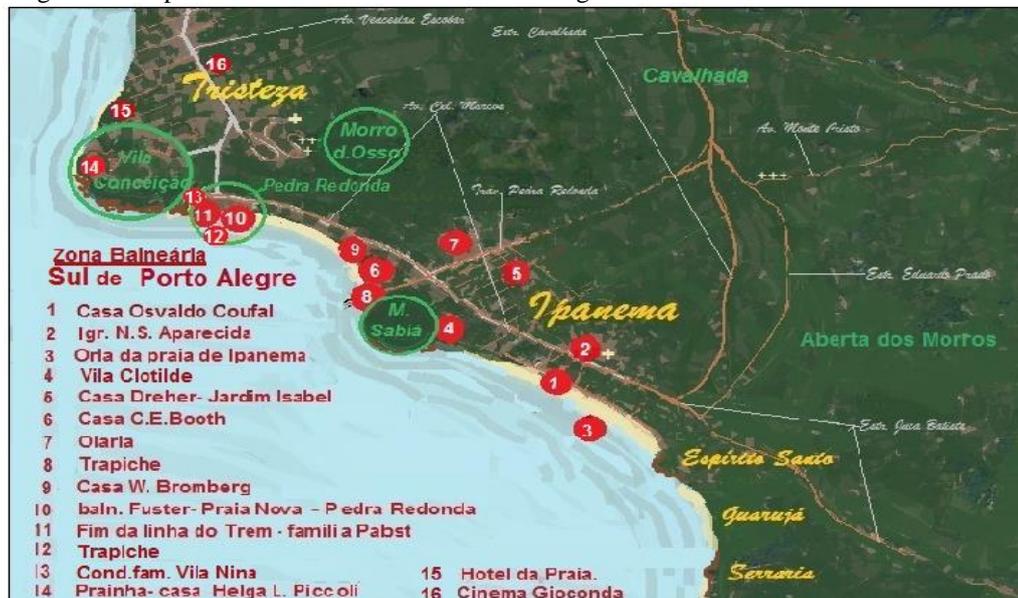


Fonte: Ilustração de Martha W. Schidrowitz.

<sup>70</sup> **Rio Grande do Sul: imagem da terra gaúcha.** Obra organizada por Norency do Couto e Silva, Arthur Porto Pires e Leo Jeronimo Schidrowitz. 1942. Editora Cosmos, Porto Alegre.

No mapa da zona balneária de Porto Alegre (Figura 5), ilustrado pela artista plástica Rita Brugger, estão identificadas as principais praias da orla sul do Guaíba, entre elas, Ipanema, Pedra Redonda, Vila Conceição, Tristeza e Vila Assunção. Além dos balneários, a ilustração mostra também algumas residências de verão, os condomínios familiares, os trapiches, o Hotel da Praia, o final de linha do trem (o Trenzinho da Tristeza), a igreja de Ipanema, a olaria do Comandante Booth, o Cine Gioconda, todos analisados em diferentes capítulos desta dissertação. É pertinente salientar que a partir do final do século XIX, nas terras de Juca Tristeza, se desenvolveram os balneários da Pedra Redonda, da Vila Conceição, da Assunção e Tristeza, e na fazenda de Juca Batista, um pouco mais tarde, surgiu o balneário Ipanema. A seguir, as histórias de João Batista de Magalhães, o Juca Batista.

Figura 5 - Mapa da Zona Balneária Sul de Porto Alegre



Fonte: Ilustração de Rita Bromberg Brugger, 2013.

### 1.3 O PASSO DO CAPIVARA: A GRANDE FAZENDA DE JUCA BATISTA

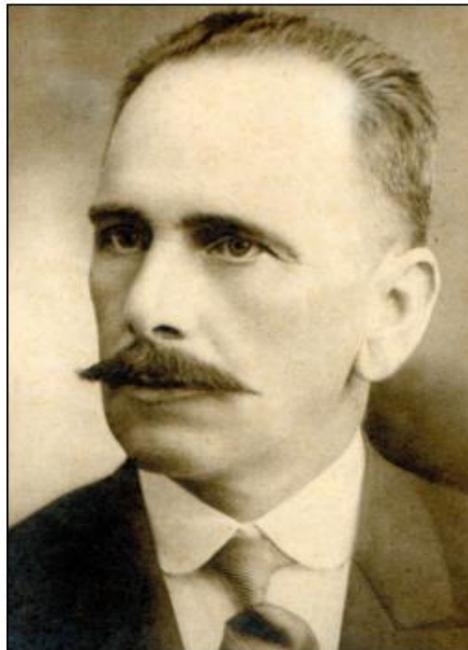
Durante muitos anos, o Capivara, arroio que cortava a sesmaria de Dionísio Rodrigues Mendes, serviu como demarcador das terras dos primeiros estancieiros. As águas do arroio faziam fronteira entre as escassas fazendas e o Guaíba. Dizem os mais antigos que o nome deriva do fato de existirem na região muitas capivaras, animal típico do sul do Brasil, cujo habitat são as proximidades dos rios e arroios. O fato é que o arroio Capivara serviu, durante muitos anos, à população local, ajudando a desenvolver a economia da zona sul da cidade. As águas,

provenientes de fontes da Vila Nova e Belém Velho, eram utilizadas para irrigar a plantação e dar de beber ao gado leiteiro. Entre essas poucas fazendas existentes no local, encontrava-se a gleba de João Batista de Magalhães, mais conhecido por Juca Batista. Situada onde é hoje o bairro Ipanema, a chácara de Juca Batista foi símbolo de prosperidade e opulência na região.

De origem portuguesa, Juca Batista tornou-se um próspero comerciante na Zona Sul. Juntamente com sua esposa, Otília Flores de Magalhães, Batista empreendeu nas terras deixadas por seu pai, cerca de 80 hectares, um império fundamentado no trabalho e na ajuda ao próximo<sup>71</sup>. Era a vida organizando-se em torno das estâncias, símbolo do gaúcho e do Estado.

Adorador dos naturais matos existente entre os morros, ele dedicava-se ao cultivo de árvores frutíferas, plantava roças das mais diversas culturas e tinha tambo de leite, garantindo o sustento da família e de seus funcionários que lá residiam, assim como o dos contratados pelas imediações<sup>72</sup>.

Figura 6 - Juca Batista



Fonte: Acervo da Família Magalhães.

---

<sup>71</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **O empreendedorismo de Juca Batista**. Zero Hora, Porto Alegre, Caderno Zona Sul, 13 jul. 2012. p. 6. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zonzonasul/2012/07/04/o-empreendedorismo-de-juca-batista/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 01 jan. 2014.

<sup>72</sup> JUCA BATISTA, **uma vida de doação**. Jornal CS Zona Sul, 1 quinz. abr. 1997. p. 5.

Nascido em 29 de setembro de 1870 em Belém Velho, Juca soube aproveitar a prodigiosa natureza da região, desenvolvendo a plantação de árvores frutíferas e a criação de gado leiteiro. A extensão de suas terras abrangia desde o Belém Velho até o atual bairro Ipanema. Sua residência ficava nas imediações da avenida que hoje leva seu nome, estrada que, no passado, apesar do chão batido, era a única possibilidade de deslocamento entre o centro e a zona sul da cidade. O asfalto só viria bem mais tarde, na década de 1930, uma iniciativa do então vereador Flores da Cunha, na época, padrinho de Juca. Também eram limites de suas terras, a Lomba do Capitão Alexandre, atualmente conhecida por estrada da Cavalhada e as terras de Bernardo Dreher, onde hoje está a Pedra Redonda, o Jardim Isabel e o Morro do Osso.

Por muitos anos, Juca Batista empreendeu ações em prol da comunidade carente, tanto de sua região como nas vizinhanças. Deslocando-se, de barco, pelo rio, fornecia produtos oriundos de sua fazenda a outras regiões da cidade. Em 1896, presenteou aos pioneiros colonos italianos da Vila Nova com as primeiras mudas de árvores frutíferas e verduras. Também ajudava a manter, por meio de um trabalho social, algumas instituições de caridade, entre elas a Santa Casa de Misericórdia, o Pão dos Pobres e o Asilo Padre Cacique, desenvolvendo assim, seu lado filantrópico. Em plena Segunda Guerra Mundial, diante da crise e do racionamento de alimentos, Juca Batista entregava ranchos aos pobres das vizinhanças. Em 1917, teria recebido do exército brasileiro uma faca de ouro gravada com agradecimentos. Na ocasião, Juca permitiu a utilização da beira do rio<sup>73</sup>, parte integrante de sua propriedade, para os soldados em treinamento militar.

Juca Batista foi ainda fundador da primeira casa comercial no bairro, a “Ferragem Juca Batista”, possibilitando aos moradores locais o acesso a diversificados produtos. Inaugurada em 1878, a antiga casa de campanha era o local onde se podia comprar de tudo: desde o alfinete até alimentos perecíveis como açúcar e o café. Era um estabelecimento típico de “secos e molhados”, onde a população local recorria sempre que necessitava. “Juca Batista doou uma parte de suas terras para a construção do cemitério da Vila Nova”<sup>74</sup>. Anos mais tarde, ele cedeu outro lote para edificação da escola hoje denominada Escola Estadual Odila Gay da Fonseca em Ipanema.

---

<sup>73</sup> Anos depois, na beira da praia, as terras de Juca Batista transformaram-se no Balneário Juca Batista.

<sup>74</sup> MAGALHÃES, Teresa Terra. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 10 jul. 2012. Porto Alegre [Teresa foi casada com Walter Magalhães (já falecido) neto de Juca Batista].

Figura 7 - Família de Juca Batista



Fonte: Acervo da Família Magalhães.

Hoje, o nome de Juca Batista é lembrado em avenida e linha de ônibus que liga Ipanema ao centro de Porto Alegre, uma forma de homenagear aquele que foi um dos primeiros empreendedores da região.

A seguir as histórias do Comendador Castro e de seu casarão de lazer erguido nas terras de Juca Batista.

### 1.3.1 A Chácara do Comendador

No final do século XIX, como em todos os grandes centros, nota-se uma tendência por parte da população mais abastada em habitar certos bairros considerados mais aristocráticos. Em Porto Alegre, isso não foi diferente, e os bairros escolhidos foram o Menino Deus e a Independência. O bairro Independência se configurava, na ocasião, como um prolongamento da artéria principal, a Rua da Praia, e o Menino Deus, embora mais afastado, também atraía devido à proximidade com o Guaíba. Eram arrabaldes que chamavam a atenção pelas sofisticadas construções residenciais onde residia uma aristocracia originária do alto comércio, das finanças e da indústria gaúcha<sup>75</sup>.

<sup>75</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **A Chácara do Comendador Castro**. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 9, n. 283, 29 nov. 2013. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/11/29/a-chacara-do-comendador/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 31 dez. 2013. (Ver ANEXO A).

Figura 8 - Residência do Comendador no bairro Menino Deus/1900



Fonte: Acervo de João Lydio de Castro.

Essa mesma elite residente, nos meses de janeiro e fevereiro, devido ao forte calor, mudava-se para outro espaço da cidade, a Zona Sul, local onde possuíam confortáveis vivendas de verão à beira rio. Naqueles tempos, as águas limpas do Guaíba e a natureza bastante preservada atraíam a população da “urbe”. Entre as finas residências, uma chamava a atenção da população local: o casarão de Antônio Francisco de Castro, mais conhecido por Comendador Castro, situado hoje na rua do mesmo nome no bairro Ipanema.

Nascido em Portugal em 1872, Castro veio ainda moço para o Brasil a fim de dedicar-se ao comércio. Tinha apenas doze anos de idade quando chegou ao Estado. Durante anos, trabalhou muito, adquirindo a prática necessária para empreender o seu próprio negócio. Com o passar do tempo, tornou-se um dos grandes proprietários de imóveis em Porto Alegre. A atividade comercial principiou com uma firma de exportação e importação. Depois, Castro diversificou seus negócios adquirindo armazéns de Secos e Molhados no centro da cidade, bem como de um trapiche na beira do Guaíba. Na virada do século, já era um dos homens mais ricos da cidade. Foi diretor do Banco da Província do Estado do Rio Grande do Sul e presidente da Beneficência Portuguesa em dois momentos (1907 e 1924). Além disso, ele exerceu, por muitos anos, o cargo de Cônsul de Portugal no Estado, por isso seu título de Comendador. Em 1891 casou-se com Cecília Vasconcellos de Castro. Desse enlace matrimonial resultaram sete filhos: dois homens e cinco mulheres.

Conforme seu neto, João Lydio do Castro, o comendador comprou, ainda no século XIX, as terras em Ipanema, local conhecido por Passo do Capivara – onde ficava a grande fazenda de Juca Batista. A busca por ares mais saudáveis levou-o a compra da chácara, local onde construiu sua residência de veraneio, um casarão à beira rio, disponibilizando, assim, um amplo e confortável espaço destinado ao lazer e ao descanso da família.

O vovô comprou a chácara para o lazer mesmo. Ele tinha muito dinheiro. Era para o verão e férias. Quase sempre para os fins de semana. Quando chegava janeiro e fevereiro a gente ia prá lá. Eu tomei muito banho no rio, a água era boa. Em frente à casa da chácara tinha um lago. Minha mãe remava ali. Tinha barco e tudo. Eu me lembro<sup>76</sup>.

Nascido em 1927, João Lydio de Castro conviveu apenas dois anos com o avô. Em 1929, com o falecimento do Comendador, foi aberta a rua que hoje tem seu nome nas terras que deixou a seus herdeiros no bairro Ipanema. Na década de 1930, a família vendeu parte da propriedade a Oswaldo Coufal, o loteador do balneário Ipanema: “O vovô vendeu as terras para o Coufal, era um chácara de verão que dava fundos para a praia e para as terras do Juca Batista”<sup>77</sup>. A residência, porém, permaneceu ainda com a família Castro que a alugou para a instalação da primeira escola do bairro, a qual se denominou “Passo do Capivara”.

---

<sup>76</sup> CASTRO, João Lydio. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 12 nov. 2013.

<sup>77</sup> *Ibidem*.

Figura 9 - Família do Comendador Castro na chácara em Ipanema/1927



Fonte: Acervo de João Lydio de Castro.

Figura 10 - Casarão do Comendador Castro



Fonte: Acervo de João Lydio de Castro.

O casarão da família Castro ainda existe, apesar do abandono e do estado precário em que se encontra, ergue-se imponente e vivo na memória dos mais velhos. Atualmente, a importância deste prédio reside em seu valor histórico, pois ele ainda retrata uma época em que o bairro Ipanema não passava de uma zona rural de Porto Alegre. Um grupo ligado ao

patrimônio histórico e cultural da cidade está tentando recuperar o espaço, transformando-o em um centro cultural do bairro Ipanema<sup>78</sup>. Recuperar este espaço é sinônimo de uma busca que deve se concretizar no resgate da memória urbana. É uma iniciativa que corrobora para o entendimento da história da formação da cidade, que possui um significativo acervo de prédios e bens patrimoniais importantes, os quais precisam ser conhecidos, e, principalmente, preservados.

No próximo capítulo será analisado o veraneio dos alemães na Zona Sul de Porto Alegre e o advento das primeiras chácaras de lazer à beira rio.

---

<sup>78</sup> Ciente da necessidade de criação de um centro cultural no bairro Ipanema e motivados pela possibilidade de vê-lo funcionar no antigo prédio que pertenceu ao Comendador Castro, surgiu um grupo de trabalho que está dando prosseguimento ao projeto. A partir da necessidade e da vontade dos moradores locais, o projeto do Centro Cultural de Ipanema passa a ser levado adiante por profissionais voluntários (estudantes, pesquisadores, arquitetos, promotores de eventos, contadores, professores, advogados, etc.) e junto à principal entidade representativa dos moradores locais, a AMBI - Associação dos moradores do bairro Ipanema (MORALES, Márcia. **Projeto Cultural do Bairro Ipanema**. Porto Alegre, 2013).

## 2 O VERANEIO DOS ALEMÃES: AS PRIMEIRAS CHÁCARAS

### 2.1 IMIGRAÇÃO ALEMÃ: AS ORIGENS DA ELITE E DA INDÚSTRIA GAÚCHA

A Europa viveu no século XIX um processo amplo de expansão do capitalismo. A consequência disso para alguns países europeus foi a expulsão do camponês da terra e o fim dos pequenos artesãos, os quais migraram para os grandes centros. As cidades ficaram superlotadas e sem condições de absorver a mão-de-obra trabalhadora, criando assim problemas sociais em países como Alemanha e Itália. A solução foi enviar o excedente populacional para o exterior, e nesse cenário político internacional da época, o Brasil se apresentou como uma boa saída, pois o país vivia a transição de uma economia baseada no trabalho escravo para o livre e assalariado.

Havia, então, interesse do governo brasileiro em receber colonos, cujo propósito era o de estimular a ocupação efetiva do território. “Nesse contexto internacional, o Brasil se configurava como um país de imigração, receptor dos braços europeus que emigravam em busca de terra e trabalho”<sup>79</sup>. A absorção maior de imigrantes se deu na região sudeste do país, onde os colonos eram incorporados às grandes fazendas de café de São Paulo. Os cafeicultores recebiam empréstimos do governo federal para custear o transporte de imigrantes para o Brasil.

No Rio Grande do Sul, os alemães foram deslocados para regiões virgens não cultiváveis como a Encosta da Serra, obrigando assim o desenvolvimento do local, com melhorias como a abertura de estradas e o início das comunicações. O primeiro grupo de imigrantes chegou ao estado em 1824, iniciando uma agricultura de subsistência em pequenos lotes de terras. Anos mais tarde, a produção desses primeiros alemães se diversificou bastante. Entre os artigos produzidos estavam os produtos para selaria, tecidos, chapéus, vinhos, ferramentas, charutos e cigarros, sapatos, tijolos, panelas e produtos alimentícios.

Com o tempo, o trabalho desses colonos ocasionou um aumento do excedente da produção agrícola, passando a ser vendido para o mercado regional e nacional. Tratava-se assim de uma nova atividade, pois além da agricultura, passaram a desenvolver o comércio e

---

<sup>79</sup> PESAVENTO, Sandra. **História da indústria sul-rio-grandense**. Guaíba: RIOCELL, 1985, p. 26.

uma ainda incipiente atividade artesanal. Para Sandra J. Pesavento tratava-se, basicamente, de uma produção mercantil não capitalista, na qual o artesão, com ferramentas simples, produzia para o consumo local e para o mercado, com o auxílio de mão-de-obra familiar. E foi a partir desse excedente da produção, gerado pelo trabalho dos alemães e pela acumulação de capital, que surgem as primeiras indústrias no Rio Grande do Sul.

Sem dúvida alguma, foi no chamado complexo colonial imigrante, a partir da chegada dos alemães, que se configurou uma acumulação de capital-dinheiro-passível de, sob determinadas condições, converter-se em capital industrial. Basicamente, esse capital-dinheiro originário apresentou-se como um capital comercial, auferido da venda dos produtos da zona colonial por um dos seus elementos, que se especializara na tarefa de intermediação<sup>80</sup>.

Para Jean Roche, o comércio também teve suas raízes nas colônias alemãs, cuja prosperidade esteve associada ao trabalho do imigrante e às trocas, as quais possibilitaram o desenvolvimento da economia. “Desde sua fundação, as colônias alemãs do Rio Grande do Sul constituíram grupos rurais cuja estrutura era muito mais complexa que a da sociedade luso-brasileira da Campanha”<sup>81</sup>. Conforme o autor, “houve simbiose entre o comércio e a agricultura”<sup>82</sup>. Com destino certo, os produtos eram encaminhados a principal praça comercial do estado, a cidade de Porto Alegre.

Na visão de Alencastro<sup>83</sup>, a diversidade dos grupos de imigrantes que chegavam foi fator determinante na definição dos processos de produção e nas relações de trabalho implementadas no Estado. Na segunda metade do século XIX, conforme esse autor, “já haviam se consolidado no Sul do país as comunidades alemãs e, em menor medida, as italianas, que iriam constituir uma nova fase da diversidade cultural brasileira”<sup>84</sup>.

A concepção capitalista e o espírito empreendedor de alguns alemães, oriundos de regiões mais desenvolvidas da Alemanha, como Hamburgo, foram fundamentais para o

<sup>80</sup> PESAVENTO, Sandra J. De como os alemães tornaram-se gaúchos pelos caminhos da modernização. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Editora da Ulbra, 1994, p. 200.

<sup>81</sup> ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 403.

<sup>82</sup> Ibidem, p. 403.

<sup>83</sup> ALENCANTRO Luiz Felipe; RENAUX Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2, p. 291-335.

<sup>84</sup> Ibidem, p. 316.

surgimento das primeiras indústrias no Estado<sup>85</sup>. Desta forma, os alemães e seus descendentes foram os agentes responsáveis pelo desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul. Por meio do comércio e do conseqüente processo de industrialização, os teuto-brasileiros transformaram-se nos executores de um processo de modernização histórica no final do século XIX e início do XX.

Inicialmente, os alemães fixaram-se nos núcleos coloniais de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Santa Cruz do Sul e Montenegro. E como comerciantes faziam a redistribuição dos produtos. Nesse cenário, surge, na segunda metade do século XIX, a figura do caixeiro-viajante, o qual desempenhava a função de intermediário imprescindível entre Porto Alegre e a Serra. Conforme Roche, eles andavam pelas colônias “apresentando amostras, fechando negócios e efetuando a cobrança dos fornecimentos”<sup>86</sup>. É importante ressaltar que foram alguns antigos caixeiros-viajantes que fundaram inúmeras casas comerciais de sucesso em Porto Alegre, pois era para lá que convergia toda a produção agrícola das colônias alemãs. Da capital, parte da produção, seguia para o resto do Brasil e também para o exterior, transformando a cidade em um grande polo de disseminação da economia imigrante.

Entre as atividades econômicas desenvolvidas pelos alemães estavam as de importação e exportação de produtos, as quais possibilitaram, com o sucesso nos negócios, o acesso de algumas famílias ao alto comércio sul-rio-grandense. Para Jean Roche, a exportação de produtos coloniais foi preponderante, transformando-se no grande negócio de muitas casas comerciais. Negócio que, segundo o autor, era transmitido de uma geração a outra: “os comerciantes estão unidos entre si por interesses comuns, por laços de família, pela mesma origem”<sup>87</sup>.

Já os importadores se originaram das primeiras casas de comércio fundadas por alemães em Porto Alegre. Havia uma grande variedade de artigos importados, principalmente da Alemanha, país com o qual mantinham sólidas relações comerciais. Assim, “estreitaram, mais e

---

<sup>85</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **Família Bromberg: da Alemanha para a Zona Sul de Porto Alegre (1900-1930)**. p.2. Anais Eletrônicos do II Encontro História, Imagem e Cultura Visual – 8 e 9 de agosto de 2013. PUCRS. Porto Alegre. GT História, Imagem e Cultural Visual – ANPUH – RS.

<sup>86</sup> ALENCANTRO Luiz Felipe; RENAUX Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2, p. 432.

<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 445.

mais seus laços materiais e espirituais com a Alemanha”<sup>88</sup>. Entre os produtos importados estavam os metais, automóveis, máquinas, tecidos e móveis. E entre os grandes importadores, figuram nomes como Bromberg, Dreher, Ely, Meyer, Adams, Hermann, Linck, etc. Todos esses nomes, citados, se transformaram em proprietários de grandes casas comerciais em Porto Alegre, ampliando suas fortunas e investindo em negócios diversificados.

A Porto Alegre do fim do século ostentava várias casas comerciais cujos proprietários eram alemães ou de origem. O caso de maior monta era, sem sombra de dúvida, o da poderosa firma de Martin Bromberg, que importava de Londres, Antuérpia, Hamburgo e Nova Iorque ferragens, ferro bruto e máquinas para as diferentes indústrias; arame, máquinas para os serviços da lavoura, cimento, tintas, cevada; Negociando a varejo e por atacado, a Bromberg era ainda o exemplo mais acabado de diversificação das aplicações de capital<sup>89</sup>.

Na análise de Roche, o empreendedorismo do primeiro Bromberg foi preponderante para o sucesso dos negócios da família no Brasil. Fundadores de grandes casas de comércio, incluindo exportação e importação de produtos, os Bromberg, ao ampliarem relações com a Alemanha, puderam investir na industrialização do Rio Grande do Sul. A aquisição de terras no Balneário da Pedra Redonda, na virada do século XX, se insere nesse universo de teuto-brasileiros na Zona Sul de Porto Alegre, tema que será tratado nos próximos capítulos.

## 2.2 A FAMÍLIA BROMBERG: DA ALEMANHA PARA A ZONA SUL DE PORTO ALEGRE

Foi na cidade de Porto Alegre onde grupos oriundos de imigrantes alemães fundaram grandes casas de comércio. Na obra “A colonização alemã e o Rio Grande do Sul”<sup>90</sup>, Jean Roche analisa os negócios Bromberg a partir da chegada à capital<sup>91</sup> do primeiro imigrante e sua estreita ligação com Hamburgo na Alemanha. Conforme o autor, a casa comercial dos Bromberg “ficou estabelecida em Porto Alegre, em estreita ligação com a Alemanha, de onde provinha o essencial de suas importações, que distribuía por todas as colônias e mesmo por todo o Rio Grande do Sul”<sup>92</sup>. Eram os primórdios da formação de uma elite ascendente no estado, a qual se transformaria lentamente no mais importante comércio teuto-rio-grandense do sul do Brasil.

<sup>88</sup> Idem, p. 446.

<sup>89</sup> ALENCANTRO Luiz Felipe; RENAUX Maria Luiza. **Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: História da vida privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2, p. 201.

<sup>90</sup> ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul.** Tradução de Emery Ruas. Porto Alegre: Globo, 1969.

<sup>91</sup> O primeiro a chegar foi Martin Bromberg em 1863.

<sup>92</sup> ROCHE, op. cit., p. 435.

No ano de 1913, em comemoração ao meio século da fundação das casas Bromberg, com o patrocínio da família, foi editado o álbum “Bromberg & Cia (1863-1913)”. Na primeira parte da obra, é possível identificar os primórdios dos negócios originados ainda na Alemanha no século XIX:

Naquela época, quando ainda não estava unida a Alemanha e seus filhos viam-se constringidos a recorrerem ao patrocínio alheio quando se achavam em terras estranhas, veio ao Brasil, procedente da antiga cidade hanseática de Hamburgo, o chefe-senior da firma, o Sr. Martin Bromberg, para ali, a sombra da afamada hospitalidade do maior dos paizes sul-americanos, lançar a pedra fundamental de uma casa comercial que, surgindo de condições acanhadas, hoje, devido ao espírito empreendedor e à energia incançável dos que lhe estavam e estão à testa, atinge a um grau de desenvolvimento colosso<sup>93</sup>.

A obra, escrita em português e em alemão, apresenta um retrospecto de todos os negócios Bromberg no Brasil e no exterior. Também dignifica o trabalho dos fundadores e trabalhadores da Bromberg & Cia na segunda metade do século XIX:

Hoje, depois de 50 annos de existência, ella estende as suas ramificações pelas costas do Atlantico, abrangendo os Estados Brasileiros e vai, muito além das frondosas mattas virgens do Norte e das vastas planícies do Sul, arraigar-se nas plagas da Republica Argentina. Para transplantar a cultura de dois milênios do velho mundo ao novo, assiduamente coadjuvaram os fundadores e colaboradores da firma<sup>94</sup>.

A partir do final do século XIX, o grupo Bromberg tornou-se referência na produção e distribuição de máquinas, utensílios para casa e até automóveis. O sucesso da firma Bromberg & Cia contou com a participação de outros alemães, cujo empreendedorismo foi preponderante para o desenvolvimento dos negócios no Brasil. Entre eles estavam Jacob Rech, conforme Jean Roche:

Em 1863, a firma Holtzweissig passou às mãos de Martim Bromberg, sócio do genro de Hotzweissig, Jacob Rech, que estabelecera uma casa de importação de objetos manufaturados e ferramentas, sob o nome social de Kopp e Rech. Bromberg substituiu Kopp nesta segunda sociedade que se chamou Jacob Rech e Cia. (...) Em 1870, pouco antes da guerra franco-prussiana, Rech foi instalar-se em Hamburgo, onde fundou a firma pessoal J. Rech, comprada por Martin Bromberg em 1887, juntamente com todos os interesses constituídos no Brasil<sup>95</sup>.

<sup>93</sup> BROMBERG & Co., Hamburgo. **Retropecto 1863 – 1913**. Porto Alegre, 1913, p. 5. Álbum Comemorativo aos 50 anos das casas Bromberg. E Bromberg & Cia - Meio Século. Jornal "O Brazil", órgão do Partido Republicano (2 de agosto de 1913).

<sup>94</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>95</sup> ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Tradução de Emery Ruas. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 439.

Alguns anos depois da constituição da sociedade Bromberg e Rech, outros alemães ingressaram como sócios no negócio. Entre eles estava B. Sesiani, cuja experiência como caixeiro viajante foi fundamental para o sucesso dos negócios:

Este novo sócio tinha sido anos atrás proprietário de uma loja de ferragens em Porto Alegre, trabalhava com a freguesia urbana e, como primeiro caixeiro viajante do Estado do Rio Grande do Sul, percorria a cavalo a campanha em busca de seus fregueses. Todos os artigos e ferragens de que necessitava, comprava-se a casa Jacob Rech & Cia<sup>96</sup>.

Com o aumento das vendas, surgiu a necessidade de ampliar as lojas. Sendo assim, mais um germânico incorporou-se ao negócio: Breyer. Esse instalou-se na cidade de Rio Grande, constituindo, ali, a primeira filial da firma Holtzweissig, Breyer e Cia. Conforme consta no álbum comemorativo aos Bromberg:

Sob a activa gerencia destes três sócios, as transações das firmas Holtzweissig & Cia, e Jacob Rech e Cia, tomaram tal incremento que seus chefes resolveram fundar uma casa no Rio Grande. Mandaram um dos seus colaboradores, o Sr. Breyer para aquella cidade afim de abrir ali uma filial sob a firma Holtzweissig, Breyer e Cia<sup>97</sup>.

O sucesso dos negócios foi tanto que era preciso alguém gerenciando as encomendas na Alemanha, conseqüentemente algumas mudanças se faziam necessárias:

Em 1870, pouco antes de romper a guerra franco-alemã o Sr. Rech transferiu a sua residência para Hamburgo onde fundou uma casa de comprar sob a sua firma individual J. Rech. Até então os sr. Bromberg, Rech e Sesiani haviam ainda sempre effectuado as suas compras por intermédio de uma casa de comissões hamburguesa, mas, devido a extensão que assumiam as transacções no Brazil, urgia que eles próprios tomassem a seu cargo as compras em Hamburgo. Continuaram na gerencia das casas no Brazil os srs. Bromberg, Sesiani e Breyer<sup>98</sup>.

Com o intuito de ampliarem ainda mais os negócios de importação e exportação de ferragens e ferramentas, os Bromberg e Rech inauguraram novas casas de comércio no Rio Grande do Sul. As cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre passaram a ter outras filiais e, em 1895, com a morte de Rech, foi alterada a razão social da empresa, a qual se denominou Bromberg & Cia.

---

<sup>96</sup> BROMBERG & Co., Hamburgo. **Retropecto 1863 – 1913**. Porto Alegre, 1913, p. 6. Álbum Comemorativo aos 50 anos das casas Bromberg. E Bromberg & Cia - Meio Século. Jornal "O Brazil", órgão do Partido Republicano (2 de agosto de 1913).

<sup>97</sup> Ibidem, p. 6.

<sup>98</sup> Idem, p. 7.

Depois do traspasse do Sr. Rech, falecido em dezembro de 1887, o chefe sênior Sr. Martin Bromberg, ficou sendo o único proprietário da casa de compras em Hamburgo, conservando para ella a antiga firma J. Rech. Simultaneamente tomou conta de todas as casas no Brazil, abolindo a exportação de manufacturas<sup>99</sup>.

Filho de um banqueiro, fato que lhe favoreceu os investimentos, Martin Bromberg<sup>100</sup> transformou a empresa na maior distribuidora de maquinário alemão na América do Sul, com destaque para os conhecidos locomóveis<sup>101</sup>. As máquinas em questão foram as responsáveis pelo desenvolvimento da indústria madeireira, pois foram comercializadas para o mercado das serrarias. Além dos locomóveis, a firma Bromberg seguiu importando da Europa uma infinidade de produtos, tais como ferragens, máquinas para indústrias e para a agricultura, cimento, tintas e até cevada para a fabricação de cervejas.

O empreendimento também financiou a criação de outras indústrias como a Mernak em 1912. “O Banco da Província financiou juntamente com a Casa Bromberg, de Porto Alegre, a instalação da fábrica de máquinas Mernak, de Cachoeira do Sul”<sup>102</sup>.

Lilian Dorothy Bromberg, descendente de Martin, relata sobre os primórdios do empreendimento no Brasil:

O meu bisavó Martin Bromberg tinha uma firma de importação e exportação em Hamburgo. Ele começou a perceber, na segunda metade do século dezanove, que estavam exportando implementos agrícolas e outras coisas aqui para o centro sul da América do Sul. Em 1863, veio investigar e percorreu toda essa zona. Entrou por Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires. Andou por todos esses lugares, voltou para a Alemanha e depois retornou ao Brasil. Ele começou os negócios aqui<sup>103</sup>.

Na realidade, o empreendedorismo de Martin Bromberg permitiu a diversificação dos negócios no Estado, pois, além da mecanização do arroz, a firma foi a primeira a cultivar fumo em Santa Cruz do Sul.

<sup>99</sup> Idem, p. 9.

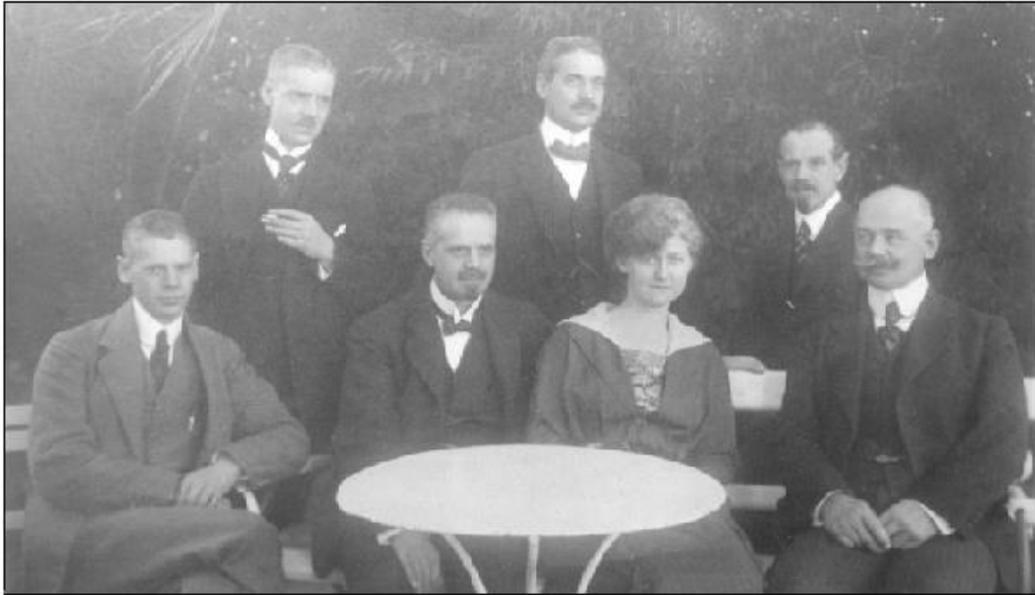
<sup>100</sup> Martin casou com Bertha Sophie Luise e teve dez filhos. Em 1913, alguns de seus filhos estavam assim domiciliados: Martin Bromberg Junior em Hamburgo em companhia de seu pai; Waldemar e Arthur Bromberg em Porto Alegre; Fernando Bromberg em Rio Grande e Erwin Bromberg em São Paulo. (ARQUIVO DA FAMÍLIA BROMBERG).

<sup>101</sup> A locomóvel é uma máquina térmica que gera energia mecânica e pode transformá-la em elétrica, utilizando diversos tipos de combustíveis, dentre eles a casca de arroz. É constituída basicamente de fornalha, caldeira e máquina a vapor; motor recíproco, normalmente de 1 a 3 cilindros. Até o fim dos anos 1990, ainda existiam 63 locomóveis no Rio Grande do Sul (BUENO, E.; TAITELBAUM, P. Indústria de Ponta. **Uma história da industrialização do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Buenas Ideias, 2009, p. 132).

<sup>102</sup> PESAVENTO, Sandra J. **História da indústria Sul-Rio-Grandense**. Guaíba: RIOCELL, 1985, p. 33.

<sup>103</sup> BROMBERG, Lilian. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

Figura 11 - Os filhos de Martin Bromberg e a nora Dorothy Booth/1900



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

Para Roche, o nome Bromberg esteve associado a uma infinidade de negócios, todos extremamente bem sucedidos:

Foi a Casa Bromberg que vendeu o maior número de arados. Foi o elo que permitiu estabelecer dezenas de redes de irrigação para a rizicultura, instalando tantas estações de bombas. Foi ela que equipou engenhos completos (beneficiamento, secagem, ensacagem do arroz). Foi ela que instalou o maior número de centrais elétricas e de usinas (cervejaria, tecelagem, metalurgia) no Rio Grande do Sul, onde assegurou a urbanização de vastas zonas a drenas e a prover de canalizações, construiu vias férreas (Novo Hamburgo-Taquara, Ijuí-Santo Ângelo-Santa Rosa)<sup>104</sup>.

Os Bromberg também estiveram presentes na fundação da União de Ferros, empresa que deu o primeiro emprego a Alberto Bins, homem bem sucedido nos negócios<sup>105</sup> e no meio político<sup>106</sup>. Assim, a abrangência das firmas pelo Estado foi ampla, influenciando a economia

<sup>104</sup> ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Tradução de Emery Ruas. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 440.

<sup>105</sup> Os cofres da marca Berta ficaram conhecidos nacionalmente pela qualidade e durabilidade, concorrendo com os melhores da Europa. Era o único cofre aceito por bancos estrangeiros, pois possuía uma camada isolante que o protegia inclusive de grandes incêndios, como o que ocorreu no ano de 1917 em vários estabelecimentos alemães de Porto Alegre (BUENO, E. **Indústria de ponta: uma história da industrialização do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Buenas Idéias, 2009, p. 47).

<sup>106</sup> Alberto Bins se destacou no meio político. Foi deputado estadual, vice-intendente em 1926 na gestão de Otávio Rocha, e em 1928 o substituiu devido ao seu falecimento. Candidato na eleição que ocorreu no ano de 1928 elegeu-se Intendente de Porto Alegre, mantendo-se no cargo até 1937, quando Getúlio decretou o Estado Novo e Alberto Bins teve seu mandato encerrado. Retirou-se da política, dedicando-se às suas indústrias (BAKOS, Margaret M. **Porto Alegre e seus eternos intendentess**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013).

gaúcha na primeira metade do século passado. O fato de a família estar em constante contato com os negócios em Hamburgo, na Alemanha, favoreceu extremamente as relações comerciais com a Europa.

As relações com a Alemanha permaneceram mais estreitas, tanto mais que, pelo fato de ter retornado Bromberg a Hamburgo, a maior parte de seus filhos ali nasceram e alguns deles ali fizeram seus estudos. Enfim, convém não esquecer que Bromberg, o fundador deste enorme negócio, era filho de um banqueiro de Hamburgo, que lhe forneceu os primeiros capitais<sup>107</sup>.

Em 1891, após enfrentar problemas de faturamento, ocasionados pela desvalorização da moeda nacional, as empresas são recuperadas por Arthur Bromberg, um dos filhos de Martin.

O negócio recebeu o nome de Bromberg e Cia, o qual conservou até 1932, ano em que foi mudado para o de Bromberg Sociedade Anônima, Importadora, Comercial e Técnica. O maior número de ações ficou na família Bromberg e seus afins. Estreitaram-se as relações com a Alemanha, onde a agência de compras adquirida por Martin se tornou o centro de uma organização que cobria não só o Rio Grande do Sul, senão também o sul do Brasil e a Argentina<sup>108</sup>.

Figura 12 - Armazéns na beira do Guaíba



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

<sup>107</sup> ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Tradução de Emery Ruas. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 441.

<sup>108</sup> *Ibidem*, p. 440.

Com a participação de Arthur nos negócios da família, os demais irmãos também começaram a fazer parte da administração das empresas. Assim, cinco dos dez filhos de Martin se envolveram com as filiais espalhadas pela América. Em Porto Alegre, as lojas foram administradas por Waldemar, irmão de Arthur, conforme relembra Lilian Bromberg: “No início eram coisas para os imigrantes, para a terra: arados, máquinas e ferramentas. Mas, conforme o tempo foi passando, foram mudando ou aumentando as possibilidades para coisas da moda”<sup>109</sup>.

Em 1912, a Bromberg & Cia era a primeira colocada entre os exportadores hamburgueses que negociavam com a América do Sul. No ano seguinte, ao comemorar seu cinquentenário<sup>110</sup>, podia ser considerada a firma mais sólida do Brasil. Em Caxias do Sul, as firmas foram representadas por Abramo Eberle<sup>111</sup> que depois se transformou em um próspero empresário do ramo metalúrgico.

Em cinquenta anos, a soma das transações duplicou, apesar da crise de 1929 e das duas guerras mundiais. “A Bromberg foi inscrita na famosa lista negra, mas protegida por Daudt, Berta, Kraemer, Janke e a União de Ferros, constituída em 1898”<sup>112</sup>. O abalo sofrido pelas empresas Bromberg não teve o mesmo impacto que nas demais firmas alemãs no Estado porque, conforme Jean Roche, a Bromberg possuía uma rede de venda de notável organização, resistindo aos golpes econômicos da primeira metade do século vinte.

Em Porto Alegre, as lojas situavam-se no centro da cidade. A matriz, com sede na Rua da Praia, era o endereço certo para comprar tudo o que fosse necessário para casa, desde utensílios úteis até artigos finos de decoração. Assim, a loja da Andradas era conhecida por “Palácio Encantado da Dona de Casa”. A Bromberg Sociedade Anônima foi a primeira empresa gaúcha a importar o fusca da Volkswagem, da Alemanha, conforme relembra Rita Bromberg Brugger, neta de Arthur e de Waldemar Bromberg:

---

<sup>109</sup> BROMBERG, Lilian. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

<sup>110</sup> No ano de 1913, em homenagem aos 50 anos da empresa, foi editado em Hamburgo na Alemanha o álbum fotográfico comemorativo da empresa Bromberg & Cia (1863 – 1913).

<sup>111</sup> Interessante a leitura da dissertação de mestrado intitulada “**Imagens do labor: memória e esquecimento nas fotografias do trabalho da antiga metalúrgica Abramo Eberle (1896 – 1940)**” de Anthony B. Tessari defendida na PUCRS em 2013 com orientação da professora Dra. Claudia Musa Fay. Na pesquisa em questão, o autor faz uma análise da empresa Metalúrgica Abramo Eberle a partir de 107 fotos de um álbum fotográfico produzido pela metalúrgica, fábrica fundada na cidade de Caxias do Sul no final do século XIX.

<sup>112</sup> ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Tradução de Emery Ruas. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 440.

Sou bisneta do fundador. Nasci e morava em Porto Alegre e, certamente, fui uma das melhores e mais assíduas clientes. Tudo o que a nossa família e a vizinhança precisava, eu comprava depois da aula: desde os alfinetes, lâmpadas, tintas, cristais. Tudo o que conseguia carregar e levar de ônibus. Morávamos além da Tristeza e por lá o comércio se baseava principalmente em cebola e batata. Presenciei a enchente de 1941 e também o “quebra-quebra”, em 1943 ou 1944, quando depredaram o varejo. Lembro de vidro estilhaçado e tudo quebrado dentro da loja. O meu pai comprou um dos primeiros fuscas que chegaram na firma, era verde claro<sup>113</sup>.

Figura 13 - Lojas Bromberg na Rua da Praia. Enchente de 1941



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo.

### 2.2.1 O veraneio dos Bromberg

Editada e impressa na Inglaterra, a obra “Impressões do Brazil no Século Vinte”, avalia as condições do Brasil às vésperas da Primeira Guerra Mundial e traz um histórico das empresas Bromberg, bem como de seus gestores.

De vários portos ingleses, de Hamburgo, Antuérpia e de Nova York, importam os srs. Bromberg & Cia, em grande escala, todas as espécies de ferragens, ferro bruto, maquinismos para toda a sorte de indústrias, arame, máquinas para agricultores, cimento, tintas, cevada e lúpulo para cervejarias e outros materiais para uso de fábricas diversas. A firma, que negocia a varejo e por atacado, tem igualmente uma bem montada seção de engenharia e outra para instalações elétricas<sup>114</sup>.

<sup>113</sup> BROMBERG, Rita Brugger. **Palácio Encantado**. [Depoimento no Blog do Almanaque Gaúcho do Ricardo Chaves. **Zero Hora**, Porto Alegre, 15 dez. 2011].

<sup>114</sup> Um volume precioso para se avaliar as condições do Brasil às vésperas da Primeira Guerra Mundial é a publicação **Impressões do Brazil no Seculo Vinte**, editada em 1913 por Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd. e impressa na Inglaterra em 1918 para circular no Brasil e outros países. A obra tem 1.080

A obra citada acima também faz referência às terras adquiridas em Porto Alegre por Waldemar Bromberg, um dos filhos de Martin: “Waldemar nasceu em Hamburgo, onde foi educado e adquiriu prática comercial. Na idade de 21 anos, veio para Porto Alegre assumir as lojas Bromberg, da qual, quatro anos depois, se tornava sócio. É dono de valiosas propriedades em Porto Alegre”<sup>115</sup>.

As valiosas terras de que fala a obra refere-se à chácara de veraneio da família Bromberg na Zona Sul de Porto Alegre. Como informa sua neta Lilian:

*O meu avô Waldemar que nasceu na Alemanha veio para cá como comerciante, ele fez parte do grande comércio da firma Bromberg S. A. E o vínculo dele com a Pedra Redonda é que ele comprou um pedaço de terra, fundos para praia, e aqui montou a sua casa, e passou a veranear. Ele tinha uma casa na Mostardeiro, 27, e durante os fins de semana e no verão passava aqui na casa da praia*<sup>116</sup>.

Em torno de 1900, Waldemar se casou com Dorothy Booth, imigrante de origem inglesa, cuja família já residia na Zona Sul. Era comum, naqueles tempos, as famílias estrangeiras frequentarem os mesmos locais de sociabilidades, como os clubes, as festas e, no verão, a beira do rio. E foi isso que aconteceu com os Booth e os Bromberg, conforme relato:

*Ainda, no século 19, as colônias alemã e inglesa em Porto Alegre se davam muito bem, o que fez a 'alemoada' frequentar a residência dos Booth nos fins de semana. Assim, Waldemar Bromberg conheceu Dorothy Booth, uma das filhas de Charles Edward Booth, com quem se casou e teve cinco filhos*<sup>117</sup>.

---

páginas (LLOYDS GREATER BRITAIN PUBLISHING COMPANY (Eds.). **Impressões do Brasil no século vinte. Sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos.** p. 824. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g00.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2013).

<sup>115</sup> LLOYDS GREATER BRITAIN PUBLISHING COMPANY (Eds.). **Impressões do Brasil no século vinte. Sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos.** p. 824. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g00.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

<sup>116</sup> BROMBERG, Lilian Dorothy. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 20 mar. 2013.

<sup>117</sup> Ibidem.

Figura 14 - Os Booth e Bromberg na praia particular de Frederico G. Bier/1920



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

Charles Edward Booth era um egresso da Marinha Mercante Inglesa, por isso ficou conhecido por Comandante Booth<sup>118</sup>. Charles chegou a Zona Sul ainda no século XIX, sendo um dos primeiros na região (ANEXO B). Os Booth compraram uma área que ia desde a beira do rio até a Cavallhada. Após descobrir uma mina de argila (hoje imediações da AABB na Avenida Coronel Marcos), o comandante edificou ali a sua olaria. Os tijolos fabricados eram transportados até o Centro de Porto Alegre pelo Guaíba. Para o escoamento da produção havia, na beira do rio, fundos do atual Clube Macabi, um trapiche construído para esse fim (Figura 15). Sobre as histórias do trapiche conta uma das bisnetas do comandante:

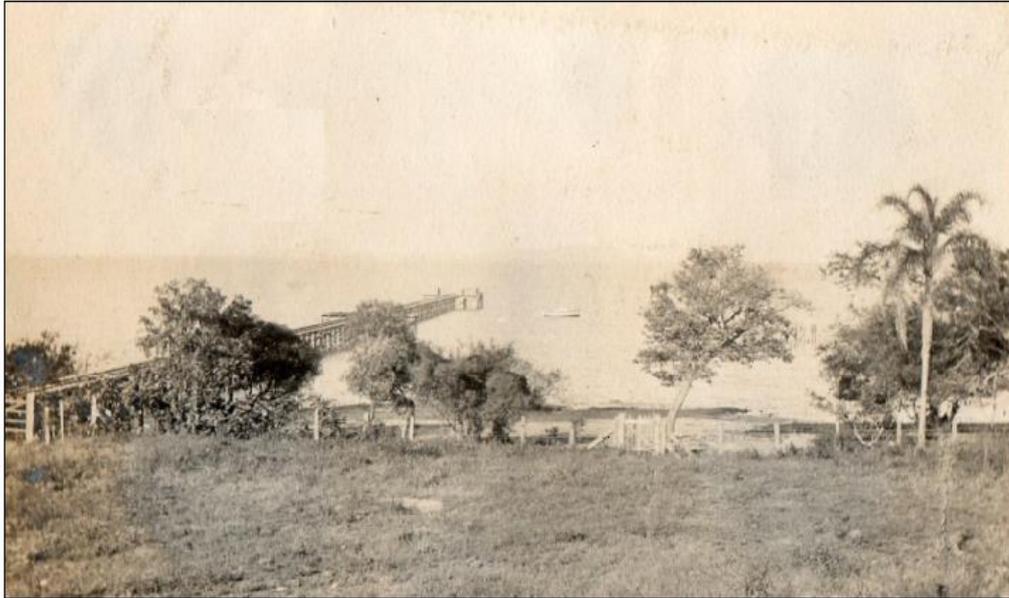
Os tijolos fabricados eram da marca três estrelas, eles eram transportados em tróleis sobre trilhos até a ponta de um trapiche, onde eram carregadas chatas que levavam o material para o cais do porto. Quando a olaria encerrou suas atividades, a madeira do trapiche foi vendida para um cidadão que tentou arrancar as colunas do fundo do rio. Como elas não cederam e o guindaste usado virou, o tal cidadão resolveu serrar as colunas no nível da água. Os tocos ainda estavam todos lá na década de 1960 e causaram vários acidentes com lanchas que não conheciam o local e passaram por cima quando as águas do rio cobriam tudo<sup>119</sup>.

<sup>118</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **Da Inglaterra para a Zona Sul**. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 31 maio 2013. p. 1. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/05/31/da-inglaterra-para-a-zona-sul/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 31 dez. 2013. (Ver ANEXO B).

<sup>119</sup> BROMBERG, Rita Brugger. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 06 abr. 2013.

Os tijolos da marca três estrelas, fabricados na olaria de Charles, ficaram famosos, pois foram utilizados para a construção do Paço Municipal em 1898, a sede da Intendência de Porto Alegre.

Figura 15 - Trapiche de Charles Edward Booth na Pedra Redonda/1900



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

Ainda sobre o que sobrou do trapiche na Pedra Redonda, relembra a descendente de Charles:

Eu e meus irmãos e todos os amigos, residentes e veranistas da Pedra Redonda, cada um tinha o seu toco. A gente ficava durante horas pendurado dentro d'água, conversando, rindo e colocando as 'fofocas em dia'. No verão, às vezes, dava pé no último toco do fim do trapiche, era o maior, o mais grosso. Mas, geralmente a gente tinha que nadar até lá<sup>120</sup>.

Toda a área ao longo da Antiga Travessa Pedra Redonda, hoje Avenida Coronel Marcos, pertencente a Charles Edward Booth, foi, no transcorrer dos anos, sendo loteada por descendentes do comandante e também por empregados da olaria. Entre esses descendentes figuram os Bromberg, cuja moradia de verão, construída em meio a espessos arvoredos e com vistas ao rio, priorizava o descanso e ao lazer (Figura 16).

<sup>120</sup> BROMBERG, Rita Bruger. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 06 abr. 2013.

Figura 16 - Comandante Booth na Travessa da Pedra Redonda/1900



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

A chácara de veraneio da família, situada, portanto, no balneário da Pedra Redonda, que na ocasião pertencia ao bairro Tristeza, era uma das mais belas da região. Com uma confortável vivenda e uma infraestrutura completa, montada para o recreio, Waldemar e família podiam usufruir do espaço à beira rio, inclusive nos finais de semana. A fina moradia (Figura 17) ficava à beira rio – possuindo, inclusive, guarda-barcos e atracadouro próprio, o que facilitava a prática de esportes no Guaíba.

Para Lilian, neta de Waldemar, os alemães buscavam o sol e os prazeres do rio: “Meu avô velejava, remava e pescava. E o rio era um convite para um banho imediato. Não se pensava duas vezes”<sup>121</sup>. A ampla moradia priorizava espaço e conforto (ANEXO C). A bonita cobertura do telhado protegia do forte calor nos meses mais tórridos, proporcionando, assim, bem-estar aos frequentadores da propriedade. O avarandado, típico de casas de veraneio, servia para melhor acomodar a família e os convidados. Sendo o atrativo maior, as águas limpas do rio, a escada de poucos degraus levava até a praia. A chácara também possuía jardins bem ornamentados, árvores centenárias e um piso de grama bem ao estio alemão<sup>122</sup>.

<sup>121</sup> BROMBERG, Lilian Dorothy. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

<sup>122</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **A família Bromberg e o lazer na Zona Sul**. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 13 set. 2013. p. 4-5. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/09/13/a-familia-bromberg-e-o-lazer-na-zona-sul-2/?topo=13%2C1%2C1%2C%2C%2C13>>. Acesso em: 31 dez. 2013.

Figura 17 - Casa de veraneio de Waldemar Bromberg/1906



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

Em outra imagem (Figura 18), é possível identificar os Bromberg em momento de lazer e de conversas na varanda da residência, permeando uma nova cena social em plena virada do século. É importante salientar ainda que o caráter de exotismo do local servia para um público que tinha dinheiro e podia gastar com lazer e férias durante alguns meses do ano.

Figura 18 - Waldemar, Dorothy e Martim Bromberg na varanda da vivenda/1911



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

Além disso, a indumentária dos fotografados, como sofisticados vestidos e elegantes ternos, possibilita um entendimento acerca do requinte dessa classe que dispõe de recursos financeiros. A imagem analisada deixa ver, portanto, sociabilidades, as quais incorporaram a ideia de um tempo vivido na zona sul, relacionando-se com a presença de famílias burguesas, sendo a maioria delas oriundas de imigrantes alemães. Uma herança, saudosamente, acalentada pelos mais velhos nas suas lembranças que remontam ao “glamour” e ao charme vivenciados, especialmente, nos meses de verão, às margens do Guaíba.

A próxima imagem (Figura 19) registra o encontro entre as duas famílias: os Booth e os Bromberg. O momento, congelado no tempo, deixa ver um possível evento de confraternização entre os integrantes das duas famílias. Pois não era raro acontecerem festas ao ar livre, os chamados “garden party”. O cuidado com o guarda-roupa, tanto masculino quanto feminino, remete ao requinte da “Belle Époque”, típico daquele período de transição.

Figura 19 - As Famílias Booth e Bromberg na chácara da Pedra Redonda/1910



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

No Brasil, o advento da modernidade vai proporcionar uma mudança nos costumes de uma classe ascendente. Para Nicolau Sevcenko os grupos buscam, a partir do início do século vinte, uma estação de cura e recreio. Pensando na saúde, os novos hábitos acabam se tornando impulsionadores do turismo, fortalecido pelo governo. Nos anos 1930, Vargas institui o direito geral ao repouso anual. Assim, todos aqueles que tinham posses poderiam usufruir de um tempo maior de lazer.

A ideia era partir para algum lugar distante, onde se pudesse escapar do controle dos familiares, dos vizinhos, das hierarquias profissionais, dos papéis sociais e das reservas de conduta”. Era o início da vocação balneária (...) fazendo das praias o foco principal do lazer e uma extensão natural dos quintais e das salas<sup>123</sup>.

Assim eram as residências que possuíam praia particular na zona sul de Porto Alegre, pois as águas do Guaíba chegavam aos quintais dos fundos das famílias mais prósperas da cidade.

Lilian relembra ainda como a família de Waldemar usufruía de confortos à beira rio, pois somente os grupos com mais posses possuíam sua charrete ou um automóvel com chofer para buscar no final da linha do trem:

A família tinha uma charrete que buscava no final da linha do trem na Tristeza no início do século. Antes da charrete era a carroça que fazia a conexão com o trem e a chácara. Meu avô, Waldemar Bromberg, praticava vela e remo no Guaíba, por isso ele era assim bronzeado. E nós, a terceira geração, também aproveitamos muito o rio<sup>124</sup>.

Com o passar do tempo, muitas famílias que faziam o seu veraneio na zona sul, passaram a residir no local. E foi assim com Waldemar Bromberg, conforme relembra sua neta: “Depois de seu retorno da Alemanha, Waldemar e Dorothy passaram a residir o ano todo na Pedra Redonda”<sup>125</sup>.

Figura 20 - Dorothy na charrete, sua filha Helga e a ex-escrava Ambrosina/1906



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

<sup>123</sup> SEVCENKO Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 571.

<sup>124</sup> BROMBERG, Lilian Dorothy. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

<sup>125</sup> *Ibidem*.

Em torno dos anos 1930, devido à quebra da Bolsa de Valores de Nova York, as empresas enfrentaram uma forte retração nos negócios, obrigando a família a abrir o capital aos novos sócios. “Quando a firma quebrou, decorrente da quebra da bolsa de Nova York em 1929, foi aberta a sociedade anônima para salvar a firma e aí entraram outros sócios”<sup>126</sup>.

Entre as medidas de contenção, uma forçou Waldemar a residir definitivamente na zona sul da cidade: a venda da fina moradia situada na Avenida Mostardeiro. Assim, o novo empreendimento dos Bromberg, após reestruturação, passou a se chamar Bromberg Sociedade Anônima. As lojas em Porto Alegre se mantiveram até 1982, quando a firma encerrou todas suas atividades no Rio Grande do Sul.

Figura 21 - Residência oficial de Waldemar Bromberg na Av. Mostardeiro



Fonte: Acervo da Família Bromberg

Os negócios bem sucedidos das firmas Bromberg irradiaram-se pelo sul do Brasil e por outros países da América do Sul, influenciando diretamente no desenvolvimento da economia do estado e na ascensão de grupos que tinham estreita ligação com a Alemanha. A aquisição de terras no balneário da Pedra Redonda se insere nesse universo de teutos brasileiros na zona sul da cidade.

---

<sup>126</sup> Idem.

Como era de costume na época, os grupos mais endinheirados da cidade residiam na Independência e veraneavam nas praias da Orla Sul da cidade. Os progressos empreendidos pelas firmas Bromberg a partir da segunda metade do século XIX, no Rio Grande do Sul, possibilitaram a ascensão social da família, a qual pode comprar grandes extensões de terras e vivendas em lugares aprazíveis como a Zona Sul. A seguir, a trajetória e o sucesso da Família Dreher, um dos primeiros alemães na Pedra Redonda.

### 2.3 COLONOS ALEMÃES NA ZONA SUL: O EMPREENDEDORISMO DOS DREHER

No início do século passado, as terras onde hoje se encontra o Bairro Jardim Isabel<sup>127</sup>, pertenciam a Bernardo Dreher e família. O local abrigava, além da exuberante Mata Atlântica, uma próspera chácara, responsável pelo abastecimento de produtos hortigranjeiros à população local. Eram terras fronteiriças ao Morro do Osso<sup>128</sup>, ao Morro do Sabiá e próximas ao Guaíba, locais que ainda hoje conservam o seu bioma original<sup>129</sup>. Assim como as demais famílias de origem germânica, os Dreher também faziam uso do rio para banhos nos dias mais quentes do verão. A moradia servia aos integrantes da família e também aos amigos e familiares que vinham em busca de recreação na Zona Sul. Algumas fotos pertencentes ao acervo da família Dreher comprovam essa prática (ANEXO D).

Conforme carta deixada por Martha Dreher (ANEXO E), esposa de Bernardo pode-se ter uma ideia de como era a Zona Sul naqueles primeiros anos do século passado: “Em 1923, a região era escassamente povoada, só existindo uma casa comercial, a venda do Juca Batista, na curva da Estrada da Cavalhada, e, na vizinhança da nossa chácara, alguns casebres modestos pertencentes a gente humilde”<sup>130</sup>.

<sup>127</sup> O bairro Jardim Isabel foi criado em 2009, pela lei de número 10724, sendo um dos bairros mais recentes de Porto Alegre. (ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA JARDIM ISABEL - ASCOMJIP, 2013).

<sup>128</sup> O Morro do Osso faz parte da Crista de Porto Alegre e localiza-se próximo à margem do Lago Guaíba. Possui aproximadamente 220 hectares de área natural e constitui um importante reduto biológico, praticamente isolado pela crescente urbanização dos bairros Tristeza, Ipanema, Camaquã e Cavalhada, adjacentes ao morro. Esse patrimônio natural destaca-se pela sua biodiversidade, tanto em ambientes de campo como de mata, e contempla áreas de apurada beleza paisagística e valor arqueológico. (MENEGAT, Rualdo (Coord.). **Atlas ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998, p. 80).

<sup>129</sup> MACHADO, Janete da Rocha. Colonos alemães na Zona Sul de Porto Alegre. **Os Jardins da Dona Isabel**. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 12 out. 2012. p. 4-5. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zonzonasul/2012/10/26/colonos-alemaes-na-zona-sul-de-porto-alegre-os-jardins-da-dona-isabel/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 07 jan. 2014. (Ver ANEXO D).

<sup>130</sup> DREHER, Martha Elisabeth. **Carta escrita em 1970**. [Acervo da Família Dreher].

Figura 22 – A Família Dreher em dia de praia na Pedra Redonda/1940



Fonte: Acervo da Família Dreher.

Figura 23 - Um mergulho nas águas do Guaíba. Pedra Redonda/1940



Fonte: Acervo da Família Dreher.

Figura 24 - Os primórdios da Chácara de Bernardo Dreher/1920



Fonte: Acervo da Família Dreher.

A história de Bernardo Dreher remonta ao século XIX, quando seu avô, Joahann Karl Dreher (1820 – 1898), imigrante alemão recém-chegado da Europa, dá início a uma série de empreendimentos de sucesso no Rio Grande do Sul. Entre esses negócios, estava o da exploração de pedras, cuja técnica foi trazida da cidade de Idar na Alemanha. “A oficina dos Dreher ficava em Idar-Oberstein, até hoje o centro mais importante no processamento de pedras preciosas e semipreciosas. Eles eram especialistas em ágatas”<sup>131</sup>.

Desta forma, a região localizada no distrito de Birkenfeld, estado da Renânia, era um centro de lapidação de pedras, e o nome Dreher, que significa torneiro, provavelmente, originou-se da profissão. “No distante ano de 1840, em plena Guerra dos Farrapos, chegava em Porto Alegre o jovem imigrante Joahann Carl Dreher, natural de Vollmersbach, proximidades de Idar na Alemanha Ocidental”<sup>132</sup>.

A escassez destas pedras na Alemanha impulsionou os Dreher, então especialistas na lapidação de ágatas, a buscarem a matéria-prima no sul do Brasil, na região de São Jerônimo e no Alto Taquari. Apesar de muito trabalho, o resultado dos negócios com as pedras foi compensador e Joahann se tornou um conceituado comerciante, dando origem a uma das mais

<sup>131</sup> WEIMER, G. **As memórias de Joahann Carl Dreher e de Heinrich Georg Bercht**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1988, p. 8.

<sup>132</sup> *Ibidem*, p. 5.

sólidas fortunas de Porto Alegre. Fortuna esta que iria se perpetuar e se sedimentar nas mãos de seu filho, Edmundo Dreher.

A partir das memórias do próprio Joahann, o autor Günter Weimer recupera os primórdios dessa história de sucesso e de empreendedorismo da família Dreher no Estado:

Completei minha primeira coleção de pedras enquanto, por vezes, passava por mais bocados. Seguidamente saía de manhã cedo quando os cristais da geada ainda brilhavam na grama e procurava pedras nos pequenos regatos afluentes do Taquari, as quais levava nas costas por sobre os barrancos até a casa dos Schreiner. Não poucas vezes aconteceu que as laranjeiras das chácaras abandonadas pelos moradores por causa da revolução, forneciam o necessário para o café da manhã<sup>133</sup>.

A diversificação nos negócios, empreendida pelas três gerações da família, permitiu aos Dreher acumular ganhos ao longo dos anos, ampliando a fortuna. O grupo foi pioneiro também no ramo de importação e exportação de produtos alimentícios, bem como precursores na navegação fluvial, cujas embarcações faziam, regularmente, as linhas Porto Alegre-Palmares e Porto Alegre-Tapes. Ficaram conhecidos os vapores Montenegro, Camaquã, Gustavo e Palmares, todos pertencentes à “Navegação Dreher & Cia”. A companhia oferecia também os serviços de iates, chatas e vapores, com viagens para os portos de Tapes, Arambaré e Porto Alegre.

O Vapor Montenegro da Navegação Dreher, movido por duas grandes rodas laterais, com acomodações para passageiros, pertencente a mesma empresa, transportavam os veranistas de Porto Alegre até Palmares. Partindo de manhã cedo da capital, chegava-se pelas 3 horas da tarde em Palmares, donde um trenzinho com bitola de trilhos de 60 centímetros, em viagem de 3 horas, conduzia a gente até Conceição do Arroio, hoje cidade de Osório, lugar de pernoite. Na manhã seguinte, pelas 7 horas, o mesmo trem levava os passageiros da Estação até o porto, um percurso de poucos minutos, onde se iniciava a viagem de lancha a motor, através das lagoas Osório, Pinguela, Quadros e Itapeva, até Porto Estácio, sendo o resto do percurso até Torres feito de ônibus<sup>134</sup>.

Esse domínio de mercado só deixou de existir quando o governo federal construiu a estrada de ferro em 1921, possibilitando, desta forma, uma comunicação mais rápida à Capital, bem como, servindo de complemento à navegação lacustre que acontecia de Osório a Torres.

---

<sup>133</sup> Idem, p. 27.

<sup>134</sup> DREHER, Martha E. **Uma viagem a Torres pelas lagoas do litoral há 50 anos**. Correio do Povo, Porto Alegre, 07 jun. 1977. P. 30.

O círculo comercial estava fechado através dos filhos, netos e bisnetos do pastor de Três Forquilhas: Vogel e Diehl, abrangendo todo o comércio local; os Dreher recebendo mercadorias, principalmente a cachaça e, em menor escala, os demais produtos coloniais que transportavam no vapor Gustavo. A trajetória realizada pelo vapor Gustavo era via Lagoa dos Patos, passado pelo Guaíba e atracando no trapiche particular de Edmundo Dreher & Cia que se encarregava da distribuição dos secos e molhados, na Capital e arredores<sup>135</sup>.

Os Dreher possuíam ainda um grande armazém de Secos & Molhados no centro de Porto Alegre. O estabelecimento tinha trapiche próprio na beira do Guaíba para atracamento dos navios e das mercadorias. No armazém, eram guardados e comercializados grandes estoques de produtos estrangeiros como vinhos, sardinhas, bacalhau, azeite de oliva e azeitonas, originários de Portugal, país com que mantinham boas relações comerciais.

Assim, o sucesso e o espírito empreendedor do primeiro Dreher foram transmitidos às gerações seguintes, e o seguidor foi, primeiramente, Edmundo. Após a morte deste, seguiu nos negócios, seu filho Bernardo. Conforme documento abaixo se observa a diversidade dos negócios administrados por Edmundo Dreher.

Entre as mais importantes casas importadoras da capital do estado figura a que sob a razão social de Edmundo Dreher & Cia foi fundada em 1879. Os importantes negócios que trata esta conhecida e conceituada casa, a importação e exportação de gêneros de estiva formam o principal elemento. É um dos principais exportadores de banha refinada deste estado. Representante de várias fábricas desse produto e associada em algumas delas como sejam: J. Renner & Cia em São João de Montenegro, e A. Evers & Cia, em Sta Cruz: destacam pela sua superior qualidade e pela aceitação que tem nos mercados consumidores do Brasil as marcas Roza, Tres Estrellas e Excelsior. Edmundo Dreher e Cia são igualmente representantes e agentes gerais da grande fábrica de conservas alimentícias de Carlos H. Oderich & Cia em São Sebastião do Caí. Em Tapes a firma é proprietária de um importante engenho de arroz, com uma capacidade de 500 sacos diários<sup>136</sup>.

Durante muito tempo, Edmundo permaneceu o chefe dos negócios no Rio Grande do Sul. Nascido em São Leopoldo, em 1857, fez seus estudos na cidade natal e também em Porto Alegre, adquirindo nesta última a prática comercial, indispensável para o sucesso do empreendimento. Em 1879, estabeleceu-se, individualmente, até fazer do nome Edmundo Dreher referência no Estado. Homem de grande visão empreendedora foi diretor e membro de diversas companhias com sede no Rio Grande do Sul. Em 1930, a empresa de navegação

<sup>135</sup> SILVA, Marina Raymundo. **Navegação Lacustre Osório – Torres**. Porto Alegre: Jollo, 1999, p. 58.

<sup>136</sup> Carta deixada por Ernesto Dreher. Acervo da Família Dreher doado gentilmente por Maria Cristina Dreher Mansur em outubro de 2012. [Acervo particular da Família Dreher].

passou para o nome de Bernardo Dreher, devido ao falecimento de Edmundo, conforme informação obtida junto aos descendentes.

A terceira geração dos Dreher seguiu o mesmo caminho de sucesso das anteriores, porém, por um período mais curto, devido a questões político-econômicas do Estado Novo de Getúlio Vargas. Bernardo Dreher nasceu em seis de abril de 1887 em São Leopoldo e faleceu em Porto Alegre em onze de janeiro de 1952. Concluiu seus estudos no Colégio Nossa Senhora da Conceição, escola dos Padres Jesuítas de São Leopoldo. Recém-formado, empregou-se na firma do pai “Edmundo Dreher & Cia Importadores e Exportadores”. Em 1914, casou-se com Martha Elisabeth Bercht, filha de Jorge Bercht, membro do grupo de comerciantes conceituados da capital. A Família Bercht era proprietária de uma chácara de veraneio na Tristeza. Há indícios de que tenha sido esse o motivo que levou Bernardo a comprar alguns hectares de terras na Zona Sul, onde é hoje o Bairro Jardim Isabel. Conforme relembra Martha Dreher:

Como aconteceu com muitos Porto-Alegrenses que não resistiram aos atrativos da hoje denominada Zona Sul, adquirindo pequenos sítios ou chácaras nos arredores da Tristeza e Pedra Redonda, também nós, meu marido e eu, acabamos comprando uma área de terras de regular tamanho, situada defronte à Chácara Meyer, pertencente aos descendentes da Família de Oscar Bastian Meyer. Nesta chácara existe uma colina revestida de espesso mato, refúgio de muitos pássaros, onde se ergue a Casa da Juventude e donde se descortina bonita vista sobre o Guaíba. O lugar é conhecido por “Morro do Sabiá”, designação que deu nome à região<sup>137</sup>.

Assim, Bernardo instalou-se na Zona Sul de Porto Alegre em torno da década de 1920, com o intuito, inicialmente, de usufruir o lazer conforme já o faziam outras famílias burguesas da época. Da diversidade comercial empreendida a partir do primeiro Dreher, os negócios reduziram-se a uma chácara onde se cultivavam produtos hortifrutigranjeiros.

### **2.3.1 A Chácara dos Dreher e os Jardins da Dona Isabel**

Durante muitos anos, a chácara dos Meyer foi a única vizinhança da Família Dreher naquela longínqua e inóspita região de Porto Alegre. Foi, em princípios de 1920, que Bernardo Dreher adquiriu cerca de 40 hectares de terras em uma região conhecida como Pedra Redonda, Zona Sul de Porto Alegre. Conforme relata Martha:

---

<sup>137</sup> **Nossa Chácara** - Carta deixada por Martha Elisabeth Dreher/1970. [Acervo particular da Família Dreher].

*A área de terras por nós adquirida no longínquo ano de 1923, pela quantia de cinquenta contos de réis, pertencia ao capitalista Otto Niemeyer que também morava na Tristeza, onde possuía muitas propriedades. Naquela época, ainda não existiam os balneários de Ipanema, Espírito Santo e Guarujá, cujas terras eram propriedade particular e suas praias inacessíveis ao público. A respeito, lembro um artigo do Pe. Ruben Neis, publicado há algum tempo no Correio do Povo, em que o referido sacerdote afirma que toda a imensa área de terras, desde o hoje balneário Espírito Santo, passando por Ipanema, Pedra Redonda, Vila Conceição, Tristeza e Vila Assunção pertencia um único fazendeiro, só havendo ali campos e matos<sup>138</sup>.*

As terras compradas por Bernardo eram limítrofes à Chácara de Oscar e Clotilde Bastian Meyer no Morro do Sabiá e à fazenda de João Batista de Magalhães, o Juca Batista. Atualmente, essas propriedades integram o bairro Ipanema. Após a compra das terras, Bernardo Dreher construiu a moradia da família – um lindo palacete, mais conhecido por “Castelinho”, e que ainda está no mesmo local onde foi edificado em 1923. Para a obra foram trazidos ladrilhos, vitrais e azulejos da Europa.

Figura 25 - Palacete dos Dreher/2013. No detalhe o ano da construção: 1923



Fonte: Acervo da Família Dreher.

O casarão adquiriu fama, anos mais tarde, pelos encontros de negócios que ali ocorriam. Martha Dreher relembra esses momentos: *“Como meu marido, através de seus negócios, era muito bem relacionado, nossa chácara vivia cheia de gente. Entre os visitantes ilustres lembro o Dr. Getúlio Vargas e Da. Darcy, entre outros”*<sup>139</sup>. Com o passar do tempo, os espaços da chácara foram sendo tomados pelos estábulos, chiqueiros,

<sup>138</sup> **Nossa Chácara** - Carta deixada por Martha Elisabeth Dreher/1970.

<sup>139</sup> *Ibidem*.

galinheiros, hortas, orquidários, pomares e pelos bonitos jardins da dona Isabel, como era conhecida na região, a esposa do seu Bernardo:

*Tínhamos criação de ovelhas, porcos, coelhos, aves. No pátio, ao redor da casa havia araras, macacos, tamanduás – um verdadeiro jardim zoológico. Certa vez, depois da enchente de 1941, até um jacaré apareceu no açude. Nos matos da chácara, viviam muitos animais selvagens, como guaraxains, tatus, porco-espinho, ratões do banhado, preás, além de cobras e lagartos. Nos campos, havia bandos de quero-queros e até perdizes apareciam de vez em quando<sup>140</sup>.*

Era um grande arranchamento em terras as quais costeavam o Morro do Osso, local de fauna e flora ricas. Daí, a existência de muitos animais e plantas na chácara dos Dreher. Naqueles tempos, não havia ainda a Coronel Marcos, avenida que, atualmente, conecta o centro da cidade aos bairros mais distantes da Zona Sul. Os caminhos eram de chão batido, o que dificultava o deslocamento, conseqüentemente o transporte pelo Guaíba foi, durante muitos anos, uma alternativa deveras utilizada.

Contavam os antigos moradores do lugar que, nas terras pertencentes a Bernardo Dreher ocorriam fenômenos sobrenaturais. Na divisa leste da chácara, à beira da Estrada Conselheiro Xavier da Costa, fronteira ao Bairro Ipanema, existia uma centenária figueira, local de lendas e superstições. Entre as histórias contadas pelos mais velhos, figuram as de assombrações e de tesouros, como as descritas em carta por Martha Elisabeth Dreher:

*Diziam os moradores da zona que às vezes apareciam luzes debaixo da árvore e, por acreditarem que o lugar era assombrado, ninguém se atrevia a passar ali à noite. Também corria o boato de que um tesouro enterrado havia ali e, de fato, notavam-se sinais de escavação próximo das raízes da figueira<sup>141</sup>.*

Isso atraiu os moradores das vizinhanças que vinham em busca dos tais tesouros, aumentando desta forma, o número de famílias residindo na região. Neste período, em torno dos anos 1930, além das atividades da chácara, Bernardo Dreher envolveu-se com outros negócios. É dele a primeira usina de açúcar do Estado, a Usina Santa Martha Ltda. O empreendimento, localizado no Município de Osório, foi inaugurado em 1929 por Getúlio Vargas, na época presidente do Rio Grande do Sul. Alguns anos depois, visando à ampliação dos negócios, reatou as relações comerciais com a firma de navegação de seu pai

<sup>140</sup> **Nossa Chácara** - Carta deixada por Martha Elisabeth Dreher/1970.

<sup>141</sup> *Ibidem*.

“Navegação Dreher”, pois era preciso agilizar o escoamento da produção de açúcar, ou seja, transportar a mercadoria entre Porto Alegre e a região do litoral norte.

Bernardo também era dono de um importante engenho de arroz em Tapes, cuja capacidade de produção era de 500 sacos diários. Em 1940, Bernardo Dreher abandonou essas atividades para dedicar-se, juntamente com sua esposa, às lidas da chácara na Zona Sul.

Ao desligar-se das mencionadas atividades na década de 1940, época em que a zona da chácara fazia parte do cinturão verde da cidade, Bernardo dedicou-se de corpo e alma ao cultivo e comércio de hortaliças e frutas provenientes de suas hortas e pomares, além da manutenção de seus valiosos orquidários<sup>142</sup>.

Desta forma, a família cultivava e comercializava uma infinidade de produtos extraídos de sua horta e pomar. O restante dos produtos oriundos da chácara, Bernardo transportava até o Mercado Público e comercializava no Centro da cidade.

Em matéria de verduras e frutas, as hortas e pomares organizados por meu marido primavam pela qualidade de seus produtos. Tinham praticamente de tudo e, especialmente, as frutas – maçãs, pêssegos, ameixas, marmelos, mangas, caquis, etc. Eram famosos pelo tamanho e qualidade, tanto que na época de colheita sempre aparecia muita gente de Porto Alegre para comprá-las. O que não era vendido eu aproveitava para fazer geleias, marmeladas, goiabadas e sucos<sup>143</sup>.

No auge do veraneio da Pedra Redonda<sup>144</sup> e com o advento da Estrada de Ferro do Riacho, cresceu a procura por terrenos na região. É desta época a construção das primeiras vivendas de veraneio – as imponentes e admiradas residências com praia particular. Surgem, também, os bairros Ipanema, Espírito Santo, Guarujá e, com eles, proliferam os loteamentos, resultado da divisão das terras de antigos chacareiros, como Bernardo Dreher.

---

<sup>142</sup> **Nossa Chácara** - Carta deixada por Martha Elisabeth Dreher/1970.

<sup>143</sup> *Ibidem*.

<sup>144</sup> O auge do veraneio nos balneários da Zona Sul de Porto Alegre se deu nas três primeiras décadas do século passado.

Figura 26 – Trabalhadores/Chácara de Bernardo Dreher



Fonte: Acervo da Família Dreher.

Na década de 1950, a região dos Jardins da Dona Isabel não escapou do crescimento e da urbanização imposta à Zona Sul da cidade. A chácara, outrora símbolo de opulência, transformou-se no loteamento “Jardim Vila Isabel”:

Por não se enquadrar na zona da produção hortigranjeira, nossa chácara, devido à valorização das terras e elevação dos tributos, teve de ser urbanizada, constituindo o loteamento Jardim Vila Isabel, onde os antigos campos, matos, hortas e pomares cederam lugar a bonitas vilas e aprazíveis jardins. Esta mudança, de certo modo, me causa tristeza, mas, ao mesmo tempo, fico contente quando me conscientizo de que muitos ex-moradores de apartamentos, encontraram ali a paisagem, o espaço, o ar puro, o sol e a tranquilidade que todos nós hoje tanto almejamos<sup>145</sup>.

Pelo Projeto de Lei nº 10.724 de nove de julho de 2009<sup>146</sup>, o loteamento Jardim Vila Isabel se transformou no Bairro Jardim Isabel. Resultado do empenho dos moradores e da Associação Comunitária Jardim Isabel e Ipanema (ASCOMJIP) criou-se o bairro, cujo nome foi escolhido como uma forma de homenagear aquela que foi a primeira colonizadora dessas terras: Martha Elisabeth Dreher ou simplesmente Dona Isabel.

<sup>145</sup> **Nossa Chácara** - Carta deixada por Martha Elisabeth Dreher/1970.

<sup>146</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Os bairros de Porto Alegre criados por lei**. Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p\\_secao=129](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=129)>. Acesso em: 20 dez. 2013.

Figura 27 - Martha Dreher em passeio pela chácara/1930



Fonte: Acervo da Família Dreher.

A seguir as histórias de Lya Bastian Meyer, a primeira bailarina clássica do Rio Grande do Sul, e de sua chácara de veraneio no Morro do Sabiá.

#### 2.4 VILA CLOTILDE: A CHÁCARA DA BAILARINA LYA BASTIAN MEYER

Filha única de Oscar e Clotilde Bastian Meyer, Lya Bastian Meyer, nasceu em Porto Alegre, onde teve uma infância feliz e tranquila ao lado de seus pais, desfrutando dos prazeres e das alegrias da chácara de verão na Zona Sul de Porto Alegre<sup>147</sup>. A residência onde Lya nasceu e morreu, foi edificada às margens do Guaíba em uma região chamada de Morro do Sabiá no bairro Pedra Redonda em Porto Alegre. Em homenagem a sua esposa Clotilde e demais mulheres da família, Oscar nomeou a chácara de Vila Clotilde, um refinado bosque com ares de parque inglês. Proveniente de uma família de boa posição social e financeira, a menina Lya foi envolta em um mundo de conforto, carinho e instrução. Estudou nos melhores colégios da cidade e do exterior, aprendeu línguas, o que lhe possibilitou, ainda muito jovem, a descoberta da dança.

<sup>147</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **A primeira dama do ballet clássico de Porto Alegre**. Zero Hora, Porto Alegre, Caderno Cultura, 12 mar. 2011. p. 2. (Ver ANEXO G).

Figura 28 - Clotilde (de preto) e Lya (sentada à direita) na praia da chácara/1920



Fonte: Acervo da Família Schmitz.

Primeira gaúcha a cruzar o oceano para estudar balé, Lya era uma promessa diante dos olhos especialistas de Nenê Dreher Bercht<sup>148</sup> e Mina Black Eckert, fundadoras do Instituto de Cultura Física do Rio Grande do Sul. O grupo se dedicava a esculpir jovens com sessões de ginástica artística e preparar bailarinos para saraus e festas. Após uma de suas aulas, os professores recomendaram aos pais de Lya: "*Esta menina tem que ir para a Alemanha se aperfeiçoar*". Assim, em 1928, com apenas dezessete anos, embarca para a Europa a fim de se aperfeiçoar naquilo que mais gostava: o balé clássico<sup>149</sup>.

Os ensaios da bailarina, inicialmente com suas colegas de dança, e, posteriormente, com suas alunas, aconteciam nos jardins da chácara na Zona Sul. A estes Lya nomeava de “O Bosque Encantado”. Nos dias mais quentes de verão, Lya e suas amigas e alunas aproveitavam as águas do Guaíba para um banho refrescante.

<sup>148</sup> Leonor Dreher Bercht, conhecida como Nenê Dreher Bercht morou durante muitos anos na Pedra Redonda, local onde conheceu a bailarina Lya Bastian Meyer. Na região todos a conheciam por Dona Nenê. Casada com Arnaldo Bercht (Arnold Bercht) - rico comerciante negociador de fazendas (panos). Ele importava fazendas e representava os fabricantes nacionais. A família também foi fundadora e dona do Arco dos Aventais, empresa que fabricava todo tipo de aventais, jalecos fardamentos etc. Nenê era vizinha da bailarina. Ela morava na Avenida Coronel Marcos em frente à Travessa Pedra Redonda. O terreno dos Bercht era muito bem cuidado com jardineiros permanentes. Na ocasião, se comentava a casa da Nenê se parecia uma casa de bonecas. (Depoimento do Padre Antônio Lorenzatto).

<sup>149</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **Lya Bastian Meyer: a grande dama do balé clássico gaúcho**. Revista Leituras da História, São Paulo, p. 54-57, 01 jan. 2012.

Figura 29 - Lya (sentada à esquerda) na praia da chácara/1930



Fonte: Acervo da Família Schmitz.

Na realidade, nasceu na chácara de veraneio, o seu gosto pelas artes e pela natureza, mediado pela disciplina e pelo talento de jovem oriunda de imigrantes alemães e de uma classe social em ascensão. Tempos mais tarde, já professora de balé, voltou a utilizar os espaços da propriedade para ensaios com suas alunas.

Banhada na luz da tarde primaveril, as graciosas raparigas de pés alados, tomadas do delírio da dança, evoluem à beira do lago. (...) isto, somente nas horas de lazer, pois o que a foto não mostra são as horas de trabalho, de exercício, este agora ainda mais intenso desde que a Escola de Bailados Clássicos de Lia Bastian Meyer impôs-se à bela, mas árdua missão de formar as primeiras bailarinas profissionais rio-grandenses<sup>150</sup>.

Repetidas vezes, ela e suas alunas eram fotografadas pelas lentes de fotógrafos de jornais e revistas da época, entre elas a *Revista do Globo*. A imagem congelada no tempo transmite hoje informações de uma era que vai longe. Um verdadeiro encontro com o passado. “No maravilhoso parque da Vila Clotilde, no Ipanema, a professora Lya Bastian Meyer e duas das alunas mestres de sua esplendida Escola de Bailados dançam sob o sol, numa clara evocação da Grécia”<sup>151</sup>.

<sup>150</sup> REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, ano XI, n. 248, 25 mar. 1939. [Acervo da Família].

<sup>151</sup> Ibidem.

Figura 30 - Lya (sentada à direita) e suas alunas na chácara da Vila Clotilde/1930



Fonte: Acervo da Família Schmitz.

A chácara e a residência da Vila Clotilde ainda existe e atualmente servem de moradia a alguns descendentes, entre eles, Henrique, filho de Lya, sua esposa Maria Helena Luce Schmitz, seus filhos e netos. Sobre isso recorda Maria Helena: “Faz trinta e nove anos que eu moro aqui. Durante muitos anos vivi com minha sogra, a bailarina Lya Bastian Meyer”<sup>152</sup>.

Figura 31 - A residência da bailarina Lya Bastian Meyer/2013



Fonte: Autora, 2013.

<sup>152</sup> SCHMITZ, Maria Helena Luce. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 07 mar. 2011.

### 2.4.1 Passos de uma pioneira<sup>153</sup>

Primeira bailarina clássica do Rio Grande do Sul, Eliane Clotilde Bastian Meyer, mais conhecida por Lya Bastian Meyer, nascida em 23 de janeiro de 1911, foi também pioneira no ensino da dança no Estado (ANEXO F). Coreógrafa dos próprios números, ela se apresentava no Brasil e no exterior. Chegou a dançar em Berlim, pouco antes da Segunda Guerra e a receber um convite para se radicar no 3º Reich. Foi, reconhecidamente, a bailarina número um do Teatro São Pedro nos anos 1930, onde apresentava os fundamentos da escola russa de dança, e foi por ela, que a cidade de Porto Alegre conheceu o verdadeiro balé clássico<sup>154</sup>

Lya brindava as plateias dos teatros com um fino encantamento artístico e um aprimoramento estético que não perdia para os melhores grupos de dança dos Estados Unidos e da Europa. Sempre atenta e superando-se, a bailarina dominava todos os seus movimentos, e assim, contava na linguagem dos gestos e no simbolismo dos ritmos coreográficos, a história do próprio balé.

Em plena adolescência, Lya iniciou seus estudos com Eugénie Eduardowa, ex-primeira bailarina do Marien-Theater de São Petersburgo, em Berlim. Tempos depois, continuou se aperfeiçoando com Rita Pokst, da ópera de Wiesbaden, Alemanha, e com Tatiana Gowski, coreógrafa russa, residente em Berlim. Após dois anos de aprendizado no exterior, Lya retorna ao Brasil, trazendo na bagagem a técnica e a graça do balé russo, considerado o melhor do mundo. Viajaria, novamente, para a Alemanha, no final da década de 1930, onde realizou vários recitais, apresentando criações próprias.

Em 1938, durante a ascensão nazista, teve aulas com Mary Wigman, a precursora do balé moderno na Alemanha. Com total liberdade de estilo, sem os rigores da técnica clássica, apresentou a coreografia “Batuque”, com música do maestro Radamés Gnattali, em espetáculos públicos e gratuitos. Mais tarde soube que eram shows patrocinados pelo partido nazista. A partir do grande sucesso nos palcos de Berlim e inumeráveis elogios da crítica alemã, Lya recebeu convites para permanecer na Alemanha. “A sra. Lia Bastian Meyer

<sup>153</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **Passos de uma pioneira. A leveza de Lya Bastina Meyer**. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 03 jun. 2011. p. 8. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2011/05/19/a-leveza-de-lya-bastian-meyer/?topo=13,1,1,,,13>>. Acesso em: 01 jan. 2014.

<sup>154</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **Lya Bastian Meyer: Passos de uma pioneira**. P. 492. XI Encontro Estadual de História. História, memória e patrimônio. 23 a 27 de julho de 2012. FURG – Rio Grande. ANPUH – RS.

professora de dança nesta capital, fotografada num numero de Batuque apresentado em Berlim quando de sua viagem a Europa. A sra. Lia Bastian Meyer reabriu seu curso de dansas no dia 20 do corrente”<sup>155</sup>.

Lya Bastian Meyer costumava presentear seu público com os “Serões Coreográficos”, onde apresentava uma série de diferentes coreografias, entre elas, o “Quebra-Nozes” de Tschaikowski, o “Les Sylphides” de Chopin”, o “Largo do Haendel”, o “La Boutique Fantasque” e o “El Amor Brujo”. Esse último, a bailarina, no auge de sua performance, encenou também em Berlim, no Theatro Volksbühne em 1938, transformando-se em um sucesso de público e de crítica.

O fogo do ballet já demonstrado em números anteriores atingiu o auge em Amor Brujo. O serpentear dos braços e mãos, conseguindo imitar fantásticas labaredas, demonstraram um perfeito desenvolvimento técnico, um domínio natural do corpo através do palpitante ritmo empreendido por ela. Uma interessante personalidade. Sua dinâmica interpretação baseada numa técnica perfeita enobrece ainda mais a sua arte. Maravilhosos os gestos de braços na dança do fogo. Um quadro de beleza vital, de um forte colorido da raça brasileira<sup>156</sup>.

Em “Sheerezade” de Rimsky Korsakoff, Lya compõe o ambiente oriental que sempre a fascinou. Querendo ser uma intérprete fiel de Rimsky, a bailarina lia todos os contos orientais que inspiraram o grande compositor russo. Na coreografia há uma perfeita combinação entre melodia e movimento, pois conforme Lya Bastian Meyer:

O coreógrafo deve aproveitar as suas bases sólidas, pois a música contém toda a movimentação voluptuosa das linhas do corpo feminino, o que é muito natural, pois é no Oriente que a mulher esplende sua maior feminilidade. A técnica da dança, embora não possa fugir ao academicismo, tem de evocar toda a riqueza oriental, que reside nos contos das Mil e Uma Noites. (...) Sherazade simboliza a vitória da argúcia feminina sobre a força masculina<sup>157</sup>.

A concepção e execução das apresentações da bailarina obedeciam sempre a um estilo acadêmico e a uma disciplina adquiridos na Europa, com os melhores dançarinos e coreógrafos da Alemanha. Apesar disso, era um ballet com uma liberdade de expressão a qual resultava sempre momentos de rara beleza e impregnados de uma espiritualidade pelas

<sup>155</sup> REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, ano XI, n. 248, 25 mar. 1939.

<sup>156</sup> Elogio da crítica alemã em Berlim/1928. [Acervo da Família].

<sup>157</sup> Eis como Lya Bastian Meyer define o caráter de “Sherazade”, a princesa oriental das Mil e Uma Noites, protagonista de seu último balé. Vitória da argúcia feminina sobre a força masculina. Reportagem de um jornal da época. [Acervo da Família].

impressões que transmitia ao público. Não foram raras as ocasiões em que a plateia deixava o teatro impressionada com o desempenho da bailarina. Conforme jornal da época: “O público festejou com nutridas e merecidas palmas todos os participantes do magnífico recital que tão bela impressão deixou”<sup>158</sup>.

Lya também encenou “Joana D’Arc” para um Teatro São Pedro lotado. Uma dinâmica interpretação baseada na técnica perfeita de gestos e movimentos, o que tornava seus espetáculos, inesquecíveis obras de arte. No auge da carreira, Lya se apresentou em várias capitais brasileiras, entre elas, Florianópolis.

Finalmente hoje, teremos a oportunidade de assistir a um espetáculo inédito em Florianópolis – Lya Bastian Meyer e sua escola de bailados clássicos. E para nós, motivo de justa satisfação, ver reaparecer nos palcos da capital, artistas de tão elevado grau teatral<sup>159</sup>.

E Curitiba, n o 16º Festival da Sociedade Cultura Artística Brasília Itiberê.

Carnaval com música de Schumann pela Escola Oficial de Dança do Teatro São Pedro de Porto Alegre, dirigida pela bailarina LYA BASTIAN MEYER, com o concurso Décio Stuart, primeiro bailarino do Teatro Municipal, de São Paulo. Orquestra sob direção do maestro Romeu Fossati. Curitiba, 15 de agosto de 1945, às 21 horas<sup>160</sup>.

Mesmo depois de casada, Lya continuou dançando e viajando para o exterior. No finalzinho dos anos 1930 embarca novamente para a Europa para cursos de aperfeiçoamento na dança. Em uma Alemanha Nazista se preparando para a guerra, que Lya encontra novos e fundamentais ensinamentos com Mary Wigman, a precursora do balé moderno.

O grande sucesso da bailarina, sempre aplaudida e elogiada pela crítica, levou-a a criar sua escola, a primeira oficial de dança no Rio Grande do Sul. Lya foi a responsável pela formação de uma geração de dançarinos clássicos, especialmente entre as décadas e 1930 e 1950. Numa época em que as moças eram preparadas apenas para o casamento, sem chances de um crescimento profissional, a bailarina abriu espaços para as novas gerações no balé.

<sup>158</sup> FOLHA DO POVO. Pelotas, 27 ago. 1941. [Acervo da Família].

<sup>159</sup> Lya Bastian Meyer e sua Escola de Bailado. Propaganda em um jornal da época. [Acervo da Família].

<sup>160</sup> Convite em um jornal da época. [Acervo da Família].

A dança, cujo preconceito estava no fato de as meninas – senhoritas recatadas da sociedade, mostrarem as pernas em cena, se apresentava como um árduo caminho para aquela que não se intimidava e fazia das dificuldades um desafio maior. Com um grupo numeroso de alunas, começou a coreografar e montar espetáculos, e com elas, viajava e se apresentava também pelo interior do estado. Bagé, Pelotas e Santa Maria foram algumas das cidades que tiveram a oportunidade de assistir à genialidade da bailarina.

Santa Maria, 8 (C.S.) - Chegou a esta cidade a conhecida professora de dança, Lya Bastian Meyer, com vinte de suas alunas. (...) No Cinema Imperial, onde se dará a noitada de arte, já tão ansiosamente esperada, será colocada uma placa comemorativa. Falará, no ato inaugural, saudando tão lídima representante da arte difícil de bailar bem<sup>161</sup>.

As quarenta e cinco alunas da Escola de Bailados de Lya foram coadjuvantes nas temporadas líricas da cidade, porém, tempos mais tarde e acompanhadas por grandes orquestras, eram sucesso em apresentações memoráveis nos palcos do Theatro São Pedro.

Num espetáculo que fará parte dos festejos da Semana da Pátria oficializado pelo Interventor Federal, Lya Bastian Meyer apresentará ao público PortoAlegrense, pela primeira vez, o bellissimo ballet “La Boutique Fantasque”, maravilhosa música de Rossini & Respighi, que faz reviver a época de 1890, no interior de um magazine encantado, onde se desenrolam fantásticos acontecimentos. (...) É de esperar-se, pois, que a noitada de sete de setembro, no velho e glorioso teatro da Praça da Matriz, constitua, entre nós, um sucesso sem par na história dos espetáculos de dança do Rio Grande do Sul<sup>162</sup>.

Nos anos 1930, com a administração de Alberto Bins (1928-1937), a cidade se renovava. Decorrente de um ciclo de desenvolvimento econômico do Estado, a capital experimentava um crescimento vertiginoso nas artes e na cultura em geral. A partir da remodelação da cidade, surge uma nova cultura urbana. Um novo espaço de sociabilidade burguesa. São novos hotéis, cafés, confeitarias, teatros e cabarés sofisticados para uma elite que crescia em torno das novas atividades comerciais e industriais. Em 1939 já são duas academias de dança na cidade. Além da escola da Lya Bastian Meyer, havia a Escola de Bailados Clássicos Tony Seitz Petzhold. Ambas, durante muitos anos, rivalizaram numa saudável disputa.

Lya manteve sua escola de bailado até 1959, quando então passa a se dedicar somente as aulas de ginástica na universidade, onde foi a pioneira também na ginástica rítmica,

<sup>161</sup> JORNAL DE SANTA MARIA. [Acervo da Família].

<sup>162</sup> MEYER, L. B. Teatro São Pedro. **Jornal da Época**. [Acervo da Família].

introduzindo-a na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1970, aposentou-se, encerrando definitivamente suas atividades profissionais. Pela contribuição ao balé no Brasil e pelo pioneirismo no Estado, recebeu a Comenda do Conselho Brasileiro de Dança, a última homenagem em vida.

Faleceu aos 95 anos em sua casa no bairro Ipanema, local em que cresceu e viveu toda a vida. Graças a Lya, o balé criou raízes e se propagou pelo Rio Grande do Sul e pelo Brasil. Durante muitos anos, todos os movimentos de dança tiveram sua direta participação. Idealismo, coragem e talento, fizeram de Lya, com certeza, a número um nesta arte – a primeira dama do balé que encantou os porto-alegrenses. Lya Bastian Meyer será sempre um nome a ser lembrado. Será sempre uma estrela nos jardins da Vila Clotilde<sup>163</sup>, sua linda vivenda de verão às margens do Guaíba. A seguir as histórias do veraneio das famílias Luce e Linck vivido no condomínio da Vila Nina.

## 2.5 CHALÉS DE VERÃO E O CONDOMÍNIO FAMILIAR DA VILA NINA

No condomínio familiar da Vila Nina, situado no balneário da Pedra Redonda, Zona Sul de Porto Alegre, existem ainda alguns chalés muito antigos que remetem a um tempo áureo de veraneio à beira rio. A moradia mais antiga da propriedade, erguida no final do século XIX, pertenceu ao casal Augusta e Frederico Linck, os primeiros veranistas do local. Contam seus descendentes que as terras foram adquiridas por Frederico, atendendo a um pedido de sua noiva Augusta. Desejosa de um lugar à beira rio, não só para o descanso, mas também para estar próxima às suas amigas, Augusta teria recusado, na ocasião, uma joia valiosa, presente de seu marido, pois preferiu terras na Pedra Redonda. Conforme recorda Maria Helena Luce Schmitz, sobre sua bisavó:

(...) pressentindo o que estaria por vir, preferiu trocar uma joia de certo valor em forma de placa por dinheiro e comprou a chácara. A explicação que ela deu foi de extrema sabedoria, pois, caso ficasse com a placa (um pêndulo para colocar numa corrente), apenas uma pessoa iria usá-la, ao passo que uma chácara como aquela daria a oportunidade para que os oito filhos e seus descendentes usufruíssem as benesses do lugar<sup>164</sup>.

<sup>163</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **Lya Bastian Meyer: a primeira dama do balé clássico gaúcho**. In: XI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA - ANPUH/RS, 2012. Rio Grande/RS, Publicações Eletrônicas, 2012, p. 491-500. Disponível em: <[http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1345937501\\_ARQ\\_UIVO\\_ARTIGOJANETEDAROCAMACHADO.pdf](http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1345937501_ARQ_UIVO_ARTIGOJANETEDAROCAMACHADO.pdf)>. Acesso em: 07 jan. 2014.

<sup>164</sup> SCHMITZ, Maria Helena Luce. **A descoberta da cidade: memórias em Porto Alegre**. Organizador: Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Dublinense, 2013, p. 162.

Figura 32 - Frederico Linck e família (Nina sentada à esquerda)/1900



Fonte: Acervo de Maria Helena Luce Schmitz.

No passado, chácaras e vivendas, como as da Família Linck, serviram para o lazer e o descanso às margens do Guaíba. Algumas histórias dessas antigas propriedades e de seus moradores ilustres foram contadas por Helga Bins Luce (90 anos)<sup>165</sup>, a qual também veraneava no local (Figura 32). Casada com um dos netos de Frederico Linck e também sobrinha do Intendente de Porto Alegre Alberto Bins (1928-1937), ela relembra alguns momentos alegres de verões passados na Zona Sul (ANEXO G):

A primeira vez que viemos foi em 1941, nós ficamos na casa dos Ely. Nós éramos em quarenta pessoas. Os homens dormiam na garagem dos barcos. Eu conheci meu marido José Fernando aqui, quer dizer, comecei o namoro na Pedra Redonda. Houve um baile de gala na propriedade da família Barata e lá nós dançamos juntos pela primeira vez. A propriedade dos Barata era uma linda casa de veraneio também. E no dia seguinte ele me pediu em namoro na pedra aqui na frente<sup>166</sup>.

É fato que esses eventos serviam não só para o lazer e o descanso, mas também para futuros enlacs matrimoniais. E isso ocasionou, lentamente, a transformação de um espaço ainda rural em outro, mais movimentado e populoso, já que novas famílias se constituíam.

<sup>165</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **Nove décadas de Helga Bins Luce**. , Porto Alegre, 08 mar. 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/03/08/helga-bins-luce-comemora-90-anos-com-muitas-lembrancas-da-zona-sul/>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

<sup>166</sup> LUCE, Helga Bins. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

Figura 33 - Helga e José Fernando na Pedra Redonda/1940



Fonte: Acervo de Helga Bins Luce.

Após conhecer seu futuro marido em um desses momentos de sociabilidades, Helga acabou integrando a família de José Fernando, filho de Nina e neto de Augusta e Frederico Linck (Figura 33). Tempos mais tarde, em homenagem a Nina, o condomínio localizado à beira do Guaíba foi batizado com o nome desta:

*“O chalé foi construído em 1927 pelo marido da Nina e dado de presente para ela veranejar com os dez filhos. Já a casa grande foi feita pelos Linck (Augusta e Frederico) no final do século XIX. Tanto que a rua se chama Augusta Linck em homenagem a ela. Acontece que muitas famílias de Porto Alegre vinham fazer o seu veraneio aqui, na Tristeza, na Pedra Redonda e em Ipanema. Muitas famílias faziam isso: a mulher e os filhos ficavam toda a semana e o marido trabalhava na cidade e vinha para cá nos finais de semana num trenzinho que tinha aqui”<sup>167</sup>.*

Assim, os verões na Pedra Redonda causavam expectativa, pois eram ansiosamente aguardados por aqueles que faziam da estação do estio um tempo para recreio, encontros de amigos e reuniões de negócios. Muitas famílias escolhiam os finais de semana dos meses mais quentes para os reencontros, dando continuidade às sociabilidades entre grupos burgueses naquelas primeiras décadas do século passado. Ressalte-se que esses eventos, invariavelmente, ocorriam nos espaços localizados à beira rio. Para o deslocamento até os balneários mais distantes da Tristeza, o meio de transporte era quase sempre o trem da Estrada de Ferro do Riacho, conforme relembra Helga Bins Luce:

<sup>167</sup> LUCE, Helga Bins. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

*“O trem saía do mercado e vinha até aqui. Muitas famílias faziam a viagem nele. Por exemplo, os Bier, que moravam na Avenida Independência e veraneavam aqui. Os Ely que moravam na André Puente e também veraneavam aqui. As pessoas não iam muito para as praias de mar. Era muito longe e não havia estradas”<sup>168</sup>.*

Dois aspectos foram preponderantes para os grupos de origem germânica optarem pelo lazer na Zona Sul da capital: o deslocamento para esta parte da cidade comparado ao que era empreendido para chegar à orla litorânea; e o fato de estarem todos os grupos que buscavam o lazer, juntos em um mesmo local. E, assim, o aspecto da proximidade entre as famílias permitiu estreitar cada vez mais os laços entre eles. Este é o caso da família de Helga Bins Luce:

*“A minha avó era casada com o Luis Englert e se chamava Malvina. Ela tinha uma irmã que se chamava Zulmira que se casou com um Bier. Eles fizeram uma casa aqui na Pedra Redonda para veraneio também. O Hugo Gerdau casou com uma irmã do meu pai, a Otília. Eles tiveram duas filhas, uma delas era a Helda Gerdau que se casou com um Johannpeter. Eles tiveram quatro filhos, um deles é o Jorge Gerdau Johannpeter. São todos parentes meus porque a Helda era prima irmã minha”<sup>169</sup>.*

Os sobrenomes acima citados não deixam dúvidas quanto às origens alemãs de Helga Bins Luce. E isso reforça, especialmente, a ideia da presença teuta nas praias da Zona Sul de Porto Alegre. No depoimento que segue, Helga recorda com alegria alguns momentos prazerosos de sua adolescência, quando desfrutava de banhos no Guaíba sob os olhares atentos de sua avó:

*“Aqui se podia tomar banho de rio. Todo mundo usava o rio para banhos. Eu usava os maiôs da Ação Católica com saio e tudo e a minha avó que veraneou conosco, a Malvina Englert, ficava na praia com a bengala e chamava a gente quando nós íamos muito longe. Minha avó não entrava na água”<sup>170</sup>.*

Descendente, portanto, de núcleos parentais tradicionais de Porto Alegre, Helga possuía formação privilegiada para a época. Estudou em bons colégios, viajou e conhecia vários idiomas, entre eles o alemão e o inglês:

*“(...) sou professora de inglês, de matemática e de alemão. Eu preparava os candidatos para o exame de admissão. Naquele tempo, para se entrar no ginásio era preciso fazer o exame de admissão. Eu também era secretária bilíngue. Em 1942 fui convidada para ser secretária do consulado alemão. Meus tios e meu pai decidiram que eu não podia ser secretária do consulado alemão por causa do Hitler, da guerra e porque o papel da mulher era casar e ter filhos. Naquela época todos fomos proibidos de falar alemão”<sup>171</sup>.*

<sup>168</sup> LUCE, Helga Bins. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 03 mar. 2013.

<sup>169</sup> *Ibidem.*

<sup>170</sup> *Idem.*

<sup>171</sup> *Idem.*

Helga poderia ter consolidado uma carreira profissional de sucesso, porém preferiu casar e constituir família. O período (II guerra mundial) também inspirava cuidados devido à perseguição aos teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul pelo regime de Getúlio Vargas. Para Helga, naquele momento, o casamento foi a decisão acertada: “Fiquei sessenta e cinco anos casada e tive sete filhos. Meu marido faleceu no ano passado. Fui muito feliz!”<sup>172</sup>.

Assim, integrar o grupo parental dos Linck lhe proporcionou aproveitar o veraneio na Zona Sul da cidade, uma vez que a família possuía um confortável espaço para recreação e descanso. Anos mais tarde, após o casamento com José Fernando, Helga, assim como demais alemães, estabeleceu residência na Zona Sul da cidade:

*“Eu morei algum tempo aqui e meu marido chegava do trabalho e tomava banho à noite. A água que vinha para dentro de casa era do rio. Era água boa, potável. Então a gente levava sabonete e toalha e se banhava na praia. Para uso da cozinha, havia um poço no pátio. Havia também um trapiche e os vapores vinham até ele. E aqui ao lado, nossos vizinhos eram os Pabst. A família dos Pabst era ali onde hoje é a Sociedade de Engenharia – SERGS. Havia um lindo chalé de veraneio na propriedade dos Pabst”<sup>173</sup>.*

Por muito tempo, o veraneio dos Luce, Linck e Bins foi sinônimo de diversão. As famílias começavam a chegar antes do natal e ficavam até o fim do verão. A animação era tanta que, muitas vezes, os grupos prolongavam o período de estadia até abril, quando já iniciava a temperatura mais fresca do outono.

A seguir, Helga Bins Luce reconstitui vários momentos vividos no condomínio nas primeiras décadas do século passado:

*“Toda a família veraneava aqui no condomínio. Vinham em dezembro, antes do natal, e voltavam somente em março ou abril. À noite, os adultos se reuniam para conversar. As crianças dormiam cedo. A gente tinha horário para tomar banho no rio. A água que se tinha em casa não era encanada. Era do rio direto. Tinha um poço e um chacareiro que bombeava água para todas as residências. E a gente tomava banho na praia com sabonete”<sup>174</sup>.*

<sup>172</sup> LUCE, Helga Bins. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

<sup>173</sup> Ibidem. Sobre as histórias da Família Pabst e sua chácara de verão ver capítulo 4.3 desta dissertação intitulado: “OS PABST: RESTAURANTE FAMILIAR À BEIRA RIO”.

<sup>174</sup> LUCE, Helga Bins. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

Figura 34 - Helga e o chalé erguido em 1927. Pedra Redonda/2013



Fonte: Autora, 2013.

Desta forma, como já dizia Ary Veiga Sanhudo, “um banho na Pedra Redonda é sempre uma higiene para o corpo e principalmente um regalo para os olhos”<sup>175</sup>. E, em se tratando de saúde, a prática de tomar sol nas primeiras horas da manhã sempre foi saudável e recomendada pelo médico da família. “O médico indicava pegar sol, era bom para a saúde. O doutor pediatra da família era o Décio Martins Costa”<sup>176</sup>. Também essa prática de banhar-se no lago, resultava não só benefícios para o corpo, mas também para a mente. Revelava-se, assim, uma fonte nutridora e protetora do equilíbrio psíquico, já que promovia o bem-estar e o conagraçamento dos grupos. O hábito das brincadeiras dentro d’água estendia-se a quase todas as faixas etárias (à exceção de avó de Helga), conforme relato abaixo:

*Eram muitas crianças dentro d’água e nunca aconteceu afogamento. Tinha um caninho dentro da água (como uma boia) e dali as crianças não podiam passar. Ninguém ia para o fundo, ninguém se afogava. O meu marido foi campeão de natação e ele ensinou as crianças da chácara a nadar no rio. Ele gostava de se atirar do trapiche e de sentar lá*<sup>177</sup>.

Além de aproveitar as águas do Guaíba, outras formas de lazer e diversão eram praticadas durante o verão no condomínio familiar da Vila Nina. É importante que se diga que as brincadeiras com crianças eram as mais numerosas, visto que a chácara possuía o grande contingente infantil. Segundo Helga Bins Luce:

<sup>175</sup> SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre: crônicas da minha cidade**. Porto Alegre: Movimento, 1975, p. 189.

<sup>176</sup> LUCE, Helga Bins. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

<sup>177</sup> Ibidem.

*“O meu marido tocava instrumentos e fazia serenata. Havia sessões de cinema nos jardins da chácara, se colocava o projetor e passava os filmes. Era o programa dos adultos. Para as crianças tinha as histórias contadas pela vovó Nina. As crianças sentavam todas em volta da vovó para ouvir as histórias contadas por ela. E é isso que eu sei te dizer. Fomos muitos felizes aqui!”<sup>178</sup>*

A frase final da depoente não deixa dúvidas: a felicidade foi constante naqueles verões passados na Pedra Redonda, pois Nina soube transformar a propriedade, herança de Augusta Linck, em um local onde a convivência entre as famílias foi permanente e fraterna. Assim, a matriarca Nina, ao longo das décadas e dos verões, pelas peculiaridades de sua personalidade (mãe dedicada, avó amorosa e contadora de histórias, excelente anfitriã), foi “lapidando” as relações interpessoais do clã que se sentia atraído para o veraneio no condomínio da Zona Sul.

No próximo capítulo a Tristeza e o veraneio na primeira metade do século XX.

---

<sup>178</sup> LUCE, Helga Bins. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 03 mar. 2013.

### 3 A TRISTEZA E O VERANEIO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

A região que no passado compreendia o bairro Tristeza era muito maior do que se conhece atualmente, pois o antigo arrabalde incluía os bairros atuais da Vila Conceição, Vila Assunção e Pedra Redonda. Até final do século XIX, toda a região da orla sul da cidade permaneceu exclusivamente rural e pouco povoada devido à dificuldade de acesso. Em torno de 1870, iniciaram os primeiros assentamentos de colonos italianos, atraídos pela fartura e pela fertilidade das terras. Posteriormente, vieram os alemães, cujo espírito empreendedor ajudou a desenvolver o arrabalde.

As belezas do local e as águas limpas do Guaíba fizeram a população buscar as praias da Tristeza para lazer e descanso na primeira metade do século XX, pois, conforme Olintho Sanmartin, “a população da cidade procurava recrear-se nos dias de descanso em arrabaldes aprazíveis”<sup>179</sup>, como os da Zona Sul. E foram os teuto os principais incentivadores das atividades relacionadas com o veraneio e o desenvolvimento urbano desta parte da cidade. “A Tristeza sempre foi o alegre arrabalde, para onde se deslocava a nata da sociedade porto-alegrense, a fim de curtir na primavera e no verão, o banho reanimador do Guaíba despolido”<sup>180</sup>.

Outro fator impulsionador do desenvolvimento da Tristeza foi a construção da Estrada de Ferro do Riacho. “Com a ferrovia, a localidade teve um crescimento acentuado, não só durante todo o tempo em que ela operou, mas também ainda alguns anos após o encerramento de suas atividades”<sup>181</sup>. Conforme dados da prefeitura de Porto Alegre naqueles primeiros anos do século passado, observa-se a importância da ferrovia para o crescimento do arrabalde: “Chama logo a atenção o accrescimo annual tanto de passageiros, como de carga, que me parece dever acentuar-se cada vez mais, pela procura que está tendo o arrabalde da Tristeza, como localidade de recreio e vilegiatura”<sup>182</sup>.

<sup>179</sup> SANMARTIN, Olintho. **Um ciclo de cultura social**. Porto Alegre: Sulina. 1969, p. 63.

<sup>180</sup> PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Metrópole, 1996, II v., p. 129.

<sup>181</sup> HUYER, André. **A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010, p. 131. [Orientadora: Dra. Célia Ferraz de Souza].

<sup>182</sup> PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Relatório e projeto de orçamento. Porto Alegre, 1904, p. 16-17. In: HUYER, André. **A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010, p. 81. [Orientadora: Dra. Célia Ferraz de Souza].

O propósito inicial da estrada de ferro foi o transporte de pedras e os recipientes do serviço de asseio público da cidade, porém, tempos depois, ela foi utilizada para passageiros, servindo aos moradores e veranistas que buscavam as praias da Zona Sul da cidade. Essa facilidade de deslocamento para a região possibilitou que grupos pudessem adquirir propriedades na faixa de terra entre a estrada e o Guaíba, instalando no local, casas de veraneio, vivendas luxuosas ou simples chalés à beira rio.

Junto com o trem, uma série de outros serviços se fez necessária devido ao movimento intensificado na região. As melhorias incluíam a instalação de armazéns, bares, hotéis, pensões, padarias, açougues, comércio varejista, cinema e clubes. A maior parte desses serviços foi empreendida por grupos de alemães que se fixaram na Tristeza, a partir do final do século XIX. O grande afluxo de veranistas desenvolveu também a vida social e cultural do bairro, pois com eles, vieram também novas formas de recreação como bailes, saraus, piqueniques, serenatas, festas populares, entre outros.

Os grupos que buscavam o arrabalde para veraneiar eram bem diversificados. Entre eles estavam estudantes, profissionais liberais, intelectuais e empresários, estes últimos proprietários de chácaras com lindas vivendas, a maioria à beira rio. Era um público seletivo que buscava não só as águas limpas do lago para banhos, como também o sossego e a inspiração que o local propiciava.

Entre os veranistas que no início do século buscavam o bucólico bairro da zona sul havia estudantes, funcionários, profissionais liberais como médicos, advogados e outros. Era gente da escola intelectual de Porto Alegre, prosadores, escritores, poetas, que levaram consigo à Tristeza a empolgante vida social e cultural da capital. O Correio do Povo em sucessivas décadas informa que clubes da capital realizavam na Tristeza parte de suas promoções sociais; membros dos clubes veraneavam no balneário. Aí surgiu a Colônia de Recreação dos Universitários. O Clube Jocotó e o Filosofia nasceram na Tristeza, formados na maioria por sócios residentes na capital, mas dividindo suas atividades sócio-culturais entre esta e o bairro<sup>183</sup>.

Ainda que não se evidencie um rigor crítico em seus apontamentos sobre o bairro, Olyntho Sanmartin, após uma profunda pesquisa histórica, evoca de forma romanceada cenários do balneário em sua fase mais movimentada, ou seja, nas primeiras décadas do século XX. Para ele, a Tristeza de outrora era um singular recanto – um local desejado e jamais esquecido:

---

<sup>183</sup> FLORES, Hilda A. H. **Tristeza e Pedra Redonda**. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 61.

Singular encanto apresentava, sem mencionar as ruas transversais, a zona ribeirinha protegida pela sombra amena de árvores frondejantes e de jardins caprichosamente relvados. O perfume de resinas e dos vegetais circundantes, em pleno verão, com tardes sonolentas ainda sob os reflexos do sol meridiano e mais o canto das cigarras e de pássaros mudando de pouso, todo esse quadro de uma pastoral de sonhos, propiciava aos moradores ocasionais, um repouso de plena quietude que só ao fim do dia despertava para o buliço da vida social despreocupada<sup>184</sup>.

Para Olintho Sanmartin, “o que havia de mais sedutor era um trenzinho municipal que, partindo da Estação do Riacho junto à histórica Ponte de Pedra, deslizava sobre trilhos marginando o rio Guaíba até alcançar a Praça da Tristeza onde se localizava a estação”<sup>185</sup>. A seguir as histórias do “trenzinho” da Tristeza.

### 3.1 O TRENZINHO DA TRISTEZA<sup>186</sup>

No final do século XIX, começou a funcionar, em Porto Alegre, uma linha férrea que servia aos bairros margeados pelo Guaíba. Também conhecida por Estação Ferroviária do Riacho, porque ficava à beira do Arroio Dilúvio, a linha do trem foi muito importante, pois, além de transportar passageiros e cargas, constituía um dos melhores passeios turísticos de Porto Alegre.

O “trenzinho”, como era conhecido, consistia em uma locomotiva maria-fumaça pequena que puxava dois ou três vagões e que trafegava de duas a quatro vezes por dia, dependendo da época do ano. Historiadores são unânimes em afirmar que foi devido ao trem que alguns bairros da Zona Sul de Porto Alegre progrediram. André Huyer em seus estudos sobre a Ferrovia do Riacho e o conseqüente desenvolvimento da Zona Sul afirma que:

(...) foi a necessidade de remover o esgoto cloacal da cidade, que determinou o surgimento da Ferrovia do Riacho. Em sua concepção, qualquer vinculação da ferrovia com a zona sul era meramente secundária, não tendo sido determinante. Tão somente a localização do ponto de despejo foi o que definiu o trajeto da ferrovia, à Ponta do Dionísio<sup>187</sup>.

<sup>184</sup> SANMARTIN, Olintho. **Um ciclo de cultura social**. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 63.

<sup>185</sup> *Ibidem*, p. 64.

<sup>186</sup> MACHADO, Janete da Rocha. História da Via Férrea na Zona Sul de Porto Alegre. *Revistas Eletrônicas da PUCRS – Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 1, n. 1, junho – 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/7013/5109>>. Acesso em: 22 dez. 2013.

<sup>187</sup> HUYER, André. **A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da

Inicialmente, a estrada de ferro foi usada para transportar pedras e os recipientes do serviço de Asseio Público da cidade, só mais tarde é que a mesma foi utilizada para passageiros. A linha servia aos moradores que residiam entre os bairros do Riacho (atualmente Cidade Baixa) e do Dionísio (também conhecida por Ponta do Dionísio no bairro Assunção). Tempos mais tarde, a estrada foi estendida até a praia da Pedra Redonda e com uma extensão para a Vila Nova.

Augusto Meyer, escritor, jornalista e contemporâneo do trem, ao lembrar-se de sua adolescência, recorda também momentos da ferrovia na década de 1920:

A grande animação, no Largo da Tristeza, era o trenzinho das cinco. Abro aqui uma leve pausa, em homenagem àquela venerável engenhoca, batizada com o nome de trem. Ficava a estação ao lado da velha Ponte do Riacho, e parece que ainda estou no Beco do Império, picando o passo, ao ouvir o primeiro apito. Ladeira abaixo somos alguns retardatários, em cima da hora. Mas o trenzinho, com mais apito e fumaça do que pressa, levará muito tempo a decidir-se, arrastando a sua sina pela Praia de Belas<sup>188</sup>.

Além de passageiros, o trem também levava cargas. Inicialmente eram as pedras da Ponta do Dionísio (hoje, o SAVA Clube – Sociedade Amigos da Vila Assunção), para a construção do Cais do Porto. Em torno de 1925, Borges de Medeiros, então Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, decidiu dar início à grande obra no Cais. Sendo assim, muita pedra foi levada das pedreiras da Zona Sul ao Centro da cidade pelo trem.

Tempos mais tarde, eram os desagradáveis cubos malcheirosos que faziam a viagem no trenzinho. Provenientes das casas dos antigos arrabaldes, que não tinham esgoto, fossas ou casinhas com buracos nos fundos de quintal, os cubos eram transportados diariamente em vagões do trem até o rio. Desta forma, a estrada de ferro tinha também uma função sanitária. O trajeto percorrido por esse material ia até a chamada Ponta do Asseio ou do Melo, onde ficava o antigo Estaleiro Só no bairro Cristal. Conforme Hélio Ricardo Alves:

É quase inconcebível imaginar-se em nossos dias que um trenzinho chegasse a todo o momento, num trapiche na Ponta do Melo, carregado de cubos (cabungos) cheios, até quase transbordar, de dejetos, recolhidos das casas dos porto-alegrenses, desde que fossem assinantes. Os cubos eram transferidos para um trole sobre trilhos e jogados no Guaíba o seu conteúdo. A única lembrança que eu tenho disto foi quando usávamos os cubos na nossa casa, Rua Mariante, 736, em 1932 a 1934, às custas da assinatura que

---

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010, p. 57. [Orientadora: Dra. Célia Ferraz de Souza].

<sup>188</sup> MEYER, Augusto. No tempo da flor. **Edições O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, p. 106, 1966.

meu pai fazia. Vinte e três anos depois vim morar em Ipanema, quando se pescava muito, e nunca vi lambaris e tambicus tão grandes como aqueles da Ponta do Asseio. E acreditem, os cubeiros comiam depois de assados num braseiro<sup>189</sup>.

Em tempos mais remotos, este material viajava até outra Ponta, a do Dionísio, no bairro Assunção. Porém o local serviu apenas por um tempo devido às reclamações do proprietário daquelas terras, José Joaquim de Assunção. Sobre este incidente discorre André Huyer: “Federalista declarado, durante a revolução de 1893, foi obrigado a se exilar no Uruguai. Ao retornar deparou-se com uma ferrovia construída por seus adversários políticos em suas terras, para lançar o esgoto da cidade no seu litoral”<sup>190</sup>.

Para isso foi criada a linha férrea de Porto Alegre à Ponta do Dionísio. Muita gente pensa, erroneamente, que o trenzinho da Tristeza surgiu para transportar passageiros. Foi graças à reação do Sr. José Joaquim de Assunção, que retornando de seu exílio no Uruguai, não concordou com isto, mandando arrancar todos os trilhos de suas terras (hoje Vila Assunção)<sup>191</sup>.

Para Sergio da Costa Franco, em 1915 existia na cidade de Porto Alegre, cerca de onze mil assinantes para os serviços sanitários do trem. Os cubos, fornecidos pela Intendência Municipal da cidade, eram colocados sob a tábua de assento dos banheiros da época, para serem usados e depois de cheios eram encaminhados até a estação do trem mais próxima. Logo que chegava ao seu destino, o conteúdo dos cubos era prensado e descarregado diretamente no Guaíba. Os mesmos cubos, ou cabungos, que levavam os dejetos, após serem descarregados e limpos com creolina, faziam a viagem de volta. Sobre esse assunto, afirma Sergio da Costa Franco:

O asseio público deixou suas marcas nas tradições da cidade. Como Ponta do Asseio ficou popularmente conhecida a Ponta do Melo, como Lomba do Asseio a ladeira que ligava aquela ponta à Avenida Padre Cacique. Cabungos e cabungueiros são tristemente lembrados pelos mais velhos<sup>192</sup>.

Carinhosamente conhecido como o “Trenzinho da Tristeza”, o trem trafegava lentamente, passando por diversos bairros da capital, entre eles, o Menino Deus, o Cristal, a Assunção, a Tristeza, a Vila Conceição e a Pedra Redonda. Faltou pouco para ele chegar até o

<sup>189</sup> ALVES, Hélio Ricardo. **Porto Alegre foi assim...** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001, p. 112.

<sup>190</sup> HUYER, André. **A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre.** Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010, p. 59. [Orientadora: Dra. Célia Ferraz de Souza].

<sup>191</sup> PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza.** Porto Alegre: Metrópole, 1979, p. 109.

<sup>192</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998, p. 43.

Balneário Ipanema. O início da linha do trem era na Estação da Ponte de Pedra ou do Riacho. No local existia um pavilhão de alvenaria que também servia para guardar carvão e peças de reposição do trem. Ao lado ficava o ponto de embarque e desembarque de passageiros.

Alguns anos depois, o ponto inicial da ferrovia foi transferido para a Estação Ildefonso Pinto, perto do Mercado Público, onde hoje está a Estação do Trensurb. A partir deste local, se dava também a ligação com a Estação Central de Porto Alegre e de onde saíam os trens da Viação Férrea do Rio Grande do Sul para o interior do Estado. De acordo com Alves, o primeiro ponto de partida, na beira do arroio Dilúvio, logo foi considerado longe e sem conexão com outros bairros, por isso foi construída a Estação no Centro. Ainda sobre a estação Ildefonso Pinto, relata Alves:

A linha do trem ficou popular. Construíram-se mais vagões e carros especiais para os domingos, mas os usuários vindos de bairros distantes reclamavam que a Estação do Riacho (junto à Ponte de Pedra) era muito longe. A solução foi construir uma estação central que a conectasse com a do Riacho, e assim surgiu o prédio representado pelo desenho, atrás do Mercado Público, no alinhamento da atual Avenida Borges de Medeiros, servindo para embarque de carga e passageiros vindos de longe dos bairros distantes. A Estação Ildefonso Pinto e parte da linha férrea perduraram por mais tempo, mesmo depois de desativado o percurso Zona Sul<sup>193</sup>.

O trem tinha dois horários de saída, um às 08h e o outro às 16h30min, porém nos domingos, quando a procura era maior, em função dos banhos de rio e dos piqueniques na praia da Pedra Redonda, saía em mais horários, às 10hs e às 14hs. Assim, os bairros da Zona Sul que antes eram distantes, com o trem ficaram mais perto, pois em trinta minutos de viagem, “mal dava para consumir o cartuchinho colorido de amendoim de açúcar e de pipoca bem alva e quentinha”<sup>194</sup>. O preço da passagem era de aproximadamente 400 réis, Alves faz referência a esses valores, quando recorda sua infância na escola:

Lembro que em 1930, quando estudava no Grupo Escolar Rio Branco, no antigo Caminho do Meio (atual Protásio Alves), o meu pai dava-me 200 réis para comprar a merenda no armazém da esquina, que podia ser um ovo cozido (aqueles do vidro com água) ou um pãozinho com manteiga<sup>195</sup>.

O trajeto do trem, quando saía do Centro de Porto Alegre, era o seguinte: percorria paralelamente o Cais do Porto, fazia a volta na Usina do Gasômetro e seguia pela Avenida

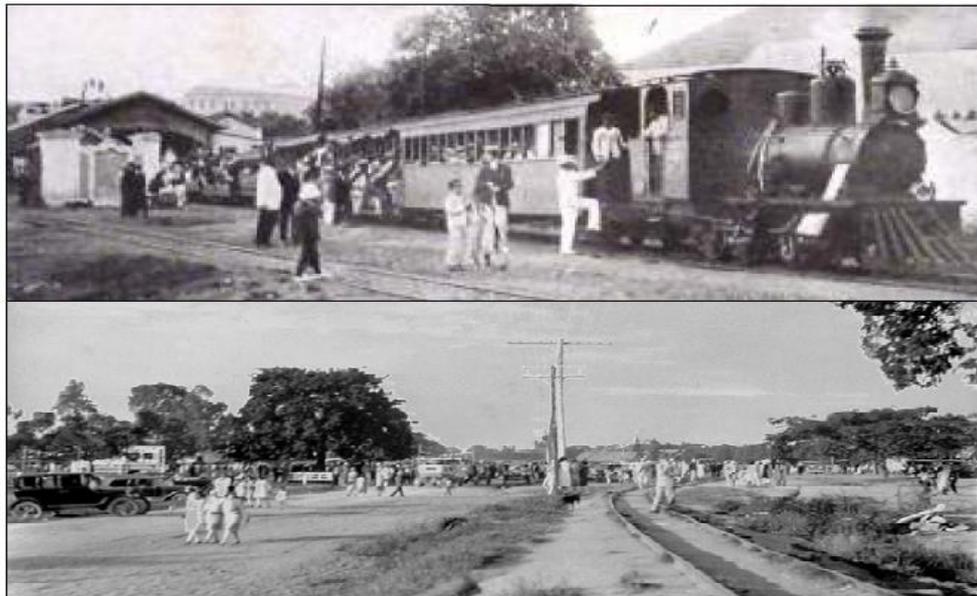
<sup>193</sup> ALVES, Hélio Ricardo. **Porto Alegre foi assim...** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001, p. 26.

<sup>194</sup> Ibidem, p. 28.

<sup>195</sup> Idem, p. 26.

Washington Luís, quando então, cruzava o Arroio Dilúvio sobre uma ponte de ferro construída especialmente para aquele fim, a aproximadamente uns cem metros do rio onde o Dilúvio desembocava. Passando para o outro lado, chegava à Estação Riacho, onde, então, os passageiros esperavam por ele. E seguia seu percurso pela Praia de Belas afora, passava por uns trapiches, pelos quartéis da Brigada Militar e logo a seguir fazia outra parada: em frente ao Asilo Padre Cacique. Sempre margeando o rio, seguia o trenzinho, balançando e soltando suas fagulhas até o próximo ponto de parada: a Ponta do Melo ou do Asseio.

Figura 35 - Momentos do balneário da Tristeza/1920: a chegada do trem e a praça



Fonte: PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p. 31.

Augusto Meyer descreve a viagem e o cenário da época:

Começa a afastar-se lentamente a estação da Ponte do Riacho, com seus chorões contemplativos, o Gasômetro e ao longe, o carrancudo perfil da cadeia. Vamos indo. A Praia de Belas encurva a enseada faceira, com debrum de sarandis, salgueiros e juncos. Já se aproxima o Asilo Padre Cacique. Lá em cima do morro, atalaia metida no seu ninho de arvoredo, branqueja o torreão do Velho Wenceslau. E agora, pelo fedor agressivo e tantos narizes tapados a dedo ou lenço, já se percebe que é a Ponta do Dionísio, com o despejo dos cabungos. Há sempre um gaiato para explicar que ali o peixe é mais gordo, a pesca milagrosa. E avança o trenzinho, como pode e como Deus manda<sup>196</sup>.

<sup>196</sup> MEYER, Augusto. **No tempo da flor**. Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, p. 107, 1966. O torreão do Velho Wenceslau que o poeta se refere é, conforme a historiadora Helga Piccolo, o velho Fenselau, uma figura folclórica no bairro Menino Deus, na primeira metade do século passado. Havia uma torre (torreão) nas proximidades de sua residência (hoje frente ao Estádio Beira Rio), local onde ele costumava meditar sempre ao nascer do sol. E era conhecido por isso em toda a Porto Alegre Antiga.

Quem utilizava a locomotiva, sentia que era uma viagem segura e tranquila pela baixa velocidade dos vagões<sup>197</sup>.

O passeio era seguro, porque o trem andava em baixa velocidade. A viagem era bonita e pitoresca. Mais de dois terços do percurso era beirando o rio Guaíba. Quem já viajou de trem se recorda do cheiro característico da fumaça e dos vapores do carvão de pedra em combustão, do balanço ritmado e do tuco-tuco da separação dos trilhos, do apito e do sino anunciando estar próxima a parada, ou para afastar um cavalo ou boi desprevenido perto dos trilhos. Nunca mais veremos na Zona Sul, num cruzamento: PARE, OLHE, ESCUTE<sup>198</sup>.

Nos primeiros anos de funcionamento, o trem vinha somente até a Ponta do Dionísio (Assunção), porém, com o passar dos anos, a via foi estendida até o bairro Tristeza, e finalmente em 1912 até a Praia da Pedra Redonda. Este prolongamento da via só foi possível graças a um empreendimento particular, sendo mais tarde adquirida pelo Estado e incorporada à Via Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS).

Tal empreendimento resultou em um grande desenvolvimento à Zona Sul, transformando-a em área nobre da cidade, com suas casas de veraneio, seus hotéis e restaurantes. O bairro Tristeza é um exemplo desse progresso, conforme conta Roberto Pellin em suas crônicas sobre o antigo arrabalde: “Tristeza progredia, habitada pela elite porto-alegrense e por famílias estrangeiras”<sup>199</sup>. Assim, o trenzinho tinha como uma de suas paradas finais, o bairro Tristeza (ANEXO H), e logo em seguida, no final de linha, o balneário da Pedra Redonda. Meyer resgata momentos deste período, quando relembra suas férias na Tristeza:

Alugamos a casa pelo verão daquele tempo, mas, entra janeiro e lá se vai março, íamos ficando e gostando, como à espera do veranico de maio. Daí a uns dias, o trenzinho a esbotar-se lá embaixo, rumo da Pedra Redonda, começava a subir a encosta, distraído, preguiçando e de subido, logo após a primeira volta do caminho, parava, extasiado<sup>200</sup>.

O funcionamento da locomotiva era um acontecimento. Quando o trem chegava ao ponto final dos trilhos – a última parada - o retorno se dava através de uma plataforma giratória chamada de redondel. Era uma operação manual feita pela força dos rapazes da

<sup>197</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **Trilhos até a Tristeza**. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 09 abr. 2010. p. 2. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2010/04/05/historia-da-via-ferrea-na-zona-sul-2-trilhos-ate-a-tristeza/?topo=13,1,1,,e228/>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

<sup>198</sup> ALVES, Hélio Ricardo. **Porto Alegre foi assim...** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001, p. 32.

<sup>199</sup> PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Metrópole, 1997, p. 89.

<sup>200</sup> MEYER, Augusto. No tempo da flor. **Edições O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, p. 105, 1966.

Via Férrea e de alguns passageiros mais prestativos. Era uma engenhoca para a época, mas que funcionava muito bem, pois permitia que a máquina ficasse virada e pronta para o retorno:

Novo apito fura os ares, provocador, histérico, mas é logo tragado pela majestosa placidez do Guaíba. O mundo não vai acabar tão cedo. Seu Pereirinha, chefe do trem, depois de relancear uns olhares torpentes e velados de profundo ceticismo pela estação, pela enseada, pelos ponteiros do relógio, e de tirar várias vezes o boné vermelho, para ventilar a tampa das idéias, dá o sinal fatídico da partida. Vamos indo, meu povo. No resvalão da hora, depenca-se ainda pela ponte abaixo o Manequinha Martins e num pulo se agarra à traseira do trem... E avança o trenzinho, como pode e como Deus manda<sup>201</sup>.

O término da Estação de Ferro do Riacho aconteceu na década de 1930. Segundo Sergio da Costa Franco, o ocorrido foi devido ao surgimento da estrada de cimento que ligou o centro à Zona Sul da cidade. “A expansão vertiginosa do automóvel e a implantação da faixa de cimento para a Tristeza no início da década de 1930 tornaram gravosa a conservação e manutenção da ferrovia municipal”<sup>202</sup>. Era a modernidade e o desenvolvimento tecnológico que instituíam os novos tempos e o fim do “trenzinho da Tristeza”.

### 3.2 ASSUNÇÃO E CONCEIÇÃO: AS VILAS BALNEÁRIAS

O bairro Tristeza foi o primeiro a atrair veranistas para as temporadas de verão e férias. O local, à margem esquerda do Guaíba, viveu, a partir do final do século XIX, um desenvolvimento econômico motivado pela procura de um grande número de famílias, muitas delas oriundas de imigrantes alemães e italianos, pertencentes a uma elite porto alegreense. Esses grupos buscavam o descanso e o lazer à beira do Guaíba e, para isso, mantinham chácaras e finas residências para uso nos períodos de férias e finais de semana (ANEXO I).

As denominadas Vilas Balneárias, entre elas, Assunção, Conceição e Pedra Redonda que integravam o bairro Tristeza, também foram muito procuradas neste período, pois entre as praias do Guaíba, eram as mais próximas do centro da cidade. Águas limpas, disponibilidade de terras, e, principalmente, a possibilidade de disporem de um meio de transporte seguro e

<sup>201</sup> MEYER, Augusto. **No tempo da flor**. Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, p. 107, 1966.

<sup>202</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998, p. 155.

eficiente (o trem) foram fatores decisivos para esta elite, composta de imigrantes, escolherem o arrabalde como refúgio.

Desta forma, foram-se expandindo os loteamentos e as construções na região. Empreendedores do ramo da construção civil ergueram belas vivendas de veraneio próximas ao lago, as quais serviam para bem receber seus proprietários nos períodos de férias. Assim, nos meses de verão, a Tristeza estava sempre repleta de gente: eram os moradores ocasionais que vinham de trem para aproveitar a estação calma, ou, apenas passar o final de semana.

Os estudos de Artur Wilkoszynski<sup>203</sup> sobre a ocupação da região da Tristeza identificam que havia uma divisão espacial marcada pela linha do trem. Essa linha demarcatória separava a população da região conforme os diferentes usos do local. Assim, as áreas residenciais da elite, ou seja, espaços onde se erguiam belos palacetes situavam-se na faixa de terras ao longo da orla e próximas ao trem.

Já as moradias mais simples, ou seja, aquelas cujos proprietários eram colonos e agricultores permaneciam do outro lado da ferrovia, no interior do arrabalde. Para esse autor, “as atividades de comércio, serviços e lazer estabeleciam-se estrategicamente entre estas duas regiões, próximas à estação do trem e ao longo da linha que havia sido prolongada até a praia da Pedra Redonda”<sup>204</sup>. E isso, com o tempo, foi reforçando a ideia do uso da região para o lazer e o veraneio de famílias pertencentes a uma classe privilegiada da sociedade porto-alegrense. Dois locais, especialmente, chamaram a atenção dessa elite porto-alegrense: as vilas balneárias Assunção e Conceição.

### 3.2.1 Vila Assunção: o balneário aristocrático

A primeira vila balneária a atrair o veranista foi a Assunção, nomeada assim em homenagem ao pioneiro na região, José Joaquim Assumpção. Nascido em 21 de abril de 1844, Assumpção adquiriu em 1888 um lote de terras de cento e trinta hectares situado onde

---

<sup>203</sup> WILKOSZYNSKI, Artur do Canto. **Relatório de pesquisa:** análise gráfico-comparativa e perceptiva da evolução urbana – caso Porto Alegre; subprojeto: análise do percurso do trem da Tristeza. Porto Alegre: FAPERGS, 1991, p. 8.

<sup>204</sup> *Ibidem*, p. 8.

é hoje o bairro Vila Assunção. Na ocasião da compra das terras, a chácara já possuía uma charqueada e um trapiche que servia para o escoamento da produção até o centro da cidade.

O local também era conhecido por “A Ponta do Dionísio”, em homenagem a Dionísio Rodrigues Mendes, o primeiro sesmeiro da região, já citado nesta dissertação. Com o tempo, Assumpção montou uma olaria movida a vapor, novidade para a época, visto que todas as demais olarias dependiam da tração animal. As atividades da chácara também incluíam uma fábrica de destilaria de álcool, que ficava na beira do rio, próxima à charqueada e a exploração de pedras. “Além da charqueada, olaria e um pouco de plantação e criação, Assumpção ainda explorava pedreiras, fornecendo pedras para a construção do cais do porto”<sup>205</sup>.

Com a Revolução de 1893<sup>206</sup>, Assumpção, devido às suas tendências federalistas, precisou se refugiar no Uruguai, lá ficando alguns anos. Segundo Flores, criou-se uma questão diplomática nas terras então abandonadas de Assumpção. Questões que envolviam o governo do Estado e a Estrada de Ferro do Riacho:

Na ausência do proprietário, o Governo do Estado explorou uma pedreira e retirou areia das praias de Assumpção. (...) ergueu um molhe de pedras, para onde vinha o trenzinho, trazendo o despejo da população de Porto Alegre e retornando com areia e pedras da pedreira, estas destinadas à construção do cais do porto. Apaziguada a situação política do Rio Grande do Sul, Assumpção retornou do Uruguai e reagiu contra a invasão arbitrária em suas terras, processando o Estado. Este se retirou para a Ponta do Melo (...) e aí prosseguiu o despejo sanitário<sup>207</sup>.

Até a morte de José Joaquim Assumpção (1918) continuava indivisa sua propriedade<sup>208</sup>. Somente na década de 1930, sua viúva Filisbina Antunes empreendeu a partilha das terras, negociando uma parte com a firma Di Primio Beck. Conforme Hilda A. H. Flores: “a viúva entrava com o imóvel e a firma com as despesas de loteamento e

<sup>205</sup> PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p. 105.

<sup>206</sup> A Revolução Federalista aconteceu no Rio Grande do Sul entre 1893 e 1895 e envolveu importantes grupos políticos. Ela pode ser interpretada por diversos enfoques analíticos. Um deles enfatiza a divisão das elites gaúchas no que tange às relações com o governo federal, vinculando os chimangos com o situacionismo federal, após a proclamação da república, e os maragatos como saudosistas do Império, críticos da descentralização e do presidencialismo. Outro enfoque detém-se no conflito ideológico: o positivismo dos republicanos e o liberalismo oposicionista. (FONSECA, Pedro Cezar Dutra. **Revolução Federalista: uma interpretação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999, p. 23).

<sup>207</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 38.

<sup>208</sup> *Ibidem*, p. 38.

urbanização, o que foi feito em 1937”<sup>209</sup>. Assim surgiu a Vila Assunção, o bairro balneário mais aristocrático de Porto Alegre.

Seguindo uma concepção de cidade jardim inspirada nos preceitos de urbanização de Ebenezer Howard<sup>210</sup> (1850 – 1928), o local deveria oferecer as vantagens e os serviços de um grande centro associados à beleza e à tranquilidade da vida no campo. E foi essa a ideia utilizada para a comercialização dos primeiros lotes do novo bairro.

Figura 36 - Anúncio divulgando o novo balneário/1938



Fonte: SOCIEDADE DE ENGENHARIA. *Boletim*, Porto Alegre, n. 31, jan. 1940.

<sup>209</sup> Idem, p. 38.

<sup>210</sup> Baseando-se em grande parte na observação das péssimas condições de vida da cidade, Ebenezer Howard propôs uma alternativa aos problemas urbanos e rurais que então se apresentavam. Segundo ele, a superpopulação era causada pela migração proveniente do campo. Era necessário equacionar a relação entre a cidade e o campo. Em síntese, a cidade era o espaço da socialização e das oportunidades, especialmente de empregos, mas padecia de graves problemas relacionados ao excesso de população e à insalubridade do seu espaço. Por outro lado, o campo era o espaço da natureza, do sol e das águas, bem como da produção de alimentos, mas também sofria de problemas como a falta de empregos e de infra-estrutura, além de uma carência de oportunidades sociais. A chave para a solução dos problemas da cidade era reconduzir o homem ao campo, através da criação de atrativos – ou “ímãs” – que pudessem contrabalançar as forças atratoras representadas pela cidade e pelo campo. Ele argumentou que havia uma terceira alternativa, além das vidas urbana e rural, que seria o que ele chamou de Cidade-Campo (Town-Country). O modelo proposto por ele foi o chamado Cidade-Jardim. (URBANISMO, planejamento urbano e planos diretores. Disponível em: <<http://urbanidades.arq.br/2008/10/ebenezer-howard-e-a-cidade-jardim/>>. Acesso em: 16 dez. 2013).

Conforme anúncio da época:

Vila Assunção – o balneário aristocrático – como muito bem foi cognominado, continua sendo o ponto de preferência da principal sociedade porto-alegrense. Surgida há bem pouco tempo, graças aos esforços dos conhecidos homens de negócios – dr. Anibal e Ernesto di Primio Beck – alidos à boa vontade da sucessão Assunção, antigos proprietários do local, a nossa capital pode contar com tão agradável e confortável ponto de reunião. Largas avenidas, ruas calçadas, ótima praia, bares e restaurantes, foram passos iniciais dos organizadores do balneário aristocrático. Moldada nos lindos e modernos balneários uruguaios, a Vila Assunção obedece aos contornos do rio Guaíba, com uma vista amurada a servir do apoio entre os largos passeios e a praia propriamente dita<sup>211</sup>.

A vista amurada e os largos passeios com praia de que falava o anúncio da década de 1930 foram itens que ajudaram a comercializar os lotes disponibilizados pela empresa loteadora. Para os novos moradores, o planejamento do novo bairro associado à natureza exuberante fez da Assunção o lugar certo para residir. “Lugar simpático, cheio de vivendas e bangalôs, na sua maioria rodeados de verdejantes jardins e sombrias árvores, é a Vila Assunção, um sítio de descanso às portas da capital”<sup>212</sup>.

Porém, diferente dos demais balneários da Zona Sul, a Vila Assunção se configurou desde o início em um bairro residencial que servia também para o veraneio e o lazer das famílias. Segundo Sanhudo: “Não direi que aí só moram aqueles que podem ter um apartamento no centro e outro no bairro balneário mais próximo da urbs. Conheço muita gente que só tem uma casa, e a situaram nessa zona amena da cidade”<sup>213</sup>. Assim, a proposta do bairro cidade jardim não só atraiu novos moradores, mas também possibilitou a expansão ocupacional da orla sul da cidade. Surgem então outros loteamentos à beira rio, entre eles, a Vila Conceição, local escolhido não só para o lazer, mas também para residência da primeira doutora em História do Rio Grande do Sul: Helga Piccolo Landgraf.

### 3.2.2 Vila Conceição e o veraneio de Helga Landgraf Piccolo

A Vila Conceição está situada em uma elevação, próxima ao Morro do Osso e às margens do Guaíba. Apesar de possuir apenas uma pequena prainha, no passado foi zona de

<sup>211</sup> SCHIDROWITZ, Léo Jerônimo. **Rio Grande do Sul: imagem da terra gaúcha**. Porto Alegre: Cosmos, 1942, p. 55.

<sup>212</sup> SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre: crônicas da minha cidade**. Porto Alegre: Movimento, 1975, p. 185.

<sup>213</sup> *Ibidem*, p. 186.

veraneio de imigrantes e também daqueles que não podiam se deslocar até o litoral. Para Sanhudo, a Conceição era uma praia de pouco mais de cinquenta metros de extensão, mas que atraía pelas belezas do lugar. “Junto às margens do rio, temos uma pequena praia pública, cousa de pouco mais de cinquenta metros de extensão, com raros trechos de areia e crivada de pedras. É um dos lugares mais aprazíveis e silenciosos da cidade”<sup>214</sup>.

As origens do nome do novo bairro remontam à década de 1930, quando o loteamento foi idealizado e projetado por Antônio Monteiro Martinez<sup>215</sup>. Em homenagem a sua esposa, Zulmira Martins Martinez, que era devota de Nossa Senhora da Conceição, o local foi batizado de Vila Conceição. Antes disso, a região era considerada parte da Tristeza, e sua área era ocupada por uma chácara de propriedade de José da Silva Guimarães, o Tristeza A pesquisa da historiadora Hilda Flores recupera parte desta história:

Parte da atual Vila Conceição integrava a gleba de terras adquiridas por Guilherme Ferreira de Abreu, em 1876. Em 1895 vieram para aí os padres palotinos, com o objetivo de dar assistência ao grande número de imigrantes italianos que havia nas proximidades. Adquiriram uma chácara correspondente à maior parte da atual Vila Conceição. Ao que parece, nela existia ainda a casa de José da Silva Guimarães Tristeza e uma senzala dos escravos. Em 1923 os padres palotinos venderam a chácara retirando-se da zona sul. O comprador foi Antônio Monteiro Martinez, um português de ascendência espanhola que veio ao Brasil no início do século quando tinha apenas 13 anos de idade<sup>216</sup>.

O loteamento da Vila Conceição também foi analisado pelo arquiteto André Huyer em sua dissertação de mestrado sobre a Ferrovia do Riacho. Segundo André Huyer,

A gleba localizada entre o loteamento Praia Nova e a Tristeza foi um dos primeiros, recebendo o nome de Balneário Villa Conceição. O acesso a ele se dava por um viaduto construído sobre o cânion da ferrovia do Riacho. Ao contrário do traçado usualmente empregado nos arruamentos de então, esse tinha as ruas curvilíneas, adaptadas à topografia acidentada do sítio. Também tinha outros aspectos diferenciados, como várias áreas para praças, e uma área de uso comum no miolo da quadra central, sendo evidente a influência do conceito de cidade-jardim. Estendia-se do leito da ferrovia até a margem do Guaíba, onde foi construída uma escadaria para acesso à praia<sup>217</sup>.

<sup>214</sup> Idem, p. 18.

<sup>215</sup> MACHADO Janete da Rocha. **Verões de outros carnavais**. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 8, n. 243, 15 fev. 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/02/15/veroes-de-outros-carnavais/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 31 dez. 2013.

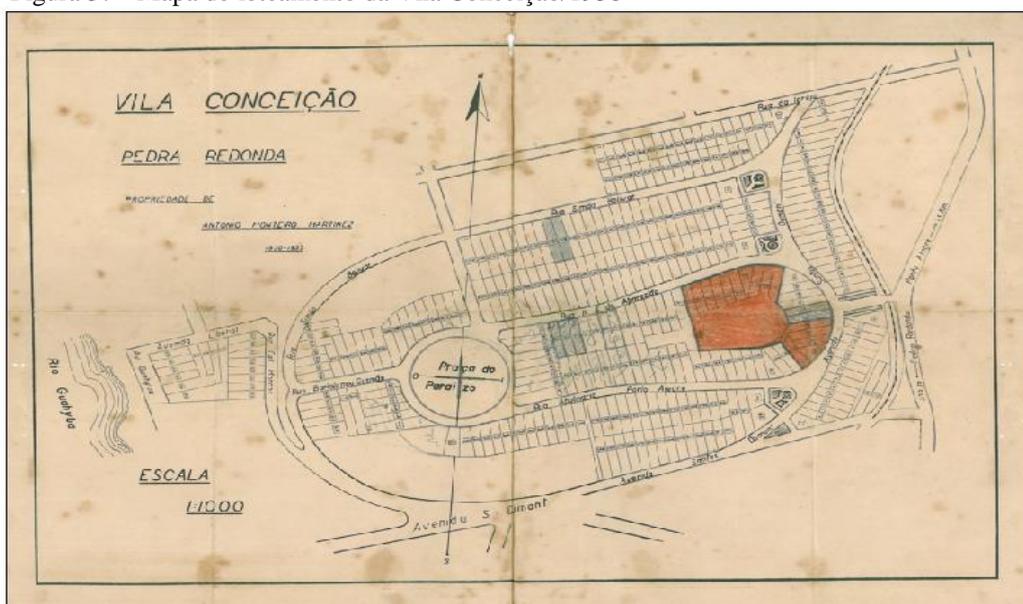
<sup>216</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 36.

<sup>217</sup> HUYER, André. **A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da

Para viabilizar o empreendimento, Antônio Martinez precisou adquirir outros terrenos próximos à antiga chácara de José da Silva Guimarães Tristeza. Para Flores, a maioria dos compradores dos lotes era de origem italiana, porém, para a historiadora Helga Piccolo<sup>218</sup>, moradora do local desde a década de 1940, os grupos eram, na sua maioria, de origem alemã que vieram em busca de lazer e descanso proporcionados pela proximidade com o Guaíba.

Quando eu vim para cá em 1945, de cem famílias aqui na Conceição, noventa eram alemãs. Porque os italianos, na realidade, se instalaram do outro lado da avenida. Então era uma coisa interessante: os alemães do lado de cá, do lado do rio, e os italianos do lado de lá, principalmente porque eles eram agricultores<sup>219</sup>.

Figura 37 - Mapa do loteamento da Vila Conceição/1938



Fonte: Acervo da Família Piccolo.

Para Piccolo (ANEXO J), entretanto, a ideia de veraneio não está muito associada ao novo bairro, pois a maioria das famílias compraram seus terrenos nas décadas de 1930 e 1940 para residir o ano todo e não apenas para o verão, como era comum em outros balneários da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010, p. 131. Orientadora: Dra. Célia Ferraz de Souza.

<sup>218</sup> Helga Landgraf Piccolo nasceu em Porto Alegre em 1932. Formou-se em História e Geografia pela UFRGS (1952). Concluiu o doutorado em História Social pela USP em 1972. Possui uma produção bibliográfica de mais de 130 obras. É pesquisadora emérita do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ).

<sup>219</sup> PICCOLO, Helga Landgraf. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 14 fev. 2013.

Zona Sul. Ainda assim, muitas dessas famílias também usavam o rio para banhos, principalmente na “Prainha da Conceição”<sup>220</sup>. Segundo Helga Landgraf Piccolo:

As residências eram de veraneio e de moradia. Não havia ruas à beira do rio. Por isso a região não era local de veraneio como Ipanema e Pedra Redonda. Mas lá embaixo, perto do rio eram mais de veraneio. Lá tem a famosa prainha da Conceição. Nós tomávamos banho nessa prainha. Principalmente porque aqui na nossa região tinha muitos momentos de falta de água e nós descíamos a rua e íamos de toalha e sabonete, todos juntos tomar banho na praia. A água do Guaíba era limpa. Depois é que ela ficou poluída. A Prainha era também lugar de namoro. A turma namorava lá à noite. Ela é conhecida também por isso<sup>221</sup>.

Também conhecida por Ponta dos Cachimbos, a Vila Conceição, durante muito tempo, foi o bairro por excelência de grupos pertencentes a uma elite de Porto Alegre. Eram famílias que priorizavam a natureza com seus recantos aprazíveis e as águas limpas do rio. Não esquecendo a convivência com seus pares, a maioria alemães.

---

<sup>220</sup> MACHADO, Janete da Rocha. Bate-Papo em nome da história. Entrevista com Helga Landgraf Piccolo. **ZH Zona Sul**, Porto Alegre, 15 fev. 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/02/14/em-nome-da-historia-um-bate-papo-com-helga-landgraf-piccolo/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 01 jan. 2014.

<sup>221</sup> PICCOLO, Helga Landgraf. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 14 fev. 2013.

Figura 38 - Helga Piccolo na Prainha da Conceição/década de 1950



Fonte: Acervo da Família Piccolo.

Figura 39 - Famílias na entrada da Vila Conceição/1920



Fonte: ZERO HORA. Caderno Zona Sul. 01 jul. 2011. p. 5.

Outras características que também atraíam o morador eram, conforme Sanhudo: “Ruas estreitas e silenciosas, com sombras suaves e convidativas. Calçamento de pedra irregular, bem conservado. Belas e majestosas residências, emergindo de encantadores arvoredos”<sup>222</sup>. Conforme relembra, saudosamente, Helga Landgraf Piccolo, “antigamente

---

<sup>222</sup> SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre: crônicas da minha cidade**. Porto Alegre: Movimento, 1975, p. 187.

todo mundo se conhecia, nós tínhamos uma associação dos moradores da Vila Conceição. Tempo bom aquele”<sup>223</sup>.

### 3.3 OS HOTÉIS E OS CLUBES DE VERÃO DA TRISTEZA

A partir das primeiras décadas do século passado, devido ao grande movimento de veranistas nas praias da Zona Sul, a Tristeza viveu uma fase áurea de desenvolvimento. E isso ocasionou incrementos não só na infraestrutura da região - construção de estradas, restaurantes, clubes, cinemas, bares e hotéis, mas também nos eventos sociais e culturais ocorridos no arrabalde.

Milhares de turistas levaram à população da Tristeza vantagens e exigências. Vantagens, porque o imigrante laborioso e geralmente humilde contactou com gente econômica e culturalmente bem colocada fazendo-o evoluir rapidamente através de uma convivência mais ou menos prolongada com o visitante, que espichava os meses de estio de dezembro a maio<sup>224</sup>.

O crescimento acelerado ocorrido na região refletiu na economia:

Na órbita econômica, a massa turística motivou um incremento da hortifruticultura e da pecuária existente, pois o consumo multiplicava nos meses de verão. Além disso, surgiu uma série de empregos e ocupações na área terciária, até então inexistentes. As primitivas chácaras foram desdobradas, fragmentadas, e no bairro germinaram uma série de serviços indispensáveis ao bom atendimento da avalanche de turistas<sup>225</sup>.

Foram os turistas que trouxeram para o arrabalde novas formas de recreação e de cultura, entre elas, o hábito dos bailes, saraus, piqueniques, serenatas e a prática de esportes. “Os veranistas da Tristeza foram os responsáveis pela abertura das atividades recreativas, introduzindo festas de caráter mundano e popular, particularmente os clubes sociais como o Filosofia, o Jocotó e o Esmeralda”<sup>226</sup>.

Com o movimento intensificado nos meses de verão e marcado por uma vida social intensa, oportunizada pelos clubes e associações, fez-se necessária a ampliação e melhorias na forma de bem receber o turista. É fato que nem todos possuíam residências de verão, por isso

<sup>223</sup> PICCOLO, Helga Landgraf. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 14 fev. 2013.

<sup>224</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 58.

<sup>225</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>226</sup> Idem, p. 64.

muitos alemães cediam suas casas para esses grupos que vinham apenas nos períodos de férias e nos finais de semana. Surge neste período, portanto, a necessidade dos serviços de hotéis e pensões. Segundo Hilda Agnes Hubner Flores:

Quando o afluxo turístico trouxe, além dos veranistas de fins de semana, aqueles que moravam no arraial durante os meses de estio, a infraestrutura hoteleira mostrou-se pequena. Havia os turistas que preferiam alugar casa. Muitos imigrantes cederam então suas próprias moradias, indo morar em peças existentes nos fundos ou no porão. Esta última opção foi a escolhida pela família Dariano. Por dois ou três verões alugaram sua residência para o poeta Vitor Silva, que veraneava com a mãe e esposa<sup>227</sup>.

Com o passar do tempo, alguns integrantes da família Dariano de que fala a historiadora Hilda Flores, foram os responsáveis pela construção do moderno cinema da Tristeza<sup>228</sup>, que depois passou a se chamar Gioconda. É importante salientar que foi no Gioconda que iniciaram as primeiras atividades sociais de alguns clubes da Tristeza, entre eles o Jocotó em 1924. “Na segunda década deste século a família Dariano, principalmente os irmãos Miguel e Leonardo construíram um moderno cinema de alvenaria na Tristeza: o Gioconda”<sup>229</sup>.

Após alguns anos o cinema foi adquirido por José Gomes, dono de chácara e próspero padeiro na Tristeza. Alberto do Valle mais tarde o comprou e reformou, equipando-o com cadeiras removíveis, com o que serviu também para teatro e salão de bailes dos clubes sociais como o Filosofia e o Jocotó, formado por veranistas, e o Padeiral, cujo corpo social compunha-se de pessoas ligadas ao ramo de panificação, e que não teve sede própria<sup>230</sup>.

A Tristeza abrigou outras casas de espetáculo, porém, o Gioconda foi o único cinema que sobreviveu à fase de veraneio. Somente na década de 1970, com o advento da televisão, o cinema da Tristeza assim como outros da Zona Sul, faliram, pondo fim às salas afastadas do centro da cidade. Os clubes sociais monopolizaram o divertimento e, entre esses, destacava-se o Clube Veranista Jocotó.

<sup>227</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 44.

<sup>228</sup> Desde sua inauguração, nos anos de 1920, até o encerramento de suas atividades em 1970, o Cine Gioconda teve três donos: os irmãos Dariano, José Gomes e Alberto do Valle.

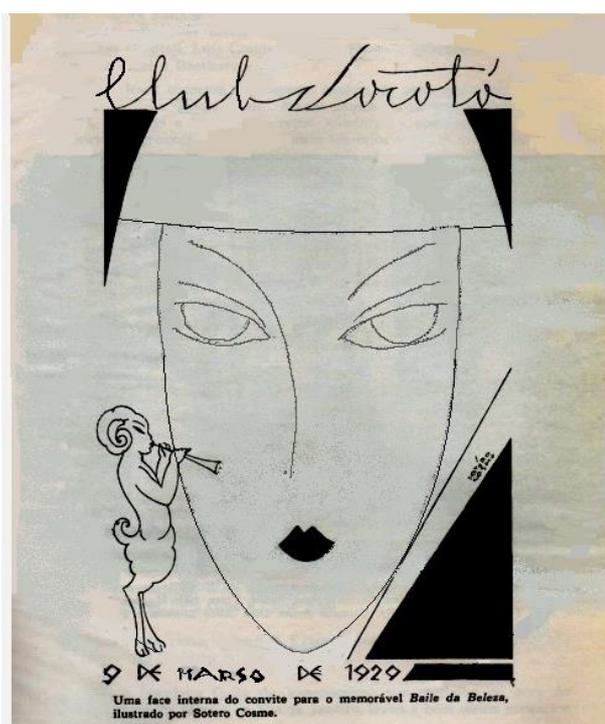
<sup>229</sup> *Ibidem*, p. 45.

<sup>230</sup> *Idem*, p. 45.

### 3.3.1 O Clube Veranista Jocotó

A obra de Olyntho Sanmartin “Um ciclo de cultura social”<sup>231</sup> traz um resumo cronológico de fatos ocorridos no cenário cultural da cidade de Porto Alegre nas primeiras décadas do século vinte. O autor centraliza seu tema nas realizações do Jocotó, um clube recreativo que nasceu no arrabalde da Tristeza no início do século passado. Olyntho Sanmartin também traz o registro da participação de conceituados artistas em ocasiões festivas e shows nos salões ao longo dos anos em que existiu o clube.

Figura 40 - Convite do Clube Jocotó



Fonte: SANMARTIN, Olyntho. **Um ciclo de cultural social**. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 123. (Traços reconstituídos pela ilustradora Rita Bromberg Brugger/2013).

Cabe registrar que os primórdios desta instituição social ocorreram nos anos de maior movimento do arrabalde da Tristeza, devido à procura pelos balneários do Guaíba nos períodos de férias e calor. Porto Alegre naqueles primeiros anos do século vinte usava ainda uma roupagem provinciana em certos recantos da cidade, como era o caso dos bairros mais afastados do centro de Porto Alegre.

<sup>231</sup> SANMARTIN, Olyntho. **Um ciclo de cultural social**. Porto Alegre: Sulina, 1969.

Nesse período, os clubes sociais e desportivos, as sociedades carnavalescas e blocos existiam em número bastante limitado em Porto Alegre. Fazem parte deste grupo, pela sua importância histórica e pela sua expressão social, a Sociedade Esmeralda, a Sociedade Filosofia, a Sociedade Filhos do Inferno e, finalmente, o Clube Jocotó – cujas festas e bailes carnavalescos chamavam a atenção da sociedade porto-alegrense da época. Na realidade, o Jocotó surgiu, pela primeira vez, na Zona sul de Porto Alegre, e, posteriormente, se propagou para outros cantos da cidade.

Associados a esse cenário urbano cultural existiam consagrados homens das letras, como poetas e jornalistas, os quais determinavam os eventos onde não faltavam também cantores, artistas plásticos, bailarinos, etc. Entre eles, é pertinente citar: Alcides Maya, Roque Callage, Mansueto Bernardi, Pedro Vergara, Augusto Meyer, Atos Damasceno, Darci Azambuja e Mário Totta. Esse último responsável pela criação e sucesso do Clube Veranista Jocotó entre os anos de 1924 e 1934.

Assim, em 1918, juntamente com outros jovens veranistas da Tristeza, Mário Totta funda o Clube Jocotó, local onde os grupos assistiam a shows musicais, participavam de conferências culturais, e, no verão, se divertiam nos animados bailes da cidade, entre eles os carnavalescos. Totta era médico e poeta, conforme Olyntho Sanmartin: “Foi um dos mais requintados espíritos que animava toda a esfera intelectual, promovendo reuniões culturais, escrevendo sua prosa simples e pura no Correio do Povo”<sup>232</sup>.

O surgimento do Jocotó coincidiu com o momento vivido pela população porto-alegrense que procurava nos arrabaldes mais distantes, descanso e recreio às margens do Guaíba. A descoberta das praias da Zona Sul permitiu que novas formas de sociabilidades fossem criadas na região, entre elas o advento das sociedades recreativas. A Tristeza era muito atraente, pois, além das facilidades de locomoção com os usos do trem, o local oferecia belas praias, natureza bastante preservada e ares aprazíveis. O lugar era bonito, cheio de vivendas e bangalôs de verão. Olyntho Sanmartin recupera esses cenários:

O que havia, no entanto, de mais sedutor, de mais ameno e poético era um trenzinho municipal que, partindo da Estação do Riacho junto à histórica Ponte de Pedra, deslizava sobre trilhos marginando o Guaíba até alcançar a praça da Tristeza onde se localizava a estação. Depois surgiu novo trecho que terminava na Praia da Pedra

---

<sup>232</sup> SANMARTIN, Olyntho. **Um ciclo de cultural social**. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 52.

Redonda, o balneário da cidade. Aos domingos e feriados esse trenzinho com sua locomotiva minúscula arrastando uma fila uniforme de vagões, circulava superlotado de passageiros amigos da Tristeza e da Pedra Redonda, onde tomavam seus banhos divertidos<sup>233</sup>.

Assim, muitos banhos divertidos nas praias da Tristeza foram tomados por Mário Totta e sua família naqueles idos de 1920, pois, assíduos que eram no arrabalde, nunca perdiam verão. E para descansar de suas atividades de professor e médico, Totta aproveitava os momentos de lazer nas praias da Tristeza. Ele idealizava e organizava todas as festividades do balneário, e por isso, sempre agradava a todos: moradores e veranistas. Esse envolvimento com o balneário fez surgir a ideia de uma sociedade recreativa, o que se concretizou por meio de seu empenho e também o de outros intelectuais da época. A denominação da sociedade foi a de “Clube Veranista Jocotó”. Sobre essa escolha, explica Hilda Agnes Hubner Flores:

O nome do clube foi inspirado pelo ‘Passo do Jocotó’ número picante e de grande sucesso que uma companhia nacional de revistas apresentara no teatro Coliseu. Átila Soares, um dos veranistas, pelo seu jeito peculiar de andar lembrava o ‘passo do jocotó’, pelo que foi apelidado como tal, e breve toda a rapaziada da república da Tristeza era conhecida como os jocotós, bem assim como o Clube que fundaram<sup>234</sup>.

Eram rapazes muito alegres que se apresentavam nas movimentadas noitadas do arrabalde da Tristeza, por isso ficaram conhecidos como “os jocotós”. Em pouco tempo o Clube Veranista Jocotó foi fundado, substituindo a Vila do Jocotó recentemente instituída, estilo uma república de jovens universitários. O comportamento desse grupo de veranistas, comandado por Mário Totta, teve uma vida boêmia de profunda intensidade. Armando Teixeira, um dos entusiastas do clube, narra os primórdios do Jocotó, bem como de sua fundação:

A 24 de fevereiro de 1918, por um grupo alegre de rapazes, constituído por José Paiva, Ariovaldo Machado, Luiz Lopes, Armando Barcellos, Leonardo Carlucci, Rui Santiago e Mário Lopes, que veraneavam então numa casinha de madeira denominada “Vila Jocotó”, neste arrabalde, foi levada a efeito a representação de um interessante espetáculo humorístico, ao ar livre, com o concurso dos seguintes veranistas: Pedro Paulo da Rocha, Carlos Guaragna, Manoelito Teixeira, Átila Soares, Otávio Soares e Armando Teixeira. A realização desse divertimento, que alcançou um ruidoso sucesso, constituiu o início do nosso inigualável Jocotó<sup>235</sup>.

---

<sup>233</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>234</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Réus**. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 63.

<sup>235</sup> SANMARTIN, Olyntho. **Um ciclo de cultural social**. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 65.

Figura 41 - Carnaval na Tristeza/1929



Fonte: PELLIN, R. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p. 102.

Figura 42 - Diretoria do Clube Veranista Jocotó/1931



Fonte: SANMARTIN, O. **Um ciclo de cultural social**. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 169.

Conforme Olyntho Sanmartin, “havia canções alegres escritas pelo Dr. Totta e ensaiadas pelo cordão do clube composto de pares sempre precedidos de ensaios muito ao gosto da mocidade da época”<sup>236</sup>.

<sup>236</sup> SANMARTIN, Olyntho. **Um ciclo de cultural social**. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 83.

A primeira diretoria responsável pelo clube, que tinha sede na Tristeza, estava assim constituída: Presidente honorário, Mário Totta – Presidente, Álvaro de Lima Santos – Vice-Presidente, Carlos Noll Sobrinho. O clube também possuía um veículo de divulgação e comunicação que era “O Veranista”, um jornal impresso em papel gessado de regular formato, ilustrado e que além das notícias locais, no período de férias, publicava textos literários.

Entre os poetas colaboradores do jornal estavam Mario Totta, Peri Vale Soares, Zeferino Brazil, Raul Totta e Euclides Lobato. O jornal era publicado quinzenalmente nos períodos de veraneio que eram os meses de janeiro e fevereiro. No período carnavalesco, o clube promovia movimentados bailes, os quais se realizavam nos salões do Cinema Gioconda, popular casa de diversões da Tristeza. Momento em que Porto Alegre vivia seus melhores carnavais populares com ênfase para os cordões, desfiles de foliões, carros alegóricos e os bailes de clubes.

Um antigo morador do bairro relembra detalhes desses alegres carnavais vividos no arrabalde da Tristeza:

A Tristeza nunca foi triste. Talvez para desmentir o nome lendário, com diversas versões. Em eras passadas, núcleo populacional pequeno, havia muita integração social, por meio das reuniões familiares. Funcionava também como elemento aglutinador um cinema - o Gioconda, em um amplo prédio ainda existente ao lado do supermercado Nacional, na Avenida Wenceslau Escobar, atualmente desocupado. Existiam, então, entre outras, duas sociedades rivais: Jocotó e Filosofia. A primeira, mais despojada e foliona. A segunda, mais elitista e restrita. A Filosofia era presidida pelo Dr. Armando Barbedo, e o Jocotó, pelo Dr. Mário Totta – ambos renomados médicos que, mais tarde, vieram dar seus nomes às ruas onde moravam e que até hoje são mantidos. O Dr. Mário Totta era uma pessoa extrovertida, muito alegre e jovial, sempre à frente dos acontecimentos singulares do arrabalde. Assim, quando foi introduzida no bairro a luz elétrica, promoveu o festivo funeral do lampião. Os bailes de carnaval eram efetuados, quase sempre, pelo Jocotó no cinema Gioconda, e os da Filosofia no Theatro São Pedro, no centro da cidade. Na noite do respectivo baile de Carnaval, antes de iniciá-lo, cada sociedade realizava um corso, em carros abertos, precedido por cavalarianos que tocavam clarins pelas ruas centrais da Capital. (...) O entusiasmo e a animação eram extravasados por canções, confete, serpentina e lança-perfume. Tudo era, apenas e tão somente, alegria espontânea, sem malícia ou qualquer perversão ou desvio. Ocorriam ainda durante os folguedos carnavalescos banhos à fantasia no Guaíba, em que os veranistas utilizavam as mais estranhas vestimentas e disfarces. Assim foi a Tristeza na época do Carnaval<sup>237</sup>.

<sup>237</sup> CHAVES, Gastão Loureiro. Depoimento. **Zero Hora**, Porto Alegre, Caderno Zona Sul, 09 fev. 2007. Texto na íntegra no Blog do ZH Zona Sul. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2009/02/24/a-tristeza-e-o-carnaval/>>. Acesso em: 24 fev. 2009.

Entre outras promoções expressivas, merece registro o “Enterro do Lâmpião de Querosene”, quando, em 1924 a luz elétrica, destrinando o lâmpião, passou a iluminar a Tristeza. E o clube veranista Jocotó teve importante participação neste evento.

Episódio curioso está relacionado ao surgimento da luz elétrica na Tristeza. Em 1924, velho e fiel lâmpião de querosene estava superado. A turma de intelectuais achou que ele não merecia simplesmente o desprezo, mas uma despedida digna dos longos anos de serviço que prestara. Fizeram-lhe o enterro, os Jocotós à frente. Velaram a noite toda na sede do clube, e no dia seguinte, em coche puxado a cavalo, o séquito se dirigiu em direção ao cemitério, às margens do Guaíba<sup>238</sup>.

Como o movimento de veranistas era grande nesse período, o trenzinho transportava os grupos em vários horários do dia.

O carnaval era festejado nos salões e na rua, com desfiles dos blocos que caprichavam nas fantasias. Para assistir a estes festejos o trenzinho transportava centenas de pessoas que se deslocavam da capital para o alegre bairro balneário, assistindo aos desfiles, engrossando o ‘entrudo’, isto é, o hábito de se jogar farinha nos foliões, e superlotando os salões da Tristeza, que nesses momentos tornavam-se poucos e pequenos para abrigar toda a alegria contagiante do Rei Momo<sup>239</sup>.

Foi na gestão de 1934, quando Mario Totta ainda era diretor do clube que se encerraram as atividades culturais do Jocotó. O seu declínio era evidente, desde o momento em que Totta, o maior de todos os incentivadores do clube, entrava em recesso por já ter cumprido longo mandato e por estar passando por problemas familiares. Cabe salientar que foi durante as gestões de Mário Totta que o Clube Veranista Jocotó viveu seus anos de maior esplendor, cujo destaque se deu para o caráter cultural da instituição. No Gioconda se apresentaram artistas conhecidos da época como Pasqual Fossati acompanhado pelo pianista Ramadés Gnattali.

No capítulo a seguir, as histórias do Hotel da Praia, local que hospedou os primeiros veranistas do arrabalde.

### 3.3.2 O hotel da praia

Veranear em praia de mar, no início do século passado, significava viajar dias e dias de carruagem ou navegar pelas lagoas costeiras, fazendo baldeações em barcos a vapor e

<sup>238</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Réus**. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 66.

<sup>239</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Réus**. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 66.

trens. Tudo para se chegar a Torres ou a Tramandaí, as mais conhecidas. Por isso, a Tristeza foi a escolhida na virada do século passado como local de veraneio do porto-alegrense<sup>240</sup>.

Considerado um espaço de identidade urbana e de contato dos moradores com o Guaíba, se fez necessário o incremento de infraestrutura na região, já citado. Assim, bairro recém-ligado à cidade por via férrea e margeado em parte pelo Guaíba, a Tristeza foi o primeiro balneário descoberto pela população, pois, além dos banhos de rio, o local propiciava descanso e tranquilidade aos moradores ocasionais.

Conforme Roberto Pellin:

A praia da Tristeza, que ficava na praça, era bonita. O ar puro, as frutas abundantes, o panorama bucólico, tudo isso era um convite irresistível ao homem da cidade. O porto-alegrense fugia do centro e vinha até os fins de linha, que eram o do bonde Teresópolis (puxado a burros até 1908), e o trem, na Estação da Cantina, até 1906 (hoje entrada da Vila Assunção). Desses pontos, os excursionistas eram levados à praia pelos breques (quatro rodas, tolda e dois cavalos \_ os chamados carroções) ou pelas aranhas do Sr. Chico Capra<sup>241</sup>.

Para Sérgio da Costa Franco, a Tristeza veio a ser a primeira estação de veraneio dos porto-alegrenses ricos, que ali mantinham chácaras e mansões de lazer à margem do Guaíba. As terras onde hoje se encontram alguns dos casarões mais antigos do bairro foram compradas nos idos de 1900. E um exemplo dessa elite era a residência com praia particular que ficava no número sessenta e quatro da rua Dr. Mário Totta. Um logradouro cujo nome presta uma homenagem àquele que tanto fez pelo bairro e pelo clube recreativo Jocotó.

Na região havia aqueles que não tinham residências de veraneio, chácaras ou vivendas, como era o caso dos estrangeiros, entre eles argentinos e uruguaios. Nesse período, ficou conhecido o Vapor Porto Alegre que trazia turistas aos balneários da Zona Sul. Essa mobilidade turística impôs a necessidade de infraestrutura relacionada à hospedagem, a fim de acolher esses grupos que buscavam o lazer na região.

---

<sup>240</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **A casa da Mário Totta**. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 133, 3 dez. 2010. p. 1 Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/05/31/da-inglaterra-para-a-zona-sul/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 31 dez. 2013.

<sup>241</sup> PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Editora do Autor, 1979, p. 21.

Fez-se necessária, então, a construção de hotéis (ANEXO K). Alguns deles tornaram-se locais de referência, como o Hotel da Praia, situado às margens do Guaíba no centro do arrabalde. Em 1901, o senhor Lazarini e sua mulher, Catarina, filha de Luiz Capra, um dos fundadores da Tristeza, compraram o imóvel, na rua Dr. Mário Totta, à beira do Guaíba. Como já tinha certa experiência no ramo da hotelaria, adquirida com seu pai, Catarina convenceu o marido a fundar o Hotel Lazarini.

O prédio, uma construção em estilo colonial, todo de alvenaria, com dois andares e decoração moderna para a época, ficou conhecido como o Hotel da Praia. O agradável recanto, sombreado por árvores centenárias e lindos jardins, teve seu apogeu nos anos de 1905 e 1906, período em que as praias ficavam tomadas pelos turistas.

Em 1908, o Hotel da Praia foi comprado por uma congregação de religiosas, que instalaram o Colégio Santa Rita, um dos primeiros da Tristeza. Administrado pelas irmãs da Ordem do Imaculado Coração de Maria (fundada por Bárbara Maix, recentemente beatificada), a escola teve como primeira diretora a superiora madre Maria Angelina do Santíssimo Sacramento e funcionou, regularmente, no prédio do hotel por seis anos. Após esse período, o local foi ocupado pelas órfãs do Asilo São Benedito. Atualmente, o antigo colégio das irmãs é conhecido por Escola Mãe de Deus e fica na mesma rua onde teve origem: a Dr. Mário Totta.

Passaram-se os anos, e o espaço do antigo Hotel da Praia foi adquirido pelo Banco do Estado do Rio Grande do Sul – o Banrisul, que construiu um novo prédio no local, cuja finalidade foi a de oferecer aos funcionários uma colônia de férias. As famílias se deslocavam do interior do estado para passar férias na Tristeza. Em torno dos anos 1930 e 1940 era comum os trabalhadores do banco passarem ali uma temporada de veraneio. O local permanecia atraente em função da balneabilidade do Guaíba: eram águas limpas e, portanto, perfeitas para o banho.

Figura 43 - Hotel da Praia da Família Lazarini/1905



Fonte: Acervo do Colégio Mãe de Deus.

Figura 44 - Famílias na Colônia de Férias do Banrisul/1940



Fonte: Museu do Banrisul.

Nos anos seguintes, a sede ganhou notoriedade e as páginas dos jornais porque recebeu visitas ilustres. Em 1952, o então presidente da República, Getúlio Vargas é fotografado junto com outras autoridades, entre elas, Renato Costa, diretor do Banrisul durante vinte anos, e João Goulart, o Jango. No final dos anos 1960, foi a vez da Seleção Brasileira (quase tricampeã) atrair os olhares e a atenção dos tristezenses, período em que a

colônia de férias do banco hospedou Pelé, Rivelino, entre outros. O lugar era muito atraente e o calor convidava os ilustres para um banho de rio.

Durante muito tempo, a colônia de férias do Banrisul serviu aos funcionários e seus familiares, principalmente para os usos do rio, descanso e lazer. Com a poluição das águas do Guaíba, no final da década de 1960, o imóvel se transformou apenas em um local onde os bancários praticavam esportes e faziam cursos. E, finalmente, na década de 1980, a residência foi comprada pela Companhia de Processamento de Dados do Estado (PROCERGS), atual proprietária do imóvel. Após algumas reformas, a sede foi reinaugurada em nove de dezembro de 1982, ano do décimo aniversário da empresa, na gestão do então governador José Augusto do Amaral de Souza. Com uma área de 5,8 mil metros quadrados, sendo 2,1 mil de área construída, o local foi destinado para Centro de Treinamento dos funcionários.

## 4 PEDRA REDONDA: LUGAR DE LAZER, DE REQUINTE E DE DESCANSO

### 4.1 A FOTOTECA SIOMA BREITMAN E AS IMAGENS DE VERÃO

As fotografias antigas permitem por meio de um “dar a ver a cidade”, um novo olhar sobre parte da história de Porto Alegre. A história do veraneio na Pedra Redonda (ANEXO L), Zona Sul de Porto Alegre, na primeira metade do século passado, se insere no que Ana Maria Mauad denomina de “abordagens pouco convencionais”. Para a autora, a partir da necessidade de se problematizar outros temas, faz-se necessário ampliar o universo das fontes, daí o uso da fotografia. Segundo Ana Maria Mauad: “Novos temas passaram a fazer parte do elenco de objetos do historiador, dentre eles a vida privada, o cotidiano, as relações interpessoais”<sup>242</sup>.

A coleção de fotos aqui analisadas integram o acervo digitalizado da Fototeca Sioma Breitman do Museu Joaquim José Felizardo, o Museu de Porto Alegre. As fotografias selecionadas retratam não só paisagens, mas também personagens, os quais se fazem presente pelas lentes de fotógrafos desconhecidos. São imagens que interagem, possibilitando uma análise mais completa acerca de hábitos de vilegiatura vividos às margens do lago.

É fato que a prática de banhos nas águas do Guaíba na parte sul da cidade possui registros fotográficos que remontam aos anos de 1900, identificado na primeira imagem analisada. Na foto em questão, (Figura 45), vê-se uma família de veranistas da Pedra Redonda, um dos primeiros balneários descobertos pela população. A fotografia indica um lugar recém-descoberto pela população, com cenários ainda pitorescos da Zona Sul. São famílias que, ao herdar grandes levas de terras (muitas delas à beira do rio), utilizavam-nas para o veraneio e descanso. Tempos mais tarde, passaram a residir nas propriedades de verão. A imagem mostra também a natureza delineada pela presença de grandes pedras sobrepostas e uma areia grossa e escura que declina até a beira do rio. Roberto Pellin define assim a Pedra Redonda daqueles tempos:

---

<sup>242</sup> MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, n. serv. v. 13, n. 1, p. 137, jan.-jun. 2005.

É uma praia funda, por ser costa de um morro alto. Tem uma areia grossa, misturada com conchinhas do tamanho de uma unha. Podemos considerar como seus limites a Ponta dos Cachimbos e o Morro do Sabiá. No verão recebe uma brisa agradável da Lagoa dos Patos, a partir das quatro horas quando surgem as ondas que vão se amainar lá pelas sete da noite. Por todos esses predicados e pela sua paisagem natural, a Pedra Redonda foi eleita a melhor praia do Guaíba<sup>243</sup>.

A indumentária da personagem feminina da foto indica que esta pertence a uma classe privilegiada da sociedade daquele período. Vestindo um longo traje e finas luvas, a jovem senhora posa para as lentes do fotógrafo desconhecido. O chapéu e a sombrinha completam o figurino e indicam os cuidados com a pele e com a saúde. A moda, proveniente da Europa, impõe também que todo o corpo deveria ser coberto para proteger a pele branca dos raios solares (Figura 45). O cenário refletia desta forma, um lugar de descontração, de lazer, de moda e de conversas à beira do Guaíba, permeando uma nova cena social em plena virada do século.

Figura 45 - Família de veranistas da Pedra Redonda/1900.



Fonte: Museu Joaquim José Felizardo/Acervo da Fototeca Siomam Breitman.

Até fins do século passado, os rapazes e moças se cobriam da cabeça aos pés, evitando sair nos horários mais ensolarados, a fim de preservar um tom pálido, macilento, funéreo, sinal de distinção daqueles que não precisavam trabalhar sob o sol. Sombrinhas, chapéus, luvas eram indispensáveis, além de anquinhas, ombreiras, estofos para os seios e as nádegas e espartilhos para a cintura. Algumas moças chegavam a tomar vinagre pela manhã, com o intuito de produzir um efeito esverdeado e musgoso à cútis<sup>244</sup>.

<sup>243</sup> PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p. 110.

<sup>244</sup> SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio**. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 561.

O enquadramento da fotografia em questão é no sentido horizontal, isto é, um estilo bastante utilizado pelos fotógrafos de paisagens. Quanto à direção da foto, o olhar inicia da direita para a esquerda, onde se vê, primeiramente, a família, os elementos centrais da imagem. Conforme Ana Maria Mauad, “os estudos sobre visualidade afirmam que o observador inicia o percurso do seu olhar pela imagem da direita para a esquerda, de cima para baixo, numa trajetória em S”<sup>245</sup>. Seguindo o raciocínio de Ana Maria Mauad, a fotografia, neste caso, pode ser usada com a intenção de recuperar os códigos de representações sociais e comportamentos de certa classe social num dado período histórico, pois o caráter de exotismo do balneário, propiciado pela natureza exuberante, também servia para um público que tinha dinheiro e podia gastar em lazer e férias durante alguns meses do ano.

A história de um lugar, contada por meio de fotografias reflete as experiências tanto dos turistas quanto daqueles que trabalhavam no balneário, promovendo a viabilização dos empreendimentos e dos lazeres. Por outro lado, ser uma estação de veraneio significava estar integrada à urbanização da cidade. Assim, as temporadas de férias no local implicaram um estímulo às oportunidades de novos produtos e serviços. Com o advento da Estrada de Ferro do Riacho e dos vapores que percorriam as águas tranquilas do Guaíba, dava-se o deslocamento até o arrabalde. O surgimento de hotéis e restaurantes na região se impunha como componente indispensável ao desenvolvimento do lugar. Dessa forma, os confortos oferecidos conduziam às sociabilidades, as quais incorporavam um novo padrão de comportamento como a sensação de bem-estar adquirida com a mudança de “ares”.

Em torno dos anos 1920, ocorreu a construção de um trapiche na beira da praia (segunda imagem – Figura 46). Patrocinado pela Intendência Municipal, o trapiche facilitava a chegada dos veranistas que vinham de vapor. Ficaram conhecidos, o Guaporé, o Bubi e o Santa Cruz, embarcações que transportavam, pelo Guaíba, famílias até a Pedra Redonda. O movimento atraía não só aos porto-alegrenses, como também estrangeiros, entre eles, argentinos e uruguaios que vinham à procura de diversão no balneário. Conta Roberto Pellin que brasileiros de outros estados também procuravam a Pedra Redonda, entre eles, os cariocas, os quais buscavam nas atrações da Pedra Redonda, recreio e descanso.

---

<sup>245</sup> MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, n. serv. v. 13, n. 1, p. 148, jan.-jun. 2005.

Figura 46 - Trapiche da Pedra Redonda/1920



Fonte: Museu Joaquim José Felizardo/Acervo da Fototeca Sioma Breitman.

O enquadramento da fotografia (Figura 46) se dá no sentido horizontal, porque é uma paisagem, cujo cenário apresenta o trapiche em primeiro plano. A fotografia foi feita de dentro do rio, aproveitando assim, um amplo cenário da beira da praia, com sua natureza ainda bastante preservada. Observa-se que a intenção do fotógrafo era a de salientar a presença do trapiche. Conforme pesquisas já concluídas, é possível afirmar que os muros e o portão que aparecem na fotografia pertenciam à família Pabst, analisada nos próximos capítulos.

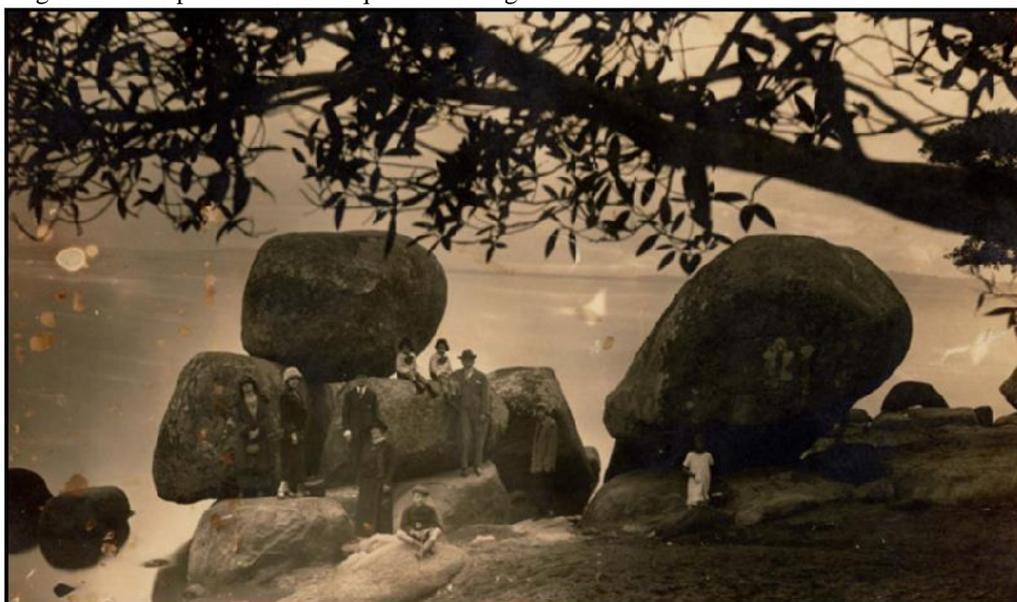
Na foto seguinte (Figura 47), identifica-se um grupo de veranistas em pose para as lentes de algum fotógrafo desconhecido. Observa-se, nesta imagem no sentido horizontal, por se tratar também de paisagem, uma visão do balneário da Pedra Redonda. Em primeiro plano, “salta aos olhos”, um grupo de homens, mulheres e crianças, e, num segundo plano, a paisagem. São as grandes pedras da beira do rio, marca reconhecida do balneário, as quais deram nome ao local. “Faz parte da Tristeza e tem este nome porque em sua praia encontramos três enormes pedras acavaladas, sendo a superior maior e arredondada”<sup>246</sup>.

Na imagem (Figura 47) observa-se ainda a presença de duas jovens senhoras vestindo roupas típicas dos anos de 1920. Nessa época, a moda feminina já estava livre dos espartilhos do século XIX e por isso as senhoras podiam ousar mais, mostrando as pernas e o colo. Os

<sup>246</sup> PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Editora do Autor, 1996, v. 2, p. 90 e p. 110.

vestidos eram mais curtos, leves e elegantes, com braços e costas à mostra. O tecido predominante era a seda, o qual facilitava os movimentos. O chapéu era acessório obrigatório e ficou restrito ao uso diurno. O modelo preferido era o “enterrado” até os olhos que só podia ser usado com os cabelos curtíssimos. A imagem deixa a ver ainda que mulher sensual era aquela sem curvas, seios e quadris pequenos e a atenção estava toda voltada aos tornozelos. Já os homens transformaram o terno em sua peça de vestuário por excelência, mesmo à beira do rio em momento de lazer e descontração, usavam o chapéu Panamá, que apesar do nome era fabricado no Equador.

Figura 47 - As pedras redondas que deram origem ao nome do balneário/1920



Fonte: Museu Joaquim José Felizardo/Acervo da Fototeca Sioma Breitman.

A outra imagem aqui analisada mostra, além da bela paisagem, um grupo de “vilegiaturistas” em momento de descontração à beira do lago. Na imagem (figura 48), em sentido vertical, se identifica dois grupos: um de rapazes e outro de meninas banhistas. As fotos dos jovens em trajes de banho mostram os corpos sob uma perspectiva histórica em plenos anos trinta do século passado. De um lado, salienta a evolução da moda com a diminuição do tamanho do vestuário. E, de outro, a importância da saúde e do vigor dos corpos. É importante que se diga que, ainda no século XIX, os médicos recomendavam para a boa saúde de seus pacientes, férias em lugares aprazíveis, entre eles, a praia.

Portanto, sobre o vestuário gravado nas imagens, evidencia-se a transformação dos trajes de banho que vão, progressivamente, e sob o efeito da moda, diminuir com o passar dos

anos. Surgem, para os homens, os calções de banho e camisetas de física brancas. Para as mulheres, a ousadia foi maior. Na sensualidade dos contornos, a aparência dos maiôs inteiros que vão do pescoço até os joelhos.

Com o passar dos anos, as roupas passam por mais modificações: o calção masculino que ia da barriga à perna, passa a ser colado ao corpo e para as moças, surge o maiô inteiro, porém, mostram-se as costas, as axilas, e, às vezes, também, as coxas, salientando, sensualmente, as nádegas. Nesse período, tem-se o rompimento da timidez e do recatamento impulsionado pelo advento das roupas mais curtas e provocantes (Figura 48). Surge, assim, uma maior contemplação dos corpos, os quais douram sob os raios solares. O forte calor da cidade nos meses de janeiro e fevereiro convidava os porto-alegrenses para o veraneio nas praias da Orla Sul alterando assim a rotina.

Figura 48 - Veranistas da Pedra Redonda em trajes de banho/1930



Fonte: Acervo da Fototeca Sioma Breitman/Museu Joaquim José Felizardo.

Desta forma, conclui-se que as novas formas de usufruir o tempo livre, associadas ao conforto proporcionado pelos investimentos no local fizeram do balneário da Pedra Redonda um ponto de encontro e de entretenimento importantes na Zona Sul da cidade.

## 4.2 O BALNEÁRIO DO SR. FUSTER: A FESTA DOS JORNALISTAS

Situado na Pedra Redonda, o balneário do espanhol Valentin Gaspar Fuster atraía não só por conta dos aprazíveis cenários à beira do Guaíba, como também pelas divertidas festas oferecidas pelo proprietário na década de 1930. Entre elas, uma se destacava, merecendo matéria nos jornais da época: a Festa dos Jornalistas (ANEXO M)<sup>247</sup>.

Inspirado nas praias de Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevideú, Fuster projetou o balneário, o qual oferecia as mais famosas festas carnavalescas, que incluíam banda de música, banhos a fantasia, serpentina, lança perfume e aluguéis de roupas, as quais podiam ser usadas em cima do maiô. Nas imagens da Revista do Globo, é possível identificar algumas casas de banho à beira do rio, locais próprios para a troca do vestuário. Segundo Maria Helena Luce:

(...) havia o balneário do senhor Valentin Fuster, um espanhol que alugava cabaninhas para que o povo pudesse trocar suas roupas. Ele também possuía algumas balsas formadas por dois cilindros de metal, presos por duas tábuas, onde as pessoas podiam se sentar e remar; jamais ir muito fundo, caso contrário, ele as buscava e passava-lhes o maior pito. O limite era o trapiche, inaugurado em fevereiro de 1927<sup>248</sup>.

A animação no local era geral, principalmente quando ocorria a concorrida festa em homenagem aos jornalistas da Capital. Os festejos marcavam a abertura da temporada de veraneio e eram oferecidos aos profissionais de jornais e seus familiares. A convite do idealizador do balneário e das festas, os convidados se dirigiam até o arrabalde em ônibus da Companhia Carris. Com saída às oito horas da Praça da Alfândega, Centro de Porto Alegre, o passeio incluía também o retorno no final do dia.

No local eram oferecidos diferentes atrações, entre elas almoço cujo cardápio era churrasco com chope e sobremesas deliciosas. E a festa prolongava-se durante todo o dia, incluindo competições esportivas no Guaíba, como corrida, natação e saltos ornamentais. Às quatro horas da tarde, encerravam-se as atividades e todos retornavam às suas residências

---

<sup>247</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **A festa dos jornalistas**. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 04 maio 2012. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhasul/2012/05/03/a-festa-dos-jornalistas/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 07 jan. 2014.

<sup>248</sup> SCHMITZ, Maria Helena Luce. Pedra Redonda – uma placa que virou chácara e voltou a ser placa. **A descoberta da cidade. Memórias em Porto Alegre**. Organizado por Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Dublinense, 2013, p. 162.

localizadas em outros bairros da cidade. A divulgação do evento promovido por Fuster pode ser constatado nesse anúncio, publicado em um jornal da época:

Conforme noticiamos anteriormente, terá lugar amanhã, no Balneário Fuster, na praia da Pedra Redonda, a Festa do Jornalista, que o Sr. Gaspar Fuster, proprietário desse estabelecimento oferece annualmente à imprensa da capital, por ocasião da abertura da temporada. Ainda está bem vivo na memoria de todos o brilhantismo de que se revestiu a festa do anno findo, à qual compareceram não só os que mourejam na imprensa, como elevado numero de exmas. Famílias. A Companhia Carris, gentilmente pôz à disposição dos jornalistas um confortável auto-omnibus. Como succede por ocasião de festejos desta natureza, varias confeitarias e outros estabelecimentos fizeram valiosas offertas para a Festa do Jornalista. Ao meio-dia, em aprazível capão, será servido gordo churrasco regado a chopp. Uma afinada orchestra far-se-á ouvir durante a festa, que continuará, à tarde, com a realização de divertimentos e surpresas de toda sorte<sup>249</sup>.

Figura 49 - Divulgação do Balneário e da Festa de Gaspar Fuster/1930



Fonte: CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 29 nov. 1933.

<sup>249</sup> CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 29 jan. 1933.

Figura 50 - Década de 1930 na Pedra Redonda



Fonte: TIMM, L; CARVALHAL, T. *Crônica de um rio*. Porto Alegre: RIOCELL S.A., 1987, p. 25.

Da mesma forma, posteriormente ao evento, eram veiculadas matérias sobre o acontecido:

Como previramos, alcançou extraordinário sucesso a realização do Dia do Jornalista, no Balneario Fuster, de propriedade do sr. Gaspar Fuster, na Pedra Redonda. As 8 horas da manhã, na Praça da Alfandega, já era grande o numero de funcionarios das diversas seccções dos jornaes da capital que aguardavam a sahida dos autos-omnibus, gentilmente postos à disposição pela Cia. Carris. Completamente cheios, sahiram elles, às 8 rumo ao aprazível arrabalde, onde já se notava a presença de innumeras exmas, famílias. O sr. Fuster, foi incansável nos seus esforços no sentido de bem servir os rapazes da imprensa, que ficavam captivos por todas as gentilezas dispensadas<sup>250</sup>.

É Interessante destacar que tais atrações serviam, conforme os próprios “rapazes da imprensa”, para dar visibilidade ao balneário do espanhol, pois as matérias ilustradas vinculadas nos jornais e nas revistas da época divulgavam o empreendimento, resultando em um maior fluxo de banhistas ao local.

#### 4.3 OS PABST: RESTAURANTE FAMILIAR À BEIRA RIO

Eram os primeiros anos do século vinte, a Primeira Guerra Mundial recém acabava, e o espartilho saía de moda. Foi quando Johann Pabst, um imigrante alemão, proprietário de uma residência de veraneio na Pedra Redonda, à beira rio, viu seus negócios – uma fábrica de

<sup>250</sup> CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 29 jan. 1933.

espartilhos, e, posteriormente, de gravatas (J. Pabst & Cia)– falirem<sup>251</sup>. A história desse teuto remonta ao século XIX quando Johann chega ao Brasil. Acredita-se que a vinda dele tenha sido motivada pelos problemas políticos e econômicos vividos na Europa naqueles anos.

Johann Pabst e sua indústria de espartilhos e gravatas foram importantes para a economia do Estado. Sua empresa, a J. Pabst & Cia. foi oficialmente mencionada em duas publicações da época, conforme se pode ver no site [familiapabst.com](http://familiapabst.com), com fotos de Johann e Benno (seu filho mais velho do segundo casamento e meu tio) em uma e de Benno e Fritz, seu irmão, em outra. Foi uma indústria com premiações em exposições internacionais, implantadora de novas tecnologias e que deu bom retorno financeiro aos seus proprietários. As dificuldades surgiram apenas após o falecimento de Johann<sup>252</sup>.

Conforme informações obtidas no *site* da Família Pabst<sup>253</sup>, Joahnn escolheu a Zona Sul de Porto Alegre por influência de um amigo que já residia na Pedra Redonda e que favoreceu a compra, uma vez que este intermediou o negócio. O Comandante Booth era amigo de Joahnn desde a época em que aquele ainda residia na Alemanha. Proprietário de uma chácara às margens do Guaíba (ver capítulo 2.2), Booth facilitou a aquisição do imóvel. De acordo com informações divulgadas pelo site da família na Internet, a propriedade adquirida por Joahnn “era um terreno grande, às margens do rio Guaíba, distante do centro da cidade, mas que pelas suas praias já era um local de veraneio bem frequentado. Casa e terreno ficaram conhecidos como a Chácara Pabst”<sup>254</sup>.

Em 1902, seu João comprou do seu Nicolau Ely, uma chácara na Pedra Redonda. Era a metade das terras do seu Ely, a parte da praia junto à chegada do trem. Após três anos, aí construiu sua casa de veraneio, onde em seguida passou a residir. O casal teve três filhos: Benno, Fritz e Lotário. Seu João Pabst tinha uma fábrica de espartilhos. Quando terminou a guerra, em 1918, o espartilho caiu de moda. Seu João teve que trocar de ramo, criando uma fábrica de gravatas. Ele faleceu em 1922. Seus três filhos, que trabalhavam na fábrica, separaram-se. Lotário transformou a casa de veraneio no primeiro restaurante da Tristeza “Restaurante Familiar Pabst”. Servia sanduíches, bebidas e refeições<sup>255</sup>.

<sup>251</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **Outros verões na Pedra Redonda**. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 139, 14 jan. 2011. p. 1. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zonzonasul/2011/01/14/outros-veroes-na-pedra-redonda-2/>>. Acesso em: 07 jan. 2014.

<sup>252</sup> PABST, Flávio. **E-mail recebido de Flávio Pabst, filho de Lothario**. Porto Alegre, 05 abr. 2013.

<sup>253</sup> FAMÍLIA PABTS. Disponível em: <<http://www.familiapabst.com/>>. Acesso em: 26 dez. 2013.

<sup>254</sup> FAMÍLIA PABTS. Disponível em: <<http://www.familiapabst.com/>>. Acesso em: 26 dez. 2013.

<sup>255</sup> PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Metrópole, 1996, p. 162.

Figura 51 - Joahnn e Família na Chácara Pabst - Pedra Redonda/1900



Fonte: FAMÍLIA PABST. Disponível em: <<http://www.familiapabst.com/>>. Acesso em: 26 dez. 2013.

Em torno dos anos 1920, devido à morte do patriarca e aos problemas na fábrica ocasionados pela guerra, inicia um período de dificuldades para a família de Joahnn:

(...) os negócios começaram a decair. Os espartilhos gradativamente deixando de ser usados e as vendas diminuíram progressivamente. Tardiamente a fabricação deste artigo foi substituída pela de roupa branca: camisas, camisetas, cuecas e ceroulas. Dívidas surgiram. Lothário foi chamado a ajudar. (...) foi ser caixeiro viajante. Viajava com um malão cheio de roupas, o mostruário das peças que oferecia em lojas, pelo interior do Estado<sup>256</sup>.

Com o fechamento da fábrica, a casa da família na cidade foi vendida e assim os Pabst fixaram-se na Zona Sul, em sua chácara de verão. Como alternativa para complementar a renda familiar, inauguraram no local um restaurante cujas opções para os frequentadores da praia eram refeições e bebidas. O empreendimento esteve sob a administração de Lothário, filho de Joahnn. Segundo Flávio Pabst, filho de Lothário: “Quanto ao restaurante, de fato existiu. Foi durante os tempos difíceis. Lothario (meu pai) abriu o restaurante/bar para ajudar na renda mensal, necessária para a manutenção dos que ficaram sob seus cuidados”<sup>257</sup>.

<sup>256</sup> FAMÍLIA PABST. Disponível em: <<http://www.familiapabst.com/>>. Acesso em: 26 dez. 2013.

<sup>257</sup> PABST, Flávio. *E-mail recebido de Flávio Pabst, filho de Lothario*. Porto Alegre, 05 abr. 2013.

A construção de restaurantes e hotéis na Zona Sul no apogeu do veraneio se insere nesse universo de investimentos de alguns empreendedores que souberam aproveitar o momento propício ao turismo. O estabelecimento dos Pabst foi pioneiro na Pedra Redonda. Ele situava-se onde funciona atualmente a Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul. Em tempos de férias, calor e veraneio, era para lá que muitos turistas se dirigiam, a fim de aproveitar as atrações do lugar, as quais incluíam principalmente os banhos de rio. Com o passar do tempo e o sucesso do balneário, o estabelecimento tornou-se uma referência na região. Localizado no final da linha do trem e defronte ao trapiche, local onde atracavam os vapores que traziam os turistas. Esse restaurante atendia a um público seletivo que vinha em busca de lazer e recreio na Zona Sul da cidade. Para Maria Helena Luce, era “um local bucólico e muito atraente, com música ao vivo e refeições de dar água na boca”<sup>258</sup>.

Vizinho a outro estabelecimento, o do espanhol Gaspar Fuster, o restaurante dos Pabst também oferecia música da melhor qualidade. Conta Pellin que em torno dos anos 1930, Lotário arrendou para outro empreendedor do ramo, Elias Chemale que, além de manter o restaurante, ampliou os negócios transformando a chácara em um hotel. Sob uma plataforma, que avançava três metros no Guaíba, havia, além do trapiche, um tablado com mesas e cadeiras para os fregueses. Ali, ficavam os vestiários e banheiros destinados aos visitantes que vinham somente passar o dia. Nos finais de semana, o tablado recebia as orquestras que tocavam tangos, uma forma de lazer destinada a um público de poder aquisitivo<sup>259</sup>.

---

<sup>258</sup> SCHMITZ, Maria Helena Luce. Pedra Redonda – uma placa que virou chácara e voltou a ser placa. **A descoberta da cidade. Memórias em Porto Alegre**. Organizador: Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Dublinense, 2013, p. 162.

<sup>259</sup> MACHADO, Janete da Roca. História da Zona Sul – Pedra Redonda/Hotel Cassino. **Programa Estilo Bem Viver**. Exibido pela TVCOM em 08 abr. 2011. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/estilobem/2011/04/11/por-dentro-da-zona-sul-de-porto-alegre/?topo=52,1,1,,197,e197>>. Acesso em: 24 abr. 2011.

Figura 52 - Garçons do Restaurante Pabst/1926 (Lothário sem gravata)



Fonte: Acervo de Flávio Linck Pabst.

Conseqüentemente, a animação era geral, transformando-se em um espetáculo à luz do dia. “Junto ao muro da praia, ele fez um puxado de madeira, aproveitando a parte inferior para vestiário. Sobre este tablado localizavam-se as orquestras, que tanto encantavam os banhistas (ANEXO N)”<sup>260</sup>.

O ponto dos Pabst se tornou conhecido e muito atraente, chegando ao seu auge na década de 1930, quando a beira da praia ficava tomada pelos veranistas. Conforme Roberto Pellin, “tomava-se um bom banho na melhor praia de Porto Alegre, bebia-se, comia-se, ouviam-se as belas orquestras argentinas e retornava-se de vapor”<sup>261</sup>. A Pedra Redonda era, então, um ponto de encontro requintado, o qual se destinava não só ao descanso, mas também ao lazer daqueles que procuravam a Zona Sul de Porto Alegre.

#### 4.4 A MORADA DA FELICIDADE: REMINISCÊNCIAS DO MORRO DO SABIÁ

Em março de 1958, desejoso de uma casa para aproveitar os finais de semana, José Schmitt Silveira, advogado e morador da Avenida José Bonifácio, centro de Porto Alegre, deparou-se, durante suas buscas, com a chácara de veraneio de Francisco Brochado da Rocha,

<sup>260</sup> PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p. 162.

<sup>261</sup> Ibidem, p. 22.

jurista, político e professor. O imóvel, que à primeira vista chamou a atenção de Silveira e família, situava-se no Morro do Sabiá, limites entre os bairros Ipanema e Pedra Redonda. Era uma linda propriedade arborizada à beira rio com uma infraestrutura completa. O local possuía também jardins, hortas, pomares e duas casas para o conforto da família e dos empregados. Porém, o caminho para chegar até a chácara era de difícil acesso, sendo necessário percorrer uma estrada “de chão batido”, escondida por entre a natureza ainda bastante preservada. Conforme relata José Schmitt Silveira:

O acesso ao Morro do Sabiá se fazia a partir da Avenida Coronel Marcos, mediante uma estrada de terra, sem nome oficial, perpendicular à dita avenida, conhecida como Estrada da Casa da Juventude. Tinha aproximadamente duzentos metros de extensão, em linha reta. Ladeava-se, à esquerda de quem nela entrava, com a enorme propriedade de Oscar Bastian Meyer e, à direita, com a de Luiz Saladino Baldino, onde existia um casarão de madeira<sup>262</sup>.

A estradinha de que fala Silveira foi aberta pela família de Oscar e Clotilde, proprietários da Vila Clotilde, um casarão, onde anos depois residiu a bailarina Lya Bastian Meyer. A servidão permitia a passagem de visitantes e moradores ao Morro do Sabiá. Subindo até o topo chegava-se à Casa da Juventude, instituição pertencente ao Colégio Anchieta.

O cenário da chácara de Brochado era encantador. Do portão de entrada podia-se avistar um amplo terreno de areão com seus gramados e canteiros de lírios e azaleias que, muito bem cuidados, findavam no rio. José Schmitt. Silveira relembra detalhes do primeiro encontro com a chácara:

Abrimos o portão e nos adentramos, tratava-se de uma área de aproximadamente um hectare. Nela, havia, protegido por uma cerca viva, o poço que abastecia de água a propriedade. Nas cercanias dos canteiros, erguia-se, altaneira, a torre, até hoje existente, toda de alvenaria, estilo medieval, com uns dez metros de altura. No extremo oposto, ali estava a imponente figueira que ainda hoje remanesce já envelhecida, mas sempre proeminente e mais frondosa. Havia uma pequena casa de madeira, com paredes externas de tábuas chanfradas, cor marrom, janelas e portas pintadas de branco, telhado coberto por telhas francesas. Perto desta casa havia outra, menor, também de madeira, no mesmo estilo da primeira. Um tipo de anexo<sup>263</sup>.

Do pomar da chácara, podiam-se colher diversos tipos de frutas, entre elas, laranjas, bergamotas, limas, limões, peras, ameixas, goiabas, caquis e abacates. Além disso, havia uma parreira que ficava na parte central do terreno, segundo Silveira:

<sup>262</sup> SILVEIRA, José Schmitt. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 08 jan. 2013.

<sup>263</sup> SILVEIRA, José Schmitt. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 08 jan. 2013.

A videira subia por seis pilares de pedra que sustentavam ripas atravessadas, nas quais a ramagem se entrelaçava. O conjunto formava um caramanchão de cunho ornamental. Nas imediações desse caramanchão terminava uma avenida de jacarandás, que, em linha reta, se estendia por uns oitenta metros<sup>264</sup>.

No gramado dos fundos da propriedade, limites com o rio, ficavam diferentes espécies de árvores como o pau-brasil, os coqueiros e alguns eucaliptos, entre outros. O acesso à praia era feito a partir de uma escada de pedra composta de apenas três degraus. Findo esses, a privacidade se fazia por um gracioso portão de madeira que se abria ao Guaíba. Era um cenário de sonhos, um espaço privilegiado de lazer e descanso que se apresentava aos olhos de Silveira e de sua esposa, Maria Augusta.

Figura 53 - A Morada da Felicidade/chácara da família Silveira/1958



Fonte: Acervo de José Silveira Schmitt.

Com a possibilidade da compra do imóvel, faziam-se necessários alguns esclarecimentos sobre o lugar. E foi o próprio vendedor, Francisco Brochado da Rocha, quem instruiu Silveira sobre os recursos e possibilidades da Pedra Redonda e vizinhanças: “Contou-nos que, afora um modesto armazém, o do seu Waldemar, situado na Travessa Pedra Redonda, inexistiam casas comerciais próximas. Indicou-nos, em Ipanema, a Madeireira Balestrin, a Ferragem Juca Batista e o Restaurante Sans Souci”<sup>265</sup>.

<sup>264</sup> Ibidem.

<sup>265</sup> SILVEIRA, José Schmitt. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 08 jan. 2013.

A vida social se resumia a encontros familiares nas residências, como festas de aniversários, casamentos, natal ou reuniões de negócios. No verão, as famílias se reuniam nos fundos das propriedades, para aproveitar os banhos de rio. Aos domingos, pela manhã, acontecia, tradicionalmente, a missa na capela situada no alto do Morro do Sabiá. Logo após a missa, as famílias aproveitavam para almoçar no Restaurante da Casa da Juventude, situada no mesmo local. Era um tempo em que não havia violência – portas e janelas podiam ficar sempre abertas. Era comum o verdureiro e o padeiro entregarem seus produtos de porta em porta, reforçando assim uma prática mais rural mesmo estando dentro da cidade.

No final de 1958, após a aquisição do imóvel e de sucessivos finais de semana passados na chácara, a família se mudou definitivamente para a propriedade na Zona Sul. Aos poucos, iam se acostumando à prazerosa vivenda, a qual tinha duas funções: a de veraneio e também residência fixa. Silveira relembra, saudosamente, esses momentos: “Ao amanhecer, no dia seguinte, abertas as janelas, tudo parecia um sonho do qual não tivéssemos ainda despertado: o ar rarefeito, a floração do jardim, o gorjeio dos pássaros, a fragrância dos ciprestes”<sup>266</sup>. José Schmitt Silveira conta também que as crianças, quando acordavam, corriam sempre em direção ao rio, pois a possibilidade de entrar na água era tentadora:

Nos dias quentes e de sol, o programa preferencial era entrarem na água e ali ficarem se divertindo e refrescando-se. Dentro do rio, próximas às margens, localizavam-se pedras de diferentes tamanhos e formatos, umas redondas, outras ovais. Mais distante, sobressaía, entre tantas, uma de maior porte, a ‘pedrona’, como nós a denominávamos. Era uma vitória chegar até ela e de lá proclamar aos quatro ventos: ‘Estou na pedrona!’ Aliás, em ocasiões de Guaíba mais cheio, só a nado se alcançava a pedrona<sup>267</sup>.

Enquanto a família se divertia com as atrações da chácara e do rio, reformas e ampliações aconteciam na propriedade, cujo propósito era o de melhor acomodar a família e convidados. Anos mais tarde, necessitando de um espaço para festas, foi construído o salão de eventos. Durante muito tempo, o local serviu para a realização de celebrações litúrgicas, festas familiares, apresentações teatrais, exposições e saraus literários e musicais, cursos, reuniões de grupos de reflexão, ginástica, ioga, entre outros. Com as melhorias viabilizadas pela família, muitos amigos e parentes vinham para visitas e passeios. O local virou atração turística como relembra José Schmitt Silveira:

---

<sup>266</sup> Ibidem.

<sup>267</sup> Idem.

Nossos conhecidos afluíam em número crescente para nos visitar. Chegavam famílias inteiras. A chácara os atraía como ponto turístico, nos seus roteiros dominicais de lazer. Como a casa não oferecia espaço físico disponível reuníamos na rua, à sombra de um ingazeiro. Às pessoas, interessava caminhar, entrar no pomar, dirigir-se à praia, contemplar o Guaíba, participar de corridas a pé ao redor do gramado principal<sup>268</sup>.

Assim, durante muitos anos, a propriedade de Silveira serviu de hospedagem para grupos que vinham com diferentes propósitos.

A praia da família ficava nos fundos da propriedade. E, embora de domínio público, havia proteção na forma de muros de pedra, os quais definiam o local como de uso particular. “(...) a praia se tornava quase inacessível aos transeuntes de beira de rio. E, conseqüentemente, nós a usufruíamos como se fosse nossa”<sup>269</sup>. E segue José Schmitt Silveira em suas lembranças sobre o local: “Durante sucessivos verões, mantivemos os fundos do terreno em condições de serem aproveitados, na parte mais larga, como praia, para práticas esportivas, principalmente futebol, jogo preferido pelos guris e amigos”<sup>270</sup>. José Schmitt Silveira e sua esposa Maria Augusta tiveram cinco filhos: Francisco, Suzana, Sérgio, Inês e Cecília. A família se completava ainda com o vovô e a vovó Linda, que estavam sempre presentes no dia a dia da chácara e da família.

Sendo o atrativo maior, as águas limpas do Guaíba, muitos amigos da família vinham com a intenção de aproveitar o rio. José Schmitt Silveira lembra que “o Guaíba era balneável, e, nas suas águas, meus filhos mais velhos aprenderam a nadar, recebendo aulas de uma professora de natação que residia nas redondezas”<sup>271</sup>. Desta forma, observa-se que as praias da Pedra Redonda tinham características mais elitistas em função de o acesso às águas ser mais restrito. Não existiam ruas as quais possibilitassem o deslocamento dos veranistas até a beira do rio. E isso caracterizou o local como uma região de lazer e descanso da classe mais privilegiada economicamente.

Além dos divertidos banhos de rio, as crianças da chácara gostavam também de andar de bicicleta pelo amplo espaço da propriedade. Os adultos, por sua vez, utilizavam o extenso gramado para jogar croquet. Porém, a grande expectativa para os que ficavam até mais tarde,

<sup>268</sup> SILVEIRA, José Schmitt. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 08 jan. 2013.

<sup>269</sup> *Ibidem*.

<sup>270</sup> *Idem*.

<sup>271</sup> *Idem*.

era assistir e admirar ao pôr-do-sol no rio. “Um espetáculo deslumbrante. Abençoados verões aqueles, tão saudáveis em todos os sentidos”<sup>272</sup>, conclui o morador com saudosismo.

Após a morte de Maria Augusta, em março de 1999, Silveira providenciou, judicialmente, o inventário dos bens deixados por ela. Entre eles, estava a propriedade no Morro do Sabiá. “Na partilha da chácara, resolvi doar, em partes iguais, aos meus filhos, a meação que me cabia como viúvo. Assim, cada um deles, como herdeiro, teve esse acréscimo ao seu quinhão, ficando a chácara dividida em cinco frações ideais”<sup>273</sup>, relata José Schmitt Silveira.

Em homenagem à matriarca da família, o condomínio recém-criado foi denominado “Condomínio Maria Augusta”. A Morada da Felicidade transformou-se, adquirindo status de um condomínio familiar. Apesar de as partes de todos os filhos de Silveira estarem, devidamente, localizadas e transformadas em lotes identificados com as numerações de um a cinco, atualmente residem na chácara apenas dois filhos de Silveira, Francisco e Suzana com suas respectivas famílias.

Para Silveira, são novos tempos que se iniciam: “Começou uma nova história, espera-se que nas novas famílias que se instalarem de agora em diante, reine o espírito da paz, da solidariedade, do amor e respeito ao próximo. Que não haja muro que separe nossos corações”<sup>274</sup>. E finaliza, saudosamente “a história da chácara se confunde com a história de minha vida”<sup>275</sup>.

Da concretização do antigo sonho de ter uma casa de veraneio à beira rio, o proprietário pode, inegavelmente, contribuir assim para escrever mais uma página da história da vilegiatura da Zona Sul da cidade. Deixa aos historiadores e às gerações futuras, filhos e netos, o legado de não só saber conviver em grupos, mas também usufruir o que de melhor a natureza podia oferecer: o contato com o rio/lago <sup>276</sup>.

---

<sup>272</sup> SILVEIRA, José Schmitt. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 08 jan. 2013.

<sup>273</sup> *Ibidem*.

<sup>274</sup> *Idem*.

<sup>275</sup> *Idem*.

<sup>276</sup> José Schmitt Silveira faleceu em 03 de abril de 2013.

#### 4.5 MORRO DO SABIÁ: O MOVIMENTO APROXIMA-SE DE IPANEMA

No início do século XIX, primórdios dos bairros analisados, as terras que hoje compõem o Morro do Sabiá (ANEXO O) pertenciam ao Barão Von Seidel, um solteirão que construiu uma platibanda sobre a figueira mais alta do morro. O objetivo do nobre era assistir as antigas embarcações entrarem no Guaíba. Entre elas, estavam aquelas que traziam imigrantes, a maioria alemães, a Porto Alegre. Eram viajantes que, ao visitar a região, então Província de São Pedro, deixaram importantes testemunhos acerca da história da cidade, conforme revela Sergio da Costa Franco em “Os viajantes olham Porto Alegre”:

O relógio indicava 5 horas, na pálida luz crepuscular, o continente apresentava-se em forma de vistosos morros escuros à direita e à esquerda. Estávamos na Ponta de Itapuã, na ponta sul da larga península, que, na extremidade norte da Lagoa dos Patos, salta para dentro do lago, separando-o, assim, em duas bacias (...) por todos os lados cercavam-nos morros de formas suaves, cobertos de florestas (...), uma ilha minúscula formada quase somente por uma enorme pedra de branco reluzente, à qual foi anexada uma construção semelhante a uma fortaleza, bem como uma colônia militar penal<sup>277</sup>.

Tempos mais tarde, todo o Morro do Sabiá foi adquirido por Oscar Meyer, um rico comerciante, proprietário de imóveis e lojas no Centro da cidade. Relata a família que, antes das terras serem de Oscar, elas pertenciam a Otto Niemeyer, nome conhecido na Zona Sul. No final dos anos 1920, durante a administração de Alberto Bins (1928/1937), com as transformações de Porto Alegre, Meyer obrigou-se a vender seus prédios situados no centro. A abertura de novas ruas, de avenidas e a construção do Viaduto Otávio Rocha exigiu a demolição de suas lojas que ficavam no meio do caminho (atual Avenida Borges de Medeiros)<sup>278</sup>.

Charles Monteiro analisa esse momento vivido pela sociedade porto-alegrense como de transformação dos espaços de sociabilidade pública na área central e bairros contíguos: “(...) por causa da abertura de avenidas (...) causou a destruição de prédios e espaços ligados

<sup>277</sup> A minúscula ilha que fala o viajante é a Ilha das Pedras Brancas, situada entre o bairro Ipanema e a cidade de Guaíba. Local em que se descortinaram vários fatos históricos ao longo dos tempos. Entre os anos de 1857 e 1869, o governo construiu ali duas casas para servir de depósito de munição. Também por ter sua ótima localização e uma visão privilegiada, servia para monitorar as embarcações que entravam no Guaíba. Na década de 1960, a ilha foi transformada num presídio de segurança máxima com o objetivo de abrigar presos políticos. Observações da viagem de Bernhard Schwarz (FRANCO, Sérgio da Costa. **Os viajantes olham Porto Alegre**. Santa Maria: Anatterra, 2004, p. 73).

<sup>278</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **Morro do Sabiá: história e requinte**. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 2 set. 2012. p. 5. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2011/09/01/lembrancas-de-ipanema/?topo=69,1,1,1>>. Acesso em: 31 dez. 2013.

às experiências urbanas da sociedade porto-alegrense no passado”. O que provocou, conforme Monteiro, um movimento dos intelectuais da época, em defesa da preservação desses prédios<sup>279</sup>.

Apesar da reação contrária à demolição, liderada por intelectuais da época, os imóveis de Oscar foram demolidos. Com o dinheiro da indenização ele pode comprar as terras em Ipanema. Nem sonhava ele que um dia o local se transformaria na “Vila Clotilde”, uma linda chácara, às margens do Guaíba, homenagem a três gerações de mulheres da família.

A chácara dos Meyer, antes apenas um extenso matagal, tornou-se modelo em Ipanema. Um lugar refinado e com ares de parque europeu. Foi Oscar Meyer, o primeiro plantador de coníferas da região, arborizando um grande espaço e preservando a magnífica Mata Atlântica. Chamado de louco pelos amigos por ter se enfiado naquele fim de mundo que era a Zona Sul, ele plantou, juntamente com um grupo de jardineiros, toda a grama (relva inglesa) do parque. A chácara abrangia toda a montanha verde, desde a antiga Estrada da Pedra Redonda, hoje Avenida Coronel Marcos de Andrade, até a beira da praia que, na época, apresentava águas limpas, boas para o banho (Figura 54). Uma vez que o desejo de Oscar era uma casa de veraneio para a família, o lugar era perfeito e serviu durante muitos anos às gerações dos Meyer (Figura 55).

É importante que se diga que a Vila Clotilde encantou, como ainda encanta os porto-alegrenses e visitantes do bairro Ipanema.

Tempos mais tarde, porém, diante de dificuldades para administrar tão extensa área, Lya Bastian Meyer (filha de Oscar e Clotilde – ver capítulo 2.4) vendeu parte da propriedade a terceiros. Entre os compradores estavam a Fundação Ruben Berta – Associação dos funcionários da VARIG (Viação Aérea do Rio Grande do Sul), no início dos anos 1970, a Associação dos Antigos Alunos Maristas de Porto Alegre, hoje Colégio Marista Ipanema, no final dos anos 1950.

---

<sup>279</sup> MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 347.

Figura 54 - Chácara de Oscar Bastian Meyer no Morro do Sabiá



Fonte: Autora, 2013.

Figura 55 - Clotilde e Oscar/1900



Fonte: Acervo da Família Schmitz.

O topo do morro passou então a ser de uso exclusivo dos alunos e professores do Colégio Anchieta, aquisição feita em 1949. O centro da chácara, onde se avista a linda moradia – uma casa de cinema em estilo alemão ainda permanece com a família, descendentes de Oscar e Clotilde. Conforme Maria Helena Luce, uma das herdeiras dos Meyer:

Um fato curioso envolveu esta venda. Eu frequentava o Instituto Cultural Norte Americano, cuja bibliotecária Dona Haydée Leão Madureira era amiga da Lya. Pois bem, em uma tarde, após uma revisão médica, eu passei por lá. Ela, um tanto constrangida, perguntou-me se era verdade que parte da chácara estava sendo vendida. Respondi-lhe que sim, e que o arras seria assinado às dezessete horas. Ela então perguntou se eu sabia quem seria o comprador. Dei o nome de uma instituição conhecida, e acrescentei que eles construiriam ali um local para abrigar pessoas especiais. Só então ela revelou que a dita instituição estava servindo de “testa de ferro” para um cemitério arborizado e com crematório<sup>280</sup>.

Maria Helena, ao relatar esse sinistro fato, concluiu aliviada que, felizmente, houve tempo para desfazer o negócio e o encantador e histórico Morro do Sabiá continuou sendo dos vivos, para a alegria dos moradores de Ipanema e das redondezas. Permaneceu um lugar aprazível, onde a natureza ainda cumpre a função de encantar, respeitando o desejo daquele que não só acreditou no sonho, mas também, insistentemente trabalhou no intuito de concretizá-lo: Oscar Bastian Meyer.

A seguir a trajetória de Oswaldo Coufal e seu empreendimento na Zona Sul: o balneário Ipanema.

---

<sup>280</sup> SCHMITZ, Maria Helena Luce. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 07 mar. 2011.

## 5 IPANEMA: IMAGINÁRIO LIGADO À CIDADE MARAVILHOSA

### 5.1 SOCIEDADE DE TERRENOS BALNEÁRIO IPANEMA LTDA

Sobre os primeiros tempos do bairro Ipanema e seu processo de loteamento, revela Roberto Pellin em sua obra sobre a Tristeza. Segundo este autor, as terras onde hoje está assentada parte do bairro foram compradas pelo seu pai nos anos 1920. “Em 1926, fomos morar na Serraria, de onde foram extraídas as pedras para a construção do Cais do Porto. Nesta época ele comprou uma área onde é hoje Ipanema”<sup>281</sup>. Os limites dessa imensa propriedade eram, de um lado, a grande margem do Guaíba, formando a enseada, desde as terras do seu João Batista Magalhães, o Juca Batista, indo até o outro lado, ou seja, os eucaliptos da Chácara das Flores, de propriedade do seu Otto Niemayer, hoje, Rua Déa Coufal<sup>282</sup>.

Tempos mais tarde, toda a região foi comprada pelo grupo de empreendedores formado por Oswaldo Coufal e os irmãos Agrifoglio. Já prevendo a possibilidade de crescimento do novo bairro que surgia, apresentaram à família Pellin, um projeto de loteamento, objetivando a compra de toda a região. “Lembro-me que eles abriram um mapa sobre a mesa e mostraram o projeto do balneário, dizendo que já estava tudo aprovado pela prefeitura”<sup>283</sup>. Corria o ano de 1930 e após algumas investidas do grupo, pois a família oferecia resistência à venda, as terras onde estava o coração do bairro foram vendidas. Tão logo se fechou o negócio, iniciaram-se as obras na região. “Posteriormente retornei ao local várias vezes, assistindo às obras. Não havia máquinas. Todo o trabalho era braçal, feito com enxadas, pás e carrinhos de mão, rodando sobre filas de tábuas, para remover a terra, no preparo das ruas”<sup>284</sup>.

Para facilitar o processo de loteamento e venda dos terrenos foi feita uma “obra faraônica”, como diz Padre Antônio: “desviar o curso do arroio Capivara, abrindo um valão de 460 metros lineares até atingir o Guaíba e aterrar o antigo. Essa façanha marcou o início das obras do Balneário Ipanema”<sup>285</sup> (Figura 56). Também foram feitas outras obras de

<sup>281</sup> PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Metrópole, 1996, v. 2, p. 148.

<sup>282</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **Ipanema: a origem do balneário**. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 126, 15 out. 2010. p. 1. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2010/10/05/ipanema-a-origem-do-balneario/?topo=77,1,1>>. Acesso em: 28 dez. 2013.

<sup>283</sup> PELLIN, op. cit., p. 148.

<sup>284</sup> Ibidem, p. 148-149.

<sup>285</sup> LOREZATTO, Padre Antônio. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 12 abr. 2011.

infraestrutura na região, entre elas, a abertura da Avenida Coronel Marcos, via que ligaria o novo bairro ao centro de Porto Alegre.

Figura 56 - Vista aérea do loteamento do Balneário Ipanema/1931



Fonte: Acervo Particular de Antenor Ferrás Vieira Filho.

A Sociedade de Terrenos Balneário Ipanema LTDA (ANEXO P), representada por Manlio Prati Agrifoglio, Ariosto Agrifoglio e Oswaldo Coufal, comprou em 1931 uma grande quantidade de terras pertencentes a Otto Niemeyer. Niemeyer, por sua vez, havia adquirido essa área, em 1924, de Antônio José Flores<sup>286</sup>. Conforme jornal da época:

Em 1924, Otto Niemeyer, comerciante na Tristeza e sua esposa, dona Amália, compraram de José Abuzzino e sua esposa, dona Deothilde, uma faixa de terras no Passo do Capivara, quinto distrito de Nossa Senhora de Belém Novo. Em seguida, Otto adquiriu também as terras de Antônio José Flores, ficando de posse de tais áreas durante sete anos, até, em 1931, vendê-las ao doutor Oswaldo Coufal, engenheiro e empresário de Porto Alegre<sup>287</sup>.

Todas as terras compradas por Coufal e seus sócios foram loteadas para a formação do bairro e do balneário Ipanema. Segundo o ofício de Registro de Imóveis do Município de Porto Alegre:

<sup>286</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **Os primórdios de Ipanema**. Memória ZH Zona Sul, Porto Alegre, 07 dez. 2012. p. 6-7.

<sup>287</sup> MUSEU HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE MOYSES VELLINHO. **O Antigo Passo da Capivara**. Jornal da SABI, 06 out. 1999.

A Sociedade de Terrenos Ipanema LTDA vem declarar que é possuidora do imóvel constante de um terreno denominado Balneário Ipanema, sito no 6º distrito, 2ª zona desta capital, lugar denominado Ipanema (...) que o plano de loteamento foi aprovado pela prefeitura como prova a planta do documento nº 2. Que a planta citada e o respectivo loteamento foram executados pelo engenheiro Oswaldo Coufal<sup>288</sup>.

Oswaldo Coufal nasceu em Pelotas, no dia cinco de novembro de 1899. Formou-se em engenharia civil em 1922 e, em 1931, já constituía sociedade com os irmãos Agrifoglio. As primeiras moradias bem construídas de Ipanema foram justamente as de Coufal e da família Agrifoglio, erguidas na Avenida Guaíba. O objetivo desses empreendedores era transformar uma grande área rural à beira do lago, outrora fazendas de cultivo de arroz, em um balneário confortável para veranistas que residiam no centro da cidade. Assim, toda a área foi lentamente urbanizada. A pavimentação das ruas foi feita com pedra irregular extraída da pedreira existente no local e o serviço de captação e distribuição de água para as casas de veraneio era feito, inicialmente, direto do rio, e posteriormente, por meio de poços artesianos e de um grande reservatório construído na praça central (Figura 57). A energia elétrica era distribuída a partir de um gerador próprio e por um tempo limitado de uso diário. Desta forma, os meses de veraneio, férias e calor eram ansiosamente aguardados por todos aqueles que gostavam de Ipanema e que tinham casas na região.

Figura 57 - Caixa d'água na praça central/Ipanema<sup>289</sup>



Fonte: Acervo Zero Hora.

<sup>288</sup> ACERVO da Família Coufal. **Registro de Imóveis do Município de Porto Alegre**. Documento datado de 12/04/1938.

<sup>289</sup> CAIXA D'ÁGUA na praça central/Ipanema. **Zero Hora**, Porto Alegre, Caderno Zona Sul, 02 abr. 2010.

O Rio de Janeiro foi a inspiração do loteador ao dar nome às ruas e ao balneário, que queria ver transformado em ponto turístico. Coufal adorava a capital carioca e levava a família para passar férias no bairro da Urca. Assim, ele se utilizou de um suposto imaginário ligado à Cidade Maravilhosa para criar e divulgar o novo bairro. O nome Ipanema foi uma homenagem à conhecida praia carioca, da qual gostava muito. Rua da Gávea, Leblon, Flamengo e Leme, entre outras, faziam parte do novo balneário (ANEXO Q). Segundo Fernando Gay da Fonseca:

A formação do bairro, o loteamento foi na década de 1930 pelo Coufal, mas a configuração oficial, dos registros públicos foi em 1959, na Prefeitura. Porque na nossa escritura dos terrenos ainda é pelos balneários. Porque aqui são vários balneários. Até a ponte é Balneário Ipanema – que é o do Oswaldo Coufal. Da ponte até a próxima esquina na Avenida Oswaldo Cruz é Balneário Guaíba. Em seguida é Balneário Juca Batista. Depois vem Balneário Palermo e logo adiante Balneário Caiçara, até entrar no Espírito Santo e Guarujá. Todos pequenos, mas com profundidade<sup>290</sup>.

Gay da Fonseca descreve, desta forma, a configuração dos balneários no bairro Ipanema, nos anos de 1930 (ANEXO R).

## 5.2 IPANEMA: BAIRRO COM JEITO DE CIDADE DO INTERIOR

Com o passar dos anos, Ipanema foi se transformando e adquirindo aos poucos características de uma pequena cidade do interior. Com um plano de urbanização que incluía a igreja, as praças e a escola, a remodelação ficou a cargo do mesmo projetista da Praia de Imbé, Ubatuba de Faria<sup>291</sup>. Engenheiro e projetista, Faria traçou ruas arredondadas e preservou as matas, entre elas os majestosos e centenários eucaliptos, que se mantiveram no bairro até meados dos anos 1980. A construção da capela de Ipanema iniciou com os incentivos de Déa César Coufal. Responsável por inúmeros trabalhos comunitários na região, Déa era esposa do engenheiro Oswaldo Coufal, e foi por intermédio dele que conseguiu o terreno para a igreja. Assim conta o Padre Antônio:

<sup>290</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **Ipanema nas melhores lembranças**. Entrevista com Fernando Gay da Fonseca. Zero Hora, Porto Alegre, 04 mar. 2011. Caderno Zona Sul. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2011/02/28/entrevista-fernando-gay-da-fonseca/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 27 dez. 2013.

<sup>291</sup> Ubatuba de Faria e Edvaldo Pereira Paiva em “Contribuição ao estudo da urbanização de Porto Alegre” (1938), pretendiam elaborar propostas para um Plano Diretor que orientasse o crescimento e a realização de reformas urbanas. (FARIA, L. A. U. E.P. **Contribuição ao estudo da urbanização de Porto Alegre**. Porto Alegre, Secretaria de Planejamento Urbano, 1938).

Pediu à sociedade loteadora a doação dos terrenos 1 e 58 da quadra 13, com frente para a praça central, Avenida Tramandaí e rua Leme. Isto lhe foi concedido. Estando assegurado a espaço para a construção do templo, dona Déa viajou para Aparecida, em São Paulo. Adquiriu uma estátua de Nossa Senhora Aparecida com as mesmas dimensões da original, pediu para que um sacerdote a benzesse dentro do Santuário Nacional<sup>292</sup>.

Assim, com os incentivos de Déa Coufal, o início das obras da capela de Ipanema data de 1935, e como padroeira foi escolhida Nossa Senhora Aparecida, que permanece até os dias de hoje<sup>293</sup>. Conforme informações do pároco do bairro: “A pedra fundamental foi benta em 19 de janeiro de 1936. Com ajuda de todos, em um ano, ficou concluída, sendo inaugurada em 03 de janeiro de 1937: era um mimo da arquitetura colonial espanhola”<sup>294</sup>. Sobre este assunto afirma o professor, historiador e morador do Ipanema, Harry Rodrigues Bellomo: “A capela tem uma trajetória muito longa, pois ela começa praticamente com o bairro. Era uma capela muito simpática, eu ainda conheci bem essa capelinha”<sup>295</sup>.

Infelizmente, a simpática capelinha (ANEXO S), como define o professor Bellomo, não teria vida longa, pois junto à construção foram erguidos eucaliptos, cujas raízes, anos mais tarde, danificaram os alicerces da igreja (Figura 58). “Com o tempo, as raízes se alongaram e partiram os alicerces e as paredes. Como as fendas, foi pedido um exame à Secretaria de Obras Públicas. Em 30 de julho de 1960, após vistoria, as autoridades condenaram o prédio”<sup>296</sup>. Anos depois, sob a supervisão do padre Antônio Lorenzatto<sup>297</sup> foi construída outra igreja, a atual. Conhecida por Santuário Nossa Senhora Aparecida, foi a primeira igreja em estilo arquitetônico moderno, construída em Porto Alegre. “Às 10h do dia 08 de dezembro de 1967, festa da Imaculada Conceição, com o templo superlotado, Dom Edmundo Kunz celebrou a missa, e, após o Evangelho, leu com emoção, o decreto da criação oficial do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Ipanema”<sup>298</sup>.

<sup>292</sup> LOREZATTO, Padre Antônio. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 12 abr. 2011.

<sup>293</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **A história da capelinha de Nossa Senhora Aparecida**. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 14 out. 2011. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2011/10/12/nossa-senhora-aparecida-em-ipanema/?topo=13,1,18,,77>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

<sup>294</sup> HISTÓRICO do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Arquiteto responsável: Fernando Corona. Disponível em: <<http://www.aparecidapoa.com.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

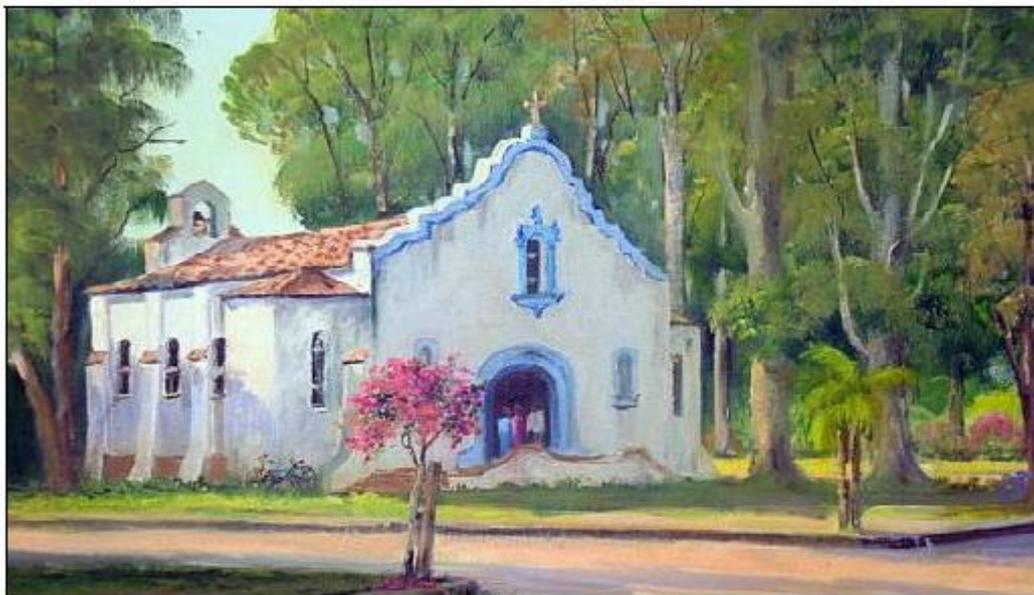
<sup>295</sup> BELLOMO, Harry Rodrigues. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 19 dez. 2008.

<sup>296</sup> HISTÓRICO do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Disponível em: <<http://www.aparecidapoa.com.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

<sup>297</sup> A paróquia foi criada por Dom Vicente Scherer em 23 de janeiro de 1959, e nesse período foi nomeado o primeiro pároco, Padre Antônio Lorenzatto, o qual tomou posse em 01 de fevereiro de 1959.

<sup>298</sup> HISTÓRICO do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Disponível em: <<http://www.aparecidapoa.com.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

Figura 58 - Ilustração da Capela Nossa Senhora Aparecida/1937



Fonte: HISTÓRICO do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Disponível em: <<http://www.aparecidapoa.com.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

O padre Antônio Lorenzatto explica o ocorrido com os eucaliptos do bairro:

No local onde foi construída a capela havia um pântano, era um banhado. Por isso o cultivo de arroz pelos antigos fazendeiros. Para drenar a região, o loteador mandou plantar nas imediações da igreja, alguns eucaliptos. Não resolveu muito, pois tempos mais tarde toda a estrutura da capela ficou comprometida<sup>299</sup>.

Eloy Terra analisa o trabalho comunitário de Déa Coufal no bairro Ipanema:

Entusiasmada com o novo bairro que começava a surgir em Porto Alegre, Déa via com alegria a possibilidade de concretizar ali seu sonho de participação comunitária. Passou então a desenvolver um programa de assistência às famílias necessitadas. Percorria as ruas recém-abertas numa charrete puxada por duas pequenas éguas, Rosilha e Boneca, levando alimentos, roupas e remédios. E levava também palavras de conforto, conselhos práticos de higiene e de prevenção de doenças<sup>300</sup>.

De fato, Déa Coufal não se destacou somente nas ações benemerentes, considerada uma mulher à frente de seu tempo, ela foi a segunda gaúcha a receber carta de habilitação. Trocou sua charrete por um automóvel Ford 39 que ela mesma nomeou de “Navalha”. Essa metáfora se deve ao fato de que, naquela época, sempre que um carro ultrapassava outro, chamava-se o condutor de navalha, aquele que tinha passado a faca. E com seu moderno carro, para a época, a jovem senhora se deslocava com maior rapidez, atendendo a todos que

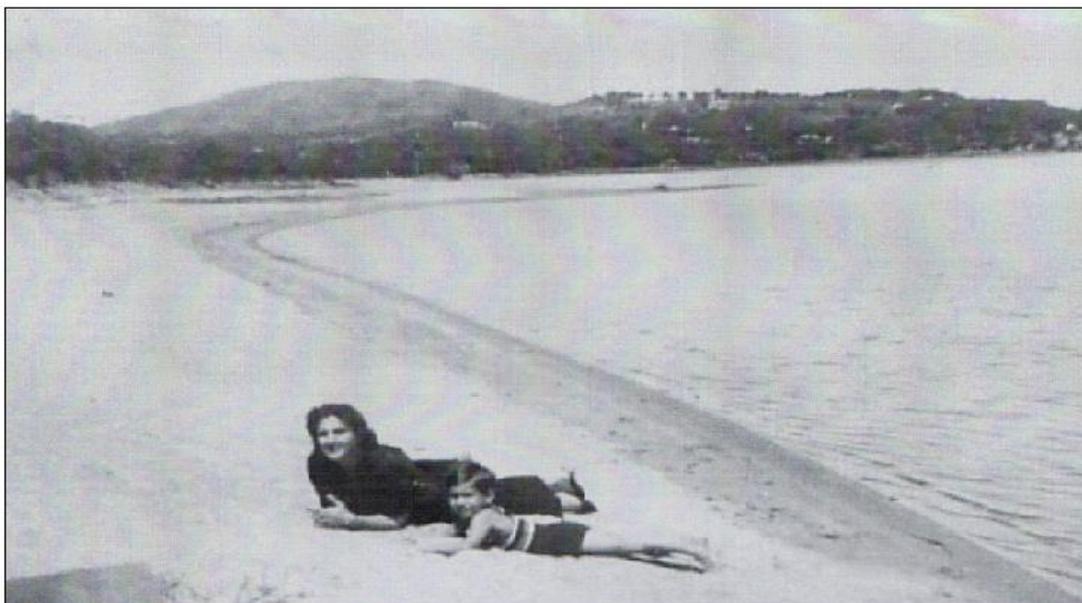
<sup>299</sup> LORENZATTO, Padre Antônio. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, Ipanema 12 abr. 2011.

<sup>300</sup> TERRA, Eloy. **As ruas de Porto Alegre**. Porto Alegre: AGE, 2002, p. 87.

tinham necessidades<sup>301</sup>. Tempos depois, fundou a Casa da Criança Inválida, atualmente conhecida por Educandário São João Batista<sup>302</sup>. A instituição foi construída com os recursos de famílias ricas do bairro, entre elas, senhoras da sociedade, as quais assumiram o projeto juntamente com ela. A casa era destinada às crianças portadoras de deficiência física devido à paralisia infantil. Atualmente, a Rua Déa Coufal, uma avenida extensa, com aproximadamente dois quilômetros, presta homenagem à obra de Déa. O logradouro começa na Avenida Guaíba, cruza a Coronel Marcos e vai terminar na Avenida da Cavallhada. A respeito de Déa Coufal, Eloy Terra escreve:

Aos 63 anos, doente, viajou para o Rio de Janeiro para tratamento. E ali faleceu, no dia 8 de maio de 1967. Um ano e meio depois de sua morte, o Conselho Comunitário de Ipanema encaminhou um ofício à Câmara de Vereadores de Porto Alegre, pedindo a mudança do nome da Rua Ipanema para Rua Déa Coufal. E no dia 13 de dezembro de 1968 foi aprovada a lei que oficializou a troca do nome. A lei estabelecia que nas placas indicativas da Rua Déa Coufal deveria constar a seguinte legenda: *Benfeitora do Bairro Ipanema*<sup>303</sup>.

Figura 59 - Déa Coufal e seu filho Marcelo na Orla de Ipanema/1930



Fonte: Acervo da Família Coufal.

<sup>301</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **A trajetória de Déa Coufal**. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 13 maio 2011. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2011/05/04/mulheres-a-frente-de-seu-tempo/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 01 jan. 2014.

<sup>302</sup> EDUCANDÁRIO SÃO JOÃO BATISTA. Disponível em: <<http://www.educandario.org.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

<sup>303</sup> TERRA, Eloy. **As ruas de Porto Alegre**. Porto Alegre: AGE, 2002, p. 90.

A criação de uma escola pública foi outro dos projetos incluído no plano de urbanização do bairro, e o nome foi dado para homenagear Odila Gay da Fonseca<sup>304</sup>, moradora da região e, assim como Déa Coufal, responsável por importantes trabalhos sociais e de assistência aos necessitados. Odila nasceu em Porto Alegre no dia 12 de outubro de 1895 e faleceu em 20 de julho de 1973. Desde moça se interessou pelos movimentos e obras que se relacionassem à Pátria, à educação e à assistência social. Na revolução de 1930, foi uma das primeiras gaúchas a se incorporar ao movimento liderado por Darci Vargas, a primeira dama da Nação, cujo objetivo era o de auxiliar as tropas revolucionárias e aos familiares dos voluntários. Fundadora da Cruz Vermelha Brasileira, da qual participou durante 25 anos, Odila assumiu a liderança no auxílio às vítimas da catástrofe da enchente de 1941.

Conforme relembra seu filho:

Durante muito tempo, foi presença constante na ajuda, salvamento e recolhimento de agasalhos, alimentação e abrigo para os moradores de rua e população carente da cidade. Trabalhava sempre em parceria com autoridades, esposas de prefeitos, governadores e presidentes, entre eles, Eurico Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, Flores da Cunha, Loureiro da Silva e Leonel Brizola. Odila promovia todos os anos, o natal da criança pobre<sup>305</sup>.

E, segue Fernando Affonso Gay Fonseca:

Na cidade de Porto Alegre, em vários recantos ela deixou sinais de sua filantropia: a casa que ajudou a construir e as obras assistenciais que estimulou a crescer e a firmar. (...) Hoje minha mãe é rua, é colégio, é instituto. Os que passam pela rua que tem seu nome, também os que o colégio frequentam e os que no instituto militam ou se abrigam, pouco ou quase nada dela sabem, mas a verdade é que ela foi uma grande figura humana de seu tempo que pode refletir-se nos tempos. Na placa da rua que leva o seu nome, está escrito: “pioneira da filantropia”. E eu acrescentaria: pedagoga da vida<sup>306</sup>.

<sup>304</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **A liderança social de Odila Gay da Fonseca**. Mulheres de Ipanema. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 20 maio 2011. p. 8. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2011/05/12/mulheres-de-ipanema-odila-gay-da-fonseca-ipanema/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 01 jan. 2014.

<sup>305</sup> FONSECA, Fernando Affonso Gay. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 30 dez. 2010.

<sup>306</sup> Ibidem.

Figura 60 - Odila Gay da Fonseca



Fonte: Acervo de Fernando Gay da Fonseca.

Seguindo o projeto de loteamento iniciado por Coufal, no final dos anos 1930, Ipanema aparece como um local destinado ao lazer e ao descanso dos porto-alegrenses, uma praia no estilo de Copacabana no Rio de Janeiro, e que apresentava todas as normas estéticas de um moderno urbanismo. O que se evidencia no anúncio divulgando, na época:

Ruas largas, amplas avenidas recortam esse soberbo recanto da capital, destinado a transformar-se na mais agradável estação de veraneio da população porto-alegrense. A Avenida Guahyba, com 20 metros de largura e 600 metros de extensão, com o seu calçamento já em activa execução, constitue o atractivo mais elegante entre todas as nossas estações balnearias<sup>307</sup>.

Esse moderno urbanismo que se iniciava no bairro Ipanema estava associado ao momento vivido por Porto Alegre aquele momento: de transformações e conquistas de novas áreas de crescimento para a cidade. Conforme Charles Monteiro: “Os limites estabelecidos entre a área central e os antigos arraiais desapareciam por causa do rápido crescimento e expansão da cidade. Uma nova ordem urbana tornava obsoletos os antigos marcos espaciais da experiência urbana”<sup>308</sup>. O Plano Geral dos Melhoramentos de João Moreira Maciel<sup>309</sup>

<sup>307</sup> CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 22 out. 1931. p. 13.

<sup>308</sup> MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 286.

<sup>309</sup> Conforme Célia Ferraz, o Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre de 1914, elaborado pelo engenheiro e arquiteto João Moreira Maciel, orientou a marcha da modernização da cidade, propondo, pela primeira vez de forma organizada e abrangente, os melhoramentos gerais e deixando traços na sua estrutura urbana, que

estimulou mudanças por toda a cidade. Na época foi um pioneirismo que transformou Porto Alegre, de acanhada cidade colonial do início do século XX, numa cidade moderna, saneada e embelezada. Esse arquiteto, inspirado nas mudanças ocorridas na cidade carioca durante a gestão do prefeito Pereira Passos<sup>310</sup>, referência urbana em todo o Brasil, propôs na capital gaúcha uma profunda alteração do seu perfil paisagístico.

A partir da venda de grandes terrenos, muitas famílias construíram suas casas de veraneio, em estilo chalés. Famílias estas que residiam em outros bairros, mas que nos fins de semana ou nos períodos de férias se dirigiam à Zona Sul para fugir da poluição e do barulho do centro da cidade. O litoral gaúcho neste período se constituía somente de três praias, Tramandaí, Cidreira e Torres. As longas distâncias e a precariedade dos automóveis dificultavam o veraneio nas “praias de mar”. Sendo assim, as pessoas aproveitavam muito mais a orla do Guaíba. A divulgação do balneário foi importante para a venda dos primeiros terrenos, conforme anúncio: “Balneário Ipanema: terrenos na praia em prestações – sem juros – ruas calçadas e arborizadas e água canalizada. Auto-bonde à porta. Magnífica praia de areia”<sup>311</sup> (Figura 61).

Figura 61 - Anúncios divulgando o Balneário Ipanema/1930



Fonte: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

traduzem, hoje, a própria identidade de Porto Alegre (SOUZA, Célia Ferraz de. **Plano geral de melhoramentos de Porto Alegre**: o plano que orientou a modernização da cidade. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008).

<sup>310</sup> A reforma urbana idealizada e executada pelo prefeito Francisco Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro entre 1903 e 1906 foi objeto de uma série de estudos que constituíram um verdadeiro boom sobre o tema no curto período da primeira metade dos anos de 1980 (AZEVEDO, André Nunes. **A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana**. Revista Rio de Janeiro, n. 10, maio-ago. 2003. Disponível em: <[http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista\\_10/10-AndreAzevedo.pdf](http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-AndreAzevedo.pdf)>. Acesso em: 18 dez. 2013).

<sup>311</sup> CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 29 out. 1931. p. 15.

Para Aquiles Porto Alegre<sup>312</sup> arraiais surgiam como lugares de memória da nova experiência urbana, resultado da divisão das chácaras e fazendas ou pelo desenvolvimento de alguma atividade econômica.

### 5.3 APOGEU: IPANEMA DESPONTA NO CENÁRIO PORTO-ALEGRENSE

Na beira do rio, a Avenida Guaíba margeava a grande enseada, formando o balneário, onde os primeiros moradores construíram suas casas de veraneio, os chalés. Muitas eram casas de madeira, próprias para o verão. Porém, havia aqueles que preferiam construir belas moradias, mais confortáveis e luxuosas, como é o caso das famílias Coufal e Agrifóglio. É importante salientar que, a partir dessas construções no bairro Ipanema, pioneiras na época, inaugura-se a modernidade na arquitetura em Porto Alegre (Figura 62). Luís Henrique Haas Luccas descreve esses momentos na década de 1930:

Os primeiros sintomas modernistas na arquitetura porto-alegrense foram percebidos no início dos anos trinta, em casas como de Manlio Agrifóglio e Osvaldo Coufal, que guarneciam a esquina formada pelas avenidas Guaíba e Flamengo, em Ipanema. Loteamento recém parcelado, passaria a servir como um laboratório para casas e chalets informais, experimentando as tendências do moderno funcional e art-déco, entre outras<sup>313</sup>.

Figura 62 - Casa de Coufal em construção/Ipanema/1931



Fonte: Acervo da família Coufal.

<sup>312</sup> AQUILES, Porto Alegre. **História popular de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940, p. 43.

<sup>313</sup> LUCCAS, Luís Henrique Haas. **Arquitetura moderna em Porto Alegre: uma história recente**. ARQTEXTO (UFRGS), Porto Alegre, p. 24, 2001.

Durante a semana, a calma da praia estimulava os proprietários das residências da Avenida Guaíba, profissionais bem sucedidos, entre eles, engenheiros e médicos para encontros nas varandas dos chalés. Como se observa em depoimento de Gay da Fonseca:

O trenzinho descia por debaixo da ponte. Tanto que o Loureiro da Silva queria, tinha um projeto de uma avenida que substituíria os trilhos do trem. Ele queria muito alargar isso tudo aqui. Tinha encantos também por Ipanema. Loureiro veraneou aqui por dois ou três anos. Mas aí Ipanema já começou a ter cheiro de bairro. Ele adorava sentar aqui. Vinha me ver todos os dias quando eu estava veraneando. E sentávamos no avarandado do chalé<sup>314</sup>.

A partir dos anos 1940, Ipanema se tornou um balneário muito atraente. No verão, crianças costumavam brincar na beira da praia, sempre com suas babás por perto, período em que o rio convidava para um mergulho e um banho de sol. Porém, no inverno, alterava-se a paisagem, e os casarões com largos pátios ficavam entregues aos chacareiros.

Tanto eu quanto minha mulher tínhamos paixão por Ipanema, como eu ainda tenho. Meus pais tinham também. Meu pai era da Viação Férrea. Era engenheiro. Ele viajava muito. No verão, quando chegava, fosse dia, fosse noite, ele ia pra dentro do rio. E chamava os amigos para irem ao banho com ele. A família toda. Mesmo à noite, ele levava todo mundo. Inclusive quando nós só veraneávamos aqui. Uma vez ele fez um tablado no meio do rio para fazer um baile, de gala. Bem em frente a casa dos Coufal, da Déa e do Oswaldo. E tinha dois tabladados: um para os serviços e o outro para a orquestra. Foi um dos bailes mais bonitos que se viu naquela época<sup>315</sup>.

Figura 63 – Família da Praia de Ipanema/1953



Fonte: Acervo da Família Cristóvão.

<sup>314</sup> FONSECA, Fernando Gay. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 30 dez. 2010.

<sup>315</sup> *Ibidem*.

Figura 64 - Crianças na praia/1954



Fonte: Acervo da Família Albuquerque.

Por volta de 1945, conforme o professor Bellomo, grupos de ciclistas davam longos passeios na avenida, organizavam jogos de vôlei e outros esportes, e praticavam natação no Guaíba. As águas do rio ainda eram boas, livres dos despejos cloacais, pois as residências possuíam fossas nos jardins e o Arroio Capivara ainda não poluía a praia. E sobre essas águas, relembra o professor: “Eram tão limpinhas que se podia ver os peixinhos. As pessoas tomavam banho com sabonete”<sup>316</sup>.

Assim, as águas eram um atrativo e era para Ipanema, portanto, que muitos turistas e veranistas se dirigiam, a fim de aproveitar os banhos de rio e fazer piqueniques<sup>317</sup> às sombras de figueiras centenárias. Especialmente os jovens apreciavam namorar, passear e colher pitangas, entre um banho e outro na praia. Com o calor escaldante de janeiro e fevereiro, os veranistas podiam se refrescar nas águas do Guaíba e usufruir a brisa agradável vinda da Lagoa dos Patos. Conforme relembra Maria de Lourdes Mastroberti<sup>318</sup>, veranista, cujos passeios à orla eram uma constante nos domingos de verão:

<sup>316</sup> BELLOMO, Harry R. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 19 dez. 2008.

<sup>317</sup> A prática dos “pic-nics”, conforme relembra Achilles Porto Alegre, é bem antiga na cidade: “Há algumas dezenas de anos o pic-nic fazia parte da nossa vida social, e não havia um domingo ou um dia santo de guarda, que ranchos de famílias amigas não saíssem para os arrabaldes e arraiaes, a respirar o ar puro da natureza sã, longo do hábito mefítico da cidade” (PORTO ALEGRE, Achilles. **Noutros tempos (crônicas)**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922, p. 166).

<sup>318</sup> MACHADO, Janete da Rocha. **O veraneio na Pedra Redonda**. Zero Hora, Porto Alegre, 26 fev. 2010. p. 8. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2010/02/11/o-veraneio-na-pedra-redonda-1/?topo=13,1>,

A alegria era contagiante. A gente ia porque era o lugar que tinha praia. No fim de semana, no domingo, a gente saía de manhã bem cedinho e voltava à tarde. Tinha ônibus com tranquilidade. Aproveitava-se a praia, com dia bonito. Ia eu, minha irmã e uma amiga dela. E eu gostava muito. Levava lanche. Galinha com farofa não podia faltar e bolo que a minha mãe fazia. A gente comia também ovo cozido e levava pão com salame e queijo, era o sanduiche. Para beber, se levava umas garrafinhas com refresco<sup>319</sup>.

Figura 65 - Maria de Lourdes (centro) e amigas na Praia de Ipanema/1953



Fonte: Acervo de Maria de Lourdes Mastroberti.

E prossegue Maria de Lourdes Mastroberti:

Tinha ainda aquelas famosas barraquinhas para se trocar. Eram compridas, tinham uns dois metros de altura, era como um cone. Em cima tinha um cordão que a gente amarrava nas árvores. Na barraquinha cabia só uma pessoa. A gente entrava lá dentro, tirava o vestido e colocava o maiô. Ficava o dia inteiro de maiô. Tomava-se banho no Guaíba. Ah, se aproveitou muito lá. No fim do dia, a gente colocava tudo dentro de uma sacola e voltava para casa. Esperava o ônibus no final da linha, tudo na maior tranquilidade. Hoje já não se pode fazer mais isso<sup>320</sup>.

No final da década de 1950, os veranistas começaram a fixar residência no bairro, na busca por descanso e tranquilidade. E, para compor esse quadro de histórias de vida acerca do bairro, relembra com saudosismo, Orly Furtado, administrador da SABI – sigla de Sociedade dos amigos do Balneário de Ipanema, fundada em 9 de fevereiro de 1953, e que durante

1,,13>. Acesso em: 01 jan. 2013.

<sup>319</sup> MASTROBERTI, Maria de Lourdes. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 19 dez. 2010.

<sup>320</sup> Ibidem.

muitos anos serviu para entreter seus associados, moradores do lugar: “Ipanema era o xodó de Porto Alegre, aqui, nos finais de semana, no verão, atraía mais de cem mil pessoas”<sup>321</sup>.

Figura 66 - Garotas de Ipanema/1960



Fonte: ZERO HORA. Porto Alegre, Caderno Zona Sul, 29 maio 2009.

Figura 67 - Praia de Ipanema em dia de verão/1960



Fonte: Acervo Particular de Antenor Ferrás Vieira Filho.

<sup>321</sup> Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. **Antigo Passo da Capivara**. Jornal da SABI, 06 out. 1999.

Desta forma, o empreendedorismo de Coufal e sócios transformaram Ipanema em um balneário muito procurado a partir da década de 1930. E esse movimento estendeu-se até o final da década de 1960 (Figura 67), quando Ipanema ainda era um local destinado ao lazer e ao descanso dos porto-alegrenses. Uma proposta a ser pensada nos dias atuais, quando se discute projetos de revitalização do turismo para Porto Alegre, uma das cidades sede da Copa de 2014 (ANEXO T).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira metade do século XX, as novas formas de usufruir o tempo livre, associadas ao conforto proporcionado pelos investimentos, tornaram alguns balneários da Zona Sul de Porto Alegre, lugares de veraneio, de descanso e de entretenimento. O objetivo central dessa pesquisa foi analisar a formação e o desenvolvimento dos bairros Ipanema e Tristeza, a partir do uso das praias para o lazer das famílias, a maioria oriunda de imigrantes alemães, recém chegados ao Brasil.

É importante salientar que o lago Guaíba foi o grande impulsionador do desenvolvimento da região. Por meio dele, a população descobriu o veraneio em águas doces e próximas ao centro da cidade. Desta forma, criou-se uma prática agradável nos meses mais quentes do ano para aqueles que não podiam viajar longas distâncias até o litoral. As “praias de mar” eram de difícil acesso neste período. A importância do Guaíba remonta aos primórdios da ocupação de Porto Alegre, pois significou a permanência em suas margens, a solução para garantir a sobrevivência através da pesca e a construção de barcos, oportunizando o alargamento do universo conhecido pelo acesso a outras vias fluviais.

Foi com o rio/lago que começou o povoamento e dali partiu a planificação urbana e a demarcação da cidade. Por isso, o Guaíba e sua cidade marcam, fortemente, a sensibilidade e a memória dos porto-alegrenses, vivendo juntos desde os tempos mais remotos, quando os primeiros habitantes, os índios, aqui chegaram. Já naqueles tempos, o lago foi nomeado assim, pois os guaranis o entendiam, sabiamente, como “águas do lugar redondo” ou “Gua-ybe” na língua tupi, que tem o sentido de “baía de todas as águas”. O Guaíba, portanto, está presente na história da cidade e de seu povo, pois por ele chegaram os primeiros colonizadores sesmeiros, açorianos, viajantes, forasteiros e imigrantes. Navegando em seus afluentes e lagoas, fez-se a comunicação permanente com o mar, desenvolvendo toda a Província do Rio Grande do Sul.

O veraneio nas margens do lago, no final do século XIX e início do XX, possibilitou a descoberta da Zona Sul da cidade. Os locais escolhidos pelo Porto-Alegrense para atenuar o forte calor do verão foram, primeiramente, os balneários da Tristeza, deslocamento esse facilitado por uma linha de trem. Posteriormente, o fluxo maior de banhistas se deu na praia

vizinha, o Ipanema. Assim, a pesquisa partiu da coleta de informações, tendo por base, os depoimentos de moradores antigos, outrora veranistas dos locais analisados. Além disso, utilizaram-se documentos, entre eles, cartas, fotografias, desenhos, mapas e reportagens de jornais e revistas da época da formação dos balneários. Grande parte do acervo foi disponibilizada não só pelos arquivos públicos da cidade de Porto Alegre, mas também pelo empréstimo de particulares envolvidos com a história do local.

Alguns autores também foram importantes para a composição da história do veraneio na Zona Sul da cidade. Entre eles é pertinente citar os historiadores Sergio da Costa Franco, Hilda Flores, Charles Monteiro e Sandra Pesavento. Também trouxeram fatos novos à pesquisa, o trabalho do arquiteto André Huyer, bem como os textos dos escritores Roberto Pellin, Ary Veiga Sanhudo, Olyntho Sanmartin e Érico Veríssimo.

Baseado nos resultados obtidos é possível afirmar que a história do veraneio nos bairros Tristeza e Ipanema, analisada e registrada a partir desta pesquisa, teve início no século XVIII, quando a região não passava de uma imensa zona rural de Porto Alegre. Originária da primeira sesmária concedida a Dionísio Rodrigues Mendes, o local se constituiu em vastas extensões de terras, em cujas fazendas, se cultivavam arroz, milho e frutas. Além da criação de gado leiteiro, o grande sesmeiro também desenvolveu charqueadas, as quais contribuíram para o desenvolvimento de bairros vizinhos. Até então, Porto Alegre configurava-se em poucos vilarejos e algumas chácaras, de onde provinha o essencial para a subsistência das famílias.

Fatos retirados das fontes acessadas levam à constatação de que, tempos mais tarde, em torno do século XIX, começam a se estruturar as grandes fazendas, definidoras do tipo de ocupação na região e da primeira atividade econômica – a agropecuária - nas terras onde hoje se situam os bairros. Uma das primeiras fazendas identificadas na pesquisa foi a de João Baptista de Magalhães, mais conhecido por Juca Batista. Criando e plantando, o fazendeiro ajudou a desenvolver economicamente a região, na época, apenas uma zona rural. Por isso, ele é lembrado, atualmente, em avenida, linha de ônibus e estabelecimentos comerciais no bairro, os quais levam seu nome. A partir da fazenda de Juca, tem-se, com o decorrer dos anos, a fragmentação de suas terras, originando os primeiros loteamentos e jardins residenciais em Ipanema.

Entre os bairros praianos da Zona Sul, a Tristeza foi o primeiro que surgiu, ainda no século XIX. A partir do desenvolvimento impulsionado pelo trabalho dos colonos italianos e, posteriormente, alemães, a região se desenvolveu. Inicialmente com a agricultura e pecuária e tempos depois pelos serviços associados ao veraneio. A Tristeza abrangia uma área maior do que a atual, pois incluía os bairros conhecidos hoje por Vila Conceição, Vila Assunção e Pedra Redonda. O primeiro fazendeiro da região foi José da Silva Guimarães, mais conhecido por Juca Tristeza, fixou moradia na área onde hoje se encontra o bairro Vila Conceição. Instalou-se, com sua família em uma área que logo se consolidou em uma estância. No local, precisamente no alto do morro da Conceição, Juca residiu durante muitos anos. A partir de Juca Tristeza, outros vieram e fizeram da Tristeza o bairro que é hoje. A procura pelas praias dos balneários proporcionou a empreendedores sagazes lucros com o advento dos loteamentos e os demais serviços associados ao turismo.

Assim, a pesquisa comprovou que, a partir do final do século XIX, nas terras de Juca Tristeza, emergiram os balneários da Pedra Redonda, da Vila Conceição e da Vila Assunção. Na fazenda de Juca Batista, um pouco mais tarde, surgiu o balneário Ipanema a partir do loteamento idealizado e concretizado por Oswaldo Coufal, o qual se inspirou nas praias da Cidade Maravilhosa do Rio de Janeiro. Gradativamente, a paisagem antiga da zona balneária sul de Porto Alegre foi se alterando, desdobrando-se em outras formas. Seguindo uma linha do tempo, da antiga sesmaria e das fazendas dos grandes estancieiros, a região cedeu espaço para lindas chácaras e luxuosas vivendas de veraneio, principalmente na orla da Tristeza. Nesses locais, desenvolveu-se uma infraestrutura voltada ao turismo e ao veraneio, com a construção de hotéis, restaurantes, clubes e a melhoria nos meios de transporte, como o trem e o automóvel.

Aliado a esse novo cenário moderno, o espaço começou a ser recortado por uma arquitetura de influência europeia que contemplava residências de luxo – as imponentes vivendas com praia particular. Eram novos moradores, os quais se configuravam em uma elite residente, muitas delas oriundas de famílias tradicionais e com poder aquisitivo, as quais desenvolveram suas sociabilidades e negócios à beira rio. Entre estas famílias, a pesquisa contemplou as histórias do Comendador Castro, de Bernardo Dreher, de Oscar Bastian Meyer, de Waldemar Bromberg e de Fernando Gay da Fonseca, entre outros.

A pesquisa identificou também que o momento era de mudanças no espaço urbano da cidade, pois com a administração de Alberto Bins (1928 – 1937), acelera-se a comunicação do centro com os bairros mais distantes como os da Zona Sul. A mudança do cenário também indicava que o local deixava para trás seu aspecto mais rural, ingressando numa era de urbanização e desenvolvimento. Daí o advento dos novos bairros e de seus loteamentos que seguiam uma concepção de “Cidade Jardim”, isto é, locais inspirados nos preceitos de “urbe” de Ebenezer Howard. Os novos bairros/balneários deveriam oferecer as vantagens e os serviços dos grandes centros, associados à beleza e à tranquilidade da vida no campo. Na realidade, toda a paisagem citadina de Porto Alegre, nesse período, passou por uma grande transformação e esta remodelação da nova cidade empreendeu também mudanças na urbanização da orla do Guaíba na Zona Sul.

Acompanhando essa linha de reformulação urbana que teve como modelo o Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre de 1914, o empreendedorismo de Oswaldo Coufal e de seus sócios resultou no surgimento do balneário Ipanema, um loteamento planejado nos anos 1930 e que apresentaria todas as normas estéticas de um moderno urbanismo. Esta modernização empreendida na cidade a partir de então foi decorrente também do progresso e dos avanços tecnológicos (meios de transporte e de comunicação) surgidos naquela época. A aquisição de terrenos foi feita por famílias de classe média. Eram profissionais liberais, entre eles, médicos, advogados, engenheiros e professores, os quais residiam em outros bairros da cidade e nos fins de semana e nas férias escolhiam Ipanema como local de refúgio e de lazer na Zona Sul.

Assim tentou-se desvelar a Zona Sul de antigamente, seus cenários, sociabilidades e cotidianos. Objetivando não só a escrita de um trabalho de dissertação de mestrado, mas também uma possibilidade de informar à comunidade, interessada na história da sua cidade, a pesquisa frutificou, resultando em um amplo trabalho documental. Com os resultados obtidos, fica a certeza do legado dessa parte da história da cidade às gerações futuras. Um tempo de vida, de cotidiano, de natureza preservada e rio limpo, que não mais existe. Momentos vividos em bairros com ares de cidadezinha do interior, pacata e tranquila, transformada, tempos mais tarde, em um local notadamente residencial, movimentado e urbano. Um tempo que vai bem longe, mas que se traduz no imaginário daqueles que, pela

oralidade, contribuíram para o resgate desta parte da história de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

Das transformações pelas quais passaram os bairros analisados, suscita uma reflexão: da sesmaria de Dionísio Rodrigues Mendes, e das antigas chácaras, restaram para a posteridade a memória documental e o imaginário, elementos construtores de uma história, a partir da oralidade, transmitida e registrada para o conhecimento dos mais jovens. E é nesse mapa antigo da cidade, onde, debruça-se o olhar nostálgico da memória viva, resgatando no tempo, e permitindo afirmar que a história não acabou. Ipanema e Tristeza certamente continuarão sua trajetória de crescimento e mudanças, mas sempre com narradores memorialísticos ou os homens-memória na trajetória do tempo. A história do veraneio na orla do Guaíba não se esgota. Existe, ainda muito para registrar. Faz-se necessário que as histórias dos antigos veraneios nas águas do lago sejam reveladas, não apenas as da Zona Sul de Porto Alegre, mas também de outros lugares onde a deambulação foi prática constante desde a primeira metade do século XIX. Mas isso já é assunto para uma nova pesquisa. Que venham novas inspirações!

## REFERÊNCIAS

A PRIMEIRA dama do ballet clássico de Porto Alegre. Zero Hora, Porto Alegre, Caderno Cultura, 12 mar. 2011. p. 2.

ACERVO DA FAMÍLIA COUFAL. Registro de Imóveis do Município de Porto Alegre. Documento datado de 12/04/1938.

ACERVO DO COLÉGIO MÃE DE DEUS.

ACERVO DO MUSEU DO BANRISUL.

ALENCANTRO, Luiz Felipe; RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 2. p. 291-335.

ALVES, Hélio Ricardo. Porto Alegre foi assim... Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

AQUILES, Porto Alegre. História popular de Porto Alegre. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940.

ARQUIVO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE MOYSÉS VELLINHO. O veraneio de antigamente. Jornal do Comércio, Porto Alegre, 04 jan. 1982. p. 2.

AZEVEDO, André Nunes. A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. Revista Rio de Janeiro, n. 10, maio-ago. 2003. Disponível em: <[http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista\\_10/10-AndreAzevedo.pdf](http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-AndreAzevedo.pdf)>. Acesso em: 18 dez. 2013.

BAKOS, Margaret M. Porto Alegre e seus eternos intendentess. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. Lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. As escolas históricas. Lisboa: Editora Europa-América, 2000.

BROMBERG & Co., Hamburgo. Retropecto 1863 – 1913. Porto Alegre, 1913, p. 5. Álbum Comemorativo aos 50 anos das casas Bromberg. E Bromberg & Cia - Meio Século. Jornal "O Brazil", órgão do Partido Republicano (2 de agosto de 1913).

BROMBERG, Rita Brugger. Palácio Encantado. Zero Hora, Porto Alegre, 15 dez. 2011.

BUCCELLI, Vittorio. Un viaggio a Rio Grande del Sud. Milão: Officine Cromo – Tipografiche L. P. Pallestrini & C, 1906.

BUENO, E.; TAITELBAUM, P. Indústria de Ponta. Uma história da industrialização do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Buenas Ideias, 2009.

BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CAIXA D'ÁGUA na praça central/Ipanema. Zero Hora, Porto Alegre, 02 abr. 2010. Caderno Zona Sul.

CHAVES, Gastão Loureiro. Depoimento. Zero Hora, Porto Alegre, Caderno Zona Sul, 09 fev. 2007. Texto na íntegra no Blog do ZH Zona Sul. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2009/02/24/a-tristeza-e-o-carnaval/>>. Acesso em: 24 fev. 2009.

CESAR, Guilhermino. História do Rio Grande do Sul: período colonial. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.

CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 22 out. 1931.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre, 29 out. 1931.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre, 29 jan. 1933.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre, 28 nov. 1958.

DREHER, Ernesto. Carta sem data endereçada à Marina Raymundo da Silva.

DREHER, Martha Elisabeth. Nossa chácara. Carta escrita em 1970. [Acervo da Família Dreher adquirido em 2012].

DREHER, Martha E. Uma viagem a Torres pelas lagoas do litoral há 50 anos. Correio do Povo, Porto Alegre, 07 jun. 1977. p. 30.

DUMAZEDIER, Joffer. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1979.

EDUCANDÁRIO SÃO JOÃO BATISTA. Disponível em: <<http://www.educandario.org.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

FAMÍLIA PABST. Disponível em: <<http://www.familiapabst.com/>>. Acesso em: 26 dez. 2013.

FARIA, L. A.; Ubatuba de; PAIVA, Edvaldo P. Contribuição ao estudo da urbanização de Porto Alegre. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento Urbano, 1938.

FAY, Claudia Musa. Site da professora Claudia Musa Fay - PUCRS. Disponível em: <<http://www.claudiamusafay.com.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

FAY, Claudia Musa. SCHEMES, Claudia. PRODANOV, Cleber. Arriscar e inovar: uma geração de empreendedores gaúchos do século XX. Revista História Econômica & História de Empresas. XIII. 1 (2010), 157-186.

FERNANDEZ, Érico Pinheiro. Zona Sul de Porto Alegre: pensar hoje o que será ontem. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). Porto Alegre em destaque: história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FLORES, Hilda. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979.

FLORES, Moacyr. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ediplat, 2003.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre em destaque: história e cultura. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). Porto Alegre em destaque: história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FONSECA, Fernando Affonso Gay. Retratos. Canoas: Editora da ULBRA, 2003.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. Revolução Federalista: uma interpretação. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

FORTINI, Archymedes. Porto Alegre através dos tempos. Porto Alegre: Divisão de Cultura, 1962.

FOTOS ANTIGAS. Site de fotos antigas de Porto Alegre. Disponível em: <<http://fotosantigas.prati.com.br>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: guia histórico. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

\_\_\_\_\_. Os viajantes olham Porto Alegre. Santa Maria: Anatterra, 2004.

\_\_\_\_\_. A velha Porto Alegre. Porto Alegre: Canadá, 2008.

HASSE, Darcy Azambuja. Vida e obra. Porto Alegre: JÁ Editores, 2005.

HUYER, André. A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. [Orientadora: Dra. Célia Ferraz de Souza].

HISTÓRIA ILUSTRADA DO RIO GRANDE DO SUL. Coordenação de Elmar BONES da Costa, Ricardo Fonseca e Ricardo Schmitz. Porto Alegre: RBS Publicações, 2004.

HISTÓRICO DO Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Arquiteto responsável: Fernando Corona. Disponível em: <<http://www.aparecidapoa.com.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

JANETE & PORTO ALEGRE. Blog. Disponível em: <<http://janeterm.wordpress.com/>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

JUCA BATISTA, uma vida de doação. Jornal CS Zona Sul, 1 quin. abr. 1997. p. 5.

LABORATÓRIO DE PESQUISAS EM HISTÓRIA ORAL DA PUC/RS (LAPHO). Disponível em: <<http://www.lapho.com.br/>>. Acesso em: 04 jan. 2014.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 1996.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. Arquitetura moderna em Porto Alegre: uma história recente. ARQTEXTO (UFRGS), Porto Alegre, v. zero, n. zero, 2001.

LYA BASTIAN MEYER: a grande dama do balé clássico gaúcho. Revista Leituras da História, São Paulo, p. 54-57, 01 jan. 2012.

MACEDO, Francisco Riopardense de. Porto Alegre: origem e crescimento. Porto Alegre: Sulina, 1968.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre, história e vida da cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1973.

MACHADO, Janete da Rocha. A casa da Mário Totta. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 133, 3 dez. 2010. p. 1 Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/05/31/datinglaterra-para-a-zona-sul/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em 31 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. A Chácara do Comendador Castro. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 9, n. 283, 29 nov. 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/11/29/a-chacara-do-comendador/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 31 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. A cidade recupera o antigo brilho. Zero Hora, Porto Alegre, 11 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. A família Bromberg e o lazer na Zona Sul. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 13 set. 2013. p. 4-5. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/09/13/a-familia-bromberg-e-o-lazer-na-zona-sul-2/?topo=13%2C1%2C1%2C%2C%2C13>>. Acesso em: 31 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. A história da Via Férrea na Zona Sul de Porto Alegre. Portal Oficina do Historiador/Revistas Eletrônicas. Porto Alegre, PUCRS. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador>>. Acesso em: 12 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. A liderança social de Odila Gay da Fonseca. Mulheres de Ipanema. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 20 maio 2011. p. 8. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2011/05/12/mulheres-de-ipanema-odila-gay-da-fonseca-ipanema/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 01 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. A origem de Ipanema. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 126, 15 out. 2010.

\_\_\_\_\_. A primeira dama do ballet clássico de Porto Alegre. Zero Hora, Porto Alegre, Caderno Cultura, 12 mar. 2011. p. 2.

\_\_\_\_\_. Colonos alemães na Zona Sul de Porto Alegre. Os Jardins da Dona Isabel. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 12 out. 2012. p. 4- 5. Disponível em:

<<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2012/10/26/colonos-alemaes-na-zona-sul-de-porto-alegre-os-jardins-da-dona-isabel/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 07 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. Da Inglaterra para a Zona Sul. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 31 maio 2013. p. 1. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/05/31/da-inglaterra-para-a-zona-sul/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 31 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. História da Zona Sul – Pedra Redonda/Hotel Cassino. Programa Estilo Bem Viver. Exibido pela TVCOM em 08 abr. 2011. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/estilobem/2011/04/11/por-dentro-da-zona-sul-de-porto-alegre/?topo=52,1,1,,197,e197>>. Acesso em: 24 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. Ipanema nas melhores lembranças. Entrevista com Fernando Gay da Fonseca. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 04 mar. 2011. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2011/02/28/entrevista-fernando-gay-da-fonseca/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. Ipanema: a origem do balneário. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 126, 15 out. 2010. p. 1. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2010/10/05/ipanema-a-origem-do-balneario/?topo=77,1,1>>. Acesso em: 28 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Ipanema: história e memórias de um bairro da Zona Sul de Porto Alegre. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação em Rio Grande do Sul: História, Memória e Patrimônio, Faculdade Porto-Alegrense, Porto Alegre, 2011. [Orientadora: Professora Dra. Elizabeth Rochadel Torresini].

\_\_\_\_\_. Morro do Sabiá: história e requinte. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 2 set. 2012. p. 5. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2011/09/01/lembrancas-de-ipanema/?topo=69,1,1,1>>. Acesso em: 31 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Nove décadas de Helga Bins Luce. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 08 mar. 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/03/08/helga-bins-luce-comemora-90-anos-com-muitas-lembrancas-da-zona-sul/>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

\_\_\_\_\_. O cenário da primeira novela do Estado. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 25 dez. 2009. p. 4. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2009/12/16/a-primeira-novela-do-estado/?topo=77,1,1>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. O empreendedorismo de Juca Batista. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 13 jul. 2012. p. 6. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2012/07/04/o-empendedorismo-de-juca-batista/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 01 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. O saudoso Cine Ipanema/Um cinema histórico em Ipanema. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 11 jun. 2010. p. 9. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2010/06/08/um-cinema-historico-em-ipanema/>>. Acesso em: 01 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. O veraneio de antigamente: Ipanema, Tristeza e os contornos de um tempo passado na Zona Sul de Porto Alegre. Revista Latino-Americana de História, São Leopoldo: PPGH – UNISINOS, edição especial, v. 2, n. 7, p. 232-252, set. 2013.

\_\_\_\_\_. O veraneio na Pedra Redonda. Entrevista com Maria de Lourdes Mastroberti. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 11 fev. 2010. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/index.jsp?uf=1&local=1&action=getBairros&capaId=3566>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Os primórdios de Ipanema. Memória ZH Zona Sul, Porto Alegre, 07 dez. 2012. p. 6-7.

\_\_\_\_\_. Outros verões na Pedra Redonda. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 139, 15 jan. 2011. p. 1. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2011/01/14/outros-veroes-na-pedra-redonda-2/?topo=77,1,1>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. Passos de uma pioneira. A leveza de Lya Bastina Meyer. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 03 jun. 2011. p. 8. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2011/05/19/a-leveza-de-lya-bastian-meyer/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 01 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. A festa dos jornalistas. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 04 maio 2012. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2012/05/03/a-festa-dos-jornalistas/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em 07 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. A história da capelinha de Nossa Senhora Aparecida. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 14 out. 2011. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2011/10/12/nossa-senhora-aparecida-em-ipanema/?topo=13,1,18,,77>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. O veraneio na Pedra Redonda. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 26 fev. 2010. p. 8. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2010/02/11/o-veraneio-na-pedra-redonda-1/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 01 jan. 2013.

\_\_\_\_\_. Trilhos até a Tristeza. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 09 abr. 2010. p. 2. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2010/04/05/historia-da-via-ferrea-na-zona-sul-2-trilhos-ate-a-tristeza/?topo=13,1,1,,e228>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

\_\_\_\_\_. Verões de outros carnavais. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 8, n. 243, 15 fev. 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/02/15/veroes-de-outros-carnavais/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 31 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. A trajetória de Déa Coufal. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 13 maio 2011. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2011/05/04/mulheres-a-frente-de-seu-tempo/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 01 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. Bate-Papo em nome da história. Entrevista com Helga Landgraf Piccolo. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 15 fev. 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/02/14/em-nome-da-historia-um-bate-papo-com-helga-landgraf-piccolo/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 01 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. Lya Bastian Meyer: a primeira dama do balé clássico gaúcho. In: XI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA - ANPUH/RS, 2012. Rio Grande/RS, Publicações Eletrônicas, 2012, p. 491-500. Disponível em: <[http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1345937501\\_ARQUIVO\\_ARTIGOJANETEDAROCHAMACHADO.pdf](http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1345937501_ARQUIVO_ARTIGOJANETEDAROCHAMACHADO.pdf)>. Acesso em: 07 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. Um viajante italiano e seu olhar sobre a Zona Sul de Porto Alegre na primeira metade do século XX. Artigo elaborado para a disciplina "Sociedade, Urbanização e Imigração V" do Curso de Pós-Graduação da PUCRS, ministrada pela professora Dra. Núncia Constantino. Porto Alegre, I/2012.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. Anais do Museu Paulista, n. serv. v. 13, n. 1, p. 133-174, jan.-jun. 2005.

MENEGAT, Rualdo (Coord.). Atlas ambiental de Porto Alegre. Porto Alegre. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

MEYER, Augusto. No tempo da flor. Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, p. 105-107, 1966.

MEYER, Lya Bastian. Visões do Bosque Encantado. Jornal da Época, 2011.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO JOSÉ DE COSTA. História de Porto Alegre. Porto Alegre, 2010.

MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO. História de Porto Alegre. Porto Alegre, 2010.

MUSEU HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE MOYSES VELLINHO. O antigo Passo da Capivara. Jornal da SABI, 06 out. 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, 1993.

OLIVEIRA, Clóvis Silveira. Porto Alegre. A cidade e sua formação. Porto Alegre: Metrópole, 1993.

PABST, Flávio. *E-mail* recebido de Flávio Pabst, filho de Lothario. Porto Alegre, em 05 abr. 2013.

PASSOS DE uma pioneira. ZH Zona Sul, Porto Alegre, p. 8, 03 jun. 2011.

PELLIN, Roberto. Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1996. v. 2.

\_\_\_\_\_. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1979. v. 1.

PESAVENTO, Sandra. História da indústria sul-rio-grandense. Guaíba: RIOCELL, 1985.

PESAVENTO, Sandra J. A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

PESAVENTO, Sandra J. De como os alemães tornaram-se gaúchos pelos caminhos da modernização. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). Os alemães no sul do Brasil. Canoas: Editora da Ulbra, 1994. p. 200.

PORTO ALEGRE, Achilles. Noutros tempos. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura. Cristal. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Secretaria do Planejamento Municipal. Regiões de Planejamento e Macrozonas com bairros vigentes. Disponível em: <[http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu\\_doc/regpla+macroz+bairros\\_vig.pdf](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/regpla+macroz+bairros_vig.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2013.

PRESTES, Antônio João Dias. Pobre Guaíba, quem te vê, quem te viu. A degradação ambiental das praias de Porto Alegre na passagem dos anos 1960 para os 1970. 2009. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, ano XI, n. 248, 25 mar. 1939.

ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969.

SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas da minha cidade. Porto Alegre: Movimento, 1975.

SANMARTIN, Olyntho. Um ciclo de cultural social. Porto Alegre: Sulina, 1969.

SEVCENKO, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

SCHIDROWITZ, Léo Jeronimo. Rio Grande do Sul: imagem da terra gaúcha. Porto Alegre: Cosmos, 1942.

SCHMITZ, Maria Helena Luce. A descoberta da cidade: memórias em Porto Alegre. Organizador: Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

\_\_\_\_\_. Pedra Redonda – uma placa que virou chácara e voltou a ser placa. A descoberta da cidade. Memórias em Porto Alegre. Organizador Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

SCHOSSLER, Joana. As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. [Orientador: Prof. Dr. René Gertz].

SILVA, Marina Raymundo. Navegação Lacustre Osório – Torres. Porto Alegre: Jollo, 1999.

SPALDING, Walter. Pequena história de Porto Alegre. Porto Alegre: Sulina, 1967.

SOSTER, Ana Regina de Moraes. Porto Alegre: a cidade se reconfigura com as transformações dos bairros. 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

SOUZA, Célia Ferraz de. Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre: o plano que orientou a modernização da cidade. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

SOUZA, Célia Ferraz. Porto Alegre e sua evolução urbana. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1997.

\_\_\_\_\_. Plano geral de melhoramentos de Porto Alegre: o plano que orientou a modernização da cidade. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

TERRA, Eloy. As ruas de Porto Alegre. Porto Alegre: AGE, 2002.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

URBANISMO, planejamento urbano e planos diretores. Disponível em: <<http://urbanidades.arq.br/2008/10/ebenezer-howard-e-a-cidade-jardim/>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

VERÍSSIMO, Érico. Um lugar ao sol. Porto Alegre: Globo, 1936.

\_\_\_\_\_. Caminhos cruzados. 27. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

WEIMER, G. As memórias de Joahann Carl Dreher e de Heinrich Georg Bercht. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1988.

WILKOSZYNSKI, Artur do Canto. Relatório de pesquisa: análise gráfico-comparativa e perceptiva da evolução urbana – caso Porto Alegre; subprojeto: análise do percurso do trem da Tristeza. Porto Alegre: FAPERGS, 1991.

ZERO HORA. Caderno Zona Sul, 02, 09 e 16 abr. 2010. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2010/03/29/historia-da-via-ferrea-na-zona-sul-1-a-ponta-do-asseio/?topo=77,1>>. Acesso em: 12 mar. 2011.

**ENTREVISTAS:**

BELLOMO, Harry R. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 05 dez. 2008.

BROMBERG, Lilian Dorothy. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 20 mar. 2013.

BROMBERG, Rita Brugger. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 06 abr. 2013.

CASTRO, João Lídio. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 12 nov. 2013.

DREHER, Maria C. Mansur. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 10 set. 2012.

FONSECA, Fernando Gay. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 20 dez. 2012.

LORENZATTO, Padre Antônio. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 12 abr. 2011.

LUCE, Helga Bins. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 03 mar. 2013.

MAGALHÃES, Teresa Terra. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 10 jul. 2012.

MASTROBERTI, Maria de Lourdes. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 15 jan. 2010.

PICCOLO, Helga Landgraf. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 14 jan. 2013.

SILVEIRA, José Schmitt. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 08 jan. 2013.

## ANEXO A - A Chácara do Comendador Castro



# Zona Sul

CAMAQUÁ, CAVALHADA, CRISTAL, IPANEMA, JARDIM ISABEL, SÉTIMO CÉU, TRISTEZA, VILA ASSUNÇÃO, VILA CONCEIÇÃO, ESPÍRITO SANTO, GUARUJÁ E PEDRA RETONDA



**ZH ZONA SUL**  
circula todas as  
sextas-feiras.  
Próxima edição:  
06/12/2013

Esta edição circula com 9700 exemplares

PORTO ALEGRE | 29 DE NOVEMBRO DE 2013 | ANO 9 - Nº 283

**e-mail**  
zonasul@zeohora.com.br

**Facebook**  
facebook.com/ZHZonaSul

**Telefones**  
3218-4785 / 3218-4682  
3218-4749 / 3218-4916 (anunciar)

**Blogs**  
zerohora.com/zonasul

**Twitter**  
@zhzonasul

## A chácara do comendador

Blogueira pesquisa a história da residência de veraneio de uma das figuras mais emblemáticas da região no século 19

**Blogueira**  
ZH ZONA SUL  
JANETE DA ROCHA MACHADO



**N**o final do século 19, como em todos os grandes centros, notou-se uma tendência por parte da população mais abastada em habitar certos bairros considerados mais aristocráticos. Em Porto Alegre, isso não foi diferente, e os bairros escolhidos foram o Menino Deus e a Independência. O bairro Independência se configurava, na ocasião, como um prolongamento da artéria principal, a Rua da Praia, e o Menino Deus, embora mais afastado, também atraía devido à proximidade com o Guaíba. Eram locais que chamavam a atenção pelas sofisticadas construções residenciais - os palacetes, onde residia uma aristocracia originária do alto comércio, das finanças e da indústria gacha.

Essa mesma elite residente, nos meses de janeiro e fevereiro, devido ao forte calor, mudava-se para outro espaço da cidade, a Zona Sul, onde possuíam confortáveis villas de verão à beira do rio. Naquela época, as águas limpas do Guaíba e a natureza bastante preservada atraíam a população da cidade. Entre as finas residências, uma chamou a atenção da população local: o casarão de Antônio Francisco de Castro, mais conhecido por Comendador Castro, situado na rua do mesmo nome em Ipanema.

Nascido em Portugal em 1872, Castro veio ainda muito jovem para o Brasil a fim de dedicar-se ao comércio. Tinha apenas 12 anos de idade quando chegou ao Estado. Durante anos, trabalhou muito, adquirindo a prática necessária para empreender. Com o passar do tempo, tornou-se um dos grandes proprietários de imóveis em Porto Alegre. A atividade comercial principiou com uma firma de exportação e importação. Depois, Castro diversificou seus negócios adquirindo armazéns de Secos e Molhados no Centro, bem como de um trapiche à beira do Guaíba. Na virada do século, já era um dos homens mais ricos da cidade. Foi diretor do Banco da Província do Estado do Rio Grande do Sul e presidente da Beneficência Portuguesa em dois momentos (1907 e 1924). Além disso, ele exerceu, por muitos anos, o cargo de Cônsul de Portugal no Estado, por isso seu título de Comendador. Em 1891, casou-se com Cecília Vasconcelos de Castro. Desse enlace matrimonial resultaram sete filhos: dois homens e cinco mulheres.

Conforme seu neto, João Lydio de Castro, 86 anos, o comendador comprou, ainda no século 19, as terras em Ipanema, local conhecido por Passo do Capivara. A busca por áreas mais saudáveis levou à compra da chácara, local onde construiu sua residência, um amplo casarão próximo ao rio, disponibilizando, assim, um espaço destinado ao lazer e ao descanso da família.

— O vovô comprou a chácara para o lazer mesmo. Era para verão e férias. Quase sempre para os fins de semana. Quando chegava janeiro e fevereiro a gente ia para lá. Eu tomei muito banho no rio, a água era boa. Em frente à casa da chácara, tinha um lago. Minha mãe remava ali.



**PARA A POSTERIDADE:** a família de Castro durante uma visita à chácara, que aparece abaixo, carente de reparos



MARISSA OLIVEIRA VILLAS

### Casarão abrigou a primeira escola de Ipanema

João Lydio de Castro conviveu apenas dois anos com o avô - morto em 1929. Em torno dos anos 1930, os herdeiros venderam parte das terras para Oswaldo Coufíl, o loteador do Balneário Ipanema. A residência permaneceu ainda com a família, que a alugou para a instalação da primeira escola do bairro que se denominou Passo do Capivara. Tempos depois, como forma de homenagem ao comendador, foi aberta a rua que hoje tem seu nome nas terras que legou a seus herdeiros.

O casarão de veraneio da família Castro ainda existe, apesar do abandono e do estado precário em que se encontra, mantém-se na memória dos mais velhos. Atualmente, a importância deste casarão reside em seu valor histórico, pois ele ainda retrata uma época em que Ipanema não passava de uma zona balnearia e de lazer em Porto Alegre.

Recuperar este espaço é concretizar o resgate da memória urbana. É uma iniciativa que corrobora para o entendimento da história da formação da cidade, que tem um significativo acervo de prédios e bens patrimoniais importantes, os quais precisam ser preservados.

*A blogueira e o ZH Zona Sul agradecem a João Lydio de Castro pela entrevista concedida em sua casa em 12 de novembro de 2013 e pelo acesso ao acervo do Comendador Castro.*



**Prêmio destaque na UFRGS 2013**

**Parabéns alunos e equipe!**

Barão do Cerro Largo, 93 - Menino Deus

www.escolabalaovermelho.com.br - Fone (51) 3231.4627



## ANEXO B - Da Inglaterra para a Zona Sul de Porto Alegre

# Zona Sul

CANAQUÁ, CAVALHADA, CRISTAL, IPANEMA, JARDIM ISABEL, SÉTIMO CÉU, TRISTEZA, VILA ASSUNÇÃO, VILA CONCEIÇÃO, ESPÍRITO SANTO, GUARUJÁ E PEDRA REDONDA

Placa nova na Rua José Gomes  
Página 7

PORTO ALEGRE | 31 DE MAIO DE 2013 | ANO 8 - Nº 258

e-mail: zonasul@zerohora.com.br

Facebook: www.facebook.com/ZHZonaSul

Telefones: 3218-4785 / 3218-4682 / 3218-4749 / 3218-4916 (anúncios)

Blogs: www.zerohora.com/zonasul

Twitter: @zhzonasul

**ZH ZONA SUL** circula todas as sextas-feiras. Próxima edição: 07/06/2013

Esta edição circula com 9700 exemplares

### Moradores unidos por Ipanema

Conheça detalhes sobre o grupo Ipanema: Eu Moro, Eu Cuido que começou a se mobilizar há cerca de um mês e já colhe frutos de suas ações junto ao poder público e com a própria comunidade

Páginas 4 e 5

### Parada de ônibus e de muita sujeira

Moradora flagra desrespeito ao espaço público no ponto de ônibus da Praça Maurílio Alves Daltro, local do fim da linha T-11, onde é possível encontrar muito lixo e nenhuma lixeira

Página 3

# Da Inglaterra para a Zona Sul

Blogueira recupera a história de Charles Edward Booth, um dos desbravadores da região

Blogueira ZH Zona Sul  
JANETE DA ROCHA MACHADO

Na segunda metade do século 19, integrando o grupo de ingleses recém-chegados ao Rio Grande do Sul, Charles Edward Booth descobre a Zona Sul. Fugoso da Marinha Mercante Inglesa, ele ficou conhecido por Comandante Booth. Sua bisneta Rita Bragger conta que ele residiu também no Portonon antes de se mudar para a Pedra Redonda. Na residência, Booth comprou uma área que ia desde a beira do Guaíba até a Cavalhada. Toda a região onde hoje se situam os bairros Pedra Redonda e Jardim Isabel pertence aos Booth.

— Nosso bisavô Charles foi o primeiro na Pedra Redonda, ele comprou muitas terras aqui — conta Rita.

Após descobrir uma mina de argila (atualmente, as imediações da AABR, na Avenida Coronel Marcos), Charles fez ali a sua olaria. Os tijolos fabricados eram transportados até o Centro pelo Guaíba. Para o escoamento da produção havia, à beira do rio, nos fundos do chibe Macabi, um trapiche construído para esse fim.

— Os tijolos Três Estrelas (marca Booth) eram transportados sobre trilhões até a ponta de um trapiche, onde eram carregados em chutas (tipo de embarcação), que os levavam ao Cais do Porto. Quando a olaria encerrou suas atividades, a madeira do trapiche foi vendida para um cidadão que tentou arrancar as colunas. Como elas não caíram, e o guindaste usado virou, o tal cidadão resolveu serrar as colunas no nível da água. Os tocos estavam lá até a década de 1960 e causaram vários acidentes com lanchas — conta a bisneta.

Rita relembra que ela, amigos, os irmãos e veranistas da Pedra Redonda, cada um tinha o seu toco. Ficavam durante horas pendurados dentro d'água, conversando, rindo e colocando as fotos em dia.

— No verão, às vezes, dava pé no último toco do fim do trapiche, era o maior, o mais grosso. Mas, geralmente a gente tinha de nadar até lá — diverte-se

Éra comum as famílias estrangeiras frequentarem os mesmos locais, como os clubes, as festas e, no verão, a beira do Guaíba. Foi isso que ocorreu com os Booth e os Bromberg, como relata Rita:

— No século 19, as colônias alemã e inglesa em Porto Alegre se davam muito bem, o que fez a 'alemoadá' frequentar a residência dos Booth nos fins de semana. Assim, Waldemar Bromberg conheceu Dorothy Booth, uma das filhas de Charles, com quem se casou e teve cinco filhos.

### Tijolos foram usados no Paço Municipal em 1898

Abraçando mercados do Brasil e também do Exterior, a firma Bromberg & Cia, e posteriormente Bromberg SA, figura entre as mais importantes e antigas no ramo das indústrias de máquinas do Estado.

Toda a área ao longo da antiga Travessa Pedra Redonda, pertencente a Charles, foi loteada por descendentes do comandante e empregados da olaria. Os tijolos de Charles ficaram famosos. Foram usados na construção do Paço Municipal em 1898, sede da Intendência de Porto Alegre.

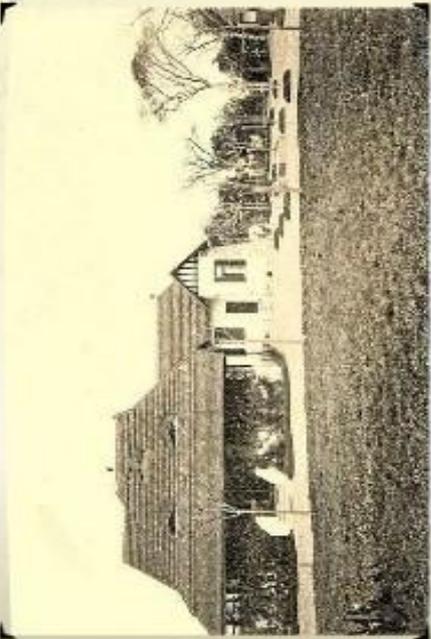
REGISTROS: acima, uma das poucas fotos do antigo trapiche no Guaíba, ao lado, Charles e Adeline com filhos, netos e genros. e abaixo, o casal já idoso na Pedra Redonda

ANEXO C - A Família Bromberg e o Lazer na Zona Sul

**Memória**

# A família Bromberg e o lazer na Zona Sul

Bela paisagem da Zona Sul e fazenda rural na parte da história de uma das famílias alemãs mais tradicionais da região



**Blogueiros**

**Wenceslau Escobar, 2108**

# pizza pizza

**3395.2525**

www.pizzapizza.com.br

**Blogueiros**

**Wenceslau Escobar, 2108**

# pizza pizza

**3395.2525**

www.pizzapizza.com.br

**Blogueiros**

**Wenceslau Escobar, 2108**

# pizza pizza

**3395.2525**

www.pizzapizza.com.br

Fonte: MACHADO, Janete da Rocha. A Família Bromberg e o lazer na Zona Sul. **ZH Zona Sul**, Porto Alegre, 13 set. 2013. p. 4.

# ANEXO D - Os Jardins da Dona Isabel

SE CURIOSO SE VOU

MAKALE | ZH ZONA SUL

## Colônias alemãs na Zona Sul de Porto Alegre

# Os jardins da Dona Isabel (Parte II)

Imagens de três épocas, incluindo a chegada da família de Dona Isabel em 1842, o primeiro jardim de Dona Isabel em 1846 e a casa construída em 1852.

**Uma mulher no jardim da Dona Isabel em 1842.** A imagem mostra a Dona Isabel em um jardim, segurando um guarda-chuva. Ela está vestida com roupas típicas da época.

**Os jardins da Dona Isabel em 1846.** A imagem mostra a casa construída em 1852, com jardins bem cuidados e uma paisagem rural ao fundo.

**ABRAÇAMENTOS**

• A. de Lencastre e J. de Lencastre em um abraço em 1842.

### Meu mascote

**2003 Petisco, 2004 Petisco, 2005 Petisco.** A Dona Isabel tinha um gato Siamese chamado Petisco, que era muito querido por ela. A imagem mostra o gato em diferentes momentos da sua vida.

**2006 Petisco, 2007 Petisco, 2008 Petisco.** A Dona Isabel tinha um cachorro chamado Petisco, que era muito querido por ela. A imagem mostra o cachorro em diferentes momentos da sua vida.

**SÉRIAS, ALEGRES** - As imagens mostram a vida cotidiana das famílias alemãs que se estabeleceram na Zona Sul de Porto Alegre, incluindo o uso de carruagens e a interação com a natureza.

**Três séculos de história**

Em 1842, a Dona Isabel chegou à Zona Sul de Porto Alegre com sua família. Ela trouxe consigo um grande número de animais, incluindo cães, gatos e cavalos. A imagem mostra uma das primeiras fotos da família em um jardim.

**Os jardins da Dona Isabel**

Os jardins da Dona Isabel foram criados em 1846, quando ela chegou à Zona Sul de Porto Alegre. A imagem mostra a casa construída em 1852, com jardins bem cuidados e uma paisagem rural ao fundo.

**PREÇO ESPECIAL**

**CASA DE PAMPA**

**ALVENARIA**

**2 construtores**

**ES 56 7 000**

**311 3488 5893**

**311 3488 5897**

**CASA DE 100 M<sup>2</sup> NO MES DAS ANIMAS DE LEI**

**BRINCADEIRA**

**ES 54 400**

**311 3488 5893**

**311 3488 5897**

**RESTAURANTE**

**Wenceslau Escobar, 2108**

**TELEFONE**

**3395.2525**

**PIZZA**

**PIZZA BOA COMIDA**

**MAIOR E MELHOR**

**www.pizzawenceslau.com.br**

**Sócio sócio e amigo**

**Wenceslau Escobar**

**gostou um café?**

## ANEXO E - Carta de Martha Dreher

NOSSA CHÁCARA

Martha Dreher

Em artigo anterior me referi ao fascínio que as bonitas praias do nosso maravilhoso Guaíba, antigamente tão limpo e piscoso e hoje tão poluído e depauperado em sua fauna e flora marginal, sempre exerceram sobre os portoalegrenses. Sem dúvida a beleza desse formoso estuário, ladeado por extensas planícies e magestosos morros e o colorido do seu céu, ao pôr do sol, nas tardes outonais, muito contribuíram para tornar mais alegre, hospitaleira e humana esta nossa cidade e sua gente, a ponto de os antepassados lhe terem mudado o nome de Porto dos Casais para o que presentemente ostenta.

Como aconteceu com muitos portoalegrenses que não resistiram aos atrativos da hoje denominada Zona Sul, adquirindo pequenos sítios ou chácaras nos arredores de Tristeza e Pedra Redonda, também nós, meu marido e eu, acabamos comprando uma área de terras de regular tamanho, situada defronte da Chácara Meyer, pertencente aos descendentes da família Oscar Bastian Meyer. Nesta chácará existe uma colina revestida de espesso mato, refúgio de muitos pássaros, onde se ergue a Casa da Juventude e donde se descortina bonita vista sobre o Guaíba. O lugar é conhecido por "Morro do Sabiã", designação que deu nome à região.

A área de terras por nós adquirida no longínquo ano de 1923, pela quantia de cinquenta contos de réis, pertencia ao capitalista Otto Niemeyer que também morava na Tristeza, era amigo da zona, onde possuía muitas propriedades. A grande avenida ligando os bairros Tristeza e Cavalhada, lembra o nome deste cidadão.

Naquela época ainda não existiam os balneários de Ipanema, Espírito Santo e Guarujá, cujas terras eram propriedade particular e suas praias inacessíveis ao público. A respeito, lembro um artigo do Pe. *Ruben* Neiss, publicado há algum tempo no Correio do Povo, em que o referido sacerdote afirma que toda a imensa área de terras, desde o hoje balneário Espírito Santo, passando por Ipanema, Pedra Redonda, Vila Conceição, Tristeza e Vila Assunção, pertencia a um único fazendeiro, só havendo ali campos e matos.

Em 1923 a região era escassamente povoada, só <sup>existindo</sup> ~~havendo~~ uma casa comercial, a venda do Juca Batista, na curva da Estrada da Cavalhada e, na vizinhança da nossa chácara, alguns casebres modestos pertencentes a gente humilde.

- 2 -

Tão pouco havia estradas asfaltadas ou ônibus e o único meio de transporte era o trem que, procedente da Estação do Riacho, nas imediações da famosa Ponte de Pedra, que hoje se constitui uma das jóias ornamentais do Parque dos Açorianos, vinha até a Estação da Tristeza e, continuando pelo corte do morro da hoje Vila Conceição, tinha seu fim de linha na Pedra Redonda. No verão, o trem descarregava aí chusmas de gente que se espalhava pelas praias, realizando piqueniques e tomando banhos de sol e de água doce. Mais tarde, um nosso vizinho, o Sr. Gutsheil, fundou uma linha de ônibus, a primeira a proporcionar serviço de transporte regular entre Porto Alegre e a zona da Tristeza, com fim de linha na Travessa Pedra Redonda, defronte ao Morro do Sabiã. Logo depois de adquirida a chácara, construímos ali nossa moradia, que ainda existe, e um estábulo para gado, pois, havendo bons campos de pastagem e áreas próprias para o cultivo de verduras e de árvores frutíferas, meu marido entendeu de aproveitá-las: adquiriu gado leiteiro, dois bois de carreta e arado e organizou hortas e pomares. Os nossos primeiros animais foram duas vacas procedentes da ilha de Jersey, na Inglaterra. Chamavam-se "Lady" e "Melody", eram bonitinhas, mansas e de pequeno porte, produzindo pouco leite que, em compensação era muito gordo, de modo que eu conseguia fazer com ele ótima manteiga, amarela como gema de ovo, <sup>além de queijo e manteiga.</sup> Depois adquirimos outras vacas de raça holandesa. Além disso, tínhamos criação de ovelhas, porcos, coelhos, aves, entre as quais perus, galinhas, marrecos, patos e gansos. Havia também um petiço muito matreiro, que as crianças gostavam de cavalgar mas que dificilmente se deixava apanhar. No pátio, ao redor da ~~nossa~~ casa, havia araras, macacos, um tamanduá, além de gatos e cachorros, um verdadeiro jardim zoológico. Certa vez, depois da enchente de 1941, até um pequeno jacaré apareceu no açude do ~~nosso~~ galinheiro. Nos matos da chácara viviam muitos animais selvagens, como guaraxains, zorrilhos, tatus, porcos-espinho, ratões de banhado, <sup>praias</sup>, além de cobras e lagartos. Frequentemente ~~estás~~ apareciam no galinheiro a procura de pintos e ovos. Nos campos havia banhos de quero-queros e até perdizes apareciam de vez em quando. <sup>Na chácara existiam</sup> ~~Nos matos ha-~~ via ótimas fontes que nos abasteciam de água muito pura e clara, através de bomba movida a motor e que também acionava um dínamo que fornecia luz, pois na <sup>na</sup> quele tempo ainda não havia rede elétrica na zona. Nos campos e matos também se colhiam frutas silvestres como pitangas, araçás, guabirobas, bacoparis etc. Existiam ali também grandes matacões de pedra, alguns constituindo combinações muito interessantes e esquisitas, entre elas um imenso bloco de granito apoi-

- 3 -

do sobre tres menores, formando ampla gruta, a qual dizia-se ter servido de moradia a um criminoso fugitivo. Na divisa leste da chácara, à beira da estrada Conselheiro Xavier da Costa, existia e ainda existe hoje uma bonita figueira, também referida no artigo do Padre Neis. Diziam os moradores da zona que as vezes apareciam luzes debaixo da árvore e, por acreditarem que o lugar era de assombração, ninguém atrevia-se a passar ali à noite. Também corria o boato de que debaixo da figueira havia um tesouro enterrado e de fato, notavam-se sinais de escavação <sup>na</sup> entorno de suas raízes. Próximo à figueira apareciam ruínas de paredes, um poço e alguns pés de lima, limoeiros e laranjeiras, últimos vestígios de uma antiga residência que afirmavam ter sido a moradia do fazendeiro proprietário de todas aquelas terras.

Já me referi à gente humilde que habitava nos arredores de nossa casa. Tratava-se em geral de famílias de poucos recursos, subnutridas e sujeitas a toda sorte de privações e doenças. Dada a dificuldade de recorrerem ao médico ou farmacêutico, visto que a única farmácia existente localizava-se na distante Tristeza, eu era constantemente solicitada a atender os acidentados e doentes, prestando os primeiros socorros, fazendo curativos, injeções, inclusive preparando chás, mingaus e sopinhas para os doentes. As vezes, <sup>num só dia,</sup> vinham tres a quatro mulheres com suas crianças, <sup>(por dia)</sup> para receberem curativos ou injeções. Quando me chamavam para atender doentes a domicílio, lá me ia pulando obstáculos e atravessando cercas, fizesse tempo bom ou chovesse a cântaros. Em casos graves apelava para o Dr. Utinguassu, que morava na Tristeza e era médico muito humanitário, sempre pronto a atender, mesmo quando se tratava de pessoas sem recursos para pagar as consultas. Havendo necessidade de internação, meu marido levava o doente para o hospital Moinhos de Vento, do qual meu conchudo, o falecido médico Doutor José Steidle, era um dos fundadores. Ele sempre conseguia arranjar lugar e o necessário tratamento por médico especialista, enquanto sua esposa, minha cunhada Olga, que era a presidente da comunidade de senhoras para auxílio aos necessitados, dava um jeito para conseguir leito gratuito.

Em matéria de verduras e frutas, as hortas e pomares organizados por meu marido primavam pela qualidade de seus produtos. Tinham praticamente de tudo e, especialmente as frutas — maçãs, pêssegos, ameixas, marmelos, mangas, ca-

- 4 -

quis etc. — eram afamados pelo tamanho e qualidade, tanto que na época de colheita sempre aparecia muita gente de Porto Alegre para comprá-las. O que não era vendido eu aproveitava para fazer geléias, marmeladas, goibadas, sucos, oregões etc. Como meu marido, através de seus negócios, era muito relacionado, nossa chácara vivia cheia de gente. Entre os visitantes ilustres lembro o Dr. Getúlio Vargas e Da. Darcy, Dr. Maurício Cardoso, Dr. João Neves da Fontoura, Daniel Krieger, Osvaldo Vergara etc. Além de apreciarem as frutas e verduras, nossos visitantes também tinham a oportunidade de admirar a selecionada e variada coleção de orquídeas de meu marido que, em lugar de mantê-la toda no orquidário, transplantou grande parte das espécies nativas para o seu habitat natural, os matos próximos da nossa casa, onde, na época da floração, formavam conjuntos lindos de se admirar. No entanto, ao ficar muito conhecida a existência dessa plantas tão expostas, elas começaram a ser visadas por ladrões que as roubavam e vendiam, o que obrigou meu marido a devolvê-las ao orquidário. Muito teria ainda para narrar sobre o que acontecia na chácara, principalmente sobre os divertimentos e traquinagens dos nossos filhos e seus amigos, naquele imenso espaço livre; as festas e churrascos ali realizados etc. etc., mas isto seria alongar demais a narrativa cansando o benevolente leitor. Limite-me, pois, a ~~descrever~~<sup>o</sup> desfecho, que ~~foi~~<sup>foi</sup> o seguinte: Por não enquadrar-se mais na zona da produção hortigranjeira, nossa chácara, devido a valorização das terras e elevação dos tributos, teve de ser urbanizada, constituindo o Loteamento <sup>Jardim</sup> Vila Isabel, onde os antigos campos, matos, hortas e pomares cediram lugar a bonitas vilas e aprazíveis jardins. Esta <sup>mudança</sup> ~~situação~~ de certo modo me causa tristeza, mas, ao mesmo tempo, fico contente, quando me conscientizo de que muitos ex-moradores de apartamentos, encontraram ali a paisagem, o espaço, o ar puro, o sol e o <sup>tranquila cidade</sup> ~~silêncio~~ que todos nós hoje tanto almejamos.

o o o

ANEXO F - Lya Bastian Meyer

Pioneira da dança

# A primeira dama do ballet clássico de Porto Alegre

Lya Bastian Meyer, cujo centenário se completou em janeiro, foi uma precursora da dança clássica no Rio Grande do Sul

Por JANETE DA ROCHA MACHADO  
Fotografias, imagens pelo PUCKS e fotografias em família de Rita Grande do Sul, pela Ilustração Porto-Alegrense

**I**mpossível ficar indistinta no cenário da dança que foi a pioneira de dança clássica no Rio Grande do Sul. Lya Bastian Meyer, mais conhecida por Lya Bastian Meyer, a bailarina número 1 do Teatro São Paulo nas anos 1930, teria completado com seus no dia 23 de janeiro. Memórias de muitas homenagens, a garota foi a primeira bailarina a aprender, na Europa, os fundamentos da escola russa de dança. Foi por ela que Porto Alegre conheceu o verdadeiro ballet clássico. Lya bailava as planas com um fino e encantador sorriso e era apaixonadamente crítica com os seus colegas que se ligavam aos melhores grupos de dança das EUA e da Europa. Sempre crítica, dominava todos os seus movimentos, controlando na linguagem dos gestos e no alinhamento dos ritmos coreográficos a história do próprio ballet – que, depois da I Guerra, teve São Petersburgo como principal centro mundial.

Filha de Oscar e Clotilde Bastian Meyer, Lya nasceu em Porto Alegre em 1911. Sua mãe, educadora, se mudou de sua casa, desfrutando dos prazeres de uma cidade na zona sul da cidade. Batizada nos melhores colégios da Capital e do Petrópolis, o que lhe possibilitou, ainda muito jovem, a descoberta da dança. Em 1928, com 17 anos, embarca para a Europa a fim de se aperfeiçoar naquilo de que mais gostava: o ballet. Lya Bastian, estudou com Eugénie Richardson, ex-primeira bailarina do Marius-Théâtre de São Petersburgo. Depois disso, continuou se aperfeiçoando com Rita Polak, da Opéra de Viena, com Alexandro, e com Tatiana Gusevich, coreógrafa russa, mantendo também na capital alemã. Após dois anos, Lya retorna ao Brasil, trazendo no bagagem a música



APRILIANO VIANA

de melhor ballet do mundo, o russo.

Lya Bastian Meyer continuava pesquisar seu público com os Seres Coreográficos, nos quais apresentava uma série de diferentes peças, entre elas Quatro-Novas, de Tchaikowski, Les Sylphides, de Chopin, Capella, Le Rossignol, de Massenet e El Amor Arcaico. Sua última, a bailarina, no auge de sua performance, ocorreu também em Recife, no Teatro Villalobos, em 1938, transformando-se em um sucesso de público e de crítica. Em Sharmada, de Rimsky-Korsakoff, Lya absorve o ambiente oriental que sempre a fascinou. Quando se torna integrante do Rio de Janeiro, a bailarina de todos os cantos orientais que inspirou o grande compositor russo. Nessa coreografia foi sua perfeita combinação entre estilo e movimento. A bailarina encenou também Jesus Cristo, com o Teatro São Paulo. Uma obra de arte interpretada baseada na técnica perfeita de gestos, e que trouxe seus espetáculos inapreciáveis obras de arte.

A concepção e a execução das apresentações de Lya obedeciam sempre a

um estilo acadêmico e a uma disciplina adquiridos na Europa, com os melhores coreógrafos e coreógrafas da Alemanha. Apesar disso, seu ballet tinha uma liberdade de expressão que resultava sempre em momentos de sua beleza e impregnados de espiritualidade. Não foram raras as ocasiões em que a plateia deixava o teatro impressionada com sua descependa.

Mesmo depois de casada, continuou dançando e viajando. No finalzinho dos anos 1930, embarca novamente para a Europa para cursos de aperfeiçoamento. Em uma Alemanha marista la vespéras da I Guerra é que Lya encontra novos e fundamentais ensinamentos com Mary Wigman, a pioneira do ballet moderno. O sucesso conquistado por ela nesse viagem lhe rendeu muitos para ficar na Europa, trabalhando como bailarina e coreógrafa. E seguidos a este, outros mais foram feitos. Incluído um convite para fazer parte do corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Lya encenou sempre todos os coreografias, pois já havia planejado sua volta ao Rio Grande do Sul.

O grande sucesso de bailarina levou-a a criar a sua escola, a primeira oficial de dança no Estado. Lya foi a responsável pela formação de uma geração de dançarinos clássicos, especialmente entre as décadas de 1930 e 1950. Mesmo época em que as mulheres eram preparadas apenas para o casamento, sem chances de um casamento profissional, a dançarina e professora abriu espaço para as novas gerações no ballet. A dança, cujo preconceito estava

no fato de as meninas, escritoras recatadas da sociedade, encontrarem as pernas em casa, se apresentava como um direito devido para aquelas que não se limitavam e fugia das dificuldades em dançar assim. Com um grupo numeroso de alunas, começou a coreografar e a ensinar espetáculos, e com eles se apresentou também pelo interior de Estado. Bagé, Pelotas e Santa Maria foram algumas das cidades que tiveram a oportunidade de vê-la.

Quem, quando não estava ensinando no Teatro São Paulo, se dava nos belos jardins da Vila Clotilde, a residência da bailarina em Ipanema. Há também os jardins de Bosque Imaculada, repetidas vezes, Lya e suas alunas eram fotografadas lá para jornais e revistas da época.

Seus anos 1930, Porto Alegre experimentava um crescimento vertiginoso na economia e também nas artes. A partir da remodelação de ruas, praças e viadutos, surge uma nova cultura urbana, um novo espaço de sociabilidade burguesa. São novos hábitos, cultos, contribuições, valores e valores sofisticados para uma elite que cresce em torno das novas atividades comerciais e industriais. Em 1939, a cidade já contava com duas academias de dança – além da Escola de Lya Bastian Meyer, havia a Escola de Ballets Clássicos Tony Soto Penabaz. Ambas, durante muitos anos, realizaram cursos anuais de dança.

Lya manteve a sua escola até 1959, quando então passa a se dedicar somente às aulas de ginástica na universidade – de lá foi pioneira também na ginástica rítmica, introduzindo-a na Faculdade Superior de Educação Física de UFRGS. Apoiou-se em 1970, assinando a Comissão do Conselho Brasileiro de Dança como a sua última homenagem em vida.

Passou aos 95 anos, em sua casa no bairro Ipanema. Graças a ela, o ballet criou raízes e se propagou pelo Rio Grande do Sul – e também pelo Brasil. Durante muitos anos, todos os movimentos de dança tiveram sua direta participação. Lya Bastian Meyer sempre a primeira dama do ballet porto-alegrense. Será sempre uma estrela nos jardins da Vila Clotilde.

No alto, Lya em seu momento, quando foi a bailarina número 1 do Teatro São Paulo. Na foto menor, ela (centro) e amigos no grupo da Ipanema



Fonte: MACHADO, Janete da Rocha. A primeira dama do ballet clássico de Porto Alegre. Zero Hora, Porto Alegre, Caderno Cultura, 12 mar. 2011.

## ANEXO G - Entrevista com Helga Bins Luce

PÁGINA 7 | ZH ZONA SUL

PORTO ALEGRE | 8 DE MARÇO DE 2013

Histórias de vida

## Nove décadas de Helga Bins Luce

No Dia Internacional da Mulher, esta nonagenária conta sobre os verões passados na Pedra Redonda a partir da década de 1940

Bloqueira ZH Zona Sul  
JANETE DA ROCHA MACHADO

No condomínio familiar da Vila Nina, na Pedra Redonda, existem ainda alguns chalés muito antigos que remetem a um tempo dourado de veraneio à beira-rio. A moradia mais antiga da propriedade, erguida no final do século 19, pertenceu ao casal Augusta e Frederico Linck, os primeiros veranistas do local. Contam seus descendentes que as terras foram adquiridas por Frederico, atendendo a um pedido de sua noiva, a senhorita Augusta.

Desejosa de um lugar à beira-rio, não só para o descanso mas também para estar próxima a suas amigas, Augusta teria recusado, na ocasião, uma joia valiosa, presente de noivado, pois preferiu terras na Pedra Redonda. No passado, chácaras e vivendas como as da família Linck serviram para o lazer e o descanso às margens do Guaíba. Algumas histórias dessas antigas propriedades e de seus moradores ibestres foram contadas por Helga Bins Luce, 90 anos completados hoje, a qual também veraneava na região. Casada com um dos netos de Frederico Linck e sobrinha do intendente de Porto Alegre Alberto Bins, ela relembra, em entrevista, momentos alegres de verões passados na Zona Sul.

**Janete da Rocha Machado** – Dona Helga, a senhora é professora?  
**Helga Bins Luce** – Sim, sou professora de inglês, de matemática e de alemão. Eu preparava os candidatos para o exame de admissão. Naquele tempo, para se entrar no ginásio, era preciso fazer o exame de admissão. Eu também era secretária bilíngue. Em 1942, fui convidada para ser secretária do consulado alemão. Bem, aí fizeram uma reunião lá em casa, toda a família – meus tios e meu pai – para decidir se eu poderia trabalhar. E a decisão foi que eu não podia ser secretária do consulado alemão por causa de Hitler, da guerra e porque o papel da mulher era casar e ter filhos. Naquela época, todos fomos proibidos de falar alemão.

**Janete** – A senhora nunca se arrependeu de não ter seguido os estudos e ter desenvolvido uma carreira profissional premiosa?  
**Helga** – Não, nunca me arrependi. Fiquei 65 anos casada e tive sete filhos. Meu marido faleceu no ano passado. Foi muito feliz.

**Janete** – Sobre o verão na Pedra Redonda, a senhora lembra quando começou a usar a praia para veraneio?  
**Helga** – Não, na realidade eu o conheci nos bailes do União Social São José. Mas o início do namoro foi aqui na Pedra Redonda. Houve um baile (de gala) na propriedade da família



HISTÓRIA: Helga em foto atual em frente a chalé (1). Ao lado do marido (2), com quem viveu 70 anos - 65 de casamento. E aproveitando a praia da Pedra Redonda (3)

**Helga** – Lembro, sim. Eu era adolescente. A primeira vez que viemos foi em 1941 e ficamos na casa dos Ely. Eramos em 40 pessoas. Os homens dormiam na garagem dos barcos. Vieram também a minha vó, a minha prima, o meu tio que era viúvo, o meu pai e a minha mãe com os filhos. Eu conheci meu marido, José Fernando (filho da Nina), aqui. Comecei o namoro aqui na Pedra Redonda.

**Janete** – Então é verdade que a senhora conheceu o seu marido na praia da Pedra Redonda?  
**Helga** – Não, na realidade eu o conheci nos bailes do União Social São José. Mas o início do namoro foi aqui na Pedra Redonda. Houve um baile (de gala) na propriedade da família

**Helga** – Não, na realidade eu o conheci nos bailes do União Social São José. Mas o início do namoro foi aqui na Pedra Redonda. Houve um baile (de gala) na propriedade da família

Berata, e lá nós dançamos juntos pela primeira vez. A propriedade dos Berata era uma linda casa de veraneio também. E, no dia seguinte, ele me pediu em namoro na pedra aqui na frente.

**Janete** – E sobre o chalé, conta para gente.  
**Helga** – O chalé foi construído em 1927 pelo marido da Nina e dado de presente para ela veranear com os 10 filhos. Já a casa grande foi feita pelos Linck (Augusta e Frederico, pais da Nina) no final do século 19. Tanto que a rua se chama Augusta Linck em homenagem a ela. Muitas famílias de Porto Alegre vinham fazer o seu veraneio aqui, na Tristeza, na Pedra Redonda e em Ipanema. Elas faziam isto: a mulher e os filhos ficavam toda a semana, e o marido trabalhava

na cidade e vinha em um trenzinho que tinha aqui. Tu conheces a história do trenzinho?  
**Janete** – Conheço sim. Ele fazia a viagem do Centro até a Zona Sul. Era um trenzinho municipal.  
**Helga** – Isso, ele saía do Mercado e vinha até aqui em cima. Muitas famílias faziam a viagem de trem. Por exemplo, os Bier, que moravam na Avenida Independência e veraneavam aqui. Os Ely, que moravam na André Puentes, também veraneavam aqui. As pessoas não iam muito para as praias de mar. Era muito longe e não havia estradas. Aqui se podia tomar banho de rio. Todo mundo usava o rio para banhos. Eu morei algum tempo aqui, e meu marido chegava do trabalho e tomava banho à noite. A água que

vinha para dentro de casa era do rio. Era água boa, potável. Então, a gente levava sabonete e toalha e se banhava na praia. Para uso da cozinha, havia um poço no pátio. Tu sabia que tinha um trapiche? Os vapores iam até ele. E aqui ao lado, nossos vizinhos eram os Pabst. A família dos Pabst ficava ali onde hoje é a Sociedade de Engenharia. Havia um lindo chalé de veraneio na propriedade dos Pabst.

**Janete** – A sua família é de origem alemã?  
**Helga** – Sim. A minha avó era casada com o Luis Englert e se chamava Malvina. Ela tinha uma irmã que se chamava Zulmira, que se casou com um Bier. Eles fizeram uma casa aqui na Pedra Redonda para veraneio também. O Hugo Gerdau casou com uma irmã do meu pai, a Otília. Eles tiveram duas filhas, uma delas era a Helda Gerdau, que se casou com um Johannpeter. Eles tiveram quatro filhos, um deles é o Jorge Gerdau Johannpeter. São todos meus parentes, porque a Helda era prima minha.

**Janete** – E sobre os banhos de rio, a senhora usava maiô ou não gostava muito de banhos na praia?  
**Helga** – Claro que gostava, e muito. Eu usava os maiôs da ação católica com saíote e tudo. A minha avó que veraneou conosco, a Malvina Englert, ficava na praia com a bengala e chamava a gente quando nós íamos muito longe. Minha avó não entrava na água. Toda a família veraneava aqui no condomínio. Vinham em dezembro, antes do Natal, e voltavam somente em março ou abril. À noite, os adultos se reuniam para conversar. As crianças dormiam cedo. A gente tinha horário para tomar banho no rio. A água que se tinha em casa não era encanada. Era do rio direto. Tinha um poço e um chacareiro que bombeava água para todas as residências. E a gente tomava banho na praia com sabonete. O médico indicava pegar sol – era bom para saúde. Eram muitas crianças dentro da água e nunca aconteceu afogamento. Tinha um caninho dentro da água (como uma boia), e dali as crianças não podiam passar. Ninguém ia para o fundo, ninguém se afogava. O meu marido foi campeão de natação e ensinava as crianças da chácara a nadar. Ele gostava de se atirar do trapiche e de sentar lá. Ele tocava instrumentos e fazia serenata. Havia sessões de cinema nos jardins da chácara, colocava-se o projetor e passava os filmes. Era o programa dos adultos. Para as crianças, havia as histórias contadas pela vovó Nina. As crianças sentavam em volta da vovó para ouvir as histórias. E é isso que eu sei te dizer. Fomos muitos felizes aqui.

ANEXO H - Trilhos até a Tristeza



**ZH Zona Sul**

Conheça nossa região sem sair do desktop do Blog do ZH Zona Sul. Acesse [www.zh.com.br/zhzona-sul](http://www.zh.com.br/zhzona-sul)



**Em Foco**

# Trilhos até a Tristeza



Foto: Valéria Assis



Foto: Valéria Assis

## ANTES E DEPOIS

**Ruário de Marcos Felleira mostra como era a estação de Pórcio**

A foto era preto e branco mostra a antiga casa d'água que abastecia Ipanema, em outubro de 1967. O local na Avenida Tramandá ficou conhecido devido ao reservatório, mas o nome oficial é Praça Senador Alberto Pasquini, em frente ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

**JANETE DA ROCHA**



"No início do funcionamento do trem para a Zona Sul, a tração era animal. Mais tarde, foi substituída por trens a vapor. Assim, meu dia era marcado de um jornal da época: 'Espero-se que até dezembro esteja aberta ao tráfego a estrada de ferro à

com suas pacotes e caixetas, o trem transportava pedras da Ponta de Diadema (hoje, o Clube Velinos do Sul) para a construção do Gale da Ponta Assis, outra pedra foi levada das pedreiras de Zona Sul ao Centro.

Quem utilizava o trem tinha a sensação de que era uma viagem segura e tranquila pela baixa velocidade dos vagões. A maré-furta percorria trilhos em direção e, apesar de ser chamado de 'o trem da morte', ainda assim era divertido e bonito o passeio pelas ruas de Ponta Assis.

Nas primeiras anos, o trem vinha somente até onde hoje é a Vila Assis. Com o passar dos anos, a via foi estendida até o bairro Tristeza, e finalmente, em 1932, até a praia da Pedra Redonda. O prolongamento foi possível graças a uma empreitada particular, sendo mais tarde adquirida pelo Estado e incorporada à Via férrea do Rio Grande do Sul.

Isso resultou em um grande desenvolvimento à Zona Sul, transformando-a em dois eixos da cidade, com casas de veraneio, hotéis e restaurantes. O bairro Tristeza é um exemplo desse progresso, conforme nos conta Felleira em suas crônicas: 'Tristeza progressiva, habitada agora pela elite porto-alegrense e por famílias estrangeiras, que nem razer a nova praia de frente para o sul, a Pedra Redonda'.

Para o trem chegar até a praia da Pedra Redonda, foi preciso um grande investimento, com muros e estacas no mar e no rio. Hoje se encontra a Vila Conceição. Grande quantidade de pedras e parte da mata foram retiradas para que a estrada de ferro pudesse ser construída. Um lago de grande extensão foi escavado de início da vila à beira da praia, criando um grande parque por onde passou o trem. A obra no mar durou cerca de três anos."

“

O trembrake trágico lentamente, passando por bairros como Cristal, Associação, Tristeza, Vila Conceição e Pedra Redonda.

“

O empreendimento resultou em um grande desenvolvimento à Zona Sul, transformando-a em dois eixos da cidade, com casas de veraneio, hotéis e restaurantes. O bairro Tristeza é um exemplo desse progresso.



Foto: Zilmar Costa

### Que rua é essa?



Mande sua pergunta, com nome completo e bairro onde mora, para o e-mail [janete@zh.com.br](mailto:janete@zh.com.br)

**ZH ZONA SUL**

Bairro: ZH Zona Sul  
Telefone: 3333-3333  
E-mail: [janete@zh.com.br](mailto:janete@zh.com.br)  
Responsável: Janete Rocha  
Direção: Lúcia Almeida

Departamento: Comunicação - ZH - 010

### Resposta da semana passada

Somente o bairro Florão (Parque Assis) a via construída na edição anterior do ZH Zona Sul: Rua Padre João Batista Rossi (fita ao lado).

Fonte: MACHADO, Janete da Rocha. Trilhos até a Tristeza. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 09 abr. 2013. p. 2.

## ANEXO I - Verões de Outros Carnavais

# Zona Sul

CAMAQUÃ, CAVALHADA, CRISTAL, IMAMEIA, JARDIM ISABEL, SETIMO DE TRISTEZA, VILA ASSUNÇÃO E VILA CONCEIÇÃO

**EM ZONA SUL**  
 circula todas as  
 sextas-feiras.  
 Próxima edição:  
 22/02/2013

PORTO ALEGRE | 15 DE FEVEREIRO DE 2013 | ANO 8 - Nº 243

**E-MAIL** zona.sul@portofolha.com.br  
**Facebook** www.facebook.com/zonasul  
**Telefones** 3238-4785 / 3238-4622 / 3238-4749 / 3238-8996 (atendimento)  
**Site** www.zonasul.com/contato  
**Twitter** @zonasul

## Verões de outros carnavais

**Em entrevista e pesquisas, blogueira recupera primórdios de bairros da região e das veraneios à beira do Guaíba**

**Blogueira**  
**De Ana Te:**  
**FOFTE DE ANA TE**

O bairro Tristeza foi o primeiro a atrair veraneistas para as temporadas de verão e férias. O local, à margem esquerda do Guaíba, viveu, a partir do final do século 19, um desenvolvimento econômico motivado pela procura de um grande número de famílias, muitas delas de imigrantes alemães e italianos, pertencentes a uma elite porto-alegrense.

Esses grupos buscavam o descanso e o lazer à beira do Guaíba e, para isso, montavam chácaras e fazendas para uso nos períodos de férias e fim de semana. As desenvolveu vilas balneárias, entre elas, Assunção, Conceição e Praia Redonda – que integrou o bairro Tristeza –, sendo-as pouco a pouco incorporadas nesse período. Entre as praias de Guaíba, eram as mais próximas do Centro.

É importante que se diga que o povoamento do região é bem anterior ao veraneio, remonta ao período da escravidão de Diogo Rodrigues Miranda, cujo sítio da fazenda, a fazenda São Gonçalo, localizava-se em Pedra Velha. As terras desse sítio se estendiam desde o Arroio Cavalhada (Cristal) até o Salto (Ponto Grossa).

Essas terras, com o passar do tempo e o acelerado processo de urbanização, reconstruíram-se nos atuais bairros da Vila Nova, Serraria, Guacujá, Ipanema, Praia Redonda, Vila Conceição, Tristeza, entre outros. De 1739 a 1828, toda a região pertenceu a Diogo e sua descendência.

Até ao século 19, quando Porto Alegre foi elevada a capital, as terras próximas da Zona Sul estavam ocupadas por um dos filhos de Diogo, André Bernardes Rangel, que morava

em onde hoje se situa Ipanema. Tempos mais tarde, a filha de André se casou com José da Silva Guimarães, também conhecido por Jacó Tristeza.

Após o casamento, Guimarães recebeu, por herança, as terras onde hoje estão os bairros Tristeza, Assunção e Conceição, abrangendo ainda uma vasta área à beira do Guaíba. Foi na atual Vila Conceição que Tristeza construiu a sede de sua fazenda. O local tinha também dois ranchos para habitação, com dez cômodos, chafariz e uma chapeada.

### Paiolitos, imigrantes e os donos das terras

Com a morte de José da Silva Guimarães, a fazenda ficou conhecida como A Chácara do Pendo Tristeza, e as terras passaram para Manoel José Sarchado, conhecido de Tristeza. Em 1875, a fazenda foi comprada por Guilherme Ferreira de Abreu Filho. Essas terras que iam desde o Guaíba até a Cavalhada. Em 1885, o local foi transformado na residência dos pais paiolitos, que vieram para dar sustentação aos imigrantes italianos – os primeiros colonos agrícolas do Tristeza.

Os pais paiolitos compraram e doaram a família a residência e capela. Tempos mais tarde, em 1913, os paiolitos venderam as terras para Antônio Monteiro Martins, a fim de que, em 1920, sua herança fosse a sua residência, Estância Martins Monteiro, de frente de Nossa Senhora de Conceição, Ildelfonso e criou o novo loteamento, nomeando-o Vila Conceição.

**LEMBRANÇAS**  
 acima, a paisagem da Praia de Conceição, onde a monarca Helga (Princesa do lado) costumava tomar banho

LEIA MAIS NA PÁGINA 15 >

## ANEXO J - Entrevista com Helga Landgraf Piccolo

PORTO ALEGRE | 15 DE FEVEREIRO DE 2013

ZH ZONA SUL | PÁGINA 5

ENTREVISTA Helga Landgraf Piccolo

*Bate-papo em nome da história*

Blogueira do ZH Zona Sul e dedicada a recuperar a história da região, a historiadora Janete da Rocha Machado entrevistou a professora Helga Landgraf Piccolo, primeira doutora em História no Estado e moradora da Vila Conceição.

Helga nasceu em Porto Alegre em 1932, formou-se em História e Geografia pela UFRGS e concluiu o doutorado em História Social pela USP em 1972. Possui uma produção de mais de 130 obras e é pesquisadora emérita do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Neste papo, as moradoras trocam figurinhas sobre a Zona Sul. Confira trechos da conversa.

**Janete Machado** – Professora, entrando um pouquinho na história do seu bairro, a Vila Conceição, qual é a origem da maior parte das famílias da Tristeza? São italianos?

**Helga Landgraf Piccolo** – Sim. Mas isso foi por um curto espaço de tempo, pois quando eu vim para cá, em 1945, eu diria que de cem famílias, 90 eram alemãs.

**Janete** – Aqui na Vila Conceição?

**Helga** – Aqui. Porque os italianos, na realidade, instalaram-se do outro lado da Avenida Wenceslau Escobar. Os alemães do lado do Guaíba, e os italianos do lado de lá, principalmente porque eles eram agricultores.

**Janete** – Minha pesquisa abrange também a Pedra Redonda e Ipa-

nema, porque falo sobre o veraneio no Guaíba na primeira metade do século 20. E lá, na Pedra Redonda, a maior parte das famílias é de origem alemã, como os Dreher, os Bier, os Becker, os Meyer, entre outros.

**Helga** – Os Dreher, todos nós conhecemos. Ali na Pedra Redonda são muitos. É alemão para mais de metro.

**Janete** – Eram casas de veraneio ou já eram de moradia?

**Helga** – De veraneio e de moradia. Não havia ruas à beira do Guaíba. Por isso, a região não era local de veraneio como Ipanema e Pedra Redonda. Mas, lá embaixo, tem a famosa Prainha da Conceição. Tomávamos banho nessa prainha. Principalmente porque aqui havia muita falta de água, e nós descíamos a rua e íamos de toalha e sa-



A Prainha da Conceição era também um lugar de namoro. Tempo bom aquele

bonete, todos juntos tomar banho na praia. A água do Guaíba era limpa. A Prainha era também lugar de namoro. Tempo bom aquele!

**Janete** – Fiz uma pesquisa sobre a Vila Conceição e surgiu o nome de Guilherme Ferreira de Abreu. Depois dele é que vieram os padres palotinos. Eles vieram para dar atendimento aos imigrantes italianos da Tristeza. Mas aí a senhora me traz um dado novo: os alemães estão em massa na região.

**Helga** – Sim, os alemães estão em massa aqui.

**Janete** – Tempos depois, os padres palotinos venderam a chácara para Antônio Monteiro Martinez?

**Helga** – Meu pai comprou terras dele. O senhor Martinez era um português, e a mulher dele era muito devota de Nossa Senhora da Conceição, por isso o nome Vila Conceição. Depois dele, veio o filho, Mário. E o neto, o João Antônio, nosso amigo. A casa em que residiu a família Martinez fica na Avenida Nossa Senhora Aparecida.

**Janete** – Quase toda a orla do Guaíba deixou de ser usada em 1970 com a poluição.

**Helga** – Ipanema continuou. Eu



**VERANEIOS:** Helga (ao lado) relembra os tempos de diversão nas águas do Guaíba. Acima, ela e o amigo João Antônio Martinez

não posso te dizer quando deixamos de usar o Guaíba porque nossa família é de iatistas. Acha que quando a turma ia navegar não pulava na água? Lembro-me que a última vez que corri uma regata eu estava grávida. Vim morar aqui aos 13 anos. Até essa idade, eu tomava banho no Menino Deus. O fato é que eu tomei muito banho nessa Prainha da Conceição.

ZEROHORA.COM

Confira a íntegra da entrevista no blog [zerohora.com/zonasul](http://zerohora.com/zonasul)

Fonte: MACHADO, Janete da Rocha. Entrevista com Helga Landgraf Piccolo. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 15 fev. 2013. p. 5.

## ANEXO K - A Casa da Mário Totta

**BOMBEIROS**

**Estação da Assunção  
pode fechar de novo**

Página 5

**Em Foco**  
O antigo  
Cinema  
Gioconda

Página 7

**La Citté**  
cama, mesa e banho

lista de noivas  
confira na pág 06.

PORTO ALEGRE, 3 DE DEZEMBRO DE 2010

# ZH ZONA SUL

Ano 6 - Nº 133

Esta edição circula  
com 8.700  
exemplares

Circula nos bairros **Camaquã, Cavalhada, Cristal, Ipanema, Jardim Isabel, Sétimo Céu, Tristeza, Vila Assunção e Vila Conceição**

## A casa da Mário Totta

Blogueira apresenta parte da história do local que hoje abriga a sede de transição do governo estadual na Tristeza

**JANETE DA ROCHA MACHADO**

**Veranear em praia de mar, no início do século passado, significava viajar dias e dias de carroçagem ou navegar pelas lagoas costeiras, fazendo baldeações em barcos a vapor e trem. Por isso, os arredores da Zona Sul ficaram escolhidos para veraneio. Um espaço de identidade urbana e de contato dos moradores com o rio.**

Bairro recém-ligado à cidade por via férrea e margeado em parte pelo Gasôba, a Tristeza foi o primeiro balneário descoberto pela população, pois o local propiciava descanso e tranquilidade. "A praia da Tristeza, que ficava na praça, era bonita. O ar puro, as frutas abundantes, o panorama bucólico, tudo era um convite irresistível ao homem da cidade", descreveu Roberto Pellin em um de seus livros.

Para Sérgio da Costa Franco, a Tristeza veio a ser a primeira estação de veraneio dos porto-alegrenses ricos, que ali mantinham chácaras e mansões. As terras onde hoje se encontram algumas das casarões mais antigos do bairro foram compradas nos idos de 1900. Um exemplo dessa elite era a mansão com pratin particular na Rua Dr. Mário Totta, 64.

Aquelas que não tinham casas de veraneio, caso dos estrangeiros, chegavam por trem ou vapor. Ficaram famosos o Tremzinho da Tristeza e o Vapor Porto Alegre, que traziam turistas à Zona Sul. Fez-se necessária a construção de hotéis. Alguns deles tornaram-se locais de referência, como o Hotel da Praia.

**Na década de 80, o imóvel foi comprado pela Procarps. Após reformas, foi reinaugurado em dezembro de 1982**

**A esquerda, Catarina Lazarini com seus irmãos.**

**A direita, o Colégio Santa Rita no primeiro prédio construído no local, no início do século 20**

Em 1901, o senhor Lazarini e sua mulher, Catarina, compraram o imóvel na Mário Totta, à beira do Gasôba. Catarina convenceu o marido a fundar o Hotel Lazarini. O prédio ficou conhecido como Hotel da Praia. Em 1908, o hotel foi comprado por religiosas, que instalaram o Colégio Santa Rita, um dos primeiros da Tristeza. Administrado pelas irmãs da Ordem do Imaculado Coração de Maria, a escola funcionou ali por seis anos. Depois, o imóvel foi ocupado pelo Asilo São Benedito. Hoje, o antigo colégio das irmãs é conhecido por Escola Mãe de Deus.

**Colônia de férias e visitas ilustres**

Em 1940, a propriedade foi comprada pelo Bannissal, que fez uma colônia de férias para funcionários. O local permanecia atraente pela balneabilidade do Gasôba. Em 1952, a sede ganhou notoriedade com a visita do presidente Getúlio Vargas, e, no final dos anos 60, da Seleção Brasileira. Pelé e Rivelino atraíram os olhares.

Na década de 80, a Companhia de Processamento de Dados do Estado (Procarps) comprou a casa. Após reformas, ela foi reinaugurada em 9 de dezembro de 1982 e destinada para centro de treinamento dos funcionários. Atualmente, serve às equipes de transição do governo estadual. O prédio que já foi hotel, escola e colônia de férias ressurge no cenário da cidade. Que os anos da Zona Sul e sua história inspirem os trabalhos das equipes.

▶ ZH Zona Sul circula às sextas-feiras. Próxima edição: 10/12/2010

**25 anos conquistando confiança**

**- Geometria - Balanceamento - Motor - Freio - Suspensão - Embreagem -**

Rua Dr. Barcellos, 555 | (51) 3369-3091 - (51) 9937-3091 | e-mail: contato@hugobalmeida.com.br

## ANEXO L - O Veraneio na Pedra Redonda ZH 26/02/2010

# O veraneio na Pedra Redonda

JANETE DA ROCHA MACHADO



Bloqueiro do ZH Zona Sul



“A Pedra Redonda – desde a Ponta dos Cachimbos, na Vila Conceição, até o Morro do Sabiá, em Ipanema – foi adquirida em 1903 por Frederico Guilherme Bier, um rico comerciante de Porto Alegre. Fundador do Banco Pfeiffer, foi também um dos grandes acionistas dos Bancos da Província e Nacional do Comércio. Seu Frederico fazia parte de uma burguesia ascendente que residia em Ipanema no início do século passado, e, por isso, ficara com os melhores terrenos da região.

Por ser, na época, a melhor praia do Guaíba, a Pedra Redonda, atraía muitos turistas, o que levou à construção das famosas vivendas para veraneio. O local teve seu auge nos anos 20 e 30, com o advento do trem que chegava trazendo banhistas até a beira da praia, onde hoje está a Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul (Sergs). Com direito a hotel, restaurante e cassino, a praia se desenvolveu, tornando-se o point mais concorrido da cidade. Um trapiche

foi construído em frente ao hotel de propriedade de Lotário Papis, um fabricante de roupas e gravatas e com o trem, uma linha de vapor também fazia a viagem até a Pedra Redonda, nos domingos e feriados. Conforme o historiador Roberto Pellin, ... a novidade da época era fazer um lindo passeio fluvial pelos vapores Guaporé ou Bubi e atracar no trapiche da Pedra Redonda’.

A região se tornou zona de veraneio muito antes de Ipanema. Tempos mais tarde, continuou sendo o local preferido para descanso e lazer, pois eram as praias da Tristeza, de Ipanema e da Pedra Redonda as preferidas pela população. Muitos porto-alegrenses para lá se dirigiam a fim de curtir os banhos no Guaíba e fazer piqueniques às sombras de figueiras centenárias. Os jovens, especialmente, apreciavam namorar, passear e colher pitangas, entre um banho e outro. Com o calor escaldante de janeiro e fevereiro, os veranistas podiam se refrescar nas águas do Guaíba e usufruir a brisa agradável vinda da Lagoa dos Patos.

A alegria era contagiante, como relembra Maria de Lourdes Mastroberti (foto acima, à direita), cujos passeios à orla eram uma constante nos domingos de verão, entre os anos 40 e 50 do século passado:

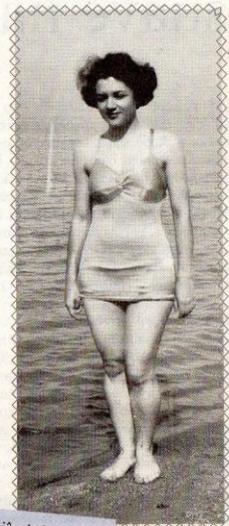


‘Aproveitava-se a praia, com dia bonito. Iamos eu, minha irmã e uma amiga dela. E eu gostava muito. Levávamos lanche. Galinha com farofa não podia faltar, e o bolo que a minha mãe fazia. A gente comia também ovo cozido e levava pão com salame e queijo. Era o sanduíche. Para beber, se levava umas garrafinhas com refresco.

Tinha ainda aquelas famosas barracquinhas para se trocar. Eram compridas, tinham uns 2 metros de altura, era como um cone. Em cima, havia um cordão que a gente amarrava nas árvores. Na barracquinha, cabia só uma pessoa. A gente entrava lá dentro, tirava o vestido e colocava o maiô. Ficava o dia inteiro de maiô.

Tomava-se banho no Guaíba. Ah, se aproveitou muito lá, na Pedra Redonda. No fim do dia, a gente colocava tudo dentro de uma sacola e voltava para casa. Esperava o ônibus no final da linha, tudo na maior tranquilidade. Hoje, já não se pode fazer mais isso.’

Assim, era a Pedra Redonda de antigamente, um lugar de lazer, banho e veraneio, um espaço de identidade urbana e de contato dos moradores com o Guaíba.”



Os diferentes maiôs de Maria de Lourdes na década de 50: a cada ano, um novo modelo



Fonte: MACHADO, Janete da Rocha. O veraneio na Pedra Redonda. Zero Hora, Porto Alegre, 26 fev. 2010.



## ANEXO N - Outros Verões na Pedra Redonda

**CIDADANIA**  
Sophia registra resgate de filhotes  
Página 4

**Lazer**  
Moradores pedem atenção a duas praças da região  
Página 5

**O NOME**  
Dalro Garcia assume a Aldeia  
Página 6

PORTO ALEGRE, 14 DE JANEIRO DE 2011

# ZH ZONA SUL

Ano 6 - Nº 139

Circula nos bairros Camaquã, Cavalhada, Cristal, Ipanema, Jardim Isabel, Sétimo Céu, Tristaza, Vila Assunção e Vila Conceição

## Outros verões na Pedra Redonda

Pesquisa de blogueira do ZH Zona Sul revela hábitos dos veranistas na região no começo do século passado e relembra atrativos para os dias quentes de antigamente

PEDRA REDONDA EM 1902. FOTO DO ARQUIVO DA FOTOTECA BONA BRETMAN DO MUSEU JOAQUIM FELIZIANO, REPRODUÇÃO



No começo do século passado, moradores de vários pontos de Porto Alegre e de outros países visitavam a praia em busca de diversão

**JANETE DA ROCHA MACHADO**

**Eram os primeiros anos do século 20, a I Guerra Mundial recém acabou e o espartilho saía de moda. Foi quando o senhor João Pabest, rico empresário e proprietário de uma fina residência de veraneio na Pedra Redonda, viu seus negócios -- uma fábrica de espartilhos -- naufragar. Devido à crise, trocou de ramo, adquirindo uma fábrica de gravatas. Seu Pabest morreu em 1922, deixando os negócios nas mãos de seus filhos. Um deles, o senhor Losório, transformou a velha casa de veraneio da Zona Sul em um hotel-restaurante.**

O estabelecimento, conhecido por Hotel Cassino, foi o primeiro da Pedra Redonda e ficava onde é hoje a Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul (Sergs). Em tempos de férias, calor e verão, era para lá que muitos turistas se dirigiam, a fim de aproveitar as atrações do lugar. Anos mais tarde, um trapiche foi construído no local pela Intendência Municipal, facilitando a chegada dos veranistas que vinham de barco a vapor. Ficaram famosos, o Gasparé, o Pubi e o Santa Cruz, que traziam, pelo Gaúcho, famílias endinheiradas até a Pedra Redonda. Tempos mais tarde, era o tremzinho que chegava, lotado de banhistas de diferentes pontos da cidade. O movimento atraiu não só os porto-alegrenses, como também estrangeiros, entre eles, argentinos e uruguaios que vinham à procura de diversão no hotel.

Sob uma plataforma, que avançava três metros no Gaúcho, havia um tablado com mesas e cadeiras para os fregueses do hotel. Ali, ficavam os vestiários e banheiros destinados aos visitantes que vinham somente passar o dia. Nos finais de semana, o tablado recebia as orquestras que tocavam tangos, uma forma de lazer destinada a um público seletivo. Por conta disso, a animação era geral, transformando-se em um espetáculo à luz do dia.

O local se tornou conhecido e muito atraente, chegando ao seu auge entre 1930 e 1935, quando a beira da praia ficava lotada. Conforme o livro *Revelando a Tristaza*, de Roberto Pellin, "tomava-se um bom banho na melhor praia de Porto Alegre, bebia-se, comia-se, ouviam-se as belas orquestras argentinas e retornava-se de vapor". A Pedra Redonda era isso, um ponto de encontro, requinte, descanso e lazer na Zona Sul.

**ZEROBORA.COM**  
Confira outras fotos dos veranistas de antigamente na Pedra Redonda no blog [zerobora.com/zerorasul/](http://zerobora.com/zerorasul/)

▶ ZH Zona Sul circula às sextas-feiras. Próxima edição: 21/01/2011

Rua Dr. Barcelos, 555 | (51) 3367-9091 | (51) 9917-3091 | e-mail: contato@zhangosul.com.br

**Depois do serviço feito, a lavagem é por nossa conta!**

- Geometria - Balanceamento - Mecor - Preto - Suspensão - Kamboreagem -

**25 anos conquistando confiança**

Somos parceiros de atendimento especializado com a empresa



**MECANICA TOTAL**

## ANEXO O - Morro do Sabiá História e Requite

| ZH ZONA SUL | Página 5 | 2 de setembro de 2011 |



Confira nesta seção um dos destaques do Blog do ZH Zona Sul. Para ler o que o Conselho de Blogueiros escreve sobre os bairros Camaquã, Cavalhada, Cristal, Ipanema, Jardim Isabel, Tristeza, Vila Assunção e Vila Conceição, acesse [www.zhonline.com/zhzonal](http://www.zhonline.com/zhzonal)

## Morro do Sabiá: história e requinte

**JANETE DA ROCHA MACHADO**



No finalzinho do século 19, primórdios do bairro Ipanema, todo o Morro do Sabiá, vizinho da Pedra Redonda, pertencia ao Barão Von Seidel, um sobrinho que construiu uma platibanda sobre a fileira mais alta do morro para ver as caravelas entrarem no Guaíba. Entre as embarcações, estavam aquelas que traziam imigrantes, a maioria alemães, a Porto Alegre. Eram viajantes que, ao visitar a região, então Província de São Pedro, deixaram importantes testemunhos acerca da história da cidade.

Tempos mais tarde, as terras que hoje compreendem o Morro do Sabiá foram adquiridas por Oscar Meyer, um rico comerciante, proprietário de imóveis e lojas no Centro da cidade. Relata a família que, antes das terras serem de Oscar, elas pertenciam a Otto Niemeyer, nome conhecido na Zona Sul.

No final dos anos 1920, durante a administração de Alberto Bins (1928/1937), com as transformações de Porto Alegre, Meyer obrigou-se a vender seus prédios situados no Centro. A abertura de novas ruas, de avenidas e a construção do Viaduto Otávio Rocha exigiu a demolição de suas lojas que ficavam no meio do caminho (atual Avenida Borges de Medeiros).

Apesar da reação contrária à demolição, liderada por intelectuais da época, os imóveis de Oscar foram demolidos. Com o dinheiro da indenização ele pôde comprar as terras em Ipanema. Nem sabia ele que, um dia, o local se transformaria na "Vila Clotilde", uma belíssima chácara, às margens do Guaíba, homenagem a três gerações de mulheres da família.

A chácara dos Meyers, antes apenas

um extenso matagal, tornou-se modelo em Ipanema. Um lugar refinado e com ares de parque inglês. Foi Oscar Meyer, o primeiro plantador de coníferas da região, arborizando um grande espaço e preservando a magnífica Mata Atlântica. Chamado de louco pelos amigos por ser se enfiado naquele fim de mundo que era Ipanema, ele plantou, juntamente com um grupo de jardineiros, toda a grama (relva inglesa) do parque.

### Fundação Ruben Berta comprou parte da área

A chácara abrangia toda a montanha, desde a antiga Estrada da Pedra Redonda, hoje Avenida Coronel Marcos, até a beira da praia que, na época, apresentava águas límpidas, perfeitas para o banho. Uma vez que o desejo de Oscar era uma casa de veraneio para a família, o lugar era perfeito. A Vila Clotilde encantou, como ainda encanta, os porto-alegrenses e visitantes de Ipanema.

Tempos mais tarde, porém, diante de dificuldades para administrar tão extensas áreas, Lya Bastian Meyer, filha de Oscar, vendeu parte da propriedade a terceiros. Entre os compradores estavam a Fundação Ruben Berta – Associação dos funcionários da VARIG, no início dos anos 1970, a Associação dos Antigos Alunos Maristas de Porto Alegre (AAAMPA), hoje Colégio Marista Ipanema, no final dos anos 1950. O topo do morro passou então a ser de uso exclusivo dos alunos e professores do Colégio Anchieta, aquisição feita em 1949.

O centro da chácara, onde se avista a linda moradim – uma casa de cinema em estilo alemão, ainda permanece com a família, descendentes de Oscar e Clotilde.



Noe final dos anos 1950, o topo do Morro do Sabiá, de acesso público, era parte de encontro da juventude da época



Clotilde e Oscar Bastian Meyer

### Terreno escapou de virar cemitério

Maria Helena, uma das descendentes de Oscar e Clotilde, nos conta que: "Um funcionário envolveu esta venda. Eu frequentava o Instituto Cultural Norte-Americano, cuja bibliotecária D. Haydée Leite Madureira era amiga da D. Lya. Pois bem, em uma tarde, após uma revisão médica, eu passei por lá. D. Haydée, um tanto constrangida, perguntou-me se era verdade que parte da chácara estava sendo vendida. Respondi-lhe que sim, e que o arrem seria assinado às 17h. Ela então perguntou se eu sabia quem seria o comprador. Dei o nome de uma instituição conhecida, e acrescentei que eles construiriam ali um local para abrigar pessoas especiais. Só então ela revelou que a dita instituição estava servindo de testa de ferro para um cemitério arborizado, com crematório".

Maria Helena, ao relatar o fato, concluiu aliviada que, felizmente, houve tempo para desfazer o negócio e o encausador e histórico Morro do Sabiá continuou sendo das vivas, para alegria dos moradores de Ipanema e das redondezas. Permanece um lugar agradável, onde a natureza ainda campeia a sua função de encantar.

Fonte: MACHADO, Janete da Rocha. Morro do Sabiá: história e requinte. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 02 set. 2011. p. 5.



## ANEXO Q - Um Balneário com História

| ZH ZONA SUL | Página 6 | 12 de junho de 2009

## Memória

## Um balneário com história



◆ Texto enviado pela leitora Janete da Rocha Machado, formada em História e Turismo e moradora de Ipanema desde 1970



“Seguindo o projeto de loteamento iniciado por Oswaldo Coufal, no final dos anos 30, Ipanema aparece como local destinado ao lazer, mas com normas estéticas de um moderno urbanismo, conforme anúncio da época: ‘Ruas largas, amplas avenidas recortam esse soberbo recanto da capital, destinado a transformar-se na mais agradável estação de veraneio da população porto-alegrense. A Avenida Guaibya, com 20 metros de largura e 600 metros de extensão, com o seu calçamento já em activa execução, constitui o atractivo mais elegante entre todas as nossas estações balneárias.’

A Avenida Guaiba margeava a grande enseada, formando o balneário com suas casas de veraneio. Foi a partir da venda de grandes terrenos que muitas famílias construíram suas casas em estilo chulé. Famílias estas que residiam em outros bairros, mas que nos fins de semana ou nos períodos de férias se dirigiam à Zona Sul a fim de fazerem as compras de verão.

do Centro. Já os veranistas de menos posse tomavam o trenzinho na Ponte de Pedra (Viaduto dos Açorianos) e vinham até a praia da Pedra Redonda.

A divulgação do balneário foi muito importante para a venda desses primeiros terrenos, como se observa em outro anúncio de um jornal da época: ‘Balneário Ipanema: terrenos na praia de Pedra Redonda em prestações – sem juros – ruas calçadas e arborizadas e água canalizada. Autobonde à porta. Magnífica praia de areia’.

No verão de 1940, o cenário que se via eram crianças brincando em águas recomendadas por pediatras, assistidas por babás impecavelmente engomadas, enquanto suas mães sentavam-se nas cadeiras de preguiça para se refrescarem. Durante o inverno, casarões com largos pátios ficavam entregues a chacareiros e empregados. Nesta época, Ipanema, apesar das inovações da moda e do maior afluxo de

REPRODUÇÃO



Antigo anúncio chamava veranistas

banhistas, manteve-se elitista em função de moradores tão tradicionais.

Por volta dos anos 50, os veranistas começaram a fixar residência no bairro, onde buscavam descanso e tranquilidade. Ainda assim, a orla fluvial continuava a lotar nos fins de semana e, em torno de 1960, a praia ficou repleta de banhistas, pois entre os bairros margeados pela Guaiba, Ipanema

era o único que apresentava avenida e praia e uma linha de ônibus que chegava do centro da cidade. Os terminais de ônibus ficavam na subida do bairro Espírito Santo, e lá as pessoas formavam filas imensas ao retornarem para suas casas no final da tarde.

Nos anos 70, altera-se o cenário e a qualidade de vida do bairro e da praia de Ipanema. Surgem os bares na Avenida Guaiba, entre eles, a Taba, restaurante e boate que seria muito frequentado pelos jovens. A praia perde a sua balneabilidade, devido à poluição. Neste tempo, ocorre o fim dos divertidos banhos de praia, pois a população temia doenças de pele e outras complicações.

O bairro foi se transformando, e, com ele, seus moradores e frequentadores. Apesar da poluição do Guaiba, o local ainda é um importante ponto turístico. Das recordações dos moradores mais antigos, restam o canto solitário do sabiá e um lindo pôr do sol matizando o horizonte e as águas.

Um agradecimento especial ao professor e historiador Harry R. Bellomo, morador de Ipanema desde 1946, pela entrevista concedida em março de 2008. Fonte: Arquivo Histórico de Porto Alegre. Moisés Vellinho.

## Debut / AABB já tem suas participantes

As inscrições para o Baile de Debutantes da AABB se encerraram mais cedo neste ano. O debut contará com 20 inscritas. A programação pré-debut inicia no dia 27 de julho e promete agitar as agendas das meninas com aulas de etiqueta, maquiagem, valsa, passeios, trilha ecológica e muitas festas. O baile já está marcado para o dia 17 de outubro.

## As inscritas

Márlia Aydos Pujol  
Fernanda Zandavalli Farias  
Ana Paula Coimbra Mohr  
Thais Malta da Costa  
Claudia Moreira Bjorn  
Kaiane Zanini Rodrigues  
Vivória Vieira Reichelt  
Carmen Maria de Quadros Galvão  
Natália Galvão dos Santos  
Débora Plotnik Gonçalves  
Alexandra Schmidt  
Isabela dos Reis Moraes  
Bruna Schuck de Azevedo  
Claudia Czarnobay Garbin  
Márlia Rocha Zimmermann  
Fabiane Dias Maia e Silva  
Laura Steffen Flores  
Laura dos Santos Feltrin  
Milena Portela de Oliveira  
Mariah Barcellos Balena

Fonte: MACHADO, Janete da Rocha. Um balneário com história. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 12 jun. 2009. p. 6.

## ANEXO R - Entrevista com Fernando Gay da Fonseca

ZH ZONA SUL | Página 4 | 4 de março de 2011



Confira nesta seção trechos de um dos destaques do Blog do ZH Zona Sul. Para ler o que o Conselho de Blogueiros escreve sobre os bairros Camaquã, Cavalhada, Cristal, Ipanema, Jardim Isabel, Tristeza, Vila Assunção e Vila Conceição, acesse [www.zerohora.com/zhzonasul](http://www.zerohora.com/zhzonasul)

Entrevista

**Fernando Affonso Gay da Fonseca**  
Político, jurista e morador de Ipanema

## Ipanema nas melhores lembranças

JANETE ROCHA MACHADO

Em dezembro de 2010, tive o prazer e o privilégio de conhecer Fernando Affonso Gay da Fonseca, homem público, devotado à causa da educação e da cultura. Gay da Fonseca foi professor, político gaúcho, jurista e catedrático da PUCRS. Chegou a ocupar a Secretaria de Justiça do Estado e a governar o Rio Grande do Sul por um curto espaço de tempo, bem como atuar no senado da República.

Ele também integrou a delegação do Brasil na Assembleia das Nações Unidas, percorrendo vários países. Dono de uma incontestável cultura geral e jurídica, Fonseca declara, nesta entrevista, um grande amor pelo bairro Ipanema, lugar em que viveu quase toda sua vida.

Atualmente, em uma justa homenagem, empresta seu nome a uma biblioteca na Universidade de Brasília (UnB), a da Faculdade Farias Brito, que recebeu o nome de Fernando Gay da Fonseca em reconhecimento pela ilustre trajetória como membro do Conselho Federal de Educação. A seguir, confira a entrevista concedida por ele, em sua casa, em Ipanema.



Na varanda de sua casa em Ipanema, Fernando Gay da Fonseca relembra os antigos veraneios à margem do Guaíba e o começo do bairro

**ZH Zona Sul** – A criação de uma escola pública foi um dos projetos incluídos no plano de urbanização de Ipanema nos anos 30. Como se deu esse processo? Quem sugeriu que a homenageada fosse Dona Odília, sua mãe?

**Fernando Affonso Gay da Fonseca** – A escola foi uma surpresa. Quando eu estava na fazenda em Camaquã, recebi o Diário Oficial. Até então, eu não sabia. Mas o que se sabe é que Juca Batista reservou uma área para a escola pública. Todo loteamento tinha de ter uma área para uma obra pública, ou praça, ou coisa que o valha. Minha mãe contou que ela tinha estimulado o velho Juca para, em vez de ele fazer uma praça, reservar a área para uma escola. Foi uma homenagem justa que o governo prestou a ela.

**ZH Zona Sul** – Essa homenagem foi em função das obras sociais dela pelo bairro?

**Fonseca** – Das obras sociais que ela fazia aqui e fora. Ela promovia, todos os anos, o Natal da Criança Pobre. Havia muitas famílias de poucos recursos. Ela tinha uma charrete e um cavalo chamado Camaquã. Verneávamos em uma casa alugada. Depois, ela me deu de presente um chalé. Ela colocava o cavalo na charrete e ia visitar as famílias pobres. No verão, distraía-se socorrendo os que tinham necessidade. Lembro que havia um rapaz com

pneumonia. Ela foi buscar o doutor Oscar Pereira para examinar o rapaz e fazer o tratamento. Ele era especialista em pulmões. Salvou-o. Lembro do rapaz depois disso. Era forte e sadio.

**ZH Zona Sul** – O chalé que o senhor ganhou da sua mãe era aqui?

**Fonseca** – Era. Demoli o chalé e fez essa casa. Quando eu vim morar aqui, ainda era balneário, mas já estava com cara de bairro. Quando vim veranejar pela primeira vez, tinha 17 anos.

**ZH Zona Sul** – 1940?

**Fonseca** – Ah, não me pergunte datas, não lembro. Setenta anos atrás, nós vínhamos só veranejar. Passei a morar aqui depois de construir essa casa. É engraçado porque eu terminei a casa e fui para o Conselho Fe-



Fernando e a mulher, em Ipanema (à esq.), ele ao lado da mãe, Dona Odília (acima, em pé, de preto), e a charrete em que ele visitava os pobres (à dir.)

deral de Educação. Passei 12 anos em Brasília, e minha filha é que ficou por aqui cuidando. Morei em Brasília em três momentos. Estive na ONU duas vezes e morei nos Estados Unidos, onde fiz meu curso de pós-graduação. Depois, fui para a Unesco por cinco vezes. Morei também em Paris e Genebra. Uma vida agitada, mas muito rica. Quando era renunciado ao Conselho, nós havíamos decidido aproveitar essa casa, aproveitar Ipanema. Tínhamos paixão por Ipanema. Meu pai era da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. No verão, vinha para Ipanema. Fosse dia, fosse noite, ele ia para o Guaíba e chamava os amigos para um banho. Uma vez, ele mandou fazer um tablado nas águas para um baile. Foi uma festa de gala bem em frente à casa dos Coufal e da

Déa e do Oswaldo – na Avenida Flamengo. Foi um dos bailes mais bonitos que se viu naquela época.

**ZH Zona Sul** – E sobre o trenzinho que chegava ali na Pedra Redonda. Lá também havia tablado e trapiche em frente ao hotel?

**Fonseca** – O trenzinho descia por baixo da ponte. O Loureiro da Silva tinha um projeto de uma avenida que substituíse os trilhos. Ele queria alargar isso tudo. Verneceu aqui por dois ou três anos. Sentávamos no varandão do chalé para conversar.

**ZH Zona Sul** – Como surgiu Ipanema?

**Fonseca** – O loteamento foi na década de 1930 pelo Oswaldo Coufal, mas a configuração oficial, dos regis-

tros públicos, foi em 1959. A escritura dos nossos terrenos ainda é como balneários. São vários balneários. Até o Arroio Capivara é Balneário Ipanema (que é o do Oswaldo Coufal). Dali até a próxima esquina (Avenida Oswaldo Cruz) é Balneário Gasfina. Em seguida, Balneário Juca Batista. Depois vem Balneário Palermo e Balneário Gaúcho. Não sei se se tem outro mais, até chegar ao Espírito Santo e ao Gaúgujú.

**ZH Zona Sul** – Quem determinou esses nomes?

**Fonseca** – Foi o loteador: no caso o Oswaldo Coufal. São os nomes que lembram os lugares do Rio de Janeiro. Não perdendo a continuidade dos bairros do Rio: Laranjeiras, Leme, Flamengo e Góves... O balneário do Coufal, Ipanema, era dele em sociedade com os familiares da Déa, os Agriofígios. A Déa, o Oswaldo e os meus pais são da mesma geração. Teriam hoje mais de cem anos. A região era muito bonita. Muitos tiravam 10, 15 dias e iam ao mar. Torres, Tramandaí e Cidreira eram as praias tradicionais.

**ZH Zona Sul** – Mas a praia de rio era melhor...

**Fonseca** – Até porque a gente podia usufruir-la por um tempo maior. A água era limpa. Nos criámos no Guaíba e criei meus filhos nele. Vínhamos também no inverno. Tínhamos paixão por Ipanema. Como eu ainda tenho.

## ANEXO S - A História da Capela de Ipanema

14 DE OUTUBRO DE 2011

**Blogueiros**



# A história da capelinha de Nossa Senhora Aparecida

Com a ajuda do padre Lorenzatto, blogueira relembra história do templo religioso de Ipanema

Blogueira de ZH ZONA SUL  
JANETE DA ROCHA MACHADO



**P**reocupada com o futuro religioso do novo bairro que surgia, Dêa Cesar Coufal, responsável por inúmeros trabalhos sociais em Ipanema e devota de Nossa Senhora Aparecida, empreendeu a construção da capela nos anos 30 do século passado. Atualmente conhecido por Santuário Nossa Senhora Aparecida, o local oferece à comunidade, todos os anos, uma das festas mais bonitas em homenagem à Padroeira do Brasil.

A história da capelinha começa em 1931, quando Dêa pediu à Sociedade de Terrenos Balneário Ipanema Ltda. a doação de lotes para a construção da igreja. Conforme nos conta o padre Antônio Lorenzatto: "ela pediu à loteadora a doação dos terrenos um e 58 da quadra 13, com frente para a praça central, Avenida Tramandaí e Rua Leme. Isto lhe foi concedido". O religioso conta ainda que, assegurado o espaço para a construção do templo, Dêa viajou para Aparecida (SP), onde comprou uma estátua de Nossa Senhora Aparecida com as mesmas dimensões da original.

— Ela pediu para que um sacerdote a benesse dentro do Santuário Nacional. Depois, procurou o professor de arquitetura, o espanhol Fernando Coeuna e combinou projetar e construir uma capela em estilo barroco — conta Lorenzatto.

Com doações de fiéis e moradores do bairro, a capela foi erguida. Devido ao grande número de veranistas,



**NA MEMÓRIA:** construção foi demolida por causa de problemas estruturais

a festa de inauguração da nova igreja se deu no verão de 1937. Depois disso, a festa da padroeira seria sempre realizada nos meses de janeiro ou fevereiro. A primeira missa foi celebrada pelo monsenhor Emílio Lottermann em janeiro, e a primeira comunhão, em novembro de 1937, com um grupo de crianças do Colégio Escolas Reunidas do Passo do Capivara.

Infelizmente, a simpática capelinha, em estilo barroco espanhol, não teria vida longa, pois, junto à construção, foram erguidos eucaliptos, cujas raízes danificaram os alicerces.

— No local havia um pântano, era um banhado. Por isso, tinha na região o cultivo de arroz pelos antigos fazendeiros. Para drenar, o loteador mandou plantar nas imediações da igreja alguns eucaliptos. Não resolveu muito, pois mais tarde, toda a estrutura da capela ficou comprometida. Com o aumento das fendas, foi pedido um exame à Secretaria de Obras e, em 30 de julho de 1960, após vistoria, as autoridades condenaram o prédio — relembra o padre.

A demolição da capelinha foi sentida por todos, pois era um mimo da arquitetura colonial espanhola e durante anos acompanhou o desenvolvimento do bairro, tornando-se referência em Ipanema.



Padre Antônio Lorenzatto, hoje com 92 anos, guarda com carinho lembranças da antiga igreja, que foi inaugurada no verão de 1937

Fonte: MACHADO, Janete da Rocha. A história da Capela de Ipanema. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 14 out. 2011.

## ANEXO T - A Origem de Ipanema

**GASTRONOMIA**

**Dica de um prato divino e simples**

Página 4

**Em Foco**

**A Avenida Guaíba nos anos 70**

Página 3

**ENTREVISTA**

**Papo com autora de "Velas do Brasil"**

Página 8

---

PORTO ALEGRE, 15 DE OUTUBRO DE 2010

# ZH ZONA SUL

Ano 6 - Nº 126



Esta edição circula com 9.700 exemplares

---

Circula nos bairros **Camaquã, Cavalhada, Cristal, Ipanema, Jardim Isabel, Sétimo Céu, Tristaza, Vila Assunção e Vila Conceição**

---

**JANETE ROCHA MACHADO**



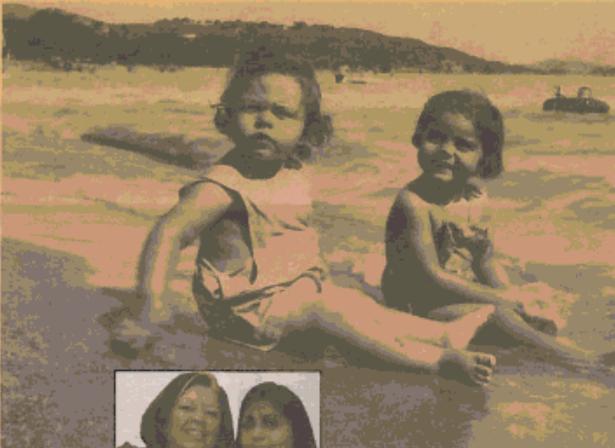
Modernos condomínios, localização privilegiada e uma das regiões mais valorizadas da cidade. Assim é caracterizado, atualmente, o bairro Ipanema. Com uma orla que encanta o visitante e o morador, a Avenida Guaíba ostenta, nos fins de tarde, o mais bonito pôr do sol de Porto Alegre. Contudo, pouco se conhece sobre sua história.

Conta Roberto Pellin em *Revelando a Tristaza* (1979), que as terras onde hoje está assentada parte de Ipanema foram compradas pelo seu pai nos anos 1920. Os limites dessa imensa propriedade eram, de um lado, a grande margem do Guaíba, formando a enseada, desde as terras do seu João Batista Magalhães, mais conhecido por Joca Batista, indo até o outro lado, ou seja, os éticalptos da Chacara das Flores, de propriedade do seu Otto Niemayer (hoje, Rua Dês Coufal).

No centro dessa grande área, corria um arroio de águas cristalinas, era o Capivara, que servia para irrigar as plantações e matar a sede dos animais. Na beira do Guaíba predominavam figueiras e pitangueiras. Era um areal típico de beira depressa, com muito matto nativo.

Tempos mais tarde, toda essa região foi comprada por um grupo de empreendedores. Eram eles: Osvaldo Coufal, Manlio Agrifoglio e Faílce. Já prevendo a possibilidade de crescimento do bairro que surgia, apresentaram à família Pellin um projeto de loteamento, objetivando a compra de toda a região.

## A origem de Ipanema



Acima, as irmãs Suzane Maria Gonzaga Leal (à esq.) e Beatriz Regina Gonzaga Mejeiros de Albuquerque na praia em 1953. Ao lado, em julho deste ano

Pellin descreve: "Lembro-me que eles abriram um mapa sobre a mesa e mostraram o projeto do balneário, dizendo que já estava tudo aprovado pela prefeitura".

Corria o ano de 1930 e após algumas investidas do grupo – pois a família oferecia resistência à venda –, as terras onde estava o cruação do bairro foram vendidas. O valor pago por toda a área ficou em torno das 20 contos de réis. Tão logo se fechou o negócio, iniciaram-se as obras no bairro. Posteriormente retornou ao local várias vezes, assistindo às obras. Não havia máquinas. Todo o trabalho era braçal, feito com enxada, pás e carrinhos de mão, rodando sobre filas de tábuas, para remover a terra, no preparo das ruas" (Pellin).

Na beira do Guaíba, a Avenida Guaíba margeava a grande enseada, formando o balneário, onde os primeiros proprietários construíram suas casas de veraneio, os chalés. E foi assim que nasceu o balneário Ipanema, um dos mais bonitos da Zona Sul e que durante muitos anos foi símbolo de veraneio e de lugar destinado ao lazer e ao descanso dos porto-alegrenses. Uma proposta a ser pensada nos dias atuais, quando se discute projetos de revitalização do turismo para Porto Alegre, uma das cidades sede da Copa de 2014.

*A autora usou como fonte o livro Revelando a Tristaza, de Roberto Pellin, de 1979*

---

▶ ZH Zona Sul circula às sextas-feiras. Próxima edição: 22/10/2010



**MECÂNICA TOTAL**

25 anos conquistando confiança

- Geometria - Balançamento - Motor - Freio - Suspensão - Embreagem -

Rua Dr. Barcelos, 555 | (51) 3409-5091 - (51) 9937-5091 | e-mail: contato@hugocalside.com.br

Fonte: MACHADO, Janete da Rocha. A origem de Ipanema. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 126, 15 out. 2010.



## ANEXO V - Comentários dos Leitores da ZH ZONA SUL

### COMENTÁRIOS REGISTRADOS NO BLOG DA ZERO HORA – ZONA SUL

- ***Maria Emilia Rolim Garcia de Vasconcellos diz: 23 de setembro de 2012***

Parabéns pelo trabalho de pesquisa desenvolvido, relativamente à pessoa de Juca Batista, meu tio-avô, irmão de minha avó Emília Batista de Magalhães, mãe de meu pai Benjamin Magalhães Rolim. Moro em Ipanema (Jardim Isabel), bairro que adoro, onde meus pais também, já falecidos, mantinham uma casa de “veraneio”, na rua Ladislau Neto, onde também possuíam outros imóveis. Meu pai também era um homem muito empreendedor, comerciante, foi um dos co-fundadores da SABI (Sociedade Amigos do Balneário de Ipanema), junto com Gay da Fonseca e outros...e pessoa muito conhecida e admirada na região. Adoraria saber mais sobre meu bairro...

- ***Catarina diz: 27 de outubro de 2012***

O trabalho de pesquisa que se utiliza de fatos passados, reconstituídos pelo viés da memória, suscita no leitor também recuperar algumas lembranças. Foi o que me ocorreu, quando li a série de textos produzidos pela historiadora Janete e publicados no jornal ZH Zona Sul. Fui presenteada, ao longo das últimas três semanas, com a história sobre os colonos alemães e os primórdios de um bairro recente de Porto Alegre. Essas matérias me remeteram a textos de duas excepcionais escritoras da literatura brasileira: Clarice Lispector e Lígia Fagundes Telles. Porque ambas as autoras se utilizam do fluxo de consciência, ou seja, aquilo que está no passado, as lembranças, os momentos vividos, retorna vigorosamente por meio da memória. Desta forma, fica a sugestão do uso dessas reportagens, produzidas pelo jornalismo e pela história, em sala de aula, uma vez que elas podem colaborar, por exemplo, em disciplinas como a literatura, a produção textual e os conteúdos pertinentes à gramática. Afinal, é preciso que se priorizem textos bem escritos como esses da historiadora Janete.

- ***Délcia diz: 7 de dezembro de 2011***

Janete, estou ansiosa para embarcar nesta viagem de volta ao passado, pois é ele que traz vida ao presente.

- ***Marcos fallavena diz: 17 de dezembro de 2009***

Se houvessem mais pessoas com este mesmo interesse pela nossa cidade, Porto Alegre seria muitas vezes mais cheia de histórias e cultura. Parabéns pela iniciativa.

- ***Sergio diz: 16 de dezembro de 2009***

Excelente texto! Este blog está resgatando a história de Ipanema com textos ricos em detalhes como este. Passo diariamente em frente desta casa na Cel. Marcos e nunca iria suspeitar que ali já foram gravadas cenas de uma novela. Parabéns.

- ***Catarina Diz: 20 de dezembro de 2009***

A Vila Clotilde, desde o início dos anos setenta, povoou a minha imaginação. Eu era, então, uma aluna do científico, no Colégio Padre Réus, no bairro Tristeza. Era uma época difícil, de silêncios e incertezas. No entanto, sempre que o ônibus passava frente à propriedade, a visão daquele imponente casarão em meio à vegetação, principalmente quando soprava o Minuano, transportava-me para o mundo de Scarlett O’Hara, de “E o Vento Levou...”. Eu sempre associei o casarão ao mundo de Scarlett e à Guerra de Secessão. Hoje, lendo a pesquisa da Janete, entendo o porquê da minha associação: a beleza do estilo arquitetônico lembra as propriedades americanas do século XIX, ou seriam inglesas? Parabéns ao trabalho de pesquisa que resgata a história da nossa cidade e dos nossos bairros.

- ***Douglas Leal do Amarante diz: 14 de agosto de 2013***

UAU ! Sou de Triunfo, cidade histórica, próximo a Porto Alegre. Sou um dos únicos na cidade que se interessa por História e, sinceramente, fiquei fascinado pela entrevista. Claro, não apenas pela entrevista em si, mas por toda a memória que está registrada, em mente, da entrevistada. Espero que um dia eu possa entrevistar a Sr<sup>a</sup>. Landgraf de perto. Texto Ótimo, Tema Perfeito.

- ***Richard Bromberg diz: 1 de junho de 2013***

Muito legal essa reportagem. O casal Charles e Adelina foram meus bisavós, e eu tenho exatamente essa foto no arquivo de fotos da família. Rita Bromberg Brugger é minha prima irmã, filha da Helga Bromberg, irmã do meu pai Holm Bromberg. Depois de ver a reportagem divulgada pela Ingrid Brugger no Face Book, eu já copieei outros Brombergs da minha listagem de e-mail pra esse povo todo tomar conhecimento. A mãe do meu pai era a Dorothy Bromberg (casada com Waldemar Bromberg) e ao longo do tempo eu achei o brasão das duas famílias e as encomendei, e a confecção foi feita em madeira “Chestnut” na Inglaterra. Parabéns pela reportagem – Richard.

- ***Maria Helena Luce Schmitz diz: 23 de maio de 2011***

Parabéns Janete! Tua matéria reverencia a memória de minha sogra no ano de seu centenário. Ela foi mesmo uma mulher à frente do seu tempo, e deixou seu nome gravado na mente de todos àqueles que tiveram o privilégio de poder assistir seus espetáculos. Pioneira da dança clássica no estado, era extremamente culta, inteligente, fluente em várias línguas, e de uma simplicidade incrível. Após sua aposentadoria, dedicou-se totalmente à família, aos amigos, viagens, leituras, concertos, mas principalmente com o trabalho de “jardineira” que gostava de executar nos jardins da chácara de nossa família. Abraço agradecido, Maria Helena.

- ***Fatima Soares diz: 8 de março de 2013***

Ótima entrevista, e muito agradável sabermos de tantos fatos que ocorriam na Tristeza, Ipanema, Pedra Redonda de outras épocas. A informação sobre o uso do Rio e a existência do trenzinho achei enriquecedora. Além de todos os informes acredito que a delicadeza de Janete Machado em conduzir a entrevista facilitou que a entrevistada discorresse de forma apropriada e muito esclarecedora. Continuem valorizando as pessoas da melhor idade, pois temos mto. a aprender c/eles. Fatima Soares-moradora da Tristeza.

- ***Elizabeth Torresini diz: 12 de abril de 2010***

Janete, meus cumprimentos pela importante pesquisa sobre a viação férrea na Zona Sul. Desejo que elabore outros trabalhos com a mesma qualidade, publicando-os e contribuindo para o registro da História e da memória social local. Um abraço, Elizabeth WR Torresini. Professora e historiadora

- ***Karina diz: 4 de maio de 2012***

É evidente que o sr. Fuster sabia, e muito, promover eventos que priorizavam a confraternização e o lazer. Infelizmente, essas diversões prazerosas ficaram relegadas ao passado. Hoje, a orla e a água do rio não permitem esse tipo de evento devido à poluição, a falta de uma infra-estrutura e de pessoas empreendedoras dispostas a movimentar a região. Mesmo assim, meu agradecimento à historiadora e a ZH por oportunizar aos leitores informações históricas sobre o bairro e suas particularidades.

- ***Sergio de Souza Nunes diz: 3 de setembro de 2011***

Janete, meus parabéns por a matéria sobre o Morro do Sabiá, ficou show. Gosto muito de ler historias sobre o passado da Zona Sul, moradores etc.

- ***Cláudio de Sá Machado Júnior diz: 5 de outubro de 2010***

Parabéns, Janete! Nós, leitores, estamos todos ansiosos pela publicação de seus estudos, muito competentes, sobre a história deste bairro de Porto Alegre. Grande abraço.

- ***Juarez Gonçalves diz: 7 de outubro de 2010***

Grande Janete, fiquei uns dias sem entrar no nosso Zona Sul ZH e com satisfação deparo com teu retorno em alto estilo. Uma vez li uma frase de um grande romancista que dizia “se você é capaz de pintar o seu bairro com emoção e beleza então você estará pintando o mundo inteiro”. Isto é o que você faz. Parabéns!

- ***Francisco R de O Cabreira diz: 9 de maio de 2011***

Janete, parabéns pela riqueza de detalhes em teu texto, muito explicativo e didático, o resgate do nosso passado é fundamental para a identificação e formação cultural do nosso povo.

- ***Lourdes diz: 14 de fevereiro de 2010***

Não conheço o Balneário da Pedra Redonda. Não moro na capital. Mas posso imaginar o que foi de lindo naquela época. E as roupas que discretas! Que diferença das de hoje. Devia ser muito alegre e prazeroso frequentar aquele balneário. E, muito saudável também. As pessoas que o visitavam devem sentir uma certa nostalgia ao verem este blog. Janete, parabéns pela iniciativa.